

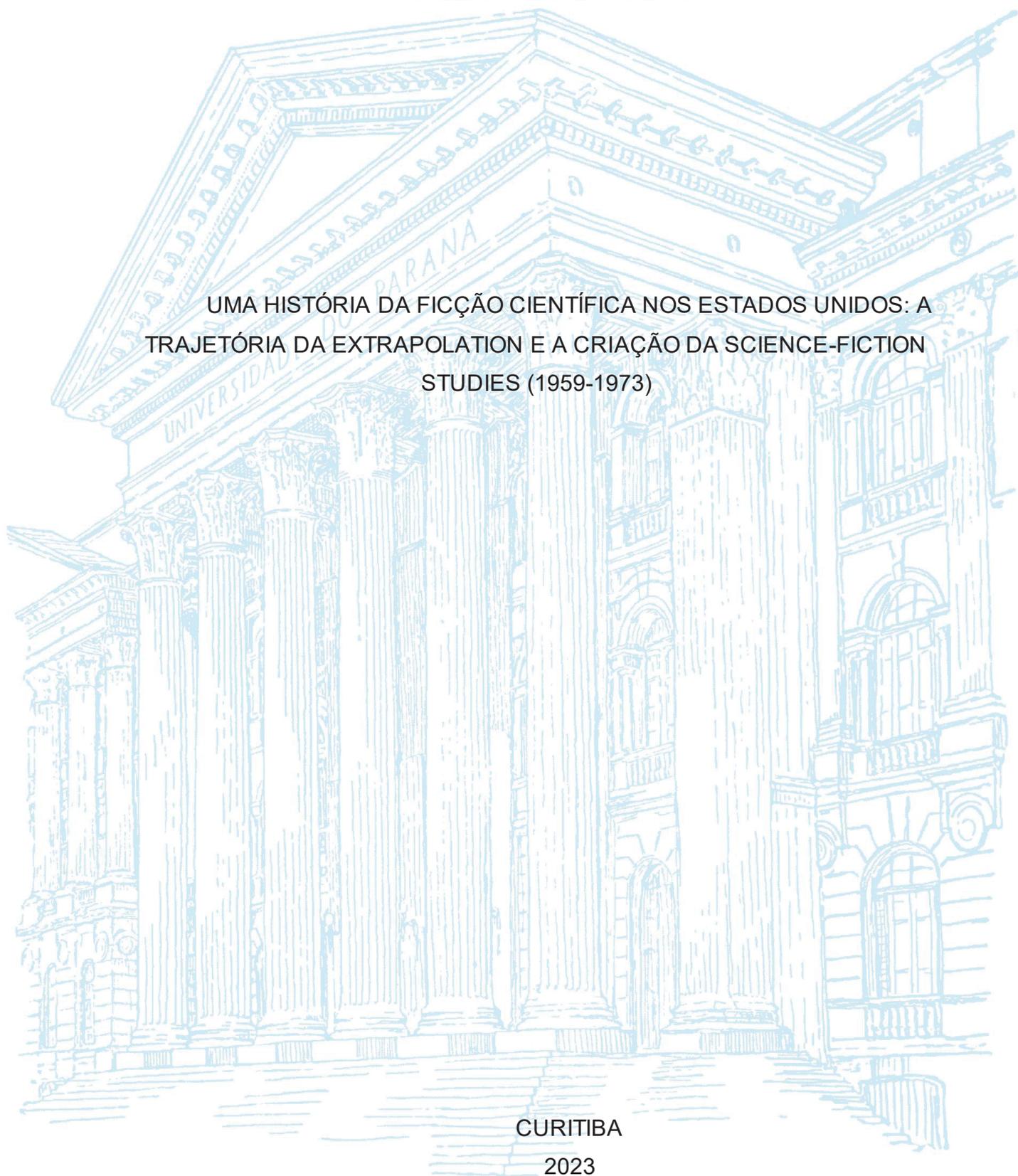
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

WILLIAN PERPÉTUO BUSCH

UMA HISTÓRIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS ESTADOS UNIDOS: A
TRAJETÓRIA DA EXTRAPOLATION E A CRIAÇÃO DA SCIENCE-FICTION
STUDIES (1959-1973)

CURITIBA

2023



WILLIAN PERPÉTUO BUSCH

UMA HISTÓRIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS ESTADOS UNIDOS: A
TRAJETÓRIA DA EXTRAPOLATION E A CRIAÇÃO DA SCIENCE-FICTION
STUDIES (1959-1973)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Busch, Willian Perpétuo

Uma história da ficção científica nos Estados Unidos : a trajetória da *Extrapolation* e a criação da *Science-Fiction Studies* (1959-1973). / Willian Perpétuo Busch. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História.
Orientador: Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien.

1. Ficção científica americana. 2. Estados Unidos - História.
3. História intelectual. 4. Extrapolation (Revista). 5. Science-Fiction Studies (Revista). I. Benthien, Rafael Faraco, 1979-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **WILLIAN PERPÉTUO BUSCH** intitulada: **UMA HISTÓRIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS ESTADOS UNIDOS: A TRAJETÓRIA DA EXTRAPOLATION E A CRIAÇÃO DA SCIENCE-FICTION STUDIES (1959-1973)**, sob orientação do Prof. Dr. RAFAEL FARACO BENTHIEN, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Agosto de 2023.

Assinatura Eletrônica
29/08/2023 13:47:27.0

RAFAEL FARACO BENTHIEN
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
30/08/2023 17:08:57.0

ANGELO JOSE DA SILVA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ -
CURITIBA)

Assinatura Eletrônica
30/08/2023 17:15:21.0

MIGUEL SOARES PALMEIRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Assinatura Eletrônica
29/08/2023 15:00:24.0

CLÓVIS MENDES GRUNER
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
29/08/2023 19:46:25.0

MARCELLA LOPES GUIMARÃES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: cpghis@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 310493

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 310493

AGRADECIMENTOS

Meu profundo agradecimento a Exu por sua intervenção que abriu todas as portas e caminhos tornando possível esta tese. Expresso minha gratidão especial a Xangô e Iansã, cuja orientação e proteção foram fundamentais nessa jornada.

Sou grato pelo apoio incondicional fornecido por minha mãe, Terezinha Perpétuo Busch, que sempre serviu como um exemplo inspirador de persistência e dedicação.

Não tenho palavras para expressar a importância de Mayra Sousa Resende, que tem saltitado ao meu lado há mais de dez anos, sempre dedicada a ler e corrigir meus textos e discutir minhas ideias. Sua ajuda e apoio foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, e sou profundamente grato por tê-la ao meu lado nessa jornada acadêmica.

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Rafael Faraco Benthien, que sempre se mostrou incansável em seus comentários, teve paciência diante de todas as dificuldades que enfrentei ao longo da pesquisa e sempre me forneceu o apoio necessário. Sua orientação foi fundamental para o sucesso deste trabalho.

Também agradeço ao Professor Dr. Clóvis Mendes Gruner pela sua atuação tanto na minha banca de mestrado quanto agora no doutorado. Seus comentários e entusiasmo com a proposta da pesquisa sempre foram de grande ajuda e incentivo para mim. Sua contribuição foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à professora Dra. Marcella Lopes Guimarães, que acompanhou minhas aventuras de pesquisa relacionadas ao Rei Arthur, as quais se desdobraram na área da Ficção Científica.

Agradeço de forma especial a Fred Lerner, que prontamente respondeu aos meus e-mails com dezenas de perguntas sobre Ficção Científica e ainda disponibilizou sua tese para que eu pudesse desenvolver a minha. Sua generosidade e colaboração foram de extrema importância para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por viabilizar e financiar a bolsa de estudos que foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Esperança é como o sol.
Se você só acredita nela quando a vê, jamais atravessará a noite.
— General Leia Organa Solo

RESUMO

A tese tem como objetivo construir uma compreensão sobre a inserção da Ficção Científica como objeto de estudo nas universidades acadêmicas. Para isso, busca-se traçar e reconstruir a trajetória da revista *Extrapolation*, a fim de entender como esse periódico foi criado por Thomas D. Clareson, considerando sua dupla inserção como acadêmico e fã de Ficção Científica. Em seguida, são analisados o funcionamento desse periódico entre 1959 e 1969, a fim de elucidar como a Ficção Científica reivindicava sua relevância, mas ao mesmo tempo enfrentava divergências internas. A partir dessas disputas internas, é possível contextualizar o surgimento da revista *Science-Fiction Studies* em 1973, que pode ser considerado um resultado das críticas feitas por Darko Suvin e Richard Dale Mullen contra Clareson.

Palavras-chave: Ficção Científica; Disputas Acadêmicas; História dos Estados Unidos; História Intelectual.

ABSTRACT

The thesis aims to build an understanding of the insertion of Science Fiction as a subject of study in academic universities. To do so, it seeks to trace and reconstruct the trajectory of the journal *Extrapolation*, in order to understand how this periodical was created by Thomas D. Clareson, considering his dual role as an academic and a Science Fiction enthusiast. Subsequently, the functioning of this journal between 1959 and 1969 is examined to elucidate how Science Fiction claimed its relevance while also facing internal divergences. Based on these internal disputes, The emergence of the journal *Science-Fiction Studies* in 1973 can be contextualized as a result of the criticisms made by Darko Suvin and Richard Dale Mullen against Clareson.

Keywords: *Science Fiction*; Academic Disputes; United States History; Intellectual History.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – THOMAS D. CLARESON EM 1946	90
FIGURA 2 – CLARESON EM 1946 COMO VICE-DIRETOR DO SENIOR CABINET	93
FIGURA 3 - FOTOGRAFIA DO BANQUETE DA PHILCON II	100
FIGURA 4 - FOTOGRAFIA DO BANQUETE DA PHILCON II	101
FIGURA 5 – EMBLEMA DA <i>PSFS</i>	107
FIGURA 6 – <i>THE MAGAZINE OF FANTASY AND SCIENCE FICTION</i>	109
FIGURA 7 – <i>THE MAGAZINE OF FANTASY AND SCIENCE FICTION</i> DE JULHO DE 1953.....	110
FIGURA 8 – <i>ASTOUNDING SCIENCE FICTION</i> DE DEZEMBRO DE 1951.....	111

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - ENTRADAS PUBLICADAS NA <i>EXTRAPOLATION</i> ENTRE 1959 E 1969	146
TABELA 2 - DEMANDAS BIBLIOGRÁFICAS DA <i>EXTRAPOLATION</i> ENTRE 1959 E 1969	149
TABELA 3 - PERIODIZAÇÃO DA <i>EXTRAPOLATION</i> ENTRE 1959 E 1969.....	151

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

EXT	- <i>Extrapolation</i>
FC	- Ficção Científica
GT	- <i>Grupo de Tópicos Gerais</i>
IAFA	- <i>International Association for The Fantastic in The Arts</i>
MLA	- <i>Modern Language Association</i>
PSFS	- <i>Filadélfia Science Fiction Society</i>
SFRA	- <i>Science Fiction Research Association</i>
SFS	- <i>Science-Fiction Studies</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A HISTORIOGRAFIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA: A CONSTRUÇÃO CONCEITUAL DA OPOSIÇÃO ENTRE PESQUISADORES PROFISSIONAIS E AMADORES	16
1.1 O PROCESSO DE PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA .	21
1.1.1 Um breve retrato historiográfico: H. G. Wells, Jules Verne e Mary Shelley.....	21
1.1.2 A Ficção Científica Moderna	24
1.1.3 Os recortes temporais das revistas de Ficção Científica	29
1.1.4 A historiografia voltada para a inserção acadêmica da Ficção Científica	31
1.2 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PESQUISADOR.....	34
1.2.1 Amadores Fantásticos e os grupos em que habitam.....	36
1.3 DINÂMICAS QUE ESTRUTURAM AS DISPUTAS PELA FICÇÃO CIENTÍFICA	42
2 SCARBOROUGH, BIRKHEAD E LOVECRAFT: EXPLORANDO A INTERFACE ENTRE ACADÊMICA E AS REVISTAS.....	48
2.1 AS ORIGENS DA TRADIÇÃO CRÍTICA DE FICÇÃO CIENTÍFICA	49
2.1.1 Scarborough e a relação da Ficção Científica com o folclore.	52
2.1.2 Birkhead e o terror como objeto	56
2.2 OS TENTÁCULOS DE LOVECRAFT	59
2.3 CONSTRUINDO INTERPRETAÇÕES.....	68
3 TRAÇANDO A RECEPÇÃO DAS OBRAS ACADÊMICAS PIONEIRAS NA ASTOUNDING ATRAVÉS DAS RESENHAS	75
3.1 DA VIAGEM IMAGINÁRIA ATÉ O DICIONÁRIO WEBSTER.....	76
3.2 PEREGRINOS PELAS ESTRELAS.....	79
3.3 VIAJANDO PARA O SOLO LUNAR.....	84
3.4 REFLETINDO ACERCA DO PAPEL DOS PIONEIROS	86
4 CONSTRUINDO UMA TRAJETÓRIA NO INTERSTÍCIO ENTRE A FICÇÃO CIENTÍFICA E O MUNDO ACADÊMICO: THOMAS DEAN CLARESON.....	89
4.1 UM LEITOR ACADÊMICO DE FICÇÃO CIENTÍFICA	90
4.1.1 Philcon II.....	99
4.2 ADENTRANDO NA <i>PSFS</i>	106
4.2.1.1 O Foguete como símbolo	107
4.2.2 Adentrando na <i>PSFS</i>	114

4.3 A PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA DE CLARESON.....	119
5 MLA, OSBORN E A <i>EXTRAPOLATION</i>: CONTEXTUALIZANDO A ORIGEM E O FUNCIONAMENTO DO PERIÓDICO ENTRE 1959 E 1969.....	131
5.1 MODERN LANGUAGE ASSOCIATION	132
5.2 <i>ENGLISH FICTION IN TRANSITION</i> : O PERIÓDICO ACADÊMICO QUE INSPIROU A <i>EXTRAPOLATION</i>	135
5.3 UM NOVO MEDIADOR: SCOTT C. OSBORN.....	138
5.4 OSBORN E A <i>EXTRAPOLATION</i>	141
5.5 O FUNCIONAMENTO DA <i>EXTRAPOLATION</i> ENTRE 1959 E 1969.....	145
6 ROMPENDO COM A <i>EXTRAPOLATION</i>: A ASCENSÃO DA <i>SCIENCE-FICTION STUDIES</i>.....	153
6.1 A PARTICIPAÇÃO DE SUVIN NO FÓRUM DA <i>MLA</i> EM 1968.....	154
6.2 UM DEBATE EXTRAPOLADO	159
6.3 MULLEN E A CONSTRUÇÃO EDITORIAL DA <i>SCIENCE-FICTION STUDIES</i>	168
6.4 MULLEN NA <i>EXTRAPOLATION</i> , <i>MLA</i> E A CRIAÇÃO DA <i>SCIENCE-FICTION RESEARCH ASSOCIATION</i>	175
6.5 O SURGIMENTO DA <i>SCIENCE-FICTION STUDIES</i>	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
REFERÊNCIAS.....	186

INTRODUÇÃO

A tese tem como objetivo compreender como a Ficção Científica se tornou um objeto de estudo nas universidades estadunidenses. O foco não está em estabelecer uma definição correta de Ficção Científica, mas em construir uma narrativa que permita visualizar esse processo. Para isso, serão analisados os periódicos *Extrapolation*, criado em 1959 por Thomas D. Clareson, e *Science-Fiction Studies*, inaugurado em 1973 por Richard D. Mullen e Darko Suvin, que tratam do tema.

O primeiro capítulo apresentará esses periódicos, destacando seu papel na construção de um panorama historiográfico. Serão discutidas as disputas acerca do cânone e como isso influenciou na prática de periodização, presente nos principais manuais de ensino e pesquisa de Ficção Científica. A dinâmica oposicional entre dois grupos de pesquisadores (profissionais e amadores) também será analisada, mostrando como a Ficção Científica se constituiu como um gênero em oposição à literatura mainstream.

É importante destacar que essa dualidade histórica não necessariamente representa o processo histórico. Portanto, no segundo capítulo, a ideia de porosidade será desenvolvida, tomando como base um contexto dinâmico composto por Dorothy Scarborough, Edith Birkhead e H. P. Lovecraft. Inicialmente, serão apresentadas as pesquisas profissionais de Scarborough e Birkhead. Em seguida, a transformação de Lovecraft, de um pesquisador amador para uma referência acadêmica, será justificada. Será mostrado como essa transição se deu nos espaços amadores, ganhando força dentro dos dois periódicos mencionados e resultando na criação dos estudos lovecraftianos.

Em suma, a tese busca descrever o processo progressivo de inserção da Ficção Científica no sistema educacional dos Estados Unidos, bem como a sua evolução como uma forma literária, considerando os periódicos e a interação entre pesquisadores profissionais e amadores ao longo do tempo.

O terceiro capítulo retoma a narrativa de Clareson sobre suas referências pioneiras, tendo como objetivo apresentar e discutir as posições de Philip B. Gove, Marjorie Hope Nicolson e J. O. Bailey. Serão apontados os aspectos do perfil intelectual dos sujeitos envolvidos nos estudos de Inglês, com foco na trajetória de Gove, que revela aspectos interessantes, mesmo sendo afetada pela Segunda

Guerra Mundial. Nicolson e Bailey serão abordados seguindo outra estratégia: serão apresentadas suas posições e argumentos, e a discussão será direcionada para a recepção de seus trabalhos acadêmicos, publicados na década de 1940, nas revistas de Ficção Científica, com base nas resenhas feitas por Willy Ley na *Astounding*, a revista central naquele momento. Isso permitirá revelar a fragilidade da categoria de pesquisador profissional e, ao mesmo tempo, demonstrar como essa situação contribuiu para a criação do *Pilgrim Award*, um prêmio para referências acadêmicas que mais contribuíram para os estudos de Ficção Científica, em 1970.

No quarto capítulo, será abordada a trajetória de Clareson, com o objetivo de compreender como sua posição de mediação entre a comunidade de Ficção Científica e o espaço universitário estava inserida na história da Ficção Científica. Novamente, as categorias de pesquisa serão questionadas, e será discutida a participação de Clareson na *Filadélfia Science Fiction Society*, culminando na realização do evento *Philcon II* e na inauguração do prestigiado prêmio *Hugo Award* para a comunidade. A sua produção intelectual será contextualizada, mostrando como suas reflexões, que surgiram de forma embrionária dentro da *PSFS*, se desenvolveram em um artigo e posteriormente em uma tese de doutorado, consolidando uma interpretação da Ficção Científica pautada pelo conceito de extrapolação.

O quinto capítulo se concentra na *Extrapolation*, periódico que circulou entre 1959 e 1969. Será feito um comentário sobre sua inserção na *Modern Language Association*, evidenciando como a proposta de Clareson se destacou em relação a outros periódicos daquele mesmo contexto social e temporal, incluindo o altamente conceituado *English Fiction in Transition*. Isso proporcionará uma compreensão mais detalhada do processo de reconhecimento da *MLA* em relação ao estudo da Ficção Científica. A trajetória de Scott C. Osborn será narrada para indicar que foi a partir de seu domínio logístico que a mediação entre o periódico e a *MLA* ocorreu e se efetivou.

O sexto capítulo direciona a discussão para a criação da *SFS (Science-Fiction Studies)* por Mullen e Suvin. Retornando a 1968, a participação de Suvin no fórum da *MLA* será abordada, considerando sua trajetória e os argumentos expostos, que configuraram um primeiro arranjo divergente do que Clareson vinha fazendo. Suvin criticou Isaac Asimov, um dos escritores de Ficção Científica mais

prestigiados naquele momento, estabelecendo uma prerrogativa que recusava a Ficção Científica vinculada à comunidade. O desdobramento dessa proposta será acompanhado por meio dos ataques feitos por Suvin contra Clareson, tanto dentro da *Extrapolation* quanto externamente. Ressalta-se que as críticas de Suvin refinaram sua teoria, levando a mudanças na nomenclatura e exposição. Tanto a base conceitual de Suvin quanto a de Clareson possuíam fundamentação teórica e metodológica. No entanto, Suvin carecia de alguém que tivesse domínio das práticas editoriais e, ao mesmo tempo, soubesse manejar a literatura e teoria literária americana. A partir da trajetória de Mullen, será abordada a maneira como essa função foi cumprida, culminando com o lançamento do primeiro número da *Science-Fiction Studies* em 1973.

A tese teve como objetivo construir uma narrativa centrada na criação da *Extrapolation*, explorando a trajetória de seu criador, Clareson, bem como o momento de ruptura estabelecido por Suvin e Mullen, que resultou no surgimento da *Science-Fiction Studies*.

1 A HISTORIOGRAFIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA: A CONSTRUÇÃO CONCEITUAL DA OPOSIÇÃO ENTRE PESQUISADORES PROFISSIONAIS E AMADORES

Estudiosos viviam e morriam por suas reputações, e havia assuntos que você não tocava, a menos que quisesse colocar sua carreira em risco ou encerrá-la imediatamente.¹

Apesar da Ficção Científica receber atualmente certa atenção no escopo acadêmico, como atestam os estudos sobre de Mary Shelley, H.G. Wells ou William Gibson, a atitude em relação ao objeto é de resistência.²

[...] Ficção Científica popular, de outra forma, atrai desdém reflexivo e até hoje [2002] alguns departamentos de literatura [nos Estados Unidos] podem proibir estudantes de pós-graduação de escrever [dissertações] e teses sobre Ficção Científica, recusando-se a oferecer aulas de Ficção Científica, ou mesmo castigar e punir membros do corpo docente que publicam Ficção Científica.³

Embora a postura dos departamentos mencionados acima, por Gary Westfahl, tal recusa revela aspectos, ou fatores, que denotam como um objeto de estudo se constitui e circula. Há o âmbito da pesquisa circunscrito na pós-graduação, que resulta em dissertações, teses, bem como artigos. Outro viés se configura em torno do ensino, de modo que estabelecer um método ou uma proposta pedagógica é uma necessidade. O terceiro ponto é a atitude punitiva em relação à produção e publicação de textos literários de Ficção Científica.

Gary Westfahl explicita que o criticismo de Ficção Científica não estabelece um acordo sobre o cânone, de modo que há grupos que mantêm o foco nas obras de Philip K. Dick, Stanislaw Lem, Ursula K. Le Guin e Gibson, enquanto outros visam os autores negligenciados e ignorados. Soma-se a isso as disputas para definir as ocupações dos espaços departamentais.

¹ No original: "Scholars lived and died by their reputations, and there were subjects you didn't touch unless you wanted to put your career in jeopardy or end it outright." Tradução nossa. GREER, John Michael, **The Weird of Hali: Dreamlands**, Danville: Founders House Publishing, 2019.

² WESTFAHL, Gary, *Masters of the Literary Universe*, in: WESTFAHL, Gary; SLUSSER, George (Orgs.), **Sci. Fict. Canonization, Marginalization Acad.**, Westport: Greenwood Press, 2002, p. 01–06.

³ No original: "[...] popular science fiction otherwise attracts reflexive disdain, and to this day [2002] some departments of literature [in United States] may forbid graduate students to write dissertations on science fiction, refuse to offer science fiction classes, and chastise or punish faculty members who publish on science fiction." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 2.

Os departamentos de inglês e de literatura comparada⁴ competem pelo domínio, enquanto alguns defendem a história ou a sociologia. Sempre que antologias como a *The Norton Book of Science Fiction* de Le Guin e Brian Attebery visam sintetizar o campo, elas encontram tanto a aprovação generalizada quanto a recusa veemente. Em síntese, enquanto os estudiosos de Ficção Científica estão unidos pela vontade de defender a sua literatura contra críticas externas, ao mesmo tempo estão profundamente divididos em quase todas as outras questões levantadas pelo seu estudo.⁵

Conforme indicado por Westfahl, a Ficção Científica como objeto de estudo fundamenta-se em, pelo menos, dois conjuntos discursivos. O primeiro diz respeito ao posicionamento dentro dos departamentos de inglês e literatura comparada, nos quais duas posições em relação ao objeto se manifestam: aceitação e recusa. O segundo conjunto discursivo, vinculado àqueles que aceitam a Ficção Científica, diverge em todos os aspectos possíveis relacionados com a prática de pesquisa e discussão.

Entretanto, nos periódicos estudados, as divergências internas resultam na conformação da pertinência do próprio objeto. Assim, ao discutir entre os pares, produzem-se modalidades discursivas para justificar a Ficção Científica em relação àqueles acadêmicos que negam tal empreitada.

No contexto dos Estados Unidos, convém correlacionar esse apontamento feito por Westfahl, citado anteriormente, com o amplo estudo de Jan Gorak em *The Making of The Modern Canon: Genesis and Crisis of a Literary Idea* (1991), no qual o conceito de cânone literário e sua funcionalidade são designados da seguinte maneira:

⁴ Veremos que o processo de estruturação dos departamentos de inglês e as suas ramificações são paralelos e integram o contexto de constituição dos estudos acadêmicos de Ficção Científica.

⁵ No original: "English departments and comparative literature departments compete for dominance, while a few argue for history or sociology. Whenever anthologies like Le Guin and Brian Attebery's *The Norton Book of Science Fiction* attempt to epitomize the field, they meet with both widespread approval and vehement denunciations. In sum, while science fiction scholars are united by a willingness to defend their literature against criticism from outside, they are deeply divided on almost all other issues raised by its study." Tradução nossa. WESTFAHL, *Masters of the Literary Universe*, p. 2.

A história da literatura [...] demonstra que os cânones do passado pressupõem muito mais do que uma pequena lista de livros acadêmicos aprovados. Tais cânones fornecem inspiração para artistas e as regras básicas para estudantes. Eles fornecem um padrão retrospectivo que se torna um passado utilizável e ao mesmo tempo uma ordem que amarra e organiza a literatura do passado e do presente. Eles [cânones] servem como linhas de suprimento para o contato artístico e escolar que atravessa as fronteiras nacionais.⁶

O que Gorak aponta é que a literatura, na medida em que estabelece um cânone, projeta os critérios formais de produção e análise. Isto é, trata-se de um marco de referência que, ao mesmo tempo, projeta uma visão sobre o passado. Estabelecendo uma convergência dessa consideração com a argumentação de Westfahl, percebe-se um impasse. A ausência de um cânone para a Ficção Científica, uma das qualidades inerentes ao próprio objeto, faz sentido na medida em que pensamos o aspecto da crítica acadêmica. Todavia, a Ficção Científica não conta apenas com críticas desse estilo. Ao contrário, há todo um universo externo ao âmbito acadêmico e, nele, a existência de um cânone é fundamental para estruturar a identidade do grupo.

Portanto, ao somarmos o grupo daqueles que estudam Dick, Lem, Le Guin e Gibson com aquele outro focado em nomes negligenciados, a carência de um cânone não se torna problemática, pois já há algo que serve como cânone no sentido de definir as normas analíticas. Coletivamente, isso modula um processo de criação de passados plurais que evidenciam variações discursivas e analíticas.

Com essa perspectiva, estabelecemos uma nova compreensão do papel exercido pelo cânone na Ficção Científica. Seja pela variação, bem como pela ausência de uma lista hegemônica, encontramos nas disputas em torno da Ficção Científica uma série de proposições que permitem a sua objetificação.

Fortalecemos nossa argumentação ao utilizar a obra *Critical Theory and Literary Canon* (2001) de E. Dean Kolbas. O autor ressalta que a ideia de cânone carrega consigo um aspecto mutável. A transformação do cânone está relacionada à

⁶ No original: "Literary history destroys that fetish by showing that the canons of the past presuppose far more than a short-list of approved academic books. Those canons have supplied inspiration to artists and basic rules to students. They have provided a retrospective pattern that becomes a 'usable past' and a simultaneous order binding together literature present and past. They have supplied lines of artistic and scholarly contact across national boundaries." Tradução nossa. GORAK, Jan, *The Making of the Modern Canon: Genesis and Crisis of a Literary Idea*, London: Athlone, 1991, p. 87.

percepção de que nenhum grupo ou indivíduo detém a hegemonia. Mesmo em situações que possam parecer mais estáveis, ainda há conflitos.

Dada as tensões entre a canonicidade como um juízo de valor sobre um conteúdo estético e a formação do cânone como um processo histórico de reprodução artística e consagração institucional, é inviável estabelecer uma conclusão neutra que negue a verdadeira complexidade do debate contemporâneo. [...] O conceito de cânone tem tanto conotações pragmáticas quanto idealistas desde a sua origem.⁷

As tensões entre as categorias estéticas e históricas mencionadas por Kolbas se materializam na Ficção Científica, tanto no grupo dos pesquisadores amadores quanto nos profissionais. Em ambos os casos, percebemos que ambas as categorias estão associadas e operam em conjunto na medida em que se justificam mutuamente. Reforçamos, mais uma vez, o enquadramento feito por Westfahl:

Em outros campos da literatura, uma vez que os textos escapam do controle rigoroso, todavia temporário, da opinião pública e dos editores do mercado de massa, eles [os textos] caem inteiramente sob a jurisdição dos estudiosos literários; os romancistas da década de 1920 impressos e discutidos hoje são quase inteiramente aqueles que foram aprovados pelas autoridades acadêmicas. No entanto, a Ficção Científica está sujeita a outra forte influência: a industriosa comunidade de Ficção Científica composta por leitores dedicados que incorporam e mantêm as tradições do gênero, realizam suas próprias pesquisas minuciosas e expressam seus próprios pontos de vista sobre a qualidade e a estatura de seus autores. Assim, enquanto escritores de Ficção Científica da década de 1920 como Edgar Rice Burroughs e E. E. Doc Smith recebem pouca ou nenhuma atenção de acadêmicos formados em universidades, seus nomes permanecem vivos em novas edições e comentários contínuos, porque membros da comunidade de Ficção Científica persistem em valorizar o trabalho deles.⁸

⁷ No original: "Given the tensions between canonicity as the qualitative judgment of a work's aesthetic content and canon formation as an historical process of artistic reproduction and institutional consecration, it would be disingenuous to draw any transparent conclusions that would deny the true complexity of the contemporary debate. [...] The concept of a canon has had both pragmatic and idealistic connotations since its inception." Tradução nossa. KOLBAS, E. Dean, **Critical Theory and the Literary Canon**, Boulder: Westview Press, 2001, p. 139.

⁸ No original: "In other fields of literature, once the texts escape from the powerful but impermanent control of public opinion and mass-market publishers, they fall entirely under the jurisdiction of literary scholars; the novelists from the 1920s still in print and still discussed today are almost entirely those who have been approved by academic authorities. Yet science fiction is subject to another strong influence: the industrious science fiction community consisting of dedicated readers who embody and maintain the traditions of the genre, carry on their own painstaking research, and express their own views concerning the quality and stature of its authors. Thus, while science fiction writers from the 1920s like Edgar Rice Burroughs and E. E. "Doc" Smith receives little or no attention from university-trained scholars, their names remain alive in new editions and ongoing commentaries because members of the science fiction community persist in valuing their work." Tradução nossa. WESTFAHL, Masters of the Literary Universe, p. 2.

O que Westfahl evidencia, de um lado, é a ausência de concordância sobre o cânone, e de outro, a ideia de um conflito entre os acadêmicos, vistos como pesquisadores profissionais e, portanto, autoridades sobre o assunto, e os amadores.

1.1 O PROCESSO DE PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA

1.1.1 Um breve retrato historiográfico: H. G. Wells, Jules Verne e Mary Shelley

Não podemos tomar a imagem apresentada por Westfahl vista anteriormente como suficiente para demarcar, ou mesmo definir, o funcionamento dos estudos de Ficção Científica. Visando expandir isso iremos evidenciar uma imagem geral, típica, da história da Ficção Científica. Tomaremos como referência os *Companions* temáticos, uma vez que servem como manuais didáticos para o ensino e pesquisa.

Obras como *The Cambridge Companion to Science Fiction* (2003) organizado por Edward James e Farah Mendlesohn ou *The Routledge Companion to Science Fiction* (2009) editado por Mark Bould, Andrew M. Butler, Adam Roberts e Sherryl Vint, servem como um ponto de partida sólido e estável.⁹ Tanto um livro quanto o outro complexificam e validam o argumento de Westfahl, mediante a proposição de uma narrativa historiográfica que, independentemente da sua intencionalidade, reifica uma história de oposição entre os pesquisadores amadores e os profissionais. Isso não é, contudo, evidente. Para compreender tais ocorrências, convém estabelecer uma visão nítida sobre as estratégias de categorização que estruturam esses textos.

No conteúdo do *Cambridge Companion* supracitado identificamos a promoção de uma distinção entre a história da Ficção Científica, as propostas críticas (isto é, métodos de interpretação e análise) e alguns dos principais subgêneros. A abordagem feita ao âmbito histórico redigida por Brian Stableford defende que:

⁹ JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.), **The Cambridge Companion to Science Fiction**, Cambridge: Cambridge University Press, 2003; BOULD, Mark *et al* (Orgs.), **The Routledge Companion to Science Fiction**, London & New York: Routledge, 2009.

Enquanto estava sendo gestada dentro do útero *Pulp*, a Ficção Científica Americana já tinha realizado uma fusão de zigotos entre o romance científico Europeu e a [literatura] Americana exótica de outros-mundos, fomentada levemente com os contos marcados pelos extravagantes milagres científicos. Foi a partir desse ponto que se realizou um trabalho de expansão de horizonte, extrapolações sociais, e sofisticação moral que tem sido o trabalho e o triunfo da Ficção Científica moderna em seu novo começo.¹⁰

A proposta da Ficção Científica como a confluência entre os romances científicos, termo utilizado nesse contexto para se referir aos trabalhos de H. G. Wells e Jules Verne, somado às aventuras exóticas populares, como por exemplo *Tarzan*, entre os leitores dos Estados Unidos, converge na base material das *Pulps*, gerando o fenômeno das revistas de Ficção Científica.

Um argumento semelhante, embora historicamente mais amplo dado que incluiu a Revolução Copernicana, é defendido por Adam Roberts no *Routledge Companion*. Ali, o autor argumenta que as origens literárias surgem de uma expansão da imaginação mediante o impacto e a popularização das teorias científicas ao longo do século 17. Já Arthur B. Evans retorna ao ponto de Stableford, almejando traçar uma distinção interna ao romance científico. Em sua argumentação, há pelo menos duas variações:

A Ficção Científica dura/didática de Verne assume uma função nitidamente pedagógica para o discurso científico. Em contraste, o objetivo principal da ciência na Ficção Científica especulativa/fantástica [de H. G. Wells] é expositiva: visando facilitar a progressão da trama, proporcionar efeitos especiais e gerar estranhamento no leitor para construir a verossimilhança. Ou seja, a razão de ser da ciência no processo narrativo passou da posição primária para secundária, do sujeito para o contexto.¹¹

¹⁰ No original: "While it was still gestating in its pulp womb, therefore, American sf had already brought about a zygotic fusion of European scientific romance and American other-worldly exotica, lightly leavened with casually extravagant tall tales of scientific miracle-making. It was from this point that the collaborative work of horizon-expansion, social *Extrapolation* and moral re-sophistication which has been the labour and triumph of modern science fiction began anew." Tradução nossa. STABLEFORD, Brian, *Science Fiction before the genre*, in: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.), **The Cambridge Companion to Science Fiction**, Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 31.

¹¹ No original: "[Jules] Verne's hard/didactic sf presumes a predominantly pedagogical function for such scientific discourse. In contrast, the primary goal of the science in speculative/fantastic sf [H.G. Wells] is more expository: to facilitate plot progression, to help create special effects and reader estrangement, and to build verisimilitude. That is to say, the "raison d'être of science in the narrative process itself shifts from primary position to secondary, from subject to context." Tradução nossa. EVANS, Arthur B., *Nineteenth-century sf*, in: BOULD, Mark *et al* (Orgs.), **The Routledge Companion to Science Fiction**, London & New York: Routledge, 2009, p. 17,18.

Evans reifica um processo que, conforme veremos ao longo da tese, já se manifesta dentro dos periódicos acadêmicos de Ficção Científica. Tanto Verne quanto Wells se tornam nomes discutidos com frequência e, eventualmente, assumem em alguns casos a posição de referência fundacional, enquanto em outros ocupam o papel de precursores. Embora outros nomes sejam sugeridos, como, por exemplo, Edgar Allan Poe, não alcançam uma posição equivalente.

Com exceção de um nome: Mary Shelley. A proposta de Shelley como fundadora da Ficção Científica vem sendo ensaiada por diversos críticos, mas é *Brian Aldiss em Billion Year Spree – The True History of Science Fiction* de 1973, que fornece a argumentação mais robusta, até então, acerca da pertinência da autora de *Frankenstein ou O Prometeu Moderno*. Em síntese, Aldiss argumenta que:

Ao combinar assim a crítica social com novas ideias científicas, ao mesmo tempo em que transmite uma imagem de sua própria época, Mary Shelley antecipa os métodos de H. G. Wells ao escrever seus romances científicos e de alguns dos autores que o seguiram.¹²

Diferente de Poe, a posição de Shelley ganharia cada vez mais força ao longo dos anos, vindo a ocupar uma posição de destaque e prestígio ao lado de Wells e Verne dentro dos estudos de Ficção Científica.

¹² No original: “In thus combining social criticism with new scientific ideas, while conveying a picture of her own day, Mary Shelley anticipates the methods of H. G. Wells when writing his scientific romances, and of some of the authors who followed him.” Tradução nossa. ALDISS, Brian W., **Billion Year Spree - The True History of Science Fiction**, New York: Doubleday & Company, 1973, p. 23.

1.1.2 A Ficção Científica Moderna

Mantendo os *Companions* como referência, identificamos que tanto um quanto o outro discorrem sobre o século 20 e enquadram uma proposta historiográfica razoavelmente estável. O *Cambridge Companion* opta pela separação entre o período de 1926 e 1960, dominado pelas revistas, que é seguido pelo fenômeno da *Nova Onda* entre 1960 e 1980 e, a partir de 1980, adentra no momento contemporâneo.

Chamamos atenção para a justificativa dada para tais recortes. Attebery, por exemplo, enfatiza que as revistas, como a *Astounding*, concentram e produzem a Ficção Científica na forma de um gênero literário. Isso se dá pela confluência de uma constelação de fatores:

Ficção Científica não era apenas um modo de *storytelling*, mas um nicho para escritores, uma categoria de marketing para as editoras, uma coleção de imagens e estilos, bem como uma comunidade de indivíduos com interesses parecidos. [...] As revistas exerceram influência considerável na forma da Ficção Científica e no seu conteúdo; a dinâmica de publicação e distribuição das revistas, e em particular, os ciclos de expansão e retração dentro da indústria, também colaboraram para formar, ao menos em parte, o que era escrito e lido. No mais, a localização geográfica nos Estados Unidos da maior parte das editoras dessas revistas fortaleceu uma associação entre a Ficção Científica e a Cultura Americana, tanto no nível nacional quanto internacional.¹³

Damien Broderick desenvolve o argumento sobre a *Nova Onda* visando propor que esse movimento se caracteriza por uma nova significação acerca da Ficção Científica. Não se trata mais de uma literatura voltada para pensar o futuro, mas sim para problematizar as experiências do cotidiano.

O desenvolvimento científico, somado com fatores sociais e econômicos, como as explosões atômicas, o conflito entre a ideologia capitalista dos Estados Unidos e a proposta soviética, os movimentos de contestação à invasão do Vietnã,

¹³ No original: “Science Fiction is not only a mode of story-telling but also a niche for writers, a marketing category for publishers, a collection of visual images and styles and a community of like-minded individuals. [...] The magazines exerted considerable influence on sf’s form and subject matter; the nature of magazine publishing and distribution, and, in particular, boom-and-bust cycles within the industry, have likewise played a part in shaping what is written and read. In addition, the location of most of the magazines’ publishers in the USA has strengthened the association between sf and American culture, both in the United States and abroad.” Tradução nossa. ATTEBERY, Brian, *The Magazine Era: 1926-1960*, in: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.), **The Cambridge Companion to Science Fiction**, Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 32.

bem como a contracultura, fomentam a produção de uma nova visão literária disruptiva. Os escritores da *Nova Onda* começaram a escancarar e expor a ideologia do mito da competência científica suprema e do destino galáctico manifesto.¹⁴

John Clute estabelece uma relação entre os enquadramentos temporais e a complexidade sociológica inerente aos grupos de produção e leitura da Ficção Científica. Almejando um modelo biológico, termo utilizado pelo autor, a compreensão inicial na qual a Ficção Científica, como um gênero, surge no começo do século 20, chega em um paroxismo na década de 1990. Assim:

Os homens e mulheres que tripularam a Ficção Científica desde o começo e aqueles cujos rostos foram os rostos da Ficção Científica nas mentes daqueles que leem Ficção Científica estão quase todos mortos. [...] Ficção Científica, que parecia jovem ou jovem-de-coração durante quase todo o século vinte, não tem mais essa metáfora biológica implícita em suas imagens. Seu passado era de documentos mortos, revistas mortas, autores mortos, memórias mortas, palavras vivas. O passado da Ficção Científica estava agora inconfundivelmente mais pesado na mente do que seu presente.¹⁵

O enunciado de Clute coloca em evidência um aspecto histórico da Ficção Científica pensado pelo viés da temporalidade humana. Isto é, o modelo biológico faz parte da inserção da Ficção Científica nas universidades dos Estados Unidos que só tem sentido a partir da identificação de que tipo de indivíduos (e principalmente pelas suas trajetórias) estão envolvidos.

Mantendo tais considerações, direcionamos nosso olhar para o *Routledge Companion to Science Fiction*, dado que a proposta de recorte temporal é aparentemente diferente. Isto é, embora os editores tenham optado por datas, no horizonte a argumentação foi similar àquilo que já discutimos. Os conjuntos cronológicos propostos se dividem entre: 1895-1926, 1926-1949, 1950-1963, 1964-1979, 1980-1992 e a partir de 1992.

¹⁴ No original: “New Wave writers began to peel open the ideological myth of supreme scientific competence and galactic manifest destiny.” Tradução nossa. BRODERICK, Damien, *New Wave and backwash: 1960-1980*, in: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.), **The Cambridge Companion to Science Fiction**, Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 32.

¹⁵ No original: “The men and women who had manned sf from the beginning, and whose faces were the faces of sf in the minds of those who read sf, were almost all dead. [...] Science fiction, which had seemed young or young-at-heart for almost the whole of the twentieth century, no longer confirmed the biological metaphor implicit in such images. Its past was dead documents, dead magazines, dead authors, dead memories, living words. The past of sf was now unmistakably heavier in the mind’s eye than its present.” Tradução nossa. CLUTE, John, *Science Fiction from 1980 to the present*, in: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.), **The Cambridge Companion to Science Fiction**, Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 64.

John Rider justifica 1895 como ponto de partida, tomando como referência a publicação de *A Máquina do Tempo* de H. G. Wells. Convém reiterar que tal data diz respeito à circulação do texto no Reino Unido. Isso porque o processo de circulação e eventual inserção no campo dos Estados Unidos é mediado, ao menos em parte, por Hugo Gernsback. Dessa forma, o criador da *Amazing Stories* e a publicação da primeira edição desta em 1926 serviram como data limite. A exposição e discussão feita por Mendlesohn partem desse momento e seguem até 1949. A ênfase dada pela autora é pontuar que, para além do conteúdo dos textos, o fator que confere identidade para a Ficção Científica é a importância da atuação dos editores para a formação dos grupos comunitários.

Embora Gernsback não fosse, no final do período, o editor da revista de maior sucesso, e ninguém o considere agora o melhor dos primeiros editores, ele estabeleceu os parâmetros dentro dos quais os debates críticos do campo ocorreram e organizou a comunidade de leitores e escritores altamente vocais que agora chamamos de fandom. Essa comunidade criou o que hoje entendemos como a linguagem e a retórica ideológica da Ficção Científica, embora no período sob exame fosse um pidgin remendado. Somente no final da década de 1940 os escritores que cresceram com o gênero começaram a lidar com suas possibilidades com graça e invenção genuína.¹⁶

O papel dos editores não desaparece em 1950, embora tenha ganhado novas configurações. As revistas, que experimentam um boom seguido de um declínio quase absoluto no pós-guerra, passam a ceder espaço para o formato dos livros. Isso implica em mudanças tanto na forma quanto no conteúdo dos textos, e a influência do modelo de produção das *Pulps* ruem junto com as revistas. Nesse novo formato, tanto os autores quanto os editores almejam, cada vez mais, desenvolver uma identidade textual original. Na análise de Rob Latham, a Ficção Científica

¹⁶ No original: “Although Gernsback was not, by the end of the period, the editor of the most successful magazine, and nobody now considers him to be the best of the early editors, he established the parameters within which the field’s critical debates took place, and hosted the community of highly vocal readers and writers that we now call “fandom.” This community created what we now understand as the language and ideological rhetoric of sf, although in the period under examination it was a cobbled-together pidgin. Only toward the end of the 1940s do writers who had grown up with the genre begin to handle its possibilities with grace and genuine invention.” Tradução nossa. MENDLESOHN, Farah, Fiction, 1926-1949, in: BOULD, Mark *et al* (Orgs.), **The Routledge Companion to Science Fiction**, London & New York: Routledge, 2009, p. 54.

estava prestes a alcançar uma visibilidade cultural, sucesso comercial e aclamação literária com os quais a era *Pulp* só poderia ter sonhado.¹⁷

A questão editorial tem uma complexidade maior do que o argumento de Mendlesohn oferece. Assim, Helen Merrick explora como a ascensão editorial de Michael Moorcock na revista *New Worlds* em 1964 é um dos vários elementos que abrem caminho para a *Nova Onda*. Nesse sentido, tal mudança desenha, no entendimento de Merrick, um conflito entre as diferentes modalidades literárias que viriam a compor e estruturar essa nova fase da Ficção Científica.

As diferenças entre a *Nova Onda* e a velha guarda foram mais comumente desenhadas (por ambos os lados) como sendo uma divisão sobre a relação da Ficção Científica com o mainstream. A ameaça ou promessa de fuga do gueto agiganta-se neste período, pois a Ficção Científica parece ganhar uma nova respeitabilidade, ou pelo menos visibilidade.¹⁸

Vale ressaltar que o cenário das revistas nos Estados Unidos e no Reino Unido difere consideravelmente. A *New Worlds* não é uma revista americana, mas sim britânica. Além disso, a descrição feita por Merrick acerca de um conflito entre a *Nova Onda*, representada por uma nova geração de autores, e a velha guarda, apresenta uma visão simplista ao propor a existência de dois grupos homogêneos.

Entretanto, é importante notar que a *Nova Onda* está mais vinculada com as propostas de produção e edição textual representadas, especialmente, por Damon Knight e Judith Merril. Dessa forma, não se trata meramente de um movimento e, inclusive, alguns dos autores associados à *Nova Onda*, como Le Guin, possuem uma postura crítica tanto em relação a Campbell quanto a Moorcock. Além disso, os autores agrupados sob termos como velha guarda ou Era de Ouro também não possuem uma posição homogênea e concordante entre si. Trata-se, portanto, de uma categorização e simplificação produzida pelo discurso historiográfico para conferir sentido e coesão ao processo histórico.

¹⁷ No original: “sf stood poised to achieve a cultural visibility, commercial success, and literary acclaim of which the pulp era could only have dreamed.” Tradução nossa. LATHAM, Rob, *Fiction, 1950-1963*, in: BOULD, Mark *et al* (Orgs.), **The Routledge Companion to Science Fiction**, London & New York: Routledge, 2009, p. 80.

¹⁸ No original: “The differences between the New Wave and old guard were most commonly drawn (by both sides) as being a divide over sf’s relation to the mainstream. The threat or promise of an escape from the “ghetto” looms large in this period, as sf seemed to gain a new respectability or at least visibility.” Tradução nossa. MERRICK, Helen, *Gender in Science Fiction*, in: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.), **The Cambridge Companion to Science Fiction**, Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 102,103.

Na proposta de um outro manual, o *Cambridge Companion to American Science Fiction*, percebemos a ausência de qualquer espaço para discutir Wells, Verne ou Shelley. Isto é, trata-se de uma visão menos preocupada em abordar ou justificar uma narrativa de tradição que antecederia as revistas. Portanto, o ponto de partida é a década de 1920, seguindo até 1960 em um capítulo, bem como dedicando outro para a *Nova Onda* e seus efeitos na cena. Inclusive, Westfahl sintetiza o desenvolvimento e a eventual consolidação da Ficção Científica:

[...] em grande parte devido ao trabalho de Hugo Gernsback, que deu um nome a um gênero incipiente, argumentos persuasivos para sua importância especial e um sistema de apoio de fãs organizados; ele também promulgou, quase contra sua vontade, uma narrativa característica que contribuiu para seu notável crescimento. Então, o sucessor mais proeminente de Gernsback, John W. Campbell Jr., acrescentou um ingrediente-chave final - respeitabilidade intelectual. São esses desenvolvimentos singulares que explicam a força especial e o impacto contínuo da Ficção Científica americana.¹⁹

O *Cambridge History of Science Fiction* retorna para o modelo de organização anterior, dedicando o primeiro capítulo para falar de uma tradição literária que atravessa toda a história da literatura. Por outro lado, a inovação desse manual é apresentar um conjunto de textos que pautam pela confluência entre recortes temporais e temas.

Assim, percebemos que os *Companions* fornecem um modelo de periodização para a história da Ficção Científica, tendo como referência as revistas como um dos marcos materiais mais importantes.

¹⁹ No original: “[...] it was largely due to the work of Hugo Gernsback, who provided an inchoate genre with a name, persuasive arguments for its special importance, and a support system of organized fans; he also promulgated, almost against his will, a characteristic narrative that contributed to its remarkable growth. Then, Gernsback’s most prominent successor, John W. Campbell Jr., added a final key ingredient – intellectual respectability. It is these singular developments that account for the special strength and ongoing impact of American science Fiction.” Tradução nossa. WESTFAHL, Gary, *The Mightiest Machine: The Development of American Science Fiction from the 1920 to the 1960s*, in: LINK, Eric Carl; CANAVAN, Gerry (Orgs.), **The Cambridge Companion to American Science Fiction**, New York: Cambridge University Press, 2015, p. 18.

1.1.3 Os recortes temporais das revistas de Ficção Científica

Mike Ashley, uma das principais referências para o estudo historiográfico da Ficção Científica, produz uma série de livros que consolidam e analisam as categorias das revistas. Em *The Time Machine: The Story of The Science-Fiction Pulp Magazines from The beginning to 1950*, o autor dedica um espaço significativo para contextualizar as origens das revistas americanas tendo em vista o contexto europeu. Essa abordagem serve como prelúdio para a exploração da atuação editorial de Gernsback e o seu papel na consolidação de uma definição de gênero literário associada à criação de uma comunidade.²⁰

Diferente dos manuais que pulam diretamente de Gernsback para Campbell, Ashley trata a transição editorial levando em consideração tanto os aspectos financeiros quanto as trajetórias. No caso de Campbell, o autor demonstra como a sua ascensão ocorre a partir da posição de um escritor de Ficção Científica que ganha destaque, vindo a ocupar posteriormente o cargo de editor.²¹

Na obra citada anteriormente, assim como em *Transformations: The Story of The Science Fiction Magazines from 1950 to 1970*, Ashley oferece uma análise que visa considerar tanto o contexto de produção quanto o conteúdo efetivo das narrativas. Ele repete essa abordagem em *Gateways to Forever: The Story of Science Fiction Magazines from 1970 to 1980*. Diferentemente dos *Companions*, uma das questões levantadas por Ashley é traçar as mudanças entre a *Nova Onda* e o surgimento do *cyberpunk* na década de 1980.

Convém lembrar que esse arcabouço historiográfico se pautou por uma narrativa que tinha como referência as mídias literárias, ou seja, livros e revistas. No entanto, Ashley também chama atenção para a inserção de outras mídias ao longo do tempo. Com o surgimento de novos formatos, especialmente o cinema com *Star Wars* (1977), rupturas ocorreram, dissolvendo a primazia da literatura.

As rupturas na comunidade de fãs da série surgem originalmente como parte do grupo que se constrói em torno da mídia literária de Ficção Científica. Em 1966, a

²⁰ ASHLEY, Mike, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, Cambridge: Liverpool University Press, 2000, p. 89.

²¹ Campbell é contratado pela editora Street & Smith a partir de outubro de 1937 devido ao prestígio que conquistou como escritor. No entanto, o controle total da *Astounding* só se efetiva em março de 1938. Ver: ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**

Bantam Books, liderada por Frederik Pohl, obtém os direitos para publicar literatura vinculada ao universo de Star Trek. James Blish é contratado para produzir esse material e, com o auxílio de sua esposa J. A. Lawrence, publica cerca de 12 volumes. No entanto, Blish não é, necessariamente, um fã da série. Com o tempo, o grupo de fãs de Star Trek se distancia completamente do viés literário e estabelece suas próprias dinâmicas.

Star Wars, mencionado anteriormente, abre caminho para a formação de novas comunidades que não dependem nem se vinculam aos fãs literários. Além disso, impulsiona outro movimento por meio dos jogos de RPG e, posteriormente, os jogos eletrônicos, que atraem, criam e colocam em funcionamento uma pluralidade de novas comunidades. Dessa forma, esses jogos se tornaram um substituto para ler ou escrever Ficção Científica.²²

²² No original: "These games became a substitute for reading or writing SF." Tradução nossa. ASHLEY, Mike, **Gateways to Forever: The Story of Science-Fiction Magazines from 1970 to 1980.**, Cambridge: Liverpool University Press, 2007, p. 384. No mais, vale lembrar que Star Wars consolida sua presença em diversas mídias.

1.1.4 A historiografia voltada para a inserção acadêmica da Ficção Científica

A quantidade de trabalhos dedicados ao processo histórico de inserção da Ficção Científica nas universidades é significativamente menor, seja parcialmente ou de forma integral. Uma das principais referências nesse campo é a tese de doutorado de Frederick Lerner, intitulada *Modern Science Fiction and Its Reception by The American Literary and Educational Communities, 1926-1970*, defendida na *Universidade de Columbia* em 1981. Nessa investigação, Lerner analisa a recepção da Ficção Científica em diferentes meios de circulação, incluindo o âmbito acadêmico, as experiências em sala de aula e a aquisição e construção de coleções por bibliotecas.

Segundo Lerner, entre 1950 e 1970, a atitude inicial dos críticos acadêmicos em relação à Ficção Científica era considerá-la infantil. Porém, ao longo da década de 1950, uma variação dessa postura começou a ganhar espaço, retratando a Ficção Científica como uma literatura de cunho escapista, negando qualquer valor como obra literária. Contudo, outro grupo surgiu para defender a Ficção Científica, destacando o valor de suas ideias e sua capacidade de questionamento social, desviando o foco dos problemas de caracterização de personagens e superficialidade narrativa.

A partir da década de 1960, Lerner observa que os autores da Ficção Científica passam a abordar novas temáticas, buscando discutir problemas pouco explorados ou inéditos no gênero, o que contribui para a emergência de uma nova imagem literária, na qual a Ficção Científica passa a ser reconhecida como uma literatura de ideias.²³

Em 1986, Gary K. Wolfe fornece um esboço do processo de desenvolvimento da crítica acadêmica na introdução de *Critical Terms for Science Fiction and Fantasy: A Glossary and Guide to Scholarship*. A definição dada pelo autor para o verbete acadêmico demarca e expõe o núcleo da dinâmica:

²³ LERNER, Frederick Andrew, **Modern Science Fiction and the American Literary Community**, Metuchen & London: The Scarecrow Press, 1985, p. 169,171.

ACADÊMICO. Usado tanto como adjetivo quanto como substantivo para descrever o envolvimento de estudiosos e professores profissionais na crítica, história, teoria e ensino da Ficção Científica. Tal significado pode parecer óbvio, mas o termo ganhou muitos tons, geralmente depreciativos ou defensivos, e tem sido usado de forma imprecisa para contrastar tanto com o estudo amador ou de fãs na área, quanto com as várias obras internas de história e crítica geradas pelos próprios escritores de Ficção Científica e fantasia. Nesse uso, o acadêmico é frequentemente visto como um estranho treinado em metodologias humanísticas tradicionais, que às vezes são consideradas inadequadas para a Ficção Científica; interessantemente, o termo raramente é aplicado a cientistas universitários ou mesmo a cientistas sociais, o que sugere que ele se refere não necessariamente ao mundo acadêmico em si, mas especificamente aos habitantes de departamentos de inglês ou história em universidades.²⁴

A citação de Wolfe revela a oposição entre os pesquisadores acadêmicos e os amadores que esta tese tem destacado. Todavia, o autor não considera as fronteiras porosas entre os grupos. Ressaltamos que a ideia de um pesquisador acadêmico, visto como um profissional, não surge em oposição ao grupo dos amadores. Portanto mais uma pista para a nossa proposta de que a oposição entre amadores e profissionais foi fruto de um conflito interno entre acadêmicos.

Inclusive, Clareson visa definir a história de todo esse processo no verbete *Scholarship* publicado na *The New Encyclopedia of Science Fiction*, obra editada por James Gunn e publicada em 1988. Devido à natureza específica do argumento feito por Clareson, abordaremos esse material nos próximos capítulos.

A partir do fim da década de 1990, uma nova geração de pesquisadores conquistou espaço na *Science-Fiction Studies*. O segundo número do volume 26, de 1999, do periódico teve contribuições de Veronica Hollinger, Donald M. Hassler, Arthur D. Evans e Westfahl. Hollinger forneceu um mapa do campo que tomou como referência a obra *Metamorphoses of Science Fiction* (1979) de Suvin. A partir disso, a autora discorre sobre bibliografias de cunho histórico, estudos de gênero, estudos

²⁴ No original: "ACADEMIC. Used both as an adjective and a noun to describe the involvement of professional scholars and teachers in the criticism, history, theory, and teaching of science fiction. Such a meaning might seem obvious, but the term has gained a great many overtones, usually either disparaging or defensive, and has come rather imprecisely to be contrasted both with fan or amateur scholarship in the field, and with the various "internal" works of history and criticism generated by science fiction and fantasy writers themselves. In this usage, the "academic" is often regarded as an outsider trained in traditional humanistic methodologies that are sometimes felt to be inadequate for science fiction; interestingly, the term is seldom applied to university scientists or even social scientists, suggesting that it refers not necessarily to the academic world per se, but specifically to inhabitants of English or history departments in universities." Tradução nossa. WOLFE, Gary K., **Critical Terms for Science Fiction and Fantasy. A Glossary and Guide to Scholarship**, Westport: Greenwood Press, 1986, p. 3,4.

de mídia, guias de pesquisa, obras de autores de Ficção Científica sobre o gênero, estudos feministas e pós-modernistas.

O artigo de Hassler opera no recorte entre 1940 e 1980.²⁵ Tomando como foco Bailey, Gove e Nicolson, esse artigo estabelece uma base para a nossa pesquisa, pois serve como baliza para pensar na trajetória da Ficção Científica dentro da academia.

Contextualmente, o artigo de Evans foca na análise crítica circunscrita em torno de Kepler e segue até Wells.²⁶ Embora esteja fora do nosso recorte, podemos compreender como esse texto se encaixa naquele discurso historiográfico que vimos anteriormente nos *Companions* e se volta em buscar, traçar e construir uma tradição para a Ficção Científica.

Westfahl, por sua vez, aborda o recorte entre 1926-1980, discutindo, exclusivamente, a categoria dos pesquisadores amadores.²⁷ Quando tomamos em conjunto Evans, Hassler e Westfahl, encontramos o discurso que almeja a construção de uma tradição, bem como uma cisão entre profissionais e amadores. Tal separação é justificada a partir do marco referencial estabelecido por Hollinger em torno de Suvin. Com isso, ignora-se integralmente os processos referentes ao próprio objeto.

²⁵ HASSLER, Donald M., The Academic Pioneers of Science Fiction Criticism, 1940-1980, **Science Fiction Studies**, v. 26, n. 2, p. 213–231, 1999.

²⁶ EVANS, Arthur B., The Origins of Science Fiction Criticism: From Kepler to Wells, **Science Fiction Studies**, v. 26, n. 2, p. 163–186, 1999.

²⁷ WESTFAHL, Gary, On the Trail of a Pioneer: Dorothy Scarborough, the First Academic Critic of Science Fiction, **Extrapolation**, v. 40, n. 4, p. 292–303, 1999.

1.2 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PESQUISADOR

Exploramos como a oposição entre pesquisadores amadores e profissionais surgiu no discurso historiográfico. Para desconstruir essa narrativa, partimos de sua ideia central, sintetizada no seguinte enunciado: os pesquisadores profissionais, ligados ao mundo acadêmico, não são os únicos a abordar esse objeto. O referencial acadêmico está diretamente associado ao campo literário. Observamos que a história da Ficção Científica foi predominantemente moldada pela mídia literária, com categorias temporais e temáticas produzidas em torno dos textos.

Visamos inserir um referencial material que esteve no plano de fundo a *Extrapolation* e a sua legitimação perante os pares da *Modern Language Association*. Caracterizamos temporalmente esse processo entre 1959 e 1969 como um momento que ganhou sentido na medida em que pensamos na relação entre pesquisadores acadêmicos e amadores como constitutiva do objeto. Em outras palavras, e com risco de soar como algo óbvio, a ideia dos pesquisadores amadores como um grupo que incluiu escritores, leitores, editores, artistas etc., só tem sentido quando pensamos nos pesquisadores profissionais como parte desse conjunto.

Clareson protagonizou o processo acadêmico justamente pela sua posição como um fã de Ficção Científica. Não se tratava, portanto, de uma legitimação que diferenciava pesquisadores profissionais e amadores. Ao contrário, nosso argumento pautou por responsabilizar Clareson como um indivíduo que construiu conexões e pontes, dialogando tanto com um grupo quanto com o outro.

Isso não significa que disputas entre amadores e profissionais não tenham ocorrido. O que almejamos, em um primeiro momento, foi reconstruir a categoria do pesquisador amador para ilustrar como a sua caracterização se deu e explicitar a relação e importância de Clareson com o grupo.

Uma segunda questão que abordamos na tese serviu como base para argumentar que a narrativa de oposição entre amadores e profissionais foi resultado de um conflito interno entre profissionais. Em específico, entre Clareson e Suvin, localizada temporalmente entre 1970 e 1979.

Suvin, para diferenciar o seu trabalho, estabeleceu uma cisão entre aquilo que considerava Ficção Científica. A *Science-Fiction Studies* serviu como espaço para a consolidação dessa proposta e validou o discurso de diferenciação entre amadores e profissionais. Nesse cenário, Suvin desconsiderava Clareson e o

circuito de pesquisadores vinculados a *Extrapolation*, como amadores, dado que não atendiam aos critérios e demandas expostos na *SFS* a partir de 1973.

Nesse contexto, Suvin utiliza a categoria do pesquisador amador como uma ferramenta para descreditar o trabalho de Clareson. Essa abordagem se torna viável devido à existência prévia, na comunidade de Ficção Científica, de um esforço para se distinguir da literatura em geral.

1.2.1 Amadores Fantásticos e os grupos em que habitam

Wolfe, nome que já podemos considerar como familiar, demarca que o surgimento de premiações como o *Pilgrim Awards*, criado em 1970 pela *Science Fiction Research Association*, e o *IAFA Award*, estabelecido em 1986 pela IAFA, vêm de um longo processo histórico que surgiu de forma externa às universidades. A gênese disso foi como o grupo de leitores e escritores da Ficção Científica, os amadores, construíram sua identidade em oposição ao mainstream literário. Isso ocorreu na primeira metade do século XX, nas revistas, e foi categorizado por Wolfe como a pesquisa amadora.

O grupo era composto por várias categorias, como editores, escritores, leitores, fãs, críticos etc. Posições que tinham maleabilidade à medida que a transição de uma para a outra ocorria. Além disso, figuras como Campbell, Heinlein, Asimov, Ley, tinham formação acadêmica. O ponto de inflexão diz respeito ao modo como tais trajetórias educacionais não haviam sido realizadas no âmbito dos estudos de Inglês.

A designação de pesquisadores amadores feita por Wolfe, e que vimos anteriormente com Westfahl a partir da condição conflituosa, serve para demarcar duas diferenças. Primeiramente, ela diz respeito ao vínculo com os estudos literários ou alguma área relacionada. Em segundo lugar, essa designação explicita que os amadores não possuem um vínculo universitário, diferenciando-os dos pesquisadores profissionais que estão inseridos nos departamentos de Inglês ou na *Modern Language Association*.

Essa diferenciação levanta questões importantes sobre a recepção da Ficção Científica pela academia. Frederick Lerner propõe um argumento similar ao de Wolfe, apontando para a ideia de que a Ficção Científica não é um objeto de interesse para os acadêmicos americanos. No entanto, como vimos, isso não significa a ausência de atividades de pesquisa entre os amadores. O que está em jogo é o vínculo institucional e o reconhecimento oficial dentro do ambiente acadêmico. Essa distinção entre pesquisadores amadores e profissionais contribuiu para a construção de uma narrativa de oposição entre ambos, que, como veremos adiante, é resultado de um conflito interno entre os próprios profissionais da área, especificamente entre Clareson e Suvin, durante a década de 1970.

A cultura popular da Ficção Científica, com sua paixão por neologismos e grandes debates, estava em andamento - e como muitos desses primeiros fãs eventualmente se tornariam autores profissionais, o vocabulário do fandom gradualmente se confundiria em parte com o vocabulário do autor profissional e, por sua vez, com o vocabulário da indústria editorial. Mais tarde, os críticos acadêmicos, confrontados com essa tradição crítica improvisada que aparentemente havia se desenvolvido virtualmente isolada de qualquer discurso literário ou crítico identificável, se encontraram em uma situação quase sem precedentes, e a relação entre conhecimento dos fãs e o conhecimento formal ainda é um tópico de debate dentro do gênero.²⁸

Argumentamos que a história dos amadores foi estabelecida por meio de uma narrativa que ressaltou a diferença em relação ao mainstream, um dispositivo mobilizado pelo discurso acadêmico. No entanto, encontramos uma situação aparentemente contraditória: para justificar e defender a pertinência da Ficção Científica como um objeto acadêmico, foi necessário demonstrar que esse objeto não era, essencialmente, Ficção Científica.

A Ficção Científica como um gênero foi o conceito empregado para definir os pesquisadores amadores. Essa diferenciação justificou a pertinência da Ficção Científica como um objeto vinculado aos departamentos literários, direcionado principalmente para acadêmicos vinculados aos departamentos de Inglês.

Tanto Wolfe quanto Lerner utilizam a ideia da Ficção Científica como um gênero. A compreensão tradicional acerca do gênero literário é vista como um sistema de comunicação que opera a partir de três fases: construção, interpretação e avaliação.

Na definição dada por Peter Nicholls e John Clute, encontramos a ideia da Ficção Científica como um gênero reificada pela atitude do público, visto que é reconhecida imediatamente como tal. Esse processo se dá mediante a concordância acerca de uma série de convenções pré-estabelecidas, reificadas pelos leitores,

²⁸ No original: "The science fiction folk culture, with its passion for neologisms and grand debates, was under way – and since many of these early fans would in time become professional authors themselves, the vocabulary of fandom gradually would become conflated in part with the vocabulary of the professional author, and in turn with the vocabulary of the publishing industry. Later academics critics, confronted with this makeshift critical tradition which had seemingly grown in virtual isolation from any identifiable literary or critical discourse, found themselves in an almost unprecedented situation, and the relation of fan scholarship to formal scholarship remains a topic of debate within the genre." Tradução nossa. WOLFE, **Critical Terms for Science Fiction and Fantasy. A Glossary and Guide to Scholarship**, p. XXV.

gerando uma relação de expectativa mútua e concordância acerca do que constitui a Ficção Científica.²⁹

Com isso, reitera-se que a comunidade de Ficção Científica se define e, ao mesmo tempo, é definida pelas demarcações do gênero literário. Assim, Nicholls argumenta que o termo *mainstream* tem utilidade na medida em que serve para traçar a posição em que um determinado autor se coloca em relação à comunidade.³⁰ Se o objetivo, por exemplo, diz respeito à produção de histórias voltadas para esse grupo (seja no formato das revistas e posteriormente como livros), trata-se de Ficção Científica como gênero. Todavia, se o autor não tem relação com essa comunidade, pertence ao *mainstream*.³¹

Com essa relação de dependência e público-alvo surgem diversos problemas em torno da oposição entre os termos (gênero vs *mainstream*), acarretando em várias implicações. Até o momento, destacamos que o uso do termo Ficção Científica nos Estados Unidos ao longo do século 20 envolve dinâmicas e disputas que narram tanto sua origem quanto justificam a formação e os contornos da comunidade. Esses elementos estão presentes nos teóricos mencionados anteriormente, que buscam escrever uma história abrangente. Conceitos como Ficção Científica, Fandom e pesquisadores não acadêmicos (ou amadores), mas especialmente o próprio gênero da Ficção Científica estão implicados nesse contexto. Optando por seguir no caminho indicado pelos trabalhos de Nicholls e Clute, encontra-se em Steven Hrotic uma definição do conceito de gênero Ficção Científica a partir do seu funcionamento:

²⁹ NICHOLLS, Peter, *Mainstream Writers of SF*, in: CLUTE, John; LANGFORD, David (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2021.

³⁰ *Ibid.*

³¹ Optou-se pelo neologismo *mainstream* como referência ao conceito utilizado por Andrew Lynch para os estudos voltados ao âmbito televisivo. Quando uma série é descrita como *mainstream*, isso significa que a sua audiência é ampla e não está limitada em um determinado grupo. O surgimento de produções Ficção Científica, Fantasia e Horror na primeira década do século XXI consolidam a ideia de “Telefantasia Qualidade”, um novo gênero que faz uso das estratégias comerciais voltadas para um público determinado e consegue ampliar isso para atingir um público mais amplo. Importando essa ideia para a nossa tese, visamos compreender como uma ideia de audiência específica se constitui em oposição ao *mainstream*, e como isso se relaciona com a inserção de uma nova audiência, os acadêmicos, nessa relação. LYNCH, Andrew, **Quality Telefantasy: How US Quality TV Brought Zombies, Dragons and Androids into the Mainstream**, London and New York: Routledge, 2022, p. 76, 153.

O gênero Ficção Científica se diferenciou do *mainstream* por meio de três mecanismos concêntricos: seja como produto de uma sociedade parcialmente limitada (o mundo ocidental anglófono e majoritariamente estadunidense), contido em um nicho isolado (por exemplo, fandom, mas também publicações especializadas etc.), e através da influência de 'designers inteligentes' (por exemplo, [Hugo] Gernsback, [John W.] Campbell).³²

Na compreensão de Hrotic, percebe-se que o foco anteriormente dado ao conteúdo individual dos textos, característico, por exemplo, daquilo que vimos nos manuais como estratégia para categorizar se uma história pertence ou não ao grupo, desloca-se para o contexto. Isto é, o gênero Ficção Científica se constitui como um produto dos atos coletivos e criativos de uma comunidade de indivíduos³³ e, portanto, os processos de discussão internos de interação se constituem como experiências que moldam a escolha do que vai ser consumido: o ponto de compra é um evento de seleção, em que as variantes (histórias, autores e editores) são enquadradas.³⁴

Entretanto, problematizamos que a definição dada por Hrotic trata de noções como comunidade, produção e interação como homogêneas. Um raciocínio que sugere a ideia da existência de um grupo que escreve, discute e reproduz um objeto seguindo regras pré-definidas pela comunidade. Assim, o gênero Ficção Científica surge como um efeito de tal dinâmica. Todavia, convém considerar que não é possível reduzir um conceito ao outro. Assim, as práticas do fandom integram o gênero Ficção Científica, mas também se correlacionam com elementos externos, como, por exemplo, a inserção da Ficção Científica. Ou, em longo prazo, a escrita historiográfica que categoriza (e periodiza) o grupo como tal em relação aos demais.

Lembrando, com isso, que não se deve perder de vista a relação entre interlocução e teoria. Em grande parte, os interlocutores da tese são, também, as referências teóricas para a escrita do trabalho. Indivíduos que estabeleceram uma

³² No original: "Genre science fiction is made distinct from mainstream through three co-centric mechanisms: as the product of a partially bounded society (English-speaking Western world, predominantly American), as contained within an isolated niche (e.g., fandom, specialty publishing, etc.), and through the influence of 'intelligent designers' (e.g., Gernsback, Campbell)." Tradução nossa. HROTIC, Steven, **Religion in Science Fiction: The Evolution of an Idea and the Extinction of a Genre**, London: Bloomsbury, 2014, p. 17–18.

³³ No original: "a product of the collective, creative acts of a community of individuals." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 18.

³⁴ No original: "experiences shape choice of what next to consume: the point of purchase is a selection event, in which less fit variants (stories, authors, and editors) are culled." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 22.

narrativa acerca de suas origens e trajetórias. O que, evidentemente, não diminui a força do argumento que exploramos. Ao contrário, a capacidade de estabelecer uma narrativa que esteja apta a levar em conta as práticas externas à própria definição é o que mais nos interessa.

Lerner, almejando conferir um sentido ao conflito entre os grupos, principalmente entre o espaço acadêmico e aqueles que estavam fora, produz uma generalização:

Assim, poucos fãs de Ficção Científica possuíam o treinamento nas técnicas de estudo literário, ou metodologia necessária [para abordar] a bibliografia das publicações acadêmicas; sequer tinham familiaridade com o mundo acadêmico que poderia tê-los capacitado a direcionar a sua produção acadêmica para os espaços de fórum apropriados. Embora dotado de riqueza, o conhecimento amador tinha sido publicado em fanzines antigas como *The Time Traveler*, *Science Fiction Digest*, *The Fantasy Fan* e *Fantasy Commentator*, espaços inacessíveis para qualquer pessoa que não estivesse envolvida, de alguma maneira, com o *fandom*; no entanto, dentro da comunidade de Ficção Científica, as informações circulavam de forma rápida.³⁵

Uma obra de cunho universitário, seja um artigo, dissertação ou tese, que se propõe a tratar da Ficção Científica, tem dois espaços diferentes de recepção. Por um lado, esse material passa pelo crivo de outros pares acadêmicos e, por outro, também pela comunidade externa. Contudo, conforme indicado por Lerner, no caso dos fãs, as ferramentas e recursos de um grupo não são compartilhadas com o outro.

Tal dinâmica gera um feedback discursivo. As revistas de Ficção Científica operam como veículo principal para a demarcação de barreiras e fronteiras, sugerindo uma posição de isolamento, entendido pela historiografia como um gueto. A comunidade dos fãs fomenta isso, criando um espaço que regula os fluxos por

³⁵ No original: "Thus, few if any science fiction fans were trained in those techniques of literary study or bibliographical methodology required for scholarly publication; nor had they the familiarity with the academic world which might have enabled them to direct their scholarly output to the appropriate forums. The wealth of amateur scholarship published in such early fanzines as *The Time Traveler*, *Science Fiction Digest*, *The Fantasy Fan*, and *Fantasy Commentator* was inaccessible to anyone uninvolved with *Fandom*; however, within the science fiction community information was exchanged expeditiously." Tradução nossa. LERNER, **Modern Science Fiction and the American Literary Community**, p. 89,90.

meio da dinâmica de produção e ocupação dos espaços: associações, eventos, editoras amadoras, bem como um vocabulário.³⁶

³⁶ Lembramos que não era incomum que um indivíduo dentro da comunidade viesse a ocupar e transitar entre posições. Um exemplo referencial foi o caso de Raymond A. Palmer, o qual, quando passou a ocupar a posição de editor da *Amazing Stories*, cedeu um espaço direcionado para a discussão e contato entre os colecionadores.

1.3 DINÂMICAS QUE ESTRUTURAM AS DISPUTAS PELA FICÇÃO CIENTÍFICA

Tendo em vista todo esse contexto, adentramos na materialização efetiva da Ficção Científica com a criação do periódico *Extrapolation* em 1959 por Thomas D. Clareson. O elemento diferencial deste novo meio acadêmico envolveu seu público-alvo: os acadêmicos vinculados aos departamentos de Inglês e que frequentam os eventos anuais da *Modern Language Association (MLA)*.³⁷

Originalmente, o título da *Extrapolation* carrega consigo a ideia de uma *Newsletter*, termo abandonado no fim da década de 1960 com o surgimento da *SFRA Newsletter*. A alcunha informativa, quando pensada no seu âmbito funcional, estendeu-se para a *SFS*, na medida em que o objetivo paralelo, a publicação de artigos, visava a chamada para novas contribuições, novas publicações, reimpressões, pedidos por referências bibliográficas, divulgação de eventos e assuntos correlacionados. Assim, os periódicos não se compunham estritamente de artigos ou resenhas. No mais, o processo de revisão pelos pares, tanto na *Extrapolation* quanto na *SFS*, não tinha uma indicação direta (algo que mudaria num momento posterior ao nosso recorte).

Com isso, sugerimos que, pelo menos entre 1959 e 1969, o processo de revisão e comentário do material submetido para a *Extrapolation* é realizado por Clareson. Um processo de edição que viria a causar problemas. Na década seguinte, a situação aparentemente não mudou. No caso da *SFS*, essa função foi ocupada por Suvin e Mullen.

A empreitada de Clareson em 1959 não foi um evento isolado. Kingsley Amis, escritor que conta com amplo reconhecimento do público mainstream, ministrou uma série de aulas na *Universidade de Princeton* sobre Ficção Científica. O conteúdo das discussões foi compilado e publicado no ano seguinte como *New Maps of Hell*, evento que, no nosso entendimento, contribuiu para chamar atenção para esse objeto. Para Amis:

³⁷ Optamos pelo termo periódico para traduzir como referência tanto o termo academic journal quanto scholarly journal.

Reconheço, atualmente, que as pessoas podem viver vidas felizes e úteis sendo completamente indiferentes a esta forma de escrita [Ficção Científica], mas o ponto sobre o vício serve para iniciar a investigação. Aqueles que optam por descobrir a Ficção Científica, suspeitando que ela fornece um novo ponto de vista para pesquisar a nossa cultura, deparam-se com confirmações dessa hipótese, e incidentalmente, ao menos espero que, amplo entretenimento, todavia é pouco provável que estes sejam capazes de compartilhar, ou mesmo compreender, a experiência dos viciados, que constituem a maioria esmagadora dos leitores de Ficção Científica e, para quem, naturalmente, o entretenimento não era incidental, mas essencial. Como acontece em qualquer vício, contraídos principalmente na adolescência, similar ao vício do jazz. Os dois, inclusive, compartilham muito e a sua coexistência no mesmo sujeito não nos causa surpresa.³⁸

O enunciado de Amis viabiliza traçar outras pistas para estabelecer os elementos intelectuais que compuseram o contexto de surgimento da *Extrapolation*. O autor, ao indicar uma relação entre a idade dos leitores e o gosto pelo objeto, formula um problema geral que remete a uma acusação costumeiramente feita contra a Ficção Científica ao reduzir ou negar o seu valor por se tratar de uma literatura para adolescentes.

Embora atualmente a literatura de fantasia voltada ao público jovem seja valorizada, principalmente pelo mercado do cinema na forma das adaptações, naquele contexto isso não ocorreu. Dentre os três editores, Clareson, Mullen e Suvin, pelo menos os dois primeiros têm esse perfil de fãs que entraram em contato com a Ficção Científica na infância ou juventude.

Quando somamos um contexto de fechamento da comunidade, tendo em vista que apenas os fãs podiam ter acesso, com a trajetória desses indivíduos, encontramos uma imagem diferente. Ao contrário de negar o valor da Ficção Científica por se tratar de algo lido por jovens, foi justamente por conta dessa inserção que o trabalho editorial e a inserção acadêmica foram viabilizados.

³⁸ No original: "Now I acknowledge that people can live out happy and useful lives in complete indifference to this form of writing, but the point about addiction is the one where investigation should start. Those who decide that they ought to "find out about" science fiction, suspecting that it furnishes a new vantage point from which to survey "our culture," will find much to confirm that suspicion and also, I hope, much incidental entertainment, but they are unlikely to be able to share, nor even perhaps to comprehend, the experience of the addicts, who form the overwhelming majority of science-fiction readers, and to whom, naturally, entertainment is not incidental but essential. As is the way with additions, this one is mostly contracted in adolescence or not at all, like addiction to jazz. The two have much in common, and their actual coexistence in the same person is not unusual." Tradução nossa.

AMIS, Kingsley, **New Maps of Hell: A Survey of Science Fiction**, New York: Harcourt Brace & Company, 1960, p. 16.

O outro ponto relevante levantado por Amis diz respeito à prática de utilizar a Ficção Científica como uma ferramenta para diagnosticar a sociedade contemporânea. O que, em grande medida, diverge de uma visão do senso comum que trata dessa literatura como uma previsão do futuro. Embora essa ideia tenha sido pautada por Gernsback na década de 1920, logo foi posta de lado por Campbell.

Vimos que a historiografia da Ficção Científica reificou a polarização e diferenciação entre o gênero Ficção Científica e mainstream. Tal dinâmica faz parte da constituição de um discurso de origem. O grupo vinculado ao gênero Ficção Científica produziu um tipo de pesquisa que foi categorizado como amador pelos acadêmicos e a confluência desse processo serviu para narrar uma história acerca do objeto. Entretanto, a justificativa e a diferenciação feita entre profissionais e amadores foram produzidas para uma legitimação discursiva perante os acadêmicos. Todavia, esse fenômeno que identificamos nos manuais nem sempre foi uma narrativa vigente.

Uma proposta historiográfica divergente foi proposta por James Gunn na enciclopédia de Ficção Científica que editou e publicou em 1988. Antes de mais nada, a base que viabilizou a constituição da obra foi a bibliografia oriunda dos circuitos amadores:

Também temos uma dívida para com todo o trabalho bibliográfico e biográfico que precedeu este livro [a enciclopédia de Ficção Científica], desde os esforços esclarecedores de fãs como Bradford M. Day e Donald H. Tuck, bem como o trabalho, tanto inicial quanto tardio, de Everret F. Bleiler, das contribuições de Neil Barron, Thomas D. Clareson, Robert Reginald, Curtis C. Smith, William Contento, Charles N. Brown, Marshall B. Tymn, Mike Ashley, Hal Hall, a revista *Locus* e a *Science Fiction Chronicle*, bem como Peter Nicholls e a *The Science Fiction Encyclopedia*. Por causa desse conjunto de esforços, a nossa enciclopédia não precisou começar o seu trabalho do zero, e partiu destas contribuições como alicerce.³⁹

³⁹ No original: "We also owe a debt to all the bibliographical and biographical work that has preceded this book, from the enlightened efforts of fans such as Bradford M. Day and Donald H. Tuck through the work, early and late, of Everett F. Bleiler, up to the work of Neil Barron, Thomas D. Clareson, Robert Reginald, Curtis C. Smith, William Contento, Charles N. Brown, Marshall B. Tymn, Mike Ashley, Hal Hall, the science-fiction news magazine *Locus* and *Science Fiction Chronicle*, and Peter Nicholls and *The Science Fiction Encyclopedia*. Because of their efforts, this Encyclopedia did not have to start its work from the ground floor but could build on their foundations." Tradução nossa. GUNN, James, Editor's Foreword, in: GUNN, James (Org.), **The New Encyclopedia of Science Fiction**, New York: Penguin Books, 1988, p. VII.

Gunn deixa evidente que a sua enciclopédia é pensada como uma colaboração entre os pesquisadores amadores e profissionais. Isso se soma com a própria compreensão de Gunn sobre o gênero Ficção Científica:

No seu nível mais simples, a identificação do gênero [literário] é, afinal, parte de um longo processo de transmissão da ideia de um autor para uma imagem na cabeça do leitor – criação, aceitação, publicação, venda, consumo. O rótulo Ficção Científica tem como horizonte a prática de facilitar tanto para o livreiro quanto para o seu cliente: a indicação de qual posição na vitrine vai ocupar. Embora os autores não tenham, necessariamente, a preocupação acerca de qual categoria as suas obras vão ocupar (alguns na realidade tem: Isaac Asimov almejava a identificação de escritor de Ficção Científica; Kurt Vonnegut recusava), mas os editores e as editoras têm na medida que se almejava um numeroso público-alvo consumidor. Em um nível mais profundo, uma vez que o leitor tinha o livro em suas mãos, como Samuel R. Delany apontou, precisavam saber como ler aquilo. Todos os gêneros literários têm protocolos de leitura, incluindo a Ficção Científica. Diferente da ficção tradicional, que pode ser vista como uma literatura de continuidade, a Ficção Científica é uma literatura de descontinuidade: ela lida com um mundo que não é o mesmo que aquele da nossa realidade cotidiana, algo sempre marcado por alguma diferença fundamental. Enquanto a fantasia também é parte da literatura de descontinuidade, a Ficção Científica é uma literatura de mudança; fantasia é simplesmente a literatura da diferença.⁴⁰

A compreensão de Gunn é fomentada tanto pela obra de Amis quanto pelos trabalhos de Delany. Chamamos atenção para a distinção feita entre uma ampla tradição literária, citada como uma literatura de continuidade. A continuidade não tem como referência um cânon ou algo do tipo; ao contrário, esse conceito é utilizado para demarcar a relação com a realidade. Embora ficcional, obras como *A Carta Escarlata* (1850) de Nathaniel Hawthorne ou *Moby Dick ou a Baleia* (1851) de Herman Melville carregam uma ontologia realista, independentemente da posição

⁴⁰ No original: "At its simplest level, genre identification is, after all, part of the long process that turns an idea in the author's mind into an image in the reader's head—creation, acceptance, publication, sale, and consumption. The SF label is, in the end, a bookseller's and book purchaser's convenience: it tells the bookseller \ here to place the book in his shop, and the book buyer where to look for it. Authors may not care into what category their books are placed (although some do: Isaac Asimov wants to be identified as writing SF; Kurt Vonnegut does not), but editors and publishers do so as to call the books they publish to the attention of the appropriate readers and largest number of potential purchasers. But on a more profound level, once readers have the book in their hands, as Samuel R. Delany has pointed out, they have to know how to read it. All genres have reading protocols, including SF. Unlike traditional fiction, which can be seen as the literature of continuity, SF is the literature of discontinuity': it deals with a world that is not the same as our familiar world of everyday reality because of some significant alteration in that world. While fantasy is also part of the literature of discontinuity, science fiction is "the literature of change"; fantasy is simply "the literature of difference."." Tradução nossa. *Ibid.*, p. V,VI.

temporal do leitor. Na contramão, a descontinuidade na Fantasia e Ficção Científica pauta-se por alguma diferença ontológica em relação à realidade.

A diferenciação entre Fantasia e Ficção Científica não é, de imediato, um problema para os pesquisadores acadêmicos. Veremos, principalmente no caso de Claesson, que a sua compreensão integra as duas. Por outro viés, na *SFS* de Mullen e Suvin, desde o primeiro número lançado em 1973, apareceu um esforço intenso em diferenciar a Ficção Científica e a Fantasia. Foi, inclusive, tal cisão que veio a se tornar a norma no cenário de estudos.

Um exemplo disso é o capítulo de Roger Luckhurst para o *Cambridge Companion to The History of Science Fiction*, no qual o autor visa se aprofundar no interstício entre Ficção Científica, Fantasia e literatura gótica. Ali encontramos um retrato muito nítido acerca da hegemonia exercida por Suvin:

Pioneiro em sua crítica ao gênero Ficção Científica, Darko Suvin argumentou que a Ficção Científica não tinha qualquer relação com a literatura gótica, ele [Suvin] lançou, de forma implacável, as ciências contra a superstição, a lei natural contra as transgressões do sobrenatural, razão contra a magia, radicalismo expansivo contra o conservacionismo contrativo. Tais binaridades de Suvin reificaram que a Ficção Científica projetava um futuro a partir da extrapolação racional e cognitiva do presente, enquanto a literatura gótica tratava o presente como assombrado pelo passado da história mediante uma postura covarde e medrosa. O gótico, tal como foi entendido por Suvin, era um gênero literário inválido tanto conceitualmente quanto politicamente, denunciado como um delírio junto com a fantasia e os contos de fada e expulsos do Partido da verdadeira e rigorosa Ficção Científica.⁴¹

Encerramos este primeiro capítulo comentando alguns elementos da fala de Luckhurst que podem não ser imediatamente evidentes. Primeiramente, ele designa Suvin como um crítico do gênero Ficção Científica, uma noção que compreendemos, a partir deste capítulo, como algo que não se limita apenas à materialidade literária. Em segundo lugar, Suvin desloca a literatura gótica para fora da própria história da Ficção Científica, equiparando-a com a fantasia. No entanto, considerando a

⁴¹ No original: "For Darko Suvin, pioneer genre critic, SF was absolutely divorced from the Gothic, and he relentlessly pitched its science against superstition, natural law against supernatural transgression, reason against magic, expansive radicalism against contractive conservatism. Suvin's neat binaries insist that SF projects a future through rational, "cognitive" *Extrapolation* from the present, while the Gothic regards the present as haunted by the nightmare of history and cowers as it awaits its fearful returns. The Gothic was thus one of Suvin's politically and conceptually "invalidated" genres, declared "delusional" along with fantasy and fairy tales and expelled from the Party of properly rigorous SF." Tradução nossa. LUCKHURST, Roger, *Interrelations: Science Fiction and the Gothic*, in: CANAVAN, Gerry; LINK, Eric Carl (Orgs.), **The Cambridge History of Science Fiction**, Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 2.

importância de Suvin na construção do discurso historiográfico, questionaremos essa separação no próximo capítulo.

2 SCARBOROUGH, BIRKHEAD E LOVECRAFT: EXPLORANDO A INTERFACE ENTRE ACADÊMICA E AS REVISTAS

Estabelecendo uma continuidade em relação ao capítulo anterior, tomamos como ponto de partida a (re)construção da perspectiva historiográfica produzida por Clareson e reificada por outros teóricos acerca da Ficção Científica. Em particular, abordamos os casos de Dorothy Scarborough, Edith Birkhead e H. P. Lovecraft. Com isso, tecemos uma proposta narrativa que contextualizou esses três nomes.

Nos casos de Scarborough e Birkhead, percebemos que se enquadravam, ao menos em primeira vista, como pesquisadoras profissionais. O que nos interessou foi discutir como essas duas autoras vieram a influenciar Lovecraft, que, por sua vez, era uma figura externa ao espaço acadêmico, de forma tal que para a narrativa historiográfica representava a pesquisa amadora.

Adentramos com maior detalhe nos tentáculos de Lovecraft, visando pensar os seus trabalhos no interstício entre o horror, o gótico e a Ficção Científica. Uma vez que essa imagem mental é estabelecida, pudemos estruturar uma análise sobre o aspecto poroso e híbrido de Lovecraft, visto que ele transita do posto de amador para servir como referencial acadêmico ao lado de Scarborough e Birkhead.

Lovecraft serve como uma janela para comentar como a sua trajetória é viabilizada e configurada pela iniciativa de August Derleth, bem como de outros pesquisadores que estão inscritos sob as etiquetas de amador e profissional. Mediante essa empreitada, encontramos um cenário repleto de estudos, ensaios e artigos que vinculam perspectivas críticas e preparam o terreno para os debates que ocorrem na *Extrapolation* e na *Science-Fiction Studies*.

2.1 AS ORIGENS DA TRADIÇÃO CRÍTICA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Críticos acadêmicos de Ficção Científica nas décadas de 1940, 1950 e 1960, em geral, tinham o treinamento de *experts* em uma área específica da literatura inglesa – particularmente o Renascimento, o século 18 ou 19. Ao examinar a Ficção Científica, a tendência natural pautava por buscar exemplos do gênero nos períodos que tinham especialização, e com isso amarravam uma narrativa para construir uma grande tradição literária da Ficção Científica que culminavam nos melhores trabalhos do século 20. Para dignificar e validar o seu campo, eles se focam nos trabalhos mais famosos que poderiam reivindicar; [visando] encontrar os antecedentes que representam a Ficção Científica, as viagens imaginárias eram favorecidas dado que faziam parte da tradição aristocrática e refinada da literatura de viagem.⁴²

A afirmação acima, feita por Westfahl, revela que o processo de inserção da Ficção Científica na academia pautava-se pela construção de um discurso historiográfico amplo que, em sua superfície, visava conectar com algum outro eixo literário reconhecido. Somando isso com o que vimos no capítulo anterior, percebemos que essa invenção da tradição tinha várias camadas. Dentre estas estava uma menos evidente, mas nem por isso carente de importância, que dizia respeito à tradição teórica e crítica. No verbete escrito por Clareson e publicado na *The New Encyclopedia of Science Fiction* de Gunn, obra que já discutimos, detectamos uma defesa, bem como a construção de uma significação para o processo que vem ocorrendo dentro da *Extrapolation*:

⁴² No original: “Academic critics of science fiction in the 1940s, 1950s, and 1960s generally were trained to be experts in an established era of English literature—particularly the Renaissance, eighteenth century, or nineteenth century. Examining science fiction, they naturally tended to seek examples of the genre in their periods of specialization, and they tied those examples together to construct grand literary traditions of science fiction that would culminate with the best works of the twentieth century. To dignify and validate their field, they focused on the most distinguished works they could claim; as early representatives of science fiction, imaginary voyages were especially favored, since these were part of the genteel and aristocratic tradition of travel literature.” Tradução nossa. WESTFAHL, *On the Trail of a Pioneer: Dorothy Scarborough, the First Academic Critic of Science Fiction*, p. 293,294.

Com exceção dos esforços de indivíduos como J. O. Bailey (*Pilgrims through Space and Time*, 1947)⁴³, Marjorie Hope Nicolson (*Voyages to The Moon*, 1948)⁴⁴ e Philip Babcock Gove (*The Imaginary Voyage in Prose Fiction*, 1941)⁴⁵, a crítica acadêmica não realizou um estudo minucioso do campo até o final da década de 1950.⁴⁶

A despeito da postura dos departamentos citados por Gary Westfahl seja ilustrativa, a recusa desses departamentos revela aspectos ou fatores que indicam como um objeto de estudo se constitui e circula. Observa-se o âmbito da pesquisa concentrado na pós-graduação, resultando em dissertações, teses e artigos. Outra abordagem relaciona-se ao ensino, onde a necessidade de estabelecer um método ou proposta pedagógica é evidente. Além disso, a atitude punitiva⁴⁷ em relação à produção e publicação de textos literários de Ficção Científica é notável.⁴⁸

Dentre os três nomes citados por Clareson, não aparece nenhuma explicação do que impede, efetivamente, a criação do campo de estudos da Ficção Científica. Veremos, no terceiro capítulo, uma discussão mais detalhada sobre isso. A estratégia argumentativa de Clareson opta por outra abordagem e recua cronologicamente, citando outros nomes:

⁴³ BAILEY, James Osler, **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**, New York: Argus Books, 1947.

⁴⁴ NICOLSON, Marjorie Hope, **Voyages to the Moon**, New York: Macmillan Publishing, 1948.

⁴⁵ GOVE, Philip Babcock, **The Imaginary Voyage in Prose Fiction**, Columbia: Columbia University Press, 1941.

⁴⁶ No original: "With the exception of the efforts of such individuals as J. O. Bailey (*Pilgrims through Space and Time*, 1947), Marjorie Hope Nicolson (*Voyages to the Moon*, 1948), and Philip Babcock Gove (*The Imaginary Voyage in Prose Fiction*, 1941), formal academic criticism did not beign a close examination of the field until the late 1950." Tradução nossa. CLARESON, Thomas D., Scholarship, *in*: GUNN, James (Org.), **The New Encyclopedia of Science Fiction**, New York: Penguin Books, 1988, p. 397.

⁴⁷ Lembrando que citamos, anteriormente, o relato de Westfahl acerca da recusa feita por determinados departamentos de inglês ao permitir pesquisas relacionadas com a Ficção Científica.

⁴⁸ A menção ao processo de punição foi recorrente dentro da história da Ficção Científica, sendo Campbell um caso famoso. Ver: NEVALA-LEE, Alec, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, New York: Harper Collins, 2018.

Edith Birkhead escreveu *The Tale of Terror* (1920)⁴⁹, e Dorothy Scarborough incluiu um capítulo sobre H. G. Wells e seus contemporâneos em *The Supernatural in English Fiction* (1917)⁵⁰, mas esses primeiros historiadores literários olharam para além do gótico. Outros, como Vernon L. Parrington Jr., tocaram na Ficção Científica estritamente pelo contato desta com a tradição utópica.⁵¹

O argumento de Clareson contra Birkhead e Scarborough se fundamenta em sua afirmação de que, nem uma nem outra, pautaram por estabelecer uma ruptura entre a Ficção Científica e a literatura gótica. Essa independência é necessária e forneceu recursos para o comentário sobre Parrington, uma vez que não houve ali uma ruptura entre Ficção Científica e literatura utópica.

⁴⁹ BIRKHEAD, Edith, **The Tales of Terror: A Study of the Gothic Romance**, New York: E. P. Dutton, 1920.

⁵⁰ SCARBOROUGH, Dorothy, **The Supernatural in Modern English Fiction**, New York: G. P. Putnam's Sons, 1917.

⁵¹ No original: "No original: "Edith Birkhead had written *The Tale of Terror* (1920), and Dorothy Scarborough had included a chapter on H. G. Wells and his contemporaries in *The Supernatural in English Fiction* (1917), but these early literary historians looked back to the Gothic and beyond. Others, such as Vernon L. Parrington, Jr., touched on SF only as it dealt with the utopian tradition." Tradução nossa. CLARESON, *Scholarship*, p. 397.

2.1.1 Scarborough e a relação da Ficção Científica com o folclore.

Westfahl, no artigo *On The Trail of a Pioneer: Dorothy Scarborough*⁵², *The First Academic Critic of Science Fiction*, publicado na *Extrapolation* em 1999, direciona sua análise para compreender como a situação de Scarborough tem uma significativa complexidade.

Westfahl traça a trajetória de Scarborough visando salientar as dificuldades que ela enfrentou na academia. Destaca-se que o interesse original da autora estava voltado ao estudo do folclore presente na população negra dos Estados Unidos, porém esse objeto de pesquisa não foi aceito pela universidade.⁵³ Uma vez que isso é exposto, Westfahl afirma que não foi o objetivo da tese estabelecer uma ruptura

⁵² Dorothy Scarborough (1878-1935) nasce em Mount Carmel, Texas. Sua família muda-se em 1882 para Sweetwater, também no Texas, buscando um ambiente melhor para sua mãe, Mary Scarborough, que sofria de tuberculose. Conforme apontado por Pamela Lynn Palmer, essa experiência no oeste do Texas marcou Dorothy e refletiu em seu romance "The Wind". Em 1887, a família muda-se novamente, desta vez para Waco, visando a melhor localização para facilitar o acesso educacional tanto de Dorothy quanto de seus três irmãos. Desde jovem, Dorothy começa a publicar artigos e ensaios, inclusive na Universidade de Baylor. É nessa instituição que conclui o bacharelado em inglês em 1896, bem como o mestrado em 1899. Passa a ministrar aulas em diferentes escolas públicas, continuando seus estudos na Universidade de Chicago e, entre 1904 e 1916, atuando como instrutora de inglês na Baylor, onde foi responsável por desenvolver os primeiros cursos de jornalismo e escrita de histórias curtas no Sudoeste.

Em 1910, apesar de a Universidade de Oxford geralmente não aceitar mulheres na pós-graduação, Scarborough consegue se matricular como estudante. No entanto, para obter o doutorado, muda-se para a Universidade de Columbia, concluindo seus estudos em 1917. O resultado foi a tese que citamos ao longo deste trabalho: "The Supernatural in Modern English Fiction". Scarborough ingressa no quadro de professores de Columbia e mantém essa posição até seu falecimento, em 1935. Sua carreira se desenvolve voltada para a literatura, com a publicação de diversas obras: "Fugitive Verses" (1912); "From a Southern Porch" (1919); "On the Trail of Negro Folk-Songs" (1925); "A Song Cather in Southern Mountains" (1937). Além disso, foi responsável pela edição de várias coletâneas de histórias curtas, como "Famous Modern Ghost Stories" (1921); "Humours Ghost Stories" (1921); "Selected Short Stories of Today" (1935). Embora "The Supernatural in Modern English Fiction" tenha sido publicada comercialmente, foi "The Wind" que destacou Scarborough. Palmer indicou que originalmente esse livro foi publicado de forma anônima em 1925 pela Harper and Brothers e contou com um sucesso inicial de vendas. Todavia, quando foi revelado que a autora era uma mulher, as vendas caíram de forma drástica. Scarborough também escreveu uma trilogia voltada à indústria do algodão: "In the Land of Cotton" (1923); "Can't Get a Red Bird" (1929) e "The Stretch-berry Smile" (1932). Nesse conjunto de obras, a autora explorou o folclore e abordou questões raciais. Já em "The Unfair Sex" (1925-1926) e "Impatient Griselda" (1927), abordou as condições das mulheres no sul dos Estados Unidos.

Toda a nossa apresentação bibliográfica foi baseada no trabalho de Pamela Lynn Palmer. Nosso objetivo com esses quadros foi apresentar ao leitor um breve conjunto de informações biográficas. Tendo em vista o escopo e as limitações de nosso trabalho não foi possível se aprofundar nessas questões com maior detalhe. Ver: PALMER, Pamela Lynn, Dorothy Scarborough and Karle Wilson Baker: A Literary Friendship, *The Southwestern Historical Quarterly*, v. 91, n. 1, p. 19–32, 1987.

⁵³ WESTFAHL, On the Trail of a Pioneer: Dorothy Scarborough, the First Academic Critic of Science Fiction.

entre Ficção Científica e o gótico. Ao contrário, percebe-se um primeiro movimento em direção aos argumentos de Lovecraft, pois Scarborough abordou a Ficção Científica a partir de uma formação totalmente diferente - a de uma folclorista, uma estudiosa da cultura popular que, em uma civilização tecnológica, torna-se cultura de massa.⁵⁴

Embora a Ficção Científica tenha alcançado e consolidado espaço no âmbito dos estudos literários, a relação com a cultura popular não se resume apenas à posição de uma literatura sobre uma civilização com maior avanço e desenvolvimento científico. Um outro viés dessa relação, e, portanto, significativamente diferente, foi descrito por Lerner: os estudos sobre cultura popular ganharam força a partir da década de 1960. Nesse novo contexto, o papel da *Extrapolation* com o estudo da Ficção Científica contribuiu e serviu como um modelo para esse novo campo.

Ray Browne afirmou que o trabalho de Thomas D. Clareson, bem como de outros pesquisadores [profissionais] de Ficção Científica forneceu aos estudos de Cultura Popular uma substância que não teríamos de outra forma. Em troca, o movimento dos estudos de Cultura Popular forneceu aos estudantes de Ficção Científica uma nova arena na qual poderiam apresentar o seu trabalho para a comunidade acadêmica.⁵⁵

Quando somamos as propostas de Amis e de Scarborough, encontramos um elemento comum centrado na ideia da Ficção Científica como uma forma literária vinculada ao mundo moderno e ao imaginário dessa sociedade. Além disso, a inserção da Ficção Científica nas universidades fez parte da inserção de outro objeto - a cultura popular.

Clareson utilizou Scarborough como uma referência teórica em diversas ocasiões. Essa prática, na visão de Westfahl, permitiu a construção de uma narrativa de origem ou, como chamamos anteriormente, um discurso historiográfico. Westfahl aponta que:

⁵⁴ No original: “approached science fiction from an entirely different background – that of a folklorist, a scholar of the folk culture that in a technological civilization, becomes popular culture.” Tradução nossa. *Ibid.*, p. 294.

⁵⁵ No original: “Ray Browne has stated that the work of Thomas D. Clareson and other science fiction scholars gave Popular Culture Studies “a substance that we might not otherwise have had.” In return, the Popular Culture Studies movement has provided students of science fiction one more arena in which to present their work to the academic community.” Tradução nossa. LERNER, **Modern Science Fiction and the American Literary Community**, p. 194.

[...] Clareson olhou para Scarborough e viu a si mesmo. Ao tentar descrever o que ela estava fazendo, acabou por descrever o que ele e seus pares estavam fazendo. Grupo que se concentrou em Wells, muito mais do que qualquer outro contemporâneo deste; bem como lutou para estabelecer a Ficção Científica como herdeira linear de formas literárias anteriores; eram eles que desejavam, de forma urgente, retratar a Ficção Científica como parte da tradição literária estabelecida. Mas Scarborough, examinando a Ficção Científica, na medida que fazia uma pausa prolongada em relação as vivências do folclore americano, não tinha aspirações semelhantes.⁵⁶

O trecho acima de Westfahl acerta ao apontar um tipo de projeção feita por Clareson sobre o que Scarborough fez (e o que deveria ter feito). Todavia, vimos durante a análise da historiografia que Wells, embora um dos principais, não foi o único autor estudado. Além disso, a noção da Ficção Científica como herdeira de uma tradição literária tinha uma complexidade muito maior. Inclusive, foi a partir da recusa, bem como no esforço em diferenciar a Ficção Científica e a literatura utópica, que parte significativa da *Extrapolation* se articulou na década de 1960, tema que abordamos com mais detalhes em capítulos subsequentes da tese.

Um ponto que destacamos para encerrar nosso comentário sobre Scarborough remonta ao caso de Samuel John Sackett, cujo trabalhos apareceram tanto na *Extrapolation* quanto na *Science-Fiction Studies*. Em 1960, além de atuar como coordenador do evento anual da *Extrapolation*, Sackett escreveu um artigo no qual defendeu uma outra forma de aproximar a Ficção Científica e o folclore. Embora nenhum modelo metodológico tenha ocupado uma posição exclusiva dentro dos estudos de Ficção Científica, a busca pela metodologia para construir uma análise foi um dos problemas recorrentes. A contribuição de Sackett foi aproximar a Ficção Científica com a abordagem que tinha sido proposta por Stith Thompson para o folclore.

⁵⁶ No original: "Clareson looked at Scarborough and saw himself. In attempting to describe what she was doing, he ended up describing what he and his contemporaries were doing. They were the ones who focused on the distinguished Wells far more than lesser contemporaries; they were the ones who struggled to establish science fiction as a "lineal descendant" of earlier forms of literature; they were the ones who urgently desired to portray science fiction as "part of the established literary tradition." But Scarborough, examining science fiction as part of an extended break from a lifelong study of American folklore, had no such aspirations." Tradução nossa. WESTFAHL, On the Trail of a Pioneer: Dorothy Scarborough, the First Academic Critic of Science Fiction, p. 295,296.

[...] um estudioso que se interesse por um conto [história] contendo um desses temas [*motif*] poderia, usando o índice, comparar o seu conto com, talvez, centenas de outros, permitindo levar em conta certas conclusões sobre o texto e a sua difusão, bem como o processo de variações e alterações que ocorre em narrativas vinculadas pela tradição oral.⁵⁷

O *motif*, termo que optamos por traduzir como tema, é um conceito utilizado por Thompson para descrever o elemento mais básico de uma história que se mantém ao longo de uma tradição, em relação ao restante do texto que se altera na medida que circula.⁵⁸ Thompson compilou centenas de histórias e estabeleceu quais os *motifs* presentes, produzindo obras de referência que facilitam a comparação. Sackett, por sua vez, sugere que tal prática seja adotada para abordar a Ficção Científica.

Com isso, percebemos mais uma relação possível entre o estudo acadêmico da Ficção Científica e o folclore. Na situação de Scarborough, vimos que o folclore, os estudos de Inglês, bem como a Ficção Científica, teciam relações a partir da convergência e do entendimento de que se tratava de uma literatura do imaginário popular. Essa noção foi desenvolvida por Amis, que enfatizou e defendeu a Ficção Científica pela sua capacidade crítica em relação ao presente, ou seja, uma sociedade marcada pelo desenvolvimento científico.

O que Sackett inseriu nesse diálogo foi, a partir dos estudos literários, uma proposta metodológica inspirada em Thompson, que tinha formação e atuava dentro dessa mesma área. Por fim, pudemos compreender melhor como esse movimento de transformação no pensamento, no qual Sackett se inscreveu, foi responsável e fomentou os estudos de cultura popular.

⁵⁷ No original: "Thus, a scholar who is interested in a tale containing one of these motifs can, by using the Index, compare his tale with perhaps hundreds of others and be led to certain conclusions about the history and diffusion of his tale as well as about the process of change and alteration that a story undergoes in the oral tradition." Tradução nossa. SACKETT, S. J., A Motif Index for Science Fiction?, *Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter*, v. 1, n. 2, p. 38, 1960, p. 38.

⁵⁸ THOMPSON, Stith, *Motif-Index of Folk-Literature*, Bloomington: Indiana University Press, 1955.

2.1.2 Birkhead e o terror como objeto

Diferentemente de Scarborough, que discutimos anteriormente, e de Lovecraft, que abordaremos na próxima seção deste mesmo capítulo, a quantidade de reflexões acerca de Edith Birkhead foi menor.⁵⁹ Todavia, isso não significou que seu trabalho fosse menos relevante. Ao contrário, foi a partir das contribuições de Birkhead que pudemos tecer e amarrar a relação, bem como as transformações, das posições de pesquisas amadoras e profissionais.

No caso de Scarborough, vemos que o seu interesse pela Ficção Científica está associado ao folclore. Já no caso de Birkhead, retomamos aquele ponto levantado no primeiro capítulo através do trabalho de Luckhurst, acerca da literatura gótica e o seu estatuto como objeto de pesquisa. Identificamos a posição de Birkhead a partir do que William Hughes demarca:

[...] pode ser indiscutivelmente uma das influências mais reconhecidas na formação do cânone gótico moderno, dado que seus 12 capítulos incluíram romances e romancistas que, atualmente, fazem parte do ensino e pesquisa contemporâneos do gênero literário gótico.⁶⁰

Notamos que Hughes opta pelo conceito de gênero para falar sobre a literatura gótica. Evidentemente que há relações, diretas ou indiretas, entre o gótico

⁵⁹ Edith Birkhead (1888-1951) nasce em Harrowgate, Yorkshire, e realiza sua formação básica na Liverpool High School, ingressando na University of Liverpool em 1906. Conclui o bacharelado em 1910, recebendo inclusive menção honrosa. O mestrado foi realizado em apenas um ano e defendido em 1911. Birkhead prossegue com seus estudos na mesma universidade, possibilitado pela obtenção da William Noble Fellowship, tanto entre 1916-1917 quanto entre 1917-1918. A confluência entre a pesquisa e a bolsa permitiu a escrita de *Tales of Terror*, publicado em 1920. Embora Birkhead seja pouco estudada em biografias, Douglas A. Anderson revelou que a obra foi resenhada de forma positiva por Virginia Woolf no *The Times Literary Supplement* de 05 de maio de 1921. Outra análise desse livro apareceu no consagrado *The New York Times Book Review*, assinada por Brander Matthews em 25 de setembro de 1921. Essas pistas sugerem que a trajetória e a obra da autora tinham relevância naquele momento. Além disso, a carreira de Birkhead como professora se desenvolveu na University of Bristol. Ou seja, tanto sua formação quanto sua atuação estavam distantes do cenário americano. A produção intelectual de Birkhead foi significativamente menor quando comparada com Scarborough e Lovecraft. Ver: BIRKHEAD, **The Tales of Terror: A Study of the Gothic Romance**; ANDERSON, Douglas A., **Edith Birkhead**, *Lesser-Known Writers*, disponível em: <<https://desturmobed.blogspot.com/2019/02/edith-birkhead.html>>.

⁶⁰ No original: “[...] may arguably be one of the most under acknowledged influences in the formation of the modern Gothic canon, in that its 12 chapters include the novels and novelists most frequently encountered in the teaching of, and research into, the genre today.” Tradução nossa. HUGHES, William, **Historical Dictionary of Gothic Literature**, Plymouth: Scarecrow Press, 2013, p. 122.

e a Ficção Científica. Todavia, o que Hughes estava prestes a designar diz respeito às obras de um outro grupo:

[...] Radcliffe, Lewis, Peacock e Austen, Birkhead também examinou as obras de Charles Robert Maturin, William Beckford, William Godwin, Sir Walter Scott, Lord Byron, John Polidori, Mary Shelley, Edward Bulwer Lytton, Robert Louis Stevenson e Rudyard Kipling. O livro considerou, também, o tema do vampire, o significado dos contos publicados na *Blackwood's Edinburgh Magazine* e, em um capítulo inovador sobre o gótico americano [abordou] as obras ficcionais de Charles Brockden Brown, Washington Irving, Nathaniel Hawthorne e Edgar Allan Poe. Sem qualquer dúvida essa pesquisa sobre o gênero [literário gótico] foi tão influente em sua época quanto, sessenta anos depois, teria a enciclopédia *The Literature of Terror* (1980) de David Punter.⁶¹

A Ficção Científica, representada pelo monstro de *Frankenstein*, e a literatura gótica sob o ícone de Drácula, relacionam-se ao longo da história de diversas maneiras. Isso não diz respeito apenas ao conteúdo, mas também ao veículo material. Um exemplo disso é justamente as revistas de Ficção Científica de Gernsback, que tiveram a sua origem na *Blackwood's Edinburgh* citada por Hughes. Todavia, o que a citação mobiliza é a distância temporal que separou a publicação de Birkhead e o efetivo início dos estudos acadêmicos sobre literatura gótica, que ganharam força a partir da década de 1980. Essa relação não é fruto do mero acaso, como veremos ainda nesse capítulo.

O viés teórico de Birkhead, que serviu de base para Lovecraft, direciona-se para a ideia de que o terror atende ao desejo humano de experimentar novas emoções e sensações, sem o perigo real.⁶² De acordo com a autora, o romance gótico se distancia da literatura ficcional realista por conta de uma diferença no teor emocional.

Tanto Birkhead quanto Scarborough mencionam Wells. Embora Birkhead não tenha, em seu horizonte analítico, a proposta de tratar a Ficção Científica como

⁶¹ No original: "Radcliffe, Lewis, Peacock, and Austen, Birkhead examines the works of Charles Robert Maturin, William Beckford, William Godwin, Sir Walter Scott, Lord Byron, John Polidori, Mary Shelley, Edward Bulwer Lytton, Robert Louis Stevenson, and Rudyard Kipling. The book also considers the motif of the vampire, the significance of the short stories published in *Blackwood's Edinburgh Magazine*, and, in a groundbreaking chapter on American Gothic, the fiction of Charles Brockden Brown, Washington Irving, Nathaniel Hawthorne, and Edgar Allan Poe. Arguably, this survey of genre was as influential in its day as the encyclopedic *The Literature of Terror* (1980) by David Punter (1949–) was to be some 60 years later." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 122,123.

⁶² No original: "[...] satisfies the human desire to experience new emotions and sensations, without actual danger." Tradução nossa. BIRKHEAD, **The Tales of Terror: A Study of the Gothic Romance**, p. 221.

um folclore moderno, seu argumento permite extrapolar tal aproximação. Isso porque Wells exemplifica uma possível relação entre o terror e o conhecimento científico, uma proposta posteriormente desenvolvida por Lovecraft.

Com tais informações apresentadas, percebemos que Scarborough e Birkhead estabeleceram um terreno que vinculava a literatura gótica e a constituição de seu estudo na academia. Esse viés está associado ao processo acadêmico que envolveu a Ficção Científica, e as barreiras entre um e outro nem sempre se apresentavam de forma clara.

Convergências entre a literatura gótica e a Ficção Científica são recorrentes e emergem nos estudos de Inglês, campo ocupado tanto por Scarborough quanto Birkhead e, posteriormente, pela *Extrapolation* e a *Science-Fiction Studies*. Essa recorrência não se restringe a uma única área. Ao contrário, vimos anteriormente que os estudos de cultura popular e da literatura gótica atravessaram as disputas pela Ficção Científica.

2.2 OS TENTÁCULOS DE LOVECRAFT

Birkhead está isolada no contexto acadêmico britânico, enquanto Scarborough, após encerrar o seu doutorado, direciona as suas propostas de trabalho para as produções literárias inseridas ou relacionadas com as vivências e o folclore vinculados geograficamente ao sul dos Estados Unidos. Lovecraft, por sua vez, ocupa uma posição central nas revistas americanas, sendo inclusive o autor mais influente do circuito organizado em torno da *Weird Tales*, que também se expande para um escopo mais amplo, adentrando efetivamente no gênero Ficção Científica.

Embora o verbete escrito por Claeson para a enciclopédia de Gunn não mencione Lovecraft, encontramos 36 menções ao autor nesse mesmo livro. Darrell Schweitzer, responsável pelo verbete sobre Lovecraft na enciclopédia, sugere a posição fronteira dos textos de Lovecraft, comparando-os com a proposta de Wells.

Virtualmente todo o trabalho de Lovecraft estava na fronteira com a Ficção Científica, mesmo que as explicações envolvam um mergulho na fantasia com o seu *Cthulhu Mythos* – a história de forças alienígenas ancestrais que outrora governavam a Terra e tentam retornar. Diretamente, as [histórias de] Ficção Científica são: *A Cor que Veio do Espaço* (*Amazing*, 1927), *Nas Montanhas da Loucura*, e *A Sombra fora do Tempo* (ambas na *Astounding*, 1936). *A Sombra fora do Tempo*, com a sua perspectiva arrebatadora e milenar, juntou obras de alto calibre como [por exemplo] *A Máquina do Tempo* de H. G. Wells [...] com uma ampla visão cósmica da Ficção Científica.⁶³

Entendemos que a ausência do nome de Lovecraft no verbete de Claeson é fundamentada pela ideia de falar sobre os acadêmicos que escrevem sobre Ficção Científica. Isso não significa que Claeson desconheça Lovecraft. Pelo contrário, veremos no quarto capítulo da tese que Lovecraft é mencionado tanto no artigo de

⁶³ No original: “Virtually all Lovecraft’s work is borderline S[ci]ence F[ic]tion, although his explanations often delve into the fantasy involved in his Cthulhu mythos – the story of ancient alien forces that once ruled the Earth and are trying to return. Explicitly S[ci]ence F[ic]tion are “The Colour out of Space” (in *Amazing*, 1927), “At the Mountains of Madness,” and “The Shadow out of Time” (both in *Astounding*, 1936).” “The Shadow out of Time,” with its sweeping, millennial vistas, ranks with H. G. Wells’s *Time Machine* [...] as one of the grand cosmic visions of S[ci]ence F[ic]tion.” Tradução nossa. SCHWEITZER, Darrell, Lovecraft, Howard P., in: GUNN, James (Org.), **The New Encyclopedia of Science Fiction**, New York: Penguin Books, 1988, p. 286.

1953⁶⁴ quanto na tese de 1956.⁶⁵ Além disso, desde o primeiro número em 1959, há espaço para artigos, ensaios e resenhas sobre Lovecraft dentro da *Extrapolation*.⁶⁶

Wolfe, diferentemente de Clareson, inclui Lovecraft dentro da narrativa historiográfica acadêmica mediante um argumento que posiciona o autor como um pioneiro na produção de uma crítica erudita, mas a partir de um posicionamento externo ao ambiente universitário. Isso ocorre porque Lovecraft não detinha nenhum tipo de formação acadêmica e a sua obra sequer era cogitada dentro dos departamentos de Inglês.⁶⁷

É possível que o trabalho crítico de maior importância tenha surgido nas primeiras publicações dos fãs que se preocuparam mais com a fantasia do que com a Ficção Científica. O longo ensaio de H. P. Lovecraft, *O Horror Sobrenatural na Literatura*, foi comissionado pela primeira vez para uma revista amadora de 1925 e, posteriormente, revisado para uma *fanzine* na década de 1930 (embora essa mesma *fanzine* tenha encerrado as suas atividades e o ensaio revisado e expandido foi publicado em 1939 na coletânea *The Outsider and The Others*, da [editora] Arkham House – fundava e sob comando de August Derleth, fã de Lovecraft). O ensaio de Lovecraft derivou de estudos anteriores e, assim como a sua ficção, era resolutamente excêntrica, e que levou para o *fandom* uma tradição que o próprio Lovecraft, sem qualquer dúvida, teria denominado entusiasticamente de estudo cavalheiresco, demonstrou-se com isso que obras de importância acadêmica poderiam emergir da comunidade das revistas *Pulp* e dos escritores-fãs [amadores].⁶⁸

A situação de Lovecraft, quando comparada com Scarborough e Birkhead, é diferente. Atualmente, há dezenas de livros, documentários, filmes, etc., sobre a vida do autor. Dentre esse numeroso conjunto, há pelo menos uma biografia que nos interessa, dado que foi resenhada dentro dos periódicos acadêmicos. Portanto, não apresentaremos um resumo da biografia de Lovecraft.

⁶⁴ CLARESON, Thomas D., The Evolution of Science Fiction, *Science Fiction Quarterly*, v. 2, n. 4, p. 85–108, 1953.

⁶⁵ CLARESON, Thomas Dean, *The Emergence of American Science Fiction: 1880-1915. A Study on the Impact of Science Upon American Romanticism*, University of Pennsylvania, Philadelphia, 1956.

⁶⁶ EMMONS, Winfred S., A Bibliography of H. P. Lovecraft, *Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter*, v. 3, n. 1, p. 2–25, 1961; EMMONS, Winfred S., Lovecraft as a Mythmaker, *Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter*, v. 1, n. 2, p. 35–37, 1960.

⁶⁷ WOLFE, *Critical Terms for Science Fiction and Fantasy. A Glossary and Guide to Scholarship*.

⁶⁸ *Ibid.*, p. XXV, XXVI.

Entretanto, o que nos interessa é a perspectiva intelectual do autor quando pensado em relação com a Ficção Científica e com a literatura gótica. Tal estratégia é necessária para compreender o que caracteriza o aspecto poroso, ou fronteiroço, de Lovecraft. Conceitualmente, viabilizamos uma discussão a partir do conceito de *Weird* que está no centro do ensaio mencionado.

No entendimento de Lovecraft, o *Weird* não é uma mera continuidade da literatura gótica, mas fruto de um encontro entre a experiência de horror e o conhecimento científico viabilizado pelas ciências modernas. O contato entre essas duas esferas ocorre em um cenário marcado por posturas reacionárias advindas das instituições e normas religiosas que negam a legitimidade da ciência, bem como a existência dos horrores cósmicos.

Lovecraft não é um autor de Ficção Científica, embora as suas histórias circulem no gênero. Um exemplo é *A Cor que Veio do Espaço*, publicada na *Amazing Stories* de 1927, que naquele momento permanece sob o controle editorial de Gernsback.⁶⁹ Outro caso é de Campbell, editor que se tornaria uma das principais referências literárias. Antes de atuar nas revistas, Campbell escreveu histórias e, uma delas, *Inferno Congelado*, foi impactada de forma significativa pelo pensamento de Lovecraft.⁷⁰ Mantendo no horizonte os horrores cósmicos, mas divergindo acerca do papel do herói e das ciências, Campbell reescreveu essa história e a publicou em agosto de 1938 na *Astounding* intitulada *Quem vem aí?* e, naquela ocasião, assinou com o pseudônimo de Don A. Stuart.⁷¹

Gernsback é responsável pela formação do gênero Ficção Científica, contribuindo para a constituição do grupo, viabilizando a comunicação entre os leitores, atuando como pivô na formação das associações e na realização dos primeiros encontros. Isso se soma ao papel de Campbell como central na Era de Ouro⁷² da Ficção Científica, tendo em vista o seu trabalho colocando em primeiro plano os nomes mais significativos do período, como Robert E. Heinlein, A. E. Van Vogt e Isaac Asimov. Assim como Gernsback é homenageado com a criação do Hugo Awards, Campbell inspira o prêmio *John W. Campbell Memorial Award for*

⁶⁹ LOVECRAFT, H. P., *The Colour Out of Space*, *Amazing Stories*, p. 556–567, 1927.

⁷⁰ STUART, Don A., *Who Goes There?*, *Astounding Science-Fiction*, v. 21, n. 6, p. 60–98, 1938.

⁷¹ NEVALA-LEE, *Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction*.

⁷² Convém lembrar que Lovecraft faleceu em março de 1937 e a edição que efetivamente marcou o começo da “Era de Ouro” foi a *Astounding* de julho de 1939.

Best Science Fiction Novel pelo Center for The Study of Science Fiction em 1973. Uma das definições mais concisas que encapsula esse processo é proposta por Russell F. Letson no verbete *The Future of Science Fiction* naquela mesma enciclopédia organizada por Gunn:

A perspectiva para a Ficção Científica, em sua totalidade, é otimista seja nos termos de audiência, número de publicações e vendas, mas não tão otimista quando o assunto é o desenvolvimento e melhorias no gênero. As pressões por diversidade indicam que a evolução vai depender dos exemplos dados pelos escritores, mas o campo não vai evoluir por conta das interações dentro do gênero. Os membros do *ghetto* evoluíram juntos, um escritor construindo a partir das conquistas de outro. Com as paredes do *ghetto* derrubadas, a população em geral está livre para caminhar pelas estranhas e maravilhosas ruas da Ficção Científica, mas o senso de unidade e irmandade vai desaparecer.⁷³

Todavia, um dos fatores que contribuem para afastar Lovecraft do gênero Ficção Científica é a postura problemática de Gernsback, responsável por postergar, por tempo demasiado, o pagamento pela escrita das histórias. Além do atraso, a quantia recebida por Lovecraft é significativamente menor do que o esperado. O autor, em resposta, apelidou Gernsback de Hugo o Rato.

Para além do elemento cômico, essa relação serve como ponte para pensar um problema enfrentado por Lovecraft e que, ao menos parcialmente, também se experimentava na Ficção Científica. A ideia de viabilizar a escrita da Ficção Científica para as revistas como uma profissão estava começando a dar os seus primeiros passos. Todavia, tal possibilidade se consolida apenas na década de 1960.

A questão financeira tem ampla importância e a situação precária da escrita de Ficção Científica é similar àquela descrita por Lovecraft em um relato para Natalie H. Wooley:

⁷³ No original: "The outlook for S[cience] F[iction] as a whole is optimistic in terms of audience, number of publications, and sales but not so optimistic in terms of the development and improvement of the genre. The pressures for diversity mean that evolution will be dependent on the examples of individual writers, that the field will not evolve from interactions within the genre. Members of the S[cience] F[iction] ghetto evolved together, one writer building on the accomplishments of another. With the ghetto walls down, the general population is free to stroll through S[cience] F[iction] strange and wondrous streets, but the sense of unity and brotherhood may disappear." Tradução nossa. LETSON, Russell F., *The Future of Science Fiction*, in: GUNN, James (Org.), **The New Encyclopedia of Science Fiction**, New York: Penguin Books, 1988, p. 191.

[...] não se preocupe [em escrever] ficção *Weird*, a menos que você sinta, genuinamente, uma inclinação para tal. É, certamente, o mais difícil de todos os materiais para comercializar profissionalmente, e o círculo daqueles que realmente gostam e apreciam é desanimadoramente pequeno. A única razão pela qual escrevo é que, na prática, não consigo evitar – o estranho e a fantasia me fascinaram mais do que qualquer outra coisa (exceto, talvez, o antiquarismo em geral, expresso na arquitetura e em outros remanescentes glamurosos do passado [...] é praticamente o único campo em que tenho algo a dizer ficcionalmente – portanto, minha restrição a ele dificilmente é uma questão de escolha). A demanda pela ficção *Weird* é mínima, e nos níveis literários mais altos se entrelaçou com convenções e restrições especiais, fazendo com que o escritor espontâneo, e pouco convencional, não tenha chance. Repetidas vezes, alguns editores pediram para ver minhas coisas com o interesse de publicar livros, mas depois devolveram o material com notas polidas cercadas de arrependimento. Recebi um pedido desses da editora Knopf e enviei sete dos meus melhores contos – mas sei muito bem que eles voltarão para casa no final.⁷⁴

A temática do mercado é central para compreender o nosso objeto de pesquisa, seja pelo viés autoral, editorial ou mesmo pelo âmbito dos direitos autorais. Todavia, abordar exclusivamente esse ponto demanda realizar o levantamento de uma série documental que está fora do nosso escopo. Embora, ocasionalmente, tanto a *Extrapolation* quanto a *Science-Fiction Studies* indiquem os seus respectivos valores, tais dados não são suficientes para construir uma análise. Isso porque, tal como foi o caso de Lovecraft, a venda de uma história para uma revista era o objetivo de um autor e aquilo que viabilizava o seu sustento. Já os acadêmicos que escrevem para os periódicos não dependem daquela publicação para sobreviver.

Portanto, novas linhas de investigação dentro desse problema devem considerar que uma análise futura que tenha interesse em tratar da relação entre mercado e academia deverá buscar conjuntos de fontes externas aos periódicos, dado que os dados da *Extrapolation* e da *Science-Fiction Studies* revelaram pouco

⁷⁴ No original: “[...] don’t bother with weird fiction at all unless you feel a genuine inclination toward it. It is the most difficult of all materials to market professionally, and the circle of those who truly enjoy and appreciate it is always discouragingly small. The only reason I write it is that I virtually can’t help it – weirdness and phantasy have fascinated me more than anything else (except perhaps antiquarianism in general, as expressed in architecture & other glamorous survivals of the past ever since I could walk or talk. It is virtually the only field in which I have anything to say fictionally – hence my restriction to it is scarcely a matter of choice). The demand for weird fiction is always faint and narrow, and on the higher literary levels is so interwoven with special conventions and restrictions that the spontaneous and unconventional writer has scarcely any chance. Again and again, I have had some publishers ask to see my stuff with a view to book publication and then fling it back with a polite note of regret. Just now I’ve had such a request from the Knopf firm, and have seen in seven of my best tales – but I know very well that they will come straggling homeward in the end.” Tradução nossa. LOVECRAFT, H. P., **Selected Letters: 1932-1934**, Wisconsin: Arkham House, 1976, p. 232,233.

sobre o assunto. Além disso, a relação entre produção de texto e pagamento no espaço acadêmico não é equivalente ao que Lovecraft estava relatando

Assim, o que visamos com a mobilização da carta do autor é demonstrar um exemplo que representa um expressivo conjunto de autores (ou escritores), termos intercambiáveis nesse contexto, que passa por dificuldades financeiras. Todavia, quando pensamos nos nomes da Era de Ouro: Asimov, Heinlein, Hubbard etc., estamos diante de sujeitos que alcançaram reconhecimento para além das revistas, obtiveram sucesso financeiro com os seus trabalhos literários (ainda em vida). O caso mais extremo foi de Hubbard que, a partir das suas histórias, estabeleceu a religião Cientologia.⁷⁵

Retornando, mais uma vez, à carta de Lovecraft, percebe-se a menção à relação entre a literatura das *Pulps*, representada pela *Weird*, mas que também servia para a Ficção Científica, e a alta literatura. Abordamos esse problema anteriormente quando demarcamos a oposição entre a Ficção Científica como um gênero e a literatura mainstream. Além de demarcar que o processo de criação divergia e mobilizava normas diferentes, isso serviu como presságio para um problema futuro: o âmbito conceitual e metodológico necessário para trabalhar com esses textos, dado que os mecanismos dos estudos de Inglês surgiram e serviam para o mainstream.

Lovecraft, apesar da carência de formação, bem como a ausência de recursos (inclusive de roupas), se deparou com a obra de Birkhead e a tomou como a sua referência de pesquisa mais importante. Um ponto extremamente relevante foi levantado por Everett F. Bleiler ao notar que quase todas as referências de Lovecraft tinham sido extraídas do texto de Birkhead.⁷⁶ Todavia, Scarborough estava ausente e não foi citada nas versões iniciais do artigo. Uma situação que chamou atenção, pois, em edições posteriores, Scarborough foi mencionada, mas com pouquíssimo espaço. A pista que obtivemos para compreender a posição do autor foi uma carta de 06 de dezembro de 1927:

⁷⁵ Exploramos como a cientologia surgiu da dianética em nossa dissertação de mestrado. Para uma análise ainda mais detalhada recomendamos a obra de Nevala-Lee. Ver: NEVALA-LEE, *Astounding* - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction; BUSCH, Willian Perpetuo, *História da Ficção Científica nos Estados Unidos: do herói cientista de John W. Campbell ao herói antropólogo de Ursula Kroeber Le Guin*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

⁷⁶ BLEILER, Everett F., *The Guide to Supernatural Fiction*, Ohio: Kent State University Press, 1983.

Desconheço, até o momento, a existência de uma lista geral de literatura *Weird*. O romance gótico inicial foi tratado, de forma adequada, por Railo, Birkhead e Killen, mas as narrativas posteriores da fantasia ficcional permanecem sem um cronista, a menos que o tratado de Dorothy Scarborough (que eu não vi) seja melhor do que é relatado por aqueles que o viram.⁷⁷

Lovecraft, embora soubesse da existência da obra de Scarborough, não teve contato com o texto. Em um post para o blog *Deep Cuts*, Bobby Derie reconstrói a relação de Lovecraft com Birkhead e Scarborough usando como fonte as correspondências.⁷⁸ Derie cita uma carta de Donald Wandrei para Lovecraft que retrata uma opinião negativa sobre Scarborough:

A propósito, mexendo nas estantes da biblioteca da Universidade outro [dia], me deparei com *The Supernatural in Modern English Fiction*, de Dorothy Scarborough; não parece ser especialmente bom como monografia, mas menciona muitos livros e contos que não conheço.⁷⁹

O conteúdo dessa carta, embora revele uma possível influência acerca da opinião de Lovecraft sobre Scarborough, não esclarece qual foi a crítica de Wandrei. A mudança nessa postura é detectada por Derie em uma carta de Lovecraft para J. Vernon Shea em 31 de março de 1932.⁸⁰

⁷⁷ No original: “So far there is no general account of weird literature which I know of. The early Gothic novel has been adequately treated by Railo, Birkhead, and Killen, but the later fortunes of fictional fantasy remain without a chronicler unless the treatise of Dorothy Scarborough (which I haven’t seen) is better than it is reported to be by those who have seen it.” Tradução nossa. LOVECRAFT, H. P., **Selected Letters: 1925-1929**, Wisconsin: Arkham House, 1968, p. 208.

⁷⁸ DERIE, Bobby, **The Supernatural in Modern English Fiction (1917) by Dorothy Scarborough & The Tale of Terror (1921) by Edith Birkhead**, *Deep Cuts*, disponível em: <<https://deepcuts.blog/2021/05/26/the-supernatural-in-modern-english-fiction-1917-by-dorothy-scarborough-the-tale-of-terror-1921-by-edith-birkhead/>>.

⁷⁹ No original: “By the way, in looking through the bookstacks of the University library the other [day], I came across “The Supernatural in Modern English Fiction”, by Dorothy Scarborough; it does not seem to be especially good as a monograph but it mentions a great many books and tales which I do not know.” Tradução nossa. LOVECRAFT, H. P., **Letters with Donald and Howard Wandrei and to Emil Petaja**, New York: Hippocampus Press, 2019, p. 59,60.

⁸⁰ DERIE, **The Supernatural in Modern English Fiction (1917) by Dorothy Scarborough & The Tale of Terror (1921) by Edith Birkhead**.

Agradeço imensamente pelo livro de Scarborough, li com grande interesse e pretendo devolver via correspondência na primeira oportunidade. Foi muito gentil da sua parte me enviar. O material é realmente de grande valor, e eu fiquei muito feliz pela chance de ir afundo. Como você disse, as partes mais fracas se referem aos trabalhos mais recentes. A autora não mencionou M. R. James, e o desgosto pelas sugestões macabras de Machen é divertido. Algo parecido ocorreu por conta do esforço dela em equilibrar o deboche e a irreverência se tornaram um tanto quanto tensos à medida que segui na leitura. Não há nenhum conflito com o meu artigo pois o escopo e método do trabalho é completamente diferente. O livro não cobriu apenas o horror, mas todas as formas do sobrenatural, e incluiu o cômico, o rebuscado, bem como o grotesco e o terrível. No mais, o seu plano de desenvolvimento e o sistema de ênfase é completamente diferente. O que eu tentei fazer [no artigo] foi fornecer uma lista dos trabalhos mais relevantes contendo o horror sobrenatural; listando por período e autor, e categorizando a partir das suas qualidades mais fortes e méritos dentro de cada um dos campos. A doutora Scarborough, por outro lado, estava tentando traçar certos tipos de assunto e temas através da literatura de forma menos crítica – dado que o interesse estava nas menções, por menor que fossem, de quaisquer superstições pelos autores, passando a listar e explicar – mas não porque tenham um poder especial para influenciar as emoções. Esse sistema envolve um recorte radicalmente diferente, como você pode ver. A opção não foi pela cronologia, nem pelos livros mais importantes, Scarborough segue primeiro por uma linha temática, com subdivisões, e depois passa para outra – ou seja, fantasmas, demônios, vampiros, lobisomens, judeus errantes, metempsicose, alquimia, folclore, ciência etc. Ao longo desse sistema, ela [Scarborough] cita coisas tão fúteis e pálidas que dificilmente teriam qualquer importância para além do ponto de vista acadêmico. De qualquer forma, o livro é muito valioso. Sem dúvidas colocou em destaque muitos fatos essenciais e tendências, fazendo-o de maneira surpreendente, mantendo sua relevância quando comparado com outras obras.⁸¹

⁸¹ No original: “ Thanks tremendously for the Scarborough book, which I read with keen interest & am going to return the first moment I can get to a post office. It was certainly kind of you to send it. The material is really of great value, & I am immensely glad I had a chance to go through it. As you say, the weakest parts are those dealing with later work. The author does not mention M. R. James, & her prim distaste for Machen’s macabre suggestions is rather amusing. Likewise, her efforts to be continually jocose & flippant become a little strained as one reads on. There is no conflict with my article, because the scope & method of the work are entirely different. This book covers not only horror but all forms of the supernatural, & includes the comic & the lightly whimsical as well as the grotesque & the terrible. Also, its plan of development & system of emphasis is entirely different. What I am trying to do is give a list of especially notable works containing supernatural horror; listing them by periods & authors & allotting them notice on the basis of their strength & merit in the given field. Dr. Scarborough, on the other hand, is trying to trace certain types of subject-matter through literature in a less critical way—being interested in the mere mention of a certain superstition by an author, & listing items simply because they deal with such-&-such—not because they have a special power to influence the emotions. This system involves a radically different form of outline, as you see. Instead of going ahead chronologically & treating the most powerful books of each period, Scarborough follows first one stream of subdivided subject-matter & then another—i.e., ghosts, devil, vampire, werewolf, wandering Jew, metempsychosis, alchemy, folklore, science, &c. &c. In the course of this scheme she lists many things so pallid & inane that one can hardly think of their deserving a place except from the standpoint of academic scholarship. And yet, for all that it’s a valuable book. It certainly brings out many essential facts & tendencies amazingly well, & will bear comparison with anything else on this theme ever written.” Tradução nossa. LOVECRAFT, H. P., **Letters to J. Vernon Shea, Carl F. Strauch, and Lee McBride White**, New York: Hippocampus Press, 2016, p. 95.

Essa carta é fundamental para traçar a experiência de Lovecraft com a obra de Scarborough e, para além disso, adentrar no seu raciocínio acerca daquele material. Lovecraft, conforme vimos acima, chama atenção para a ausência da obra de M. R. James e da opinião negativa que a autora tinha sobre o trabalho de Arthur Machen.

É interessante que Lovecraft tenha demarcado a ausência de James, tendo em vista que se trata de um acadêmico inglês que, além de atuar como Vice-Chanceler na *Universidade de Cambridge* (1913-1915), é uma referência nas pesquisas medievalistas. Todavia, não foi a partir dos trabalhos acadêmicos que Lovecraft chegou até James. O caminho foi através das histórias de fantasmas publicadas por James a partir de 1904.

Entendemos que tal ausência é motivada pela concepção de Scarborough sobre os fantasmas e que não deixa espaço para James. Para Scarborough, o fantasma atua na literatura gótica como o verdadeiro herói, na medida em que a sua presença ofusca todos os outros personagens. Assim:

Os fantasmas do gótico. O fantasma é o verdadeiro herói ou heroína do romance gótico. Os personagens meramente humanos se tornam, para o leitor, monocromáticos e vazios, a partir do momento que um espectro desliza e revela o interesse em contar a sua história. A popularidade incessante das sombras fantasmagóricas na literatura pode ter sido fruto do fato de que a humanidade encontra no medo uma das emoções mais prazerosas e realmente aproveita os horrores sofridos, ou talvez seja resultado da empolgação infantil diante do sensacional.⁸²

A maneira como Scarborough caracteriza o fantasma se assemelha com aquela definição que vimos anteriormente dada por Lovecraft acerca da literatura *Weird*. Tanto uma quanto a outra servem como catalizadores para despertar o sentimento de medo nos leitores. Desse modo, entendemos a afirmação de Lovecraft acerca da compatibilidade entre o seu artigo e o pensamento de Scarborough. O autor aponta que a diferença se dá no aspecto metodológico e considera que o público-alvo de Scarborough é acadêmico.

⁸² No original: "The Gothic Ghosts. The Ghost is the real hero or heroine of the Gothic novel. The merely human characters become for the reader colorless and dull the moment a specter glides up and indicates a willingness to relate the story of his life. The continuing popularity of the shade in literature may be due to the fact that humanity finds fear one of the most pleasurable emotions and truly enjoys vicarious horrors, or it may be due to a childish delight in the sensational." Tradução nossa. SCARBOROUGH, *The Supernatural in Modern English Fiction*, p. 17,18.

2.3 CONSTRUINDO INTERPRETAÇÕES

No artigo *Cthulhu Ascendancy* de nossa autoria (no prelo), discutimos como Lovecraft estabelece uma rede de influências literárias a partir da *Weird Tales*. Não iremos repetir tal discussão, visando poupar a sanidade do nosso leitor. Nosso interesse é construído em continuidade com tal material, mas segue para um período posterior ao falecimento de Lovecraft.

Wandrei, aquele que estabeleceu um juízo de valor acerca da obra de Scarborough sem sequer ter lido, e August Derleth, criam a editora *Arkham House*. A partir dessa empresa, publicam a obra *The Outsider and The Others* (1939) que serve como um ponto de inflexão na medida em que compila várias histórias escritas por Lovecraft, a versão mais recente do artigo discutido anteriormente, e uma biografia do autor escrita por Derleth. A importância desse material, que não foi de forma alguma evidente para nós, é designada por Everett F. Bleiler:

The Outsider é o repositório da maior parte da ficção importante de Lovecraft e, mesmo além de seu valor considerável no mercado de livros raros, é um livro importante na história da ficção sobrenatural americana. O conceito de Lovecraft de Horror de Fora, que ele desenvolveu a partir do trabalho de Bulwer-Lytton, Machen e Hodgson, foi difundido na ficção americana posterior, enquanto muitos de seus motivos de história foram amplamente emprestados, geralmente em grande detrimento. Estes incluíram o chamado *Cthulhu Mythos* ou ciclo, e o *Necronomicon*. O conceito central do ciclo de Cthulhu é: Deixe os deuses adormecidos dormirem. Na Terra, em algum momento no passado, grandes e malévolas entidades governaram. No momento eles estão temporariamente banidos da Terra, ou presos aguardando a libertação. Ocasionalmente humanos imprudentes, para sua tristeza, os liberam ou os invocam.⁸³

A referência ao trabalho de Derleth como uma autoridade acerca da obra de Lovecraft foi, e permanece sendo, uma recorrência equivocada. Ressaltamos que Derleth adentrou, ao menos conceitualmente, na rede de Lovecraft, quando estabeleceu um ponto de conexão entre *O Retorno de Hastur*, publicado em março de 1939 pela *Weird Tales*. Inclusive, Derleth sugeria para Lovecraft que o conjunto de ideias deveria se chamar Mitologia de Hastur. Lovecraft rejeitou a ideia e respondeu que o *Cthulhuismo*, ou *Yog-SothoThery* não era algo que pertencia a

⁸³ BLEILER, *The Guide to Supernatural Fiction*, p. 332.

ele.⁸⁴ Na realidade, tratava-se de uma forma de teogonia/daimongonia herdada dos trabalhos de Bierce, Chambers e Machen.

Usando como plataforma *The Outsider*, Derleth passa a organizar as histórias de Lovecraft entre aquelas que pertenciam ao *Cthulhu Mythos*. O argumento afirma que os *Great Old Ones* têm uma essência maligna, ao mesmo tempo que se conectam com elementos naturais. Em oposição, os *Elder Gods* atuam pelo bem e fazem oposição aos horrores cósmicos. Ao mesmo tempo que tece tal dualidade, Derleth desconecta qualquer relação entre o *Cthulhu Mythos* e as religiões cristãs, bem como defende que tudo isso está inserido dentro de um projeto de Lovecraft planejado e executado de forma consciente e intencional. Exatamente o oposto do que Lovecraft tinha dito. O resultado catastrófico disso é desenhado por Wolfe:

Durante boa parte do período pós-guerra, a estética Lovecraftiana - aldeias remotas e assombradas, estranhas famílias meio-humanas, livros proibidos e, acima de tudo, antigos deuses anciãos esperando para recuperar o mundo - ditou muitos dos termos pelos quais a ficção de terror seria praticada em sua relativamente limitada arena literária, com autores como Fritz Leiber, Robert Bloch, Ray Bradbury e Richard Matheson se esforçando para introduzir um ethos urbano mais contemporâneo, enquanto o herdeiro mais direto de Lovecraft, de August Derleth a Brian Lumley e Ramsey Campbell expandiu sobre o ocultismo cósmico de Lovecraft em histórias e romances que, pelo menos no começo, muitas vezes eram pouco mais que pastiches diretos.⁸⁵

Além de Derleth, outros pesquisadores começam a se aproximar da obra de Lovecraft. Entre 1945 e 1948, artigos de Matthew H. Onderdonk aparecem na *Fantasy Commentator* com a proposta de uma interpretação na qual as histórias de Lovecraft se constituem na convergência entre o sobrenatural, *Weird*, e a nostalgia pelo século 18, três elementos que se combinam com a expansão e o desenvolvimento do conhecimento científico. Nesse raciocínio, o sobrenatural escapa da explicação racional pois o conhecimento científico não conhece quais as regras que operam naqueles eventos (ou fenômenos).⁸⁶

⁸⁴ Diversas cartas de Lovecraft para autores que faziam parte do seu círculo de interlocutores sugerem uma visão negativa sobre a escrita e o pensamento de Derleth. Portanto

⁸⁵ WOLFE, Gary K., **Evaporating Genres - Essays on Fantastic Literature**, Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 2011, p. 26.

⁸⁶ JOSHI, S. T., **H. P. Lovecraft and Lovecraft Criticism - An Annotated Bibliography**, Kent: The Kent State University Press, 1981, p. 345.

George T. Wetzel publica no *Arkham Sampler*, revista sob o controle editorial de Derleth, uma breve nota sobre os modos adotados por Lovecraft para tratar da temática dos manuscritos perdidos. Posteriormente, em *Cthulhu Mythos: A Study*, Wetzel argumenta por uma visão similar àquela de Onderdonk, avançando e defendendo que Lovecraft é um escritor racionalista.⁸⁷

Tanto Clareson quanto Winfred S. Emmons mencionam Lovecraft em seus trabalhos acadêmicos.⁸⁸ A presença de Lovecraft nesses textos aparece de dois modos. O primeiro trata Lovecraft como uma referência teórica posta ao lado de Scarborough e Birkhead, isto é, como referências equivalentes. Prática que não é um caso isolado e continua sendo repetida em trabalhos mais recentes, como por exemplo o *Historical Dictionary of Gothic Literature* de William Hughes publicado em 2013.⁸⁹

A tese de 1952 defendida por Emmons utiliza Scarborough, Birkhead e Lovecraft como as referências intelectuais de base.⁹⁰ O estudo aborda uma temática vista como relevante e aceita pela academia, focando-se em Poe, Hawthorne, Bierce e Chambers, nomes de prestígio dentro da literatura inglesa. A inovação de Emmons consiste em argumentar que esses autores, representantes de uma aproximação realista, aproximam-se das histórias de horror reconhecendo a importância do elemento desconhecido, ao mesmo tempo que reagem aos ideais iluministas.

Colin Wilson em 1962 dispara contra Lovecraft argumentando que a escrita é ruim, alienada, pautada exclusivamente pelo vício em fantasias não-realistas e escapistas.⁹¹ Fritz Leiber, no ano seguinte, escreve um artigo para a *Shangri-L’Affaires* argumentando exatamente o oposto de Wilson. O principal interesse de Leiber não é defender Lovecraft perante os acadêmicos, mas dialogar com a comunidade de Ficção Científica. Para tal, estabelece uma análise centrada na relação de Lovecraft com a Ficção Científica mediante indicadores temáticos:

⁸⁷ WETZEL, George T., On the Cthulhu Mythos, *The Arkham Sample*, v. 1, n. 2, p. 48–49, 1948; WETZEL, George T., The Cthulhu Mythos: A Study, in: WETZEL, George T. (Org.), *Howard Phillips Lovecraft: Volume VI*, New York: SSN Publications, 1955, p. 18–27.

⁸⁸ CLARESON, *The Emergence of American Science Fiction: 1880-1915. A Study on the Impact of Science Upon American Romanticism*; EMMONS, Winfred S., *The Materials and Methods of American Horror Fiction in the Nineteenth Century*, Dissertation, Louisiana State University and Agricultural & Mechanical College, Louisiana, 1952.

⁸⁹ HUGHES, *Historical Dictionary of Gothic Literature*.

⁹⁰ EMMONS, *The Materials and Methods of American Horror Fiction in the Nineteenth Century*.

⁹¹ WILSON, *The Strength to Dream: Literature and the Imagination*, London: Gollancz, 1962.

cápsulas temporais, viagens no espaço, viagens no tempo e viagens no hiperespaço.⁹²

A porosidade de Lovecraft ganha, com isso, uma nova camada de significações. Wetzel e Onderdonk representam os pesquisadores amadores, tanto no quesito de formação intelectual quanto no espaço de publicação e discussão. Já Wilson e Leiber, embora também façam parte disso, elevam o debate para uma outra esfera. Isso porque ambos atuam e têm relevância como escritores. Emmons e Clareson representam a transição para um novo espaço, na medida em que o debate inclui referências acadêmicas (como Scarborough e Birkhead), somadas com análises que comparam e contrastam com escritores reconhecidos pela academia.

Comentamos anteriormente que *The Outsider* conta com uma biografia de Lovecraft redigida por Derleth. Embora breve e incompleta, esse texto se mantém como referência até 1975 quando Lyon Sprague de Camp publicou uma nova biografia de Lovecraft. Vários fatores contribuem para a rápida popularidade desse texto. Além de atuar como um dos principais escritores vinculados a Campbell, e, portanto, lado a lado com Asimov e Heinlein, Camp participou da criação e divulgação do *Al Azif* em 1973, uma versão falsa do *Necronomicon* que foi considerada por muitos como verdadeira.

Camp escreveu vários livros voltados para a divulgação científica com o intuito de desmontar diversas concepções equivocadas que circulavam. Entendemos que o caso do *Al Azif* escancarou a facilidade que existe para construir uma autoridade sobre um determinado autor ou obra. Embora Derleth tenha falecido em 1971, o alvo de Camp foi evidente.

A biografia de Camp sobre Lovecraft foi um sucesso imediato e dezenas de resenhas apareceram nas revistas, fanzines, na *Extrapolation* e na *Science-Fiction Studies*. A resenha de Clareson para a *Extrapolation* de maio de 1975 incluiu tanto esse livro quanto *The Science Fiction of Isaac Asimov*, de Joseph Patrouch Jr., publicada no ano anterior. Clareson afirma que:

⁹² LEIBER, Fritz, Through Hyperspace with Brown Jenkin, **Shangri-L'Affaires**, n. 66, p. 8–12, 1963.

[...] Lovecraft, como Tolkien, há muito tempo é o centro de um culto, o perigo de qualquer estudo biográfico reside principalmente na chance de que o autor idealize – branqueie – Lovecraft, explicando quaisquer peculiaridades e excentricidades como peculiaridades de gênio. Não é assim com L. Sprague de Camp, que, no mínimo, sai de seu caminho para sugerir que não entende completamente Lovecraft e que acredita que parte de sua obra, particularmente sua poesia, é de qualidade inferior. [...] O que de Camp fez, essencialmente, foi trazer ordem aos rumores e mitos que cercam o recluso de Provincetown. Para obter a abrangência e a objetividade necessárias, de Camp baseou-se fortemente nos escritos autobiográficos de Lovecraft e nos artigos publicados em vários periódicos amadores e, particularmente, em suas cartas. Em certo sentido, sempre que possível, ele permitiu que Lovecraft falasse por si mesmo.⁹³

Clareton destaca a importância do trabalho biográfico para organizar o campo de pesquisa e sua relevância na construção de estudos futuros. Valoriza o método empregado por de Camp, que utiliza dados autobiográficos como fonte, permitindo criar uma imagem autônoma de Lovecraft. De Camp rompe com a interpretação tradicional de Derleth sobre o *Cthulhu Mythos* e abre espaço para uma discussão sensível às condições de produção das histórias, negando a existência de uma visão unificada e intencional nas obras.

Por outro lado, Mullen, em 1975, na *Science-Fiction Studies*, expressa uma visão diferente. Ele questiona o público-alvo da biografia de Camp, limitado ao mercado juvenil, e aponta a falta de um vocabulário ou arcabouço conceitual para dialogar com pesquisadores profissionais. Mullen considera a relevância do texto de Camp pela ausência de outras opções disponíveis. Essas divergentes perspectivas fornecem um ensaio inicial para compreender as diferenças entre os periódicos acadêmicos.

Na discussão sobre a pesquisa de Camp e sua biografia sobre Lovecraft, Mullen e Clareson apresentam pontos de vista distintos. Enquanto Mullen critica a falta de qualidade na pesquisa de Camp, destacando a ausência de menções aos trabalhos acadêmicos sobre o autor e a ênfase excessiva na questão da unidade

⁹³ No original: “[...] Lovecraft, like Tolkien, has long been the center of a “cult”, the danger of any biographical study lay primarily in the chance that the author would idealize – would whitewash – Lovecraft, explaining away any idiosyncrasies and eccentricities as quirks of genius. Not so L. Sprague de Camp, who, if anything, goes out of his way to suggest that he does not fully understand Lovecraft and that he believes some of his work, particularly his poetry, to be an inferior quality. [...] What de Camp has done, essentially, is bring order to the rumors and myths surrounding the Provincetown recluse. To gain the necessary comprehensiveness and objectivity, de Camp has relied heavily upon Lovecraft’s autobiographical writings and articles published in various amateur journals and, particularly, upon his letters. In a sense, wherever possible, he has allowed Lovecraft to speak for himself.” Tradução nossa. CLARESON, Thomas D., *Studies of Lovecraft and Asimov, Extrapolation*, v. 16, n. 2, p. 125–129, 1975, p. 123.

textual, Clareson demonstra entusiasmo pelo trabalho, ressaltando sua relevância para organizar o campo de pesquisa e indicando que pesquisadores profissionais podem se beneficiar do material.

O debate entre os dois periódicos, *Extrapolation* e *Science-Fiction Studies*, se aprofunda com a resenha de *Roots of Horror in Fiction of H. P. Lovecraft* de Barton Armand. Clareson elogia a abordagem de Armand, que utiliza a história *Os Ratos na Parede* para identificar como os contos de horror de Lovecraft buscavam integrar a consciência do indivíduo com o mundo externo. Por outro lado, Fredericks critica Armand por sua falta de análise sobre o estilo e a qualidade da escrita de Lovecraft, enquanto Joshi defende o autor contra a categorização de Armand como um irracionalista, argumentando que há evidências que vão contra essa visão.

A discussão entre os dois periódicos também aborda questões literárias e históricas relacionadas a Lovecraft. Fredericks critica o estilo de escrita do autor, comparando-o a uma imitação precária do século 18, mas Joshi argumenta que essa crítica não leva em conta o contexto histórico em que Lovecraft escreveu suas obras.

Em resumo, o debate em torno da obra de Lovecraft e suas biografias revela divergências de opinião entre os pesquisadores amadores e profissionais, assim como distintas abordagens metodológicas na análise das obras do autor. Enquanto Clareson valoriza o trabalho de Camp e Armand por sua contribuição para o campo de pesquisa, Mullen e Fredericks apontam falhas em suas abordagens, buscando uma análise mais aprofundada do autor e de suas obras.

No que diz respeito ao aspecto literário, Fredericks critica o estilo de escrita de Lovecraft, afirmando que ele se assemelha a uma imitação precária do século 18. No entanto, Joshi rebate essa crítica, argumentando que é importante levar em consideração o contexto histórico em que Lovecraft escreveu suas obras.

O estilo de Lovecraft é, na verdade, um dos mais brilhantes de nosso tempo, repleto de metáforas hábeis, símiles, epítetos transferidos, zeugmas, anáforas e outros recursos encontrados nas formas mais elevadas de prosa poética. O Sr. Fredericks pode não gostar do estilo, e esta é sua prerrogativa; mas seu erro é supor que todas as pessoas inteligentes não deveriam gostar.⁹⁴

⁹⁴ No original: "Lovecraft's style is actually one of the most brilliant of our time-replete with skilful metaphors, símiles, transferred epithets, zeugmas, anaphoras, and other devices found in the

Ao escrever sua resenha, Joshi prontamente se identificou, mencionando seu trabalho editorial em obras como *H. P. Lovecraft: Four Decades of Criticism* e *H. P. Lovecraft and Lovecraft Criticism - An Annotated Bibliography*, que estavam sendo preparadas para publicação na época. Além disso, ele lembrou sua co-fundação do periódico *Lovecraft Studies* junto com Marc Michaud, o qual teve uma circulação contínua entre 1980 e 2005. Essa contextualização serviu para situar sua posição como um estudioso comprometido com a análise e promoção da obra de Lovecraft.

highest forms of poetic prose. Mr Fredericks may not like the style, and this is his prerogative; but his mistake is in assuming that all intelligent people ought not to like it". Tradução nossa. JOSHI, S. T., In Defense of Lovecraft, *Science-Fiction Studies*, v. 7, n. 1, p. 111–112, 1980, p. 111,112.

3 TRAÇANDO A RECEPÇÃO DAS OBRAS ACADÊMICAS PIONEIRAS NA *ASTOUNDING* ATRAVÉS DAS RESENHAS

Neste capítulo, abordamos Philip B. Gove, Marjorie Hope Nicolson e James O. Bailey, nomes que representam uma postura pioneira dentro da historiografia dos estudos de Ficção Científica. Avançando a discussão, levamos em consideração a perspectiva de Clareson sobre esses personagens.

O primeiro objetivo que almejamos é correlacionar esse debate com a narrativa montada em torno da oposição entre pesquisadores profissionais e amadores. Isso é feito levando em consideração a recepção dos trabalhos de Nicolson e Bailey na *Astounding*, revista editada por John W. Campbell Jr., e que conta com duas resenhas redigidas por Willy Ley.

O resultado desse cruzamento permite traçar um contraste entre a recepção positiva explicitada pela postura de Ley tendo em vista o trabalho de Nicolson e a crítica negativa e brutal em sua análise de Bailey. Diferente da mutabilidade de Lovecraft discutida no capítulo anterior, a análise e o comentário sobre a recepção desses autores na *Astounding* demonstram que a atitude da comunidade não se pautou pela rejeição imediata das obras acadêmicas.

O segundo objetivo do capítulo é construído de forma indireta visando mapear qual é o conjunto de fatores, externos e internos, que contribuiriam para a individualização desses nomes como figuras pioneiras. Para tal, fazemos rápidas e breves incursões nas trajetórias biográficas com o intuito de extrair essas pistas.

3.1 DA VIAGEM IMAGINÁRIA ATÉ O DICIONÁRIO WEBSTER

The Imaginary Voyage in Prose Fiction (1941) de Gove⁹⁵ é uma das obras citadas como pioneiras, mas raramente é discutida. O estudo de Hassler, que serve como referência para este capítulo, argumenta que um dos fatores diferenciais na atitude de Gove está vinculado à expansão dos estudos literários.

Assim, o texto de Gove conta com os elementos metodológicos necessários para atender às demandas acadêmicas, bem como demonstra as intensas esperanças e suposições 'idealistas' desses pioneiros acadêmicos - suposições de que havia um 'novo' gênero para estudo no horizonte.⁹⁶ A proposta de Gove é tanto uma história da crítica quanto uma lista comentada de textos de viagens iniciais, fornecendo uma base para viabilizar a definição da narrativa de viagem imaginária.⁹⁷

O que interrompe, ao menos temporariamente, a carreira intelectual de Gove é a Segunda Guerra Mundial. Quando retorna, em 1946, ele assume a posição de editor-chefe do *Webster's Third New International Dictionary of English*, na *Merriam-Webster*. Assim:

Ele [Gove] ingressou na Marinha dos Estados Unidos da América para combater o inimigo fascista e retornou dessa luta um alto oficial (tenente-comandante). Quando voltou como veterano, acabou com o corte na floresta da particularidade. Em vez disso, ele voltou, como Johnson, para o trabalho geral do Dicionário.⁹⁸

⁹⁵ Philip Babcock Gove (1902-1972) nasce em Concord, New Hampshire. Estuda em escolas públicas, seguindo para Dartmouth College, onde conclui a graduação em 1922. Ele dá continuidade aos seus estudos em Harvard, obtendo o mestrado em 1925 e o doutorado em 1941 pela Columbia. Atua como instrutor de inglês no Instituto Rice (atualmente Universidade Rice) entre 1924 e 1927, seguindo para a *Universidade de Nova York*(NYU), onde trabalha entre 1927 e 1942. Suas primeiras publicações acadêmicas vêm do período entre 1939-1940, quando passa um tempo na Inglaterra com financiamento obtido através da *William Bayard Cutting Fellowship*. Entre 1942 e 1946, ele atua na marinha americana, alcançando o posto de tenente-comandante. Ainda em 1946, assume a posição de editor assistente na G. & C Merriam em Springfield e é promovido a editor-administrativo em 1952 e a editor-chefe em 1961. Ele participa ativamente de várias instituições, como a *MLA*, *American Dialect Society*, *Linguistic Society of America* e *National Council of Teachers of English*.

⁹⁶ No original: "it demonstrates the intense hopes and 'idealist' assumptions of these academic pioneers-assumptions that there was a 'new' genre for study on the horizon." Tradução nossa. HASSLER, *The Academic Pioneers of Science Fiction Criticism, 1940-1980*, p. 217.

⁹⁷ No original: "is both a history of criticism and an annotated checklist of early voyage texts, is to provide a groundwork of definition for the imaginary voyage narrative." Tradução nossa. *Ibid.*

⁹⁸ No original: "He [Gove] joined the U.S. Navy to fight the fascist enemy and returned from that fight a high officer (lieutenant commander). When he came back a veteran, he had done with the hacking away at the forest of particularity. He turned instead, Johnson-like, to the "general" work of the Dictionary". Tradução nossa. *Ibid.*, p. 223.

Noutras palavras, o que Hassler sugere é que o trabalho pioneiro feito por Gove em 1941 é movido por uma energia jovial e direcionada à exploração de um novo campo.⁹⁹ No pós-guerra, ele se desloca para o trabalho no dicionário que, por si só, já ocupa a maior parte do seu tempo e da sua carreira. No extenso e detalhado estudo feito por Herbert C. Morton acerca de Gove e do seu trabalho no dicionário, é comentado que:

A opinião do *establishment* parecia esmagadoramente a favor da rejeição do *Webster's Third*, que foi categorizado como um documento revolucionário que viria a corromper nosso discurso e minaria as nossas tradições culturais. O temperamento da época e a hipérbole das forças atacantes deram a impressão de que nossa decisão e a de outros leitores e escritores cultos poderiam determinar o futuro da língua inglesa, senão de nossa cultura nacional.¹⁰⁰

O dicionário de Gove tem sua primeira edição publicada em 1961. Essa informação é relevante, pois a partir dela podemos compreender um pouco melhor como a situação dos estudos de inglês experimenta um momento de engessamento. Se essa é a atitude perante um dicionário, a ideia de estudar Ficção Científica possivelmente não é melhor. É nesse contexto que veremos como Claeson mobiliza aliados dentro da *MLA*. Podemos interpretar que a iniciativa de Gove serve como um tanque que gera tamanha ameaça e captura toda a atenção de seus críticos, de forma que não percebem o dano que a *Extrapolation* virá a causar.¹⁰¹

Dos três nomes citados como pioneiros, encontramos apenas um comentário sobre o livro de Gove, de maneira que é possível que tenha passado despercebido pela maior parte da comunidade. A única resenha apareceu na *Futurian War Digest* de agosto de 1944 e foi escrita por R. George Medhurst. Nessa revista, que na realidade se tratava de uma *fanzine* (portanto, um público ainda mais

⁹⁹ WOOLF, Henry Bosley, Philip Babcock Gove: 27 June 1902-16 November 1972, **American Speech**, v. 45, n. 3-4, p. 163-164, 1970.

¹⁰⁰ No original: "Establishment opinion seemed overwhelmingly in favor of rejecting Webster's Third, which was portrayed as a revolutionary document that would corrupt our speech and undermine our cultural traditions. The temper of the time and the hyperbole of the attacking forces fostered the impression that our decision and those of other educated readers and writers might well determine the future of the English language, if not our national culture." Tradução nossa. MORTON, Herbert C., **The Story of Webster's Third: Philip Gove's Controversial Dictionary and Its Critics**, Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. XI, XII.

¹⁰¹ A estratégia da utilização de um "tanque" que captura e desvia a atenção do inimigo e, com isso, viabilizando que os seus compatriotas ataquem é a base na qual os jogos *MMORPG* operam.

restrito), foi vinculada a opinião de que essa é a contribuição de maior valor que apareceu advinda das universidades americanas.¹⁰²

The Imaginary Voyage in Prose Fiction ganhou uma nova edição em 1975, viabilizada pela *Arno Press*. A editora lançou uma importante série intitulada *Science Fiction*, que circulou entre 1974 e 1975. Diversas obras, tanto ficcionais quanto teóricas, integraram-na e, entre elas, *Visions of Tomorrow*¹⁰³, de David Samuelson e *New Maps of Hell*¹⁰⁴, de Kingsley Amis.

¹⁰² No original: “[...] this is the most valuable contribution that has so far appeared from the American Colleges.”. Tradução nossa. MEDHURST, R. George, Review: The Imaginary Voyage in Prose Fiction by Philip Babcock Gove, *Futurian War Digest*, v. VI, n. 3, p. 5, 1944, p. 5,6.

¹⁰³ SAMUELSON, David N., **Visions of Tomorrow: Six Journeys from Outer to Inner Space**, New York: Arno Press, 1975.

¹⁰⁴ AMIS, **New Maps of Hell: A Survey of Science Fiction**.

3.2 PEREGRINOS PELAS ESTRELAS

Bailey adentra o debate acadêmico em 1942, quando publica um artigo na *American Literature* sobre a obra *Symzonia: Voyage of Discovery* de 1820. Em síntese, trata-se de uma narrativa que relata como uma expedição liderada pelo Capitão Seaborn visa explorar o centro da Terra.¹⁰⁵

A teoria que fomenta e embasa essa empreitada ficcional é a da Terra Oca, defendida no século 19 por John Cleves Symmes, Jr (1780-1829). Symmes afirma que a parte interna do planeta é composta por esferas concêntricas e passíveis de serem acessadas a partir dos polos. O desenvolvimento do conhecimento científico descarta essa teoria. Todavia, o que Bailey chama atenção (nesse sentido, um precursor de Claeson) é que mesmo que a teoria tenha sido falseada, isso não impede que ela permaneça no imaginário popular.

O desenvolvimento desse argumento é a base para a escrita de *Pilgrims through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction*. Nesta obra, a Ficção Científica surge na intersecção entre a concepção de invenções maravilhosas (e seu impacto social) com a descrição de aventuras em mundos estranhos.

A história da Ficção Científica costuma se tratar de uma aventura em um mundo estranho ou aborda a invenção de uma máquina maravilhosa; frequentemente ambos são combinados. Em diversas aventuras em mundos estranhos, aspectos similares desse mundo são observados; uma repetição constante. Esse mesmo modo se repete nas invenções imaginárias, com as experiências ocorrendo e se repetindo.¹⁰⁶

¹⁰⁵ James Osler Bailey (1903-1979) nasce em 12 de agosto em Raleigh, na Carolina do Norte. Conclui o bacharelado em 1924 e o mestrado em 1927, na Universidade da Carolina do Norte. Trata da obra de H. G. Wells em sua dissertação, mas constrói sua carreira em torno das obras de Thomas Hardy, bem como sobre o período vitoriano. Atua brevemente como professor assistente no Wofford College, em Spartanburg, Carolina do Sul. Em 1927, assume como instrutor na Universidade da Carolina do Norte, instituição na qual conclui o doutorado em 1934. Ver: BUSCH, **História da Ficção Científica nos Estados Unidos: do herói cientista de John W. Campbell ao herói antropólogo de Ursula Kroeber Le Guin**.

¹⁰⁶ No original: "The story of a piece of scientific fiction is ordinarily that of an adventure into a strange world or that of the invention of a wonderful machine; frequently the two are combined. In numerous adventures into a strange world, similar features of this world are observed; the same thing happen. Likewise, in stories of imaginary invention, the same experiences recur again and again." Tradução nossa. BAILEY, James Osler, **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction (Reprint Edition)**, Westport: Greenwood Press, 1972, p. 216.

O texto de Bailey, que em 1970 se torna o primeiro *Pilgrim Award*, fornece aos pesquisadores uma base teórica e metodológica que permite a análise e estudo da Ficção Científica. Isso é possível pois Bailey apresenta um panorama histórico no qual as recorrências viabilizam um processo de comparação.

Tendo esclarecido qual é a proposta de Bailey, seguimos para a sua recepção nas revistas de Ficção Científica. Isso ocorre em dois momentos: a primeira série de resenhas circula entre 1945 e 1948, enquanto a segunda ocorre entre 1972 e 1973. Em referência à primeira série, utilizamos os textos de Francis T. Laney para contextualizar e, na sequência, focamos a discussão na resenha que consideramos mais importante, pois é feita por Willy Ley na *Astounding Science Fiction*. Já no segundo recorte, abordamos o comentário de Cy Chauvin, publicado na *Amazing Science Fiction*.¹⁰⁷

Alguns anos antes da resenha de Ley, outra forma de recepção (ou espera) aparece no *The Acolyte* de 1945, a partir de um comentário de Francis T. Laney.¹⁰⁸ Dois anos antes da publicação, aparece a informação de que o livro de Bailey está em processo de edição. Na ocasião, já conta com um ano de atraso. Além disso, Laney indica que outras publicações estão em andamento pela Argus e, entre elas, um estudo detalhado sobre Lovecraft, produzido por Derleth.

Tendo em vista essa expectativa, não causa estranheza que o livro desperte reações, na forma de comentários, após a publicação. A *Astounding*, sob o controle de Campbell e ocupa a posição central de destaque dentro do setor, se manifesta a partir de uma resenha feita por Willy Otto Oskar Ley. Resgatamos esse diálogo, pois entendemos que a resenha serve como ponto de contato entre aquilo que viria a se tornar a pesquisa profissional e a visão da comunidade representada pelo resenhista.¹⁰⁹

O conceito de pesquisador amador não significa, nesse caso, que o resenhista não tenha uma formação acadêmica. Ao contrário, Ley imigra da

¹⁰⁷ CHAUVIN, Cy, Book Review, **Amazing Stories**, v. 47, n. 12, p. 118–119, 1973.

¹⁰⁸ *The Acolyte* foi uma fanzine editada por Francis T. Laney e Samuel D. Russell, que circulou entre 1942 e 1946. Totalizando 14 números divididos em quatro volumes, o foco era mais voltado para o fantástico e para Lovecraft. Assim, compreendemos mais uma pista naquele processo de inserção do autor como uma referência para pesquisadores. Ver: **The Acolyte**, Fancyclopedia 3, disponível em: <<https://fancyclopedia.org/PSFS>>.

¹⁰⁹ Exploramos essa questão anteriormente em: BUSCH, **História da Ficção Científica nos Estados Unidos: do herói cientista de John W. Campbell ao herói antropólogo de Ursula Kroeber Le Guin**.

Alemanha para os Estados Unidos em 1935 por conta da ascensão do Nazismo. Em termos de formação, estuda na Friedrich-Wilhelms-Universität, atualmente Humboldt-Universität zu Berlin, vários campos do conhecimento científico como a Paleontologia, Zoologia, Física e Astronomia. Em 1936 é recrutado pelo governo dos Estados Unidos para supervisionar um projeto que visa utilizar foguetes para entregar correspondências.¹¹⁰

Ley circula no cenário da Ficção Científica ao mesmo tempo em que consolida uma posição de destaque na divulgação do conhecimento científico. Em 1944, publica *Rockets – The Future of Travel Beyond The Stratosphere*, que, conforme o título sugere, aborda o funcionamento dos foguetes e as possibilidades da exploração espacial.¹¹¹ Veremos no próximo capítulo que o foguete é um dos principais símbolos da Ficção Científica, e nesse caso específico da *Astounding*, indica a posição de autoridade de Ley.

A resenha de Ley sobre Bailey é ampla e tem o cuidado em demarcar a importância material e intelectual, bem como o contexto da estreia da editora *Argus Book*. O resenhista é sensível à trajetória de Bailey, mas, ao mesmo tempo, faz uso desta para categorizar uma definição geral: trata-se de uma composição feita por recortes oriundos, de um lado, da pesquisa de mestrado e, de outro, daquela resultante do doutorado.¹¹²

No entendimento de Ley, esse problema no formato da obra se soma à ausência de estilo na escrita: Dr. Bailey exemplifica categoricamente o [estereótipo] de um Doutor de Literatura desprovido de qualquer senso de humor.¹¹³ A ausência de humor aparentemente é uma crítica distribuída para a categoria, dado que vimos anteriormente que Gove foi criticado duramente pelo público acadêmico ao qual Ley se refere.

O conteúdo do livro de Bailey se restringe, no entender de Ley, aos autores mais famosos, ou, ao menos, àqueles que não demandam uma ampla defesa em relação a sua importância: Wells, Poe, Stapledon e Verne. Para piorar a situação,

¹¹⁰ *Ibid.*

¹¹¹ LEY, Willy, **Rockets, Missiles, and Space Travel**, New York: The Viking Press, 1954.

¹¹² LEY, Willy, Book Review, *Astounding Science Fiction*, v. 41, n. 1, p. 153–156, 1948.

¹¹³ *Ibid.*, p. 154.

Ley critica as citações escolhidas por Bailey, dado que elas não são oriundas de histórias significativas daqueles autores, mas de textos de menor importância.¹¹⁴

Desse modo, Bailey ignora outros nomes como Alexey Tolstoi (1883-1945), Kurd Lasswitz (1848-1910), Hans Dominick (1872-1945), bem como o cinema. Autores vinculados às revistas, como Asimov, Campbell, de Camp, Heinlein, sequer são mencionados. No mais, outro ponto que Ley contesta Bailey é a atribuição autoral sobre *Symzonia*. O resenhista pontua que a teoria da Terra Oca não é uma proposta original, mas algo recorrente ao menos desde Edmund Halley (1656-1742), nome que Bailey não cita e parece desconhecer.

Em 1972, uma nova publicação de *Pilgrims through Space and Time* é lançada pela *Greenwood Press*.¹¹⁵ A novidade é a inclusão de um prefácio escrito por Clareson, que serve como resposta às críticas feitas por Ley na década de 1940. Aquela carência de autores mencionada por Ley é respondida da seguinte maneira:

Alguns fãs das revistas especializadas em Ficção Científica sugeriram que o livro não deu qualquer atenção para essas revistas. Todavia, isso ocorreu por conta das complexas situações de escrita e publicação.¹¹⁶

Assim, o objetivo do livro de Bailey é demonstrar que a Ficção Científica é parte de uma tradição literária oriunda do Renascimento e das narrativas de viagem, e não algo isolado.¹¹⁷ A adição de H. G. Wells serve para discutir como a tradição do romance científico se desenvolveu no período que antecedeu o desenvolvimento dos dispositivos nucleares.¹¹⁸

Em reação a essa edição, uma resenha redigida por Cy Chauvin aparece na *Amazing Science Fiction* em 1973. Uma das constatações é que, efetivamente, o campo acadêmico tem interesse pela Ficção Científica. Tendo em vista que no

¹¹⁴ BUSCH, *História da Ficção Científica nos Estados Unidos: do herói cientista de John W. Campbell ao herói antropólogo de Ursula Kroeber Le Guin*.

¹¹⁵ BAILEY, *Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction (Reprint Edition)*.

¹¹⁶ No original: "Some aficionados of the specialized s[cience] f[iction] magazines have suggested that the book does not give sufficient attention to these magazines. That it does not give them more attention arises from a complex of circumstances involving its writing and publication." Tradução nossa. CLARESON, Thomas D., Foreword, *in: Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction (Reprint Edition)*, Westport: Greenwood Press, 1972, p. 1.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 2.

¹¹⁸ *Ibid.*

prefácio Clareson desarmou parte da argumentação de Ley, Chauvin opta pelo foco na inconsistência do estilo.

Bailey falha em fazer outra coisa que é muito mais importante: ele falha em nos dizer se algum desses livros que ele faz a sinopse vale a pena ler e, em caso afirmativo, por quê - ou se é melhor deixá-los esquecidos em alguma prateleira empoeirada. Possivelmente ainda pior, grande parte do livro é simplesmente leitura monótona: 190 páginas de sinopses de livros, seguidas por 135 páginas de sinopses cortadas, disfarçadas de análise, provavelmente não atrairão o interesse do leitor. Isso é uma pena porque o livro de Bailey contém muitas informações importantes. À medida que a Ficção Científica [...] gradualmente começou a sair de seu gueto e ganhar respeito, os leitores, escritores e fãs de f[icção] c[ientífica] se interessarão mais em descobrir as raízes da f[icção] c[ientífica]. [...] Se há algo a temer do crescente interesse acadêmico em f[icção] c[ientífica], é que a academia pode fazer com que todos nós fiquemos entediados com a discussão de f[icção] c[ientífica].¹¹⁹

Há vários elementos, ocorrendo simultaneamente, que chamam a nossa atenção. Um destes diz respeito às evidências vistas até agora que nos permitem questionar a existência de uma divisão entre pesquisadores profissionais e amadores. Isto é, não encontramos a existência de um sujeito com formação acadêmica que detivesse o saber sobre o objeto e outro meramente na posição de receptor. Ao contrário, as revistas reagem aos trabalhos acadêmicos, de modo que a categoria do pesquisador profissional é meramente funcional e serve para indicar a partir de onde se está falando.

¹¹⁹ No original: "Bailey fails to do something else that is much more important: he fails to tell us whether any of these books he synthesizes is worthy reading, and if so, why – or if they are better off left forgotten on some dusty shelf. Possibly even worse yet, much of the book is simply dull reading: 190 pages of book synopses, followed by 135 pages of chopped up synopses disguised as analysis, is not likely to hold a reader's interest. This is a shame because Bailey's book contains a lot of important information. As science fiction [...] gradually began to rise out of its ghetto and gain respect, s[ciencia] f[icção] readers, writers, and fans will become more interested in finding out about s[ciencia] f[icção] roots. [...] If there is anything to fear from the growing academic interest in s[ciencia] f[icção], it is that academia may bake us all grow bored with discussion of s[ciencia] f[icção]". Tradução nossa. CHAUVIN, Book Review, p. 118,119.

3.3 VIAJANDO PARA O SOLO LUNAR

O caso de Nicolson tem outra configuração.¹²⁰ Presidente da *MLA* entre 1962 e 1963, não é exagero afirmar que Nicolson é uma das acadêmicas mais importantes e prestigiadas do âmbito literário na primeira metade do século 20. Tal como afirma Hassler:

Mesmo tendo atuado frequentemente e bem em vários cargos administrativos – reitora, presidenta, presidenta do *MLA* [...] – durante uma longa e distinta carreira acadêmica, Nicolson nunca tomou uma iniciativa de liderança na organização do estudo de Ficção Científica. Minha caracterização desse elemento em sua carreira é, claramente, que os estudos de Ficção Científica desempenharam o papel de defesa solitária.¹²¹

Não assumir uma postura de liderança para construir o campo não implica que Nicolson está isolada da comunidade de Ficção Científica. Fatorando que se trata de uma personalidade famosa, não é estranho que a comunidade tenha conhecimento de seu trabalho. Inclusive, na edição de agosto de 1949, é publicada na *Astounding* uma resenha de *Voyages to The Moon*, por Willy Ley.

Antes de mais nada, é necessário levar em consideração que Ley não tem aquele perfil designado por Lerner.¹²² Ao contrário, e como já exploramos em outros

¹²⁰ Marjorie Hope Nicolson (1894-1981) nasce em 18 de fevereiro de 1894 em Yonkers, *Nova Iorque*. Realiza sua graduação na Universidade de Michigan, concluindo o bacharelado em 1914 e o mestrado em 1918. Opta por Yale para realizar seu doutorado. A admissão é possível, pois Nicolson tinha estudado grego por 11 anos, latim por 8 anos, filosofia por 8 anos e apta a ler em sete idiomas diferentes. Nicolson narra que sua experiência no doutorado é marcada pelos ataques misóginos de Tucker Brooke, mas isso não impede a defesa de sua tese em 1920, que inclusive é premiada com o prestigioso prêmio John Addison Porter. Segue para o Goucher College em 1923, onde passa a assistir às aulas de Arthur Lovejoy. Três anos depois, recebe a bolsa Guggenheim e se muda para a Inglaterra para dar continuidade aos seus estudos. O resultado é publicado em "The Conway Letters", em 1930. Quando retorna, é imediatamente contratada pelo Smith College, assumindo como professora associada (1926-1929), professora e decana (1929-1941). Nicolson é contratada em 1941 pela Universidade de Columbia, sendo a primeira professora mulher de uma universidade da Liga Ivy. Já na época que leciona em Smith, mas principalmente em Columbia, Nicolson desenvolve uma proposta disciplinar que visa o cruzamento entre ciência e imaginação. Ver: COLIE, Rosalie, Portrait: O quam te memorem, Marjorie Hope Nicolson!, **The American Scholar**, v. 34, n. 3, p. 463–470, 1965; FREEDMAN, Morris, Teaching II: Marjorie Hope Nicolson, **The American Scholar**, v. 50, n. 1, p. 81–90, 1981; TAYLER, Edward W., In Memoriam: Marjorie Hope Nicolson (1894-1981), **Journal of the History of Ideas**, v. 42, n. 4, p. 665–667, 1981; WALTON, Andrea, "Scholar," "Lady," "Best Man in the English Department"? Recalling the Career of Marjorie Hope Nicolson, **History of Education Quarterly**, v. 40, n. 2, p. 169–200, 2000.

¹²¹ HASSLER, The Academic Pioneers of Science Fiction Criticism, 1940-1980, p. 221.

¹²² BUSCH, Willian Perpetuo, Breve retrato do processo de legitimação dos estudos de Ficção Científica nos Estados Unidos, *in*: CUNHA, André *et al* (Orgs.), **O fazer historiográfico na contemporaneidade**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019, p. 193–209; BUSCH,

estudos, trata-se de um indivíduo que tem formação acadêmica e ao mesmo tempo conta com o prestígio na comunidade de Ficção Científica, atuando tanto como resenhista quanto como autor.

Ley retraça a trajetória de Nicolson, enfatizando as premiações e as obras já publicadas pela autora. Na sequência, tece comentários acerca de cada um dos capítulos. A síntese da opinião do resenhista se condensa na seguinte frase: Na verdade, o meu sentimento é que ela poderia fazer isso apenas porque ela poderia fazê-lo bem.¹²³

Entendemos que a recepção positiva feita por Ley acerca da obra de Nicolson sugere tanto uma atenção por parte do resenhista em relação ao cenário acadêmico quanto uma disposição para o diálogo. Todavia, isso não significa que qualquer obra acadêmica seria vista de forma positiva, conforme se evidenciou no caso de Bailey.

História da Ficção Científica nos Estados Unidos: do herói cientista de John W. Campbell ao herói antropólogo de Ursula Kroeber Le Guin.

¹²³ No original: "In fact my own feeling is that she could do it at all only because she could do it well." Tradução nossa. LEY, Willy, Book Review, *Astounding Science Fiction*, v. 43, n. 6, p. 154–156, 1949, p. 154.

3.4 REFLETINDO ACERCA DO PAPEL DOS PIONEIROS

A viagem imaginária explorada por Gove não é Ficção Científica, mas é a partir do seu trabalho que se torna possível estabelecer uma conexão argumentativa. A literatura de Ficção Científica advém dessa modalidade e, portanto, tem uma inscrição histórica. A categoria analítica proposta por Gove correlaciona as viagens imaginárias com os espaços geográficos e sua obra fornece uma listagem desse material e sua disponibilidade nas bibliotecas americanas, tomando esse material como um conjunto temático. Veremos que isso irá reaparecer posteriormente e permanecerá relevante para as discussões sobre o assunto.¹²⁴

Nicolson opta por um caminho diferente daquele de Gove, na medida em que expande o âmbito analítico das viagens imaginárias e as transforma em cosmológicas. Enquanto Gove se mantém dentro de uma circunscrição geográfica, Nicolson almeja as jornadas para novos mundos. As viagens cósmicas do século 17 se dividem entre aquelas anteriores aos trabalhos de Isaac Newton e Giordano Bruno, que têm por destino, na maior parte dos casos, a Lua, e aquelas posteriores aos trabalhos destes. Assim:

A imaginação se expandiu e, embora a viagem à lua nunca morresse, nossos antepassados começaram a estender suas viagens viajando para o sol ou outros planetas e, de passagem, refletindo sobre a possibilidade de que, se a vida não existisse lá, ela poderia ser encontrada em ainda outros universos cósmicos que se estendem indefinidamente, seja no espaço ou no tempo.¹²⁵

Nicolson não está interessada apenas na compilação e listagem das viagens cósmicas. Embora isso seja necessário e recorrente na constituição do estudo de Ficção Científica, a prioridade dada pela autora é conceitual. O objetivo da pesquisadora é demonstrar a relação entre a história dessa literatura mediante e em comparação com as transformações que vêm acontecendo neste mesmo momento na astronomia e na aviação.

¹²⁴ GOVE, **The Imaginary Voyage in Prose Fiction**.

¹²⁵ No original: "Imagination expanded, and while the moon voyage never died, our forefathers began to extend their tours by traveling to the sun or other planets, and in passing to reflect upon the possibility that if life did not exist there, it might conceivably be found in still other cosmic universes stretching out indefinitely whether in space or time." Tradução nossa. NICOLSON, **Voyages to the Moon**, p. 8.

Ora, se Nicolson é tão bem recebida na academia, quanto na comunidade de Ficção Científica, o que a impede de efetivar um diálogo entre ambos? Uma pista para compreender isso é pensar em como a própria pesquisadora definiu as condições de produção e a proposta do seu estudo:

Se você encontrar alguma diversão nesta coleção de viagens sobrenaturais, asas artificiais e carruagens voadoras que eu fiz durante um período de anos em grande parte para minha própria diversão, serei amplamente recompensada por meu esforço.¹²⁶

A autora demarca que a sua obra é resultado de uma longa pesquisa motivada por sua diversão. Tal qual é o caso desta tese para quem a escreve. A pesquisa sobre Ficção Científica é divertida. Todavia, para um público acadêmico dotado de imaginação limitada e insegurança intelectual, a ideia de que um tema de pesquisa seja divertido é inadmissível. Como indicamos anteriormente, a recepção do dicionário de Gove revelou um posicionamento significativamente conservador dos acadêmicos. Para uma disciplina ou campo de pesquisa que almeja se constituir (obter aprovação, verbas etc.), diversão implica em ausência de seriedade e, portanto, carecia de rigor metodológico e científico.

Todos os elementos que configuram as preocupações acerca do estudo da Ficção Científica aparecem aqui: conceitual, metodológico e material. Para convencer os seus interlocutores acadêmicos de que a Ficção Científica é um objeto de estudo legítimo, é necessário romper com a imagem de que é algo inferior. Novamente, não foi o que Nicolson fez, conforme podemos perceber na continuação da citação anterior:

¹²⁶ No original: "If you find any amusement in this collection of supernatural voyages, artificial wings, and flying chariots, which I have made over a period of years largely for my own diversion, I shall be amply repaid for my effort." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 9.

E talvez - pelo menos esta é uma esperança piedosa de minha parte - você possa sair dessas primeiras histórias com uma melhor compreensão de sua própria leitura e de seus filhos. Não há uma única viagem com a qual vou lidar, nenhuma máquina voadora estranha, nenhum voo ousado para o empíreo que seus filhos não possam igualar. Alguns de vocês afiaram os dentes de suas imaginações juvenis em Júlio Verne, outros em H. G. Wells. Ainda outros de vocês, um pouco mais jovens, cresceram com Edgar Rice Burroughs e Tarzan. Seus filhos e filhas conhecem as mesmas histórias, seja em textos ou imagens, embora as leiam principalmente nos *Pulps* e nos quadrinhos. Posso chamar meu herói voador de Icaromenippus, Duracotus, Domingo Gonsales, Cyrano de Bergerac. Seus filhos o chamam de Buck Rogers, Flash Gordon ou Superman.¹²⁷

A proposta de comparação feita por Nicolson estabelece uma relação de tradição, continuidade e correlação entre Lucian de Salmosata, Johannes Kepler, Francis Godwin, Cyrano de Bergerac, H. G. Wells e Jules Verne com Philip Francis Nowlan, Alex Raymond, Jerry Siegel e Joe Shuster. Quando Claeson realiza o seminário em 1958 na conferência anual da *MLA* que dá origem ao periódico *Extrapolation*, Bailey está presente e auxiliando no processo. Embora Nicolson não atue diretamente sobre, naquela ocasião ela ocupava o posto de presidente da *MLA*.

¹²⁷ No original: "And perhaps - at least this is a pious hope on my part - you may come away from these early tales with a better understanding of your own reading and that of your children. There is no single voyage with which I shall deal, no strange flying machine, no daring flight into the empyrean which your children cannot match. Some of you sharpened the teeth of your youthful imaginations upon Jules Verne, others upon H. G. Wells. Still others of you, somewhat younger, grew up with Edgar Rice Burroughs and "Tarzan". Your sons and daughters know the same stories, whether in texts or pictures, though they read them largely in the pulps and comics. I may call my flying hero "Icaromenippus," "Duracotus," "Domingo Gonsales," "Cyrano de Bergerac." Your children call him "Buck Rogers," "Flash Gordon," or "Superman." Tradução nossa. *Ibid.*

4 CONSTRUINDO UMA TRAJETÓRIA NO INTERSTÍCIO ENTRE A FICÇÃO CIENTÍFICA E O MUNDO ACADÊMICO: THOMAS DEAN CLARESON.

Tomando como referência a dinâmica entre os pesquisadores profissionais e amadores, tendo em vista que vimos a sua mutabilidade e variação, pautamos por traçar como Clareson se posiciona e funda a *Extrapolation* a partir de uma postura de mediação. A reconstrução da sua trajetória acadêmica, bem como da sua relação com a Ficção Científica, permite compreender qual é o contexto e o que diferencia Clareson em relação aos outros.

A posição de Clareson advém, inicialmente, como um leitor de Ficção Científica, que se ampliou posteriormente na medida em que passou a participar de grupos, bem como teve contato com outros membros da comunidade. Indicamos que o momento de transição que viabilizou uma posição de relevância foi a partir do seu trabalho na editora *Fiction House*, em Nova York, após terminar a graduação em 1946. Clareson participa da *Filadélfia Science Fiction Society (PSFS)* e faz parte da organização do *Worldcon* de 1953, experimentando um momento extremamente importante para a Ficção Científica, dado que foi nessa ocasião que o Hugo Awards foi apresentado pela primeira vez.

Construímos o nosso argumento visando apontar que é um equívoco considerar que a comunidade de Ficção Científica era isolada. Pelo contrário, através da síntese intelectual produzida por Clareson, fruto de sua trajetória como acadêmico e como membro daquele grupo, vemos como essa interlocução com o espaço universitário é articulada. Desse modo, um primeiro artigo de Clareson que é esboçado dentro da *PSFS* e publicado em 1953 pela *Science Fiction Quarterly*, portanto internamente à comunidade, serve tanto para tecer uma mediação quanto para a base teórica do que o autor viria a desenvolver posteriormente.

4.1 UM LEITOR ACADÊMICO DE FICÇÃO CIENTÍFICA

FIGURA 1 – THOMAS D. CLARESON EM 1946



FONTE: *The Gopher* (1946).¹²⁸

Nascido em 26 de agosto de 1926 em Austin, Minnesota, filho de Thomas Albert Clareson e Ruth Dalager. Com 16 anos, Clareson ingressa na *Universidade de Minnesota*, localizada em Minneapolis. O seu contato com as revistas *Pulp* foi mediado por sua mãe¹²⁹, bem como por Henry Nimitz, dono da tabacaria *Williams*

¹²⁸ RYDHOLM, Robert *et al* (Orgs.), **The Gopher 1946**, Minneapolis: The Study Body of the University of Minnesota, 1946, p. 64.

¹²⁹ Carecemos de mais informações sobre a família de Clareson.

Cigar Store, em Austin.¹³⁰ Com as movimentações militares dos Estados Unidos para a Segunda Guerra Mundial, Clareson se alistou, mas acabou dispensado por conta da sua miopia, evento que viabilizou a continuidade dos seus estudos acadêmicos.

Durante a infância e a juventude, Clareson cria uma significativa coleção de revistas de Ficção Científica. No entanto, esse material é doado por sua mãe durante a campanha de direcionando a sucata em andamento. Em síntese, essa campanha é um pedido feito pelo governo dos Estados Unidos para que a população faça a doação de recursos para a guerra.

Tendo em vista que os estoques de papel atingiram, em 1944, uma situação crítica, estima-se que foi nesse contexto que Ruth realiza a doação integral da coleção de Clareson. Ao mesmo tempo, as revistas de Ficção Científica passam por uma situação complexa.

O racionamento de papel que se seguiu [durante a Segunda Guerra Mundial], bem como de tinta e de vários tipos de metal foi um desastre que afetou mais as [revistas] *Pulp* do que os quadrinhos, somou-se, com isso, a redução do número de escritores capazes de atender as demandas [criativas] na medida que o esforço de guerra foi direcionado [para o combate]. A maior parte das revistas sobreviveu a 1942, mas começaram a reduzir em 1943, de modo que poucas permaneceram no final da guerra [1945]. O pico de 22 revistas em 1941 contrasta com as 7 remanescentes de 1945. Entre estas estavam: *Amazing Stories* [...], *Fantastic Adventures*, *Astounding Science Fiction*, *Thrilling Wonder Stories* [...], *Startling Stories*, *Famous Fantastic Mysteries* e *Planet Stories*.¹³¹

Contrastando com esse contexto, o mercado interno dos Estados Unidos gera ampla demanda por livros, revistas e instrumentos musicais. Essa combinação

¹³⁰ SWIGART, Leslie Kay, **Fantastic *Extrapolations*: An Exploratory Bibliometric Investigation into the Historic Development of English Language Fantasy and Science Fiction Scholarship Through Fifty Years of *Extrapolation***, Los Angeles: University of California, 2020, p. 32.

¹³¹ No original: "No original: "The subsequent rationing of paper, ink and metal type, was a disaster for the pulps more than the comics, added to which the number of writers able to meet the demand for material was drastically reduced as they were called to the war effort. Most of the magazines survived 1942 and a few survived 1943, but few made it right through the war. By 1945 there were only 7 magazines compared with the peak of 22 in 1941. These survivors were: *Amazing Stories* and its companion *Fantastic Adventures*, *Astounding SF*, *Thrilling Wonder Stories* and its companion *Startling Stories*, *Famous Fantastic Mysteries* and *Planet Stories*." Tradução nossa. ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 163,164.

dispara uma busca por clubes de livros, livrarias, bibliotecas e o ingresso em grupos e sociedades de leitura, resultando na superação de todos os recordes possíveis.¹³²

Em Minneapolis, Clareson obtém acesso às revistas mais antigas, inclusive àquelas que já não são mais impressas, bem como livros, através da *Oudal Book Store*.¹³³

¹³² BLUM, John Morton, **V was for Victory: Politics and American Culture During World War II**, New York & London: Harvest Book, 1976.

¹³³ SWIGART, **Fantastic *Extrapolations*: An Exploratory Bibliometric Investigation into the Historic Development of English Language Fantasy and Science Fiction Scholarship Through Fifty Years of *Extrapolation***.

FIGURA 2 – CLARESON EM 1946 COMO VICE-DIRETOR DO SENIOR CABINET



FONTE: *The Gopher* (1946).¹³⁴

Durante a graduação, Clareson ingressa como membro da *Acacia Fraternity*, parte da *Delta Phi Lambda*, uma sociedade de educação honorária voltada aos alunos com o seguinte perfil:

Homens e mulheres são escolhidos com base em suas realizações [na universidade]. Devem ter a média de 2,2 em inglês e redação, bem como uma recomendação por um membro do corpo docente. Devem, também, apresentar uma composição original. Aqueles que foram aprovados receberam a notificação no dia do *Cap and Gown*.¹³⁵

¹³⁴ RYDHOLM *et al* (Orgs.), **The Gopher 1946**, p. 144. Na legenda da foto original constam, da esquerda para a direita, os nomes de: Harriett Schaffer, Charlotte Nelson, Mardonna Bartholet, Arlene Steiner, Judy Davis, Stan Strimling, Bob Platt, Katie Worrell, Alice Own, Trevie Hugo-Smith, Tom Clareson, Joan Vallentyne e Harriet Schmitt.

¹³⁵No original: "Men and women are chosen on the basis of achievement. They must have a 2.2 average in English and composition and be recommended by a member of the faculty. They must also present an original composition. Those accepted are notified on Cap and Gown Day." Tradução nossa. *Directory of Student Organizations 1955-1956*, p. 105.

Infelizmente não foi possível encontrar nenhuma informação acerca de quem possa ter indicado Claeson, nem qual texto (composição) que apresentou para ingressar nesse grupo. Todavia, verificou-se a sua presença no *Cap and Gown Day* de 1945.¹³⁶

A postura ativa de Claeson na gestão de pessoas se manifesta durante a organização do *Retorno ao Lar* de 1946, evento referente à partida de futebol americano dos *Gophers*, time da *Universidade de Minnesota*, contra a equipe da *Universidade Purdue*, que foi realizada em 9 de novembro de 1946. Encontramos no jornal *Star Tribune* de 10 de novembro de 1946, o relato de Charles Johnson:

A longa busca de Minnesota por uma vitória no futebol da Conferência Oeste terminou. Motivados por uma tranquila multidão de 58.341 espectadores, os *Golden Gophers* derrotaram a equipe desfalcada e desorganizada da *Purdue Boilermakers* no estádio Memorial no sábado à tarde por 13 a 7. Foi a primeira vitória do Minnesota na Liga desde a partida, em casa, contra o *Northwestern* há um ano e, com isso, marcou o seu triunfo inicial em 10 partidas na competição dos Nove Grandes. Todavia não foi uma vitória fácil.¹³⁷

Outro evento que reforça o nosso entendimento de Claeson como um gestor é a sua participação na organização da *Semana da Neve* da *Universidade de Minnesota* em 1946. Esse evento não tinha sido realizado há quatro anos e conta com uma série de jogos de inverno, bem como a eleição de uma rainha durante a festa final.

Uma das mudanças feitas pela organização do evento é abandonar a ideia de eleger uma candidata apenas pela sua aparência, e, com isso, as seis candidatas têm como novo critério a avaliação de suas respectivas atuações durante os jogos que ocorrem entre 21 e 27 de janeiro.¹³⁸ Claeson mostra sua habilidade de gerenciar pessoas e eventos ao participar ativamente da organização dessa semana de atividades, tornando o evento um sucesso para a comunidade universitária.

As extensas participações de Claeson na organização de eventos acadêmicos, bem como na proposta que resgatou a *Semana da Neve* da inatividade, refletem uma postura ativa na comunidade universitária. Essa prática

¹³⁶ COFFEY, Walter C., *Cap and Gow Day Convocation*.

¹³⁷ JOHNSON, Charles, *Gophers Cop 13-7 Victory*, **Star Tribune**, 1946.

¹³⁸ RYDHOLM *et al* (Orgs.), **The Gopher 1946**, p. 137,138.

está diretamente correlacionada com a sua área de estudos e com o papel que ocupa atualmente.

A participação de Clareson no setor organizacional ocorreu durante a graduação, quando ele assumiu uma posição no editorial do *Gopher*, jornal vinculado à universidade. A atuação política também esteve no campo de interesses de Clareson, pois foi nessa fase que ele atuou em atividades políticas estudantis, bem como no *Minnesota Daily*, outro jornal que tem laços com a universidade, e no *Ski-U-Mah*, jornal de cunho esportivo dedicado ao clube dos *Gophers*.

Clareson conclui a sua graduação em 1946 e o período imediato que se segue é descrito por sua esposa, Alice, em um diálogo com Hassler:

O primeiro emprego de Clareson depois de se formar na *Universidade de Minnesota* foi em *Nova York*, escrevendo para a empresa de quadrinhos *Fiction House*. Tendo recentemente comemorado o seu aniversário de 20 anos, [Clareson] experimentou nove meses de solidão em *Nova York*. [...] Decidiu começar a pós-graduação em inglês na *Universidade de Indiana* no outono de 1947.¹³⁹

Todavia, notamos que o período entre o final da graduação e a mudança para *Nova York* é o momento de ingresso de Clareson no papel de docente. Essa informação é detectada a partir da documentação da *Universidade de Minnesota* de novembro de 1946: Thomas D. Clareson como Assistente de Ensino no *General College*, a partir de 1 de novembro de 1946 até 15 de junho de 1947, com o salário para o período no valor de U\$ 329.¹⁴⁰

Nesse período, Clareson atua como Assistente de Ensino na *Universidade de Minnesota*, desempenhando suas funções acadêmicas.

Vemos, com isso, que Clareson construiu sua experiência acadêmica atuando tanto no âmbito editorial quanto na gestão de eventos, mas também como professor em sala de aula. Esse papel, conforme veremos mais adiante, serviu como base para o seu modo de operação na *Extrapolation*.

¹³⁹ No original: "Clareson's first job after graduating from the University of Minnesota was in New York City writing for the comic book company Fiction House. He was barely twenty years old and after nine lonely months in New York [...] he decided to begin graduate work in English at Indiana University in the fall of 1947." Tradução nossa. HASSLER, *The Academic Pioneers of Science Fiction Criticism, 1940-1980*, p. 22.

¹⁴⁰ Minutes: Board of Regents Meeting and Committee Meetings: December 13, 1946. University of Minnesota., **University of Minnesota**, p. 807–835, 1946, p. 811.

A editora mencionada por Alice Claeson, *Fiction House*, é responsável pela publicação da *Planet Stories*, que, conforme indica Ashley, foi uma das poucas revistas que se manteve no pós-guerra. A partir desse conjunto de informações, especulamos que foi nesse período entre sua experiência em *Nova York* e a conclusão do mestrado na *Universidade de Indiana*, em 1949, que Claeson teve contato com figuras importantes dentro do cenário da Ficção Científica, o gueto, como Lloyd Eshbach e Lyon Sprague de Camp. Nesse mesmo ano, Claeson foi contratado pela *New Mexico A & M*, atualmente Universidade Estadual do Novo México, para atuar até 1950.¹⁴¹

Embora não seja possível durante a nossa pesquisa encontrar o momento exato do ingresso de Claeson na *Filadélfia Science Fiction Society*, temos dois documentos que oferecem um recorte estimado. O primeiro se trata do editorial da *Extrapolation* de 1981, no qual Claeson comentou que:

Esses documentos indicam que Claeson teve envolvimento com a *Filadélfia Science Fiction Society* nesse período inicial de sua trajetória, mas a data exata ainda não foi identificada.

Aqueles que participaram da reunião da *SFRA* em Denver ou viram a *Newsletter* sabem que Sam Moskowitz recebeu o *Pilgrim Award* este ano [1981]. Finalmente, dos que receberam o prêmio, nenhum merece mais ricamente, pois Sam estava ensinando e escrevendo sobre Ficção Científica talvez antes mesmo do *MLA* começar seu seminário inicial [em 1958]. Uma de minhas lembranças mais agradáveis é a de minha associação com ele já em 1950-51, quando ele compareceu às reuniões da *Filadélfia Science Fiction Society*. Tenho certeza de que ninguém conhece o campo mais profundamente do que Sam, e acho que pela primeira vez sugeri que ele era um Peregrino por volta de 1971 ou 1972.¹⁴²

O segundo documento é a *Newsletter* da *PSFS*, a *PSFS News*, editada na década de 1950 por Dave Hammond. Em específico, na edição de maio de 1951, constam as seguintes informações:

¹⁴¹ Membership, *Bulletin of the American Association of University Professors (1915-1955)*, v. 35, n. 4, p. 772–793, 1949.

¹⁴² No original: “Those of you who attended the *SFRA* meeting in Denver or have seen the *Newsletter* know that Sam Moskowitz received the *Pilgrim Award* this year [1981]. Finally, of those who have received the Award, none more richly deserves it, for Sam was teaching and writing about science fiction perhaps even before the *MLA* began its early seminar. One of my most pleasant memories is of my association with him as early as 1950-51 when he came to meetings of the *Philadelphia Science Fiction Society*. I am sure that no one knows the field more thoroughly than Sam, and I think I first suggested that he was a *Pilgrim* about 1971 or 1972.” Tradução nossa. CLARESON, Thomas D., *The Launching Pad*, *Extrapolation*, v. 22, n. 4, p. 307–308, 1981, p. 307.

Para Tom Clareson: nossas mais calorosas boas-vindas de volta ao clube. Tom, depois de entregar um esboço de *The Impact of Science on Fiction*, desapareceu misteriosamente do clube. Recentemente, um de nossos membros entrou em contato com ele por telefone e descobriu que ele havia enviado uma carta ao clube pedindo dois meses de licença para concluir seu trabalho. Nunca recebemos a carta, mas esperamos que o próprio Tom volte em breve.¹⁴³

A partir desses dois documentos podemos compreender e contextualizar a afirmação de Hassler:

[...] A motivação de Clareson para organizar o campo acadêmico provavelmente se enraizou por conta da sua forte participação na *Filadélfia Science Fiction Society* na década de 1950, e a sua sólida formação acadêmica realizada na Universidade da Pensilvânia sob a orientação do bibliógrafo e americanista Robert E. Spiller [...].¹⁴⁴

A *PSFS* é uma associação sediada na Filadélfia, Pensilvânia, criada em 1936 e responsável por organizar a primeira convenção de Ficção Científica em 22 de outubro desse mesmo ano. Ela tem, portanto, correlação com a *Science Fiction League*, uma das principais associações de fãs naquele momento.

A situação da *PSFS* entre 1935 e 1940 e o seu funcionamento são descritos por Robert A. Madle, um dos fundadores, na *The Fantasy Fan* de 1940:

No início de 1935, Milton A. Rothman formou a *Science Fiction League* da Filadélfia, que, em 1936, ficou conhecida como *Filadélfia Science Fiction Society* e prosperou sob esse título. Entre os membros estão nomes como Alexander M. Phillips, autor popular de Ficção Científica, John V. Baltadonis, Oswald Train, Jack Agnew, Helen Cloukey e eu [Robert A. Madle]. Nós nos reunimos a cada duas semanas, geralmente nas noites de sábado ou nas tardes de domingo, e publicamos um órgão, o *PSFS News*. Todos os fãs próximos estão convidados a entrar em contato comigo em 333 E. Belgrade St., Filadélfia, Pa. Junte-se ao *PSFS*!¹⁴⁵

¹⁴³ No original: "To Tom Clareson: our heartiest welcome back to the club. Tom, after delivering an outline of "The Impact of Science on Fiction" mysteriously vanished from the club. Recently, one of our members contacted him by phone and discovered that he had sent a letter to the club asking for two months' leave of absence to complete his work. We never got the letter, but expect Tom himself back soon." Tradução nossa. HAMMOND, Dave (Org.), News, **PSFS News**, n. 5, p. 1–2, 1951, p. 2.

¹⁴⁴ No original: "Clareson's drive to organize the academic field probably took root in his involvement with the strong *Philadelphia Science Fiction Society* of the 1950, and his solid academic training completed at the University of Pennsylvania under the bibliographer and Americanist Robert E. Spiller and others." Tradução nossa. HASSLER, *The Academic Pioneers of Science Fiction Criticism, 1940-1980*, p. 222.

¹⁴⁵ No original: "Early in 1935 Milton A. Rothman formed the Philadelphia Science Fiction League, which, in 1936, became known as the *Philadelphia Science Fiction Society* and prospered under this title. Among the members are such names as Alexander M. Phillips, popular science fiction

Rothman, em outra ocasião, confirma que a proposta foi baseada na *SFL* e informa que os encontros iniciais do grupo têm sido realizados em sua residência, um espaço para no máximo dez pessoas. Tal informação é importante, pois fornece mais um indício acerca do tamanho e da dinâmica do grupo.

Tendo designado a existência da *PSFS* e somado isso com o possível ingresso de Claeson no grupo no começo da década de 1950, consideramos necessário esclarecer duas linhas de raciocínio. Embora convergentes, cada uma delas deve ser explorada e desenvolvida de maneira separada. A primeira linha tange a realização dos eventos de Ficção Científica e, em específico, o Philcon II. Já a segunda trata do artigo publicado por Claeson na *Science Fiction Quarterly* em 1953.

Nossa suposição é de que o conteúdo desse texto já começou a ser elaborado em 1951 na *PSFS* e apresentado como *The Impact of Science on Fiction*. Esse material, por sua vez, serviu de base para a tese de doutorado de Claeson, apresentada em 1956. Entendemos que a síntese das duas linhas remete ao processo de mediação construído por Claeson.

author, John V. Baltadonis, Oswald Train, Jack Agnew, Helen Cloukey, and myself. We meet every other week, usually on Saturday nights or Sunday afternoons. And we publish an organ, the PSFS News. All near-by fans are invited to get in touch with me at 333 E. Belgrade St., Philadelphia, Pa. Join the PSFS!". MADLE, Robert A., The Fantasy Fan (Special Fan Feature): The *Philadelphia Science Fiction Society*, **Science Fiction**, v. 1, n. 6, p. 88, 1940, p. 88.

4.1.1 Philcon II

A *Worldcon* assume uma posição de relevância e passa a se repetir anualmente. A *Philcon II* é a 11ª Convenção e ocorre entre os dias 5 e 7 de setembro de 1953. Sediada no Bellevue-Stratford Hotel, conta com a presença estimada de 750 pessoas. A *PSFS*, que naquele momento conta com cerca de 15 membros, é responsável pela organização do evento.

Reconhecíamos todos os membros da *PSFS* quase de imediato por conta do símbolo estampado nos broches. Muitos de nossos membros – L. Sprague de Camp, Irwin Hayne, James A. Williams, Sol Levin e Dave Hammond – apareceram no programa. Outros – Will Jenkins, Milt & Dorothy Rothman, Ozzie Train, Bob Madle, Jack Agnew, Paul Work, Harold Lynch, Jean Bogert e Tom Clareson – se conheceram e ganharam espaço ao longo dos três dias do evento.¹⁴⁶

O convidado de honra da *Philcon II* é Willy Ley, aquele que apresentamos anteriormente como responsável pelas resenhas de Bailey e Nicolson. Asimov ocupa o posto de *toastmaster* (mestre dos brindes)¹⁴⁷, cargo que designa quem é responsável por realizar a abertura e o encerramento do evento. Na documentação original consta que James A. Williams no cargo tanto de presidente da *PSFS* quanto como diretor da *Philcon II*. Todavia, no dia 22 de março de 1953, Williams faleceu e as funções de direção passaram para Rothman. Numa carta divulgada pela *PSFS* foi anunciado o óbito de Williams, bem como se explicitou a transição para Rothman.

Em 29 de março foi realizada uma reunião dos membros do Comitê da Convenção da Filadélfia, juntamente com vários membros de *Nova York*. De acordo com as regras oficiais da Convenção, uma vaga na cadeira deve ser preenchida por meio de eleição realizada pelo grupo acima. Esta eleição foi realizada na reunião de 29 de março, com o resultado que o abaixo assinado foi escolhido para presidir o Comitê da Convenção.¹⁴⁸

¹⁴⁶ No original: "All of these were instantly recognizable by their lapel buttons emblazoned with the symbol of the PSFS. Many of our members – L. Sprague de Camp, Irwin Hayne, James A. Williams, Sol Levin, and Dave Hammond – appeared in the program. Others – Will Jenkins, Milt & Dorothy Rothman, Ozzie Train, Bob Madle, Jack Agnew, Paul Work, Harold Lynch, Jean Bogert, and Tom Clareson – made themselves known before the three days were ended." Tradução nossa. *Progress Report, 11th World Science Fiction Convention*, v. 1, p. 1–15, 1952, p. 1.

¹⁴⁷ O *toastmaster* (mestre do brinde) atua na coordenação do evento, marcando tanto a sua abertura quanto o seu fechamento, bem como apresentando as premiações.

¹⁴⁸ No original: "On March 29 there was held a meeting of the Philadelphia members of the Convention Committee, together with several New York members. Under the official Convention rules, a vacancy in the chair must be filled by means of an election held by the above group. This election

Esse mesmo documento viabiliza enriquecer a compreensão da realização do evento e o objetivo da associação, na medida em que indica qual é o público-alvo:

Neste momento é apropriado reafirmar as políticas do Comitê da Convenção. A 11ª Convenção Mundial de Ficção Científica será uma convenção para todos os leitores de Ficção Científica e será operada de forma democrática. Não fazemos distinção entre profissionais e fãs; aquelas pessoas que escrevem Ficção Científica por dinheiro vão às convenções como fãs, e quem entre os fãs não tem a ambição de escrever profissionalmente? O programa naturalmente contará com aqueles indivíduos que se distinguiram no campo. Além disso, uma grande parte do programa será dedicado aos fãs e seus feitos. Isso vai ser uma convenção em todos os sentidos da palavra.¹⁴⁹

FIGURA 3 - FOTOGRAFIA DO BANQUETE DA PHILCON II



FONTE: *Fancylopedia*.

was carried out at the March 29 meeting, with the result that the undersigned was chosen to be chairman of the Convention Committee.” Tradução nossa. ROTHMAN, Milton A., A Special Message to Members and Friends of the 11th World Science Fiction Convention, **PSFS**, 1953.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 1.

FIGURA 4 - FOTOGRAFIA DO BANQUETE DA PHILCON II



FONTE: *Fancylopedia*.

No canto direito da FIGURA 3 podemos encontrar uma mesa disposta de maneira vertical, enquanto o restante do salão foi ocupado por mesas circulares. A mesa vertical foi ocupada pelos membros da *PSFS*, bem como por Asimov e Ley. A partir da fotografia chave pudemos identificar Clareson ocupando a posição M, na parte superior direita da imagem. Já Asimov estava na cadeira G e Willy Ley na cadeira I.

No relato de Juanita Coulson, escritora de Ficção Científica e Fantasia, notamos mais uma vez a dinâmica interna do grupo. Dum lado estavam:

Prós e futuros profissionais, em abundância: Robert Bloch, Julie Schwartz, Isaac Asimov, Willy [Ley] e Olga Ley, Tom Clareson, Sprague de Camp, Gordy Dickson, John [Campbell] e Peg Campbell, Phil Farmer, Doc Smith, Llyod Eshbach, Judy May e Ted Dikty, Evely Paige Gold.¹⁵⁰

Enquanto doutro:

¹⁵⁰ No original: "Pros, and pros-to-be, galore: Robert Bloch, Julie Schwartz, Isaac Asimov, Willy [Ley] and Olga Ley, Tom Clareson, Sprague de Camp, Gordy Dickson, John [Campbell] and Peg Campbell, Phil Farmer, Doc Smith, Llyod Eshbach, Judy May and Ted Dikty, Evely Paige Gold." COULSON, Juanita, **Juanita Coulson's Reminiscence of Fandom in 1953**, *Fancylopedia* 3, disponível em: <https://fancylopedia.org/Juanita_Coulson%27s_Remimiscence_of_Fandom_in_1953>.

E os fãs. A máfia de Detroit: Fred Prophet, Ben Janson, et al. A Turma de Cleveland: Harlan Ellison, Honey Wood, etc. A Turma de Cincinnati: Doc Barrett, Don e Margaret Ford, Ben Kiefer, Stan Skirvin. Chicago: Earl e Nancy Kemp. Ah, sim, e um punhado de fãs de Indiana e seus amigos: Lee Tremper (agora Lavell), Gene DeWeese, Buck Coulson, Bob Briney, que mais tarde escreveria textos para a NASA, e Sid Coleman, que em sua atual carreira como físico esfregou cotovelos e discutiu assuntos obscuros com Feynman e outros colegas mundialmente famosos.¹⁵¹

Para Coulson o evento foi um momento de essencial importância, pois permitiu o encontro entre “os fãs estabeleciam amizades em grande parte por correspondência, naqueles dias, e o contato cara a cara era, de fato, motivo de deleite”¹⁵².

A figura 5 corrobora com o argumento ensaiado nessa tese na medida que apresenta um ambiente multifacetado de convivência entre acadêmicos e amadores. Embora, como um conjunto, tratava-se dum grupo “não-acadêmico”.

A transição de Williams para Rothman permite que Clareson possa ocupar o posto de vice-diretor do evento. Além disso, a soma dessas informações nos permite compreender que o grupo da Ficção Científica estabeleceu uma complexa rede de relações que se concretizam tanto pelas associações quanto pela realização dos eventos.

A cisão entre profissionais e amadores tem, no horizonte, um aspecto curioso. Clareson, que não é um escritor de Ficção Científica, aparece mais próximo dos profissionais. Isso pode ter sido ocasionado por sua experiência em *Nova York*, naquele período imediato após a graduação, quando trabalhou na *Fiction House* e teve contato com de Camp. Essa experiência pode tê-lo colocado em contato mais próximo com o cenário profissional da Ficção Científica, contribuindo para sua posição dentro do grupo.

Lyon Sprague de Camp (1907-2000) realiza sua graduação no Instituto de Tecnologia da Califórnia e o mestrado no Instituto Stevens de Tecnologia em

¹⁵¹ No original: “And fans. The Detroit Mob: Fred Prophet, Ben Janson, et al. The Cleveland Gang: Harlan Ellison, Honey Wood, etc. The Cincinnati Bunch: Doc Barrett, Don and Margaret Ford, Ben Kiefer, Stan Skirvin. Chicago: Earl and Nancy Kemp. Oh yes, and a smattering of Indiana fans and their friends: Lee Tremper (now Lavell), Gene DeWeese, Buck Coulson, Bob Briney, later to write texts for NASA, and Sid Coleman, who in his current career as a physicist has rubbed elbows and discussed abstruse subjects with Feynman and other world-famous colleagues” *Ibid.* Tradução nossa.

¹⁵² No original: “Fans established friendships largely through correspondence, in those days, and face-to-face contact was, indeed, a cause for delight.” *Ibid.* Tradução nossa.

1933.¹⁵³ Como escritor de Ficção Científica, sua primeira história é publicada na *Astounding* em 1937.¹⁵⁴ Além de desenvolver esse viés, de Camp participa ativamente da revista *Unknown*, também editada por Campbell, mas voltada para uma literatura situada no interstício entre as ciências, pseudociências, sobrenatural e terror.¹⁵⁵

Em 1942, ingressa na Marinha dos Estados Unidos, vindo a trabalhar no Estaleiro Naval da Filadélfia ao lado de Asimov e Heinlein. De Camp desempenha um papel significativo no cenário da Ficção Científica, tanto como escritor quanto como editor, e sua participação ativa na revista *Unknown* amplia sua influência na literatura especulativa da época.¹⁵⁶

Vemos que a Ficção Científica tem correlação com a literatura de *Weird*, e podemos expandir isso para o âmbito do fantástico mencionando as histórias de Conan escritas por Robert E. Howard.¹⁵⁷ É a partir do acesso aos textos incompletos de Howard que de Camp completa várias histórias e, ao mesmo tempo, assume uma posição central na publicação, divulgação e circulação desse material nos anos seguintes. Portanto, ocupa uma posição em relação à Howard que é análoga aquela de Derleth em relação à Lovecraft.

Na posição de biógrafo, de Camp escreve tanto sobre Howard¹⁵⁸ quanto Lovecraft¹⁵⁹, e recebe o *Pilgrim Award* em 1998, além do *Hugo Award* em 1996, pela sua autobiografia. Uma referência central que viabiliza sintetizar a importância do trabalho de Camp e ensaiar como este seria mobilizado por Clareson aparece no livro *Science-Fiction Handbook*, de 1953.

¹⁵³ CLUTE, John; EDWARDS, Malcolm, de Camp, L Sprague, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

¹⁵⁴ SPRAGUE DE CAMP, Lyon, Lest Darkness Fall, **Unknown**, p. 16–87, 1939.

¹⁵⁵ ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**

¹⁵⁶ NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction.**

¹⁵⁷ VICK, Todd B., **Renegades and Rogues: the life and legacy of Robert E. Howard**, Austin: University of Texas Press, 2021.

¹⁵⁸ DE CAMP, L. Sprague; DE CAMP, Catherine Croock; GRIFFIN, Jane Whittington, **Dark Valley Destiny: the Life of Robert E. Howard**, New York: Bluejay Books Inc., 1983.

¹⁵⁹ SPRAGUE DE CAMP, Lyon, **Lovecraft: A Biography**, New York: Doubleday & Company, 1975.

Assim, antigos bardos e poetas e modernos contadores de histórias sonharam seus sonhos maravilhosos com máquinas humanoides, viagens no espaço e no tempo, super-homem e supermulher, animais falantes, invasores de outros mundos e todo o resto. Assim, na prole da fantasia do século 20, a Ficção Científica atinge a maioridade. Aninhada na Grécia, filha da Idade Média, jovem aventureira nos primeiros dias da Revolução Industrial, essa literatura de ideias amadureceu em uma força infinitamente fascinante e poderosa que estimula a imaginação mais fraca e ilumina o espírito mais mesquinho.¹⁶⁰

As conexões que veremos Clareson traçar aparecem nesse texto. Tendo em vista a posição de Lovecraft que abordamos no segundo capítulo, agora encontramos uma síntese histórica que conecta esses autores, editores e críticos.

Outro ponto relevante é que na versão revisada de 1975, os autores comentam sobre a *Nova Onda*. Veremos o conflito entre diferentes percepções acerca da Ficção Científica no evento da *MLA* em 1968. Ora, um dos argumentos utilizados pelos autores da *Nova Onda*, bem como pelos acadêmicos que se interessavam por esse material (principalmente na *Science-Fiction Studies*), é que se trata de uma literatura superior. A resposta dada pelos de Camp¹⁶¹ será crucial para entendermos a dinâmica da época e a visão sobre a Ficção Científica.

Muito se tem falado sobre a *Nova Onda*, prós e contras. Embora os experimentos artísticos sejam desejáveis para que as artes não fiquem estagnadas, e enquanto alguns experimentos artísticos produzem resultados duradouros, na natureza das coisas a maioria dos experimentos falha. Embora algumas boas histórias da *Nova Onda* tenham sido escritas, muitas outras dão a impressão de que o autor está tentando, por excentricidades estilísticas, esconder o fato de não ter uma história interessante para contar.¹⁶²

¹⁶⁰ No original: "Thus ancient bards and poets and modern storytellers dreamed their wondrous dreams of humanoid machines, travel through space and time, supermen and superwoman, talking animals, invaders from other worlds, and all the rest. Thus in the twentieth century fantasy's offspring, science fiction, come of age. Cradled in Greece, child of the Middle Ages, youthfully adventurous in the early days of the Industrial Revolution, this literature of ideas has matured into an endlessly fascinating, powerful force that stimulates the weakest imagination and kindles the meanest spirit." Tradução nossa. SPRAGUE DE CAMP, Lyon; DE CAMP, Catherine Crook, **Science Fiction Handbook, Revised.**, Philadelphia: Owlswick Press, 1975, p. 18.

¹⁶¹ Convém lembrar que *The Science Fiction Handbook*, assim como diversas outras obras desse período e posterior tiveram co-autoria de Lyon com a sua esposa Catherine Crook de Camp.

¹⁶² No original: "Much has been said about the New Wave, pro and contra. While artistic experiments are desirable lest the arts stagnate, and while some artistic experiments produce lasting results, in the nature of things most experiments fail. Although some good New Wave stories have been written, many others give the impression that the author is trying, by stylistic eccentricities, to hide

Nessa mesma reflexão, os autores adicionam que a *Nova Onda* e o estudo acadêmico da Ficção Científica têm correlação, mas isso não resolve o conflito entre as diferentes práticas de escrita. Ainda persiste a divergência entre os argumentos dos autores da *Nova Onda* e os acadêmicos que se interessam pela Ficção Científica, o que cria um cenário complexo e desafiador para compreender a literatura especulativa em sua totalidade. O enquadramento feito pelo casal foi:

Métodos bizarros de apresentar uma história foram encorajados na década de 1970 pelo crescente interesse pela ficção imaginativa entre os membros da profissão acadêmica. Houve um crescimento extraordinário de cursos de Ficção Científica em escolas e faculdades. Muitos professores desses cursos sabem pouco sobre Ficção Científica desde Júlio Verne e H. G. Wells, porque até bem pouco tempo as revistas de monstros de olhos esbugalhados e todas as histórias entre suas capas eram consideradas lixo de *Pulp* barato, indigna de atenção. Alguns escritores modernos parecem estar buscando a aprovação da academia usando métodos que funcionaram - ou pelo menos causaram rebuliço - na ficção convencional. Mas uma técnica que esteja em sintonia com a ideia de literatura de um professor pode ou não agradar os compradores de revistas e brochuras de Ficção Científica; e é da aprovação deste último que depende, em última instância, a renda do escritor.¹⁶³

Por fim, embora afirmemos que existe um ponto de convergência entre Claerson e de Camp, vemos que o primeiro defende a Ficção Científica como uma literatura não escapista, enquanto o segundo:

Afinal, ficção imaginativa é ficção de fuga. Ela é projetada principalmente para o entretenimento do leitor. Assim, é importante para a maioria dos leitores que o conto seja bem elaborado e que estimule seu pensamento, agite suas emoções e enriqueça os devaneios que são para todos nós a cereja do bolo da vida.¹⁶⁴

the fact that he does not have an interesting story to tell." Tradução nossa. SPRAGUE DE CAMP; DE CAMP, **Science Fiction Handbook, Revised.**, p. 49,50.

¹⁶³ No original: "Bizarre methods of presenting a story have been encouraged in the 1970s by the rising interest in imaginative fiction among members of the academic profession. There has been an extraordinary growth of science-fiction courses in schools and colleges. Many teachers of these courses know little about science fiction since Jules Verne and H. G. Wells, because until quite recently the bug-eyed monster magazines and all the tales between their covers were considered "cheap pulp trash," unworthy of attention. Some modern writers seem to be angling for the approval of academe by using methods that have been worked - or at least made a stir - in mainstream fiction. But a technique that is attuned to a professor's idea of "literature" may or may not please the buyers of science-fiction magazines and paperbacks; and it is on the approval of the latter that the writer's income ultimately depends." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 50.

¹⁶⁴ No original: "After all, imaginative fiction is escape fiction. It is primarily designed for the entertainment of the reader. Thus it is important to most readers that the tale be well-wrought and that it stimulates their thinking, stir their emotions, and enrich the day-dreams that are for all of us the icing on the cake of life." Tradução nossa. *Ibid.*

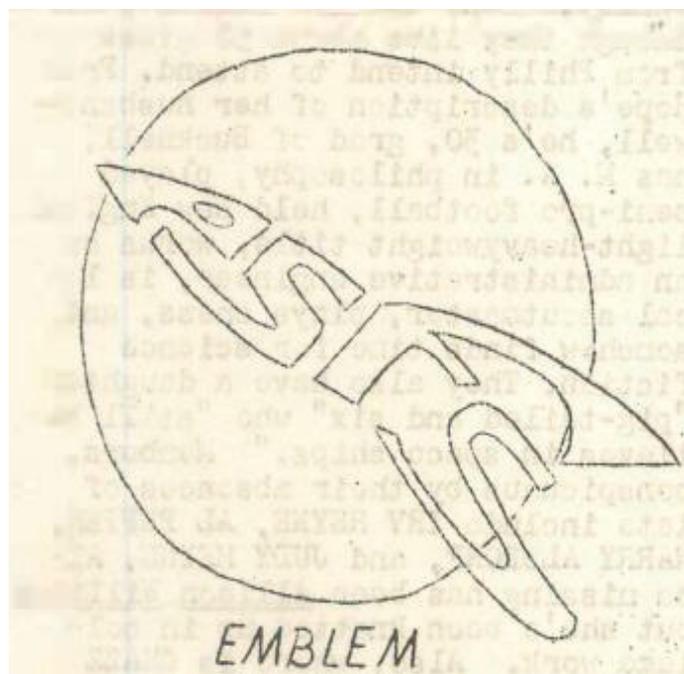
4.2 ADENTRANDO NA PSFS

A primeira *Worldcon*, termo que serve para designar a Convenção Mundial de Ficção Científica, ocorre entre os dias 2 e 4 de julho de 1939, na cidade de *Nova York*. Cada um destes eventos recebe uma designação ou apelido, e neste caso, o termo *Nycon I* é proposto.

Sam Moskowitz é um dos responsáveis pela organização. Na estrutura do evento é proposta uma posição de convidado de honra, que no caso é ocupada por Frank R. Paul. Todavia, como mencionamos anteriormente, isso não implica na ausência de outros nomes relevantes para a Ficção Científica, dado que entre os participantes estão: Campbell, Asimov, Sprague de Camp, Rothman, Jack Williamson, Harry Harrison, entre outros.

4.2.1.1 O Foguete como símbolo

FIGURA 5 – EMBLEMA DA *PSFS*



Fonte: *PSFS News* de 1951.

Apresentamos acima o emblema utilizado pelos membros da *PSFS*, bem como nos textos chancelados pelo grupo, como por exemplo a *PSFS News*. Esse símbolo faz uso das iniciais do grupo inscritas no modelo de um foguete, de modo que as letras P e S designam a parte frontal, enquanto as letras F e S contornam a cauda. O círculo ao fundo, somado ao movimento sugerido pelas letras F e S, produz a ideia de um foguete em órbita.

É fundamental notar que o foguete está diretamente associado à Ficção Científica que é veiculada nas revistas de Gernsback e Campbell. Embora não tenha sido possível identificar e mapear o momento exato em que o emblema da *PSFS* foi criado, convém pontuar que a síntese dessa proposta apareceu em *Rocket Ship Galileo*, de Robert Heinlein, publicado em 1947. A capa original foi ilustrada por Thomas W. Voter e acentuou os elementos constitutivos da narrativa: a ênfase nas ciências duras e a valorização da figura do herói como um cientista/engenheiro.

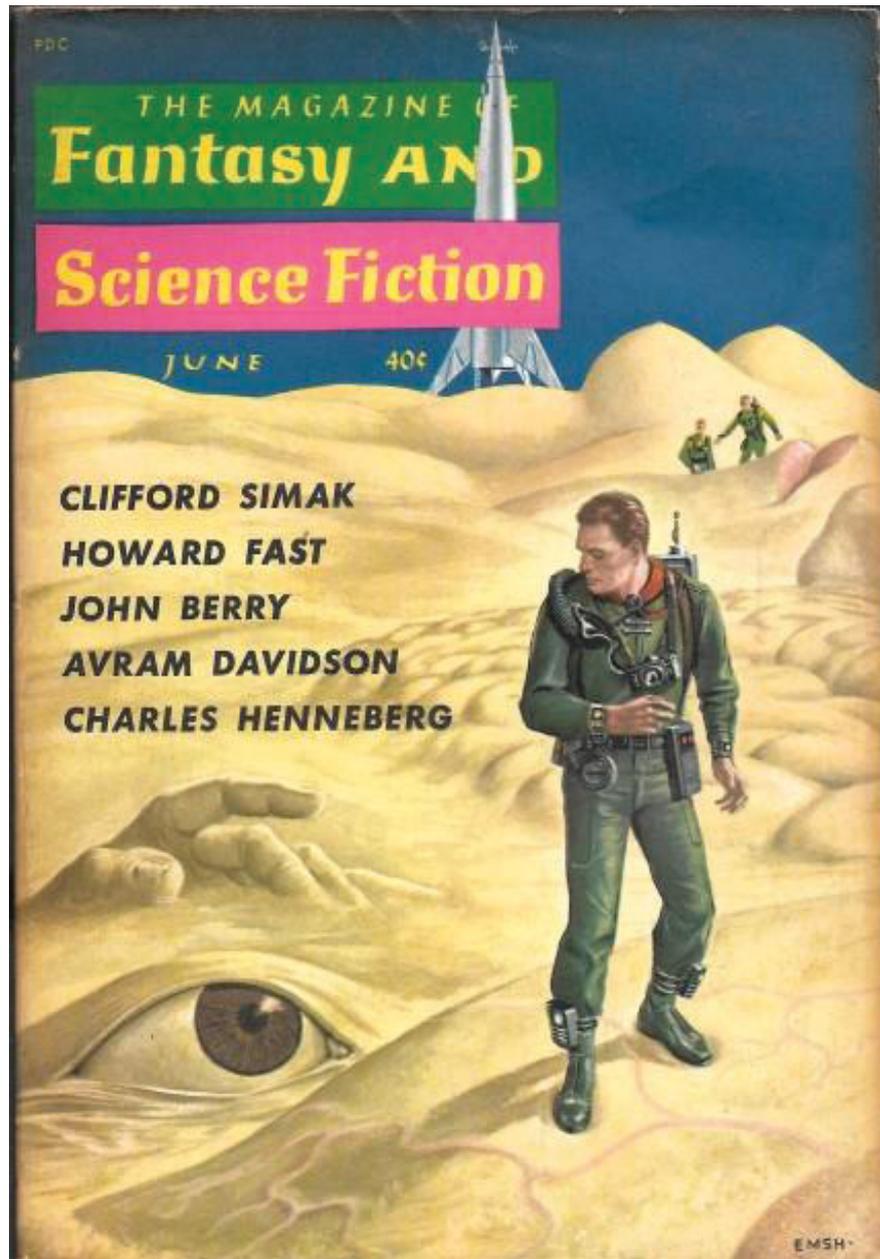
Joachim Boaz argumenta que a história da Ficção Científica dos Estados Unidos ao longo do Século 20 tem dois tipos de recorrências imagéticas de foguetes. O primeiro conjunto arquetípico é composto pelo foguete, campo e figura,

enquanto o segundo é o foguete com detalhes, situado em algum outro mundo, com a presença de um humano olhando para algum alienígena.¹⁶⁵

Boaz exemplifica o primeiro caso através da *The Magazine of Fantasy and Science Fiction* de junho de 1960, cuja arte da capa foi de Ed Emswiler.

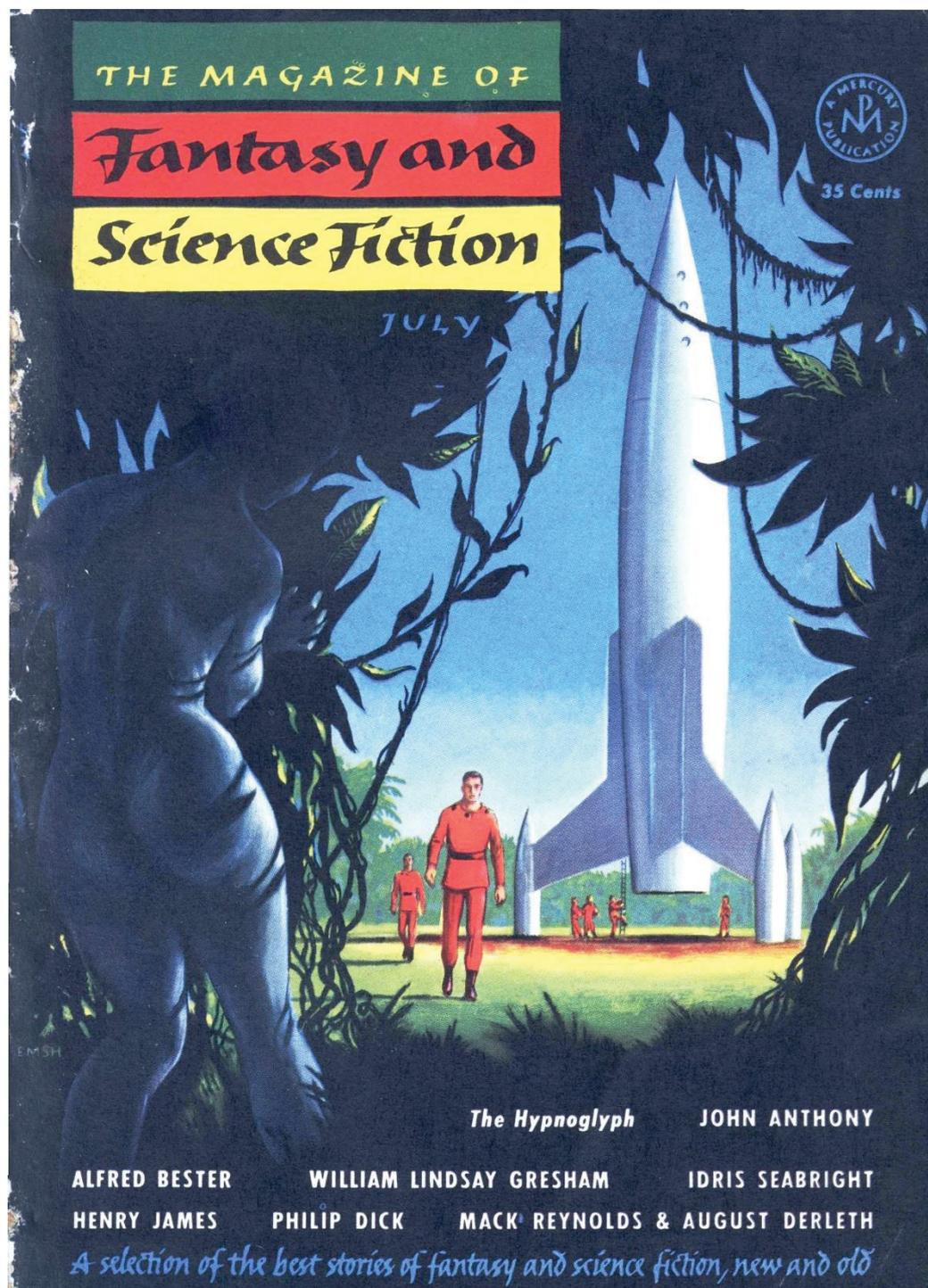
¹⁶⁵ BOAZ, Joaquim, **Adventures in Science Fiction Cover Art: Rocket, Field, Figure Part I**, Science Fiction and Other Suspect Ruminations, disponível em: <<https://sciencefictionruminations.com/2012/02/08/adventures-in-science-fiction-cover-art-rocket-field-figure/>>.

FIGURA 6 – THE MAGAZINE OF FANTASY AND SCIENCE FICTION



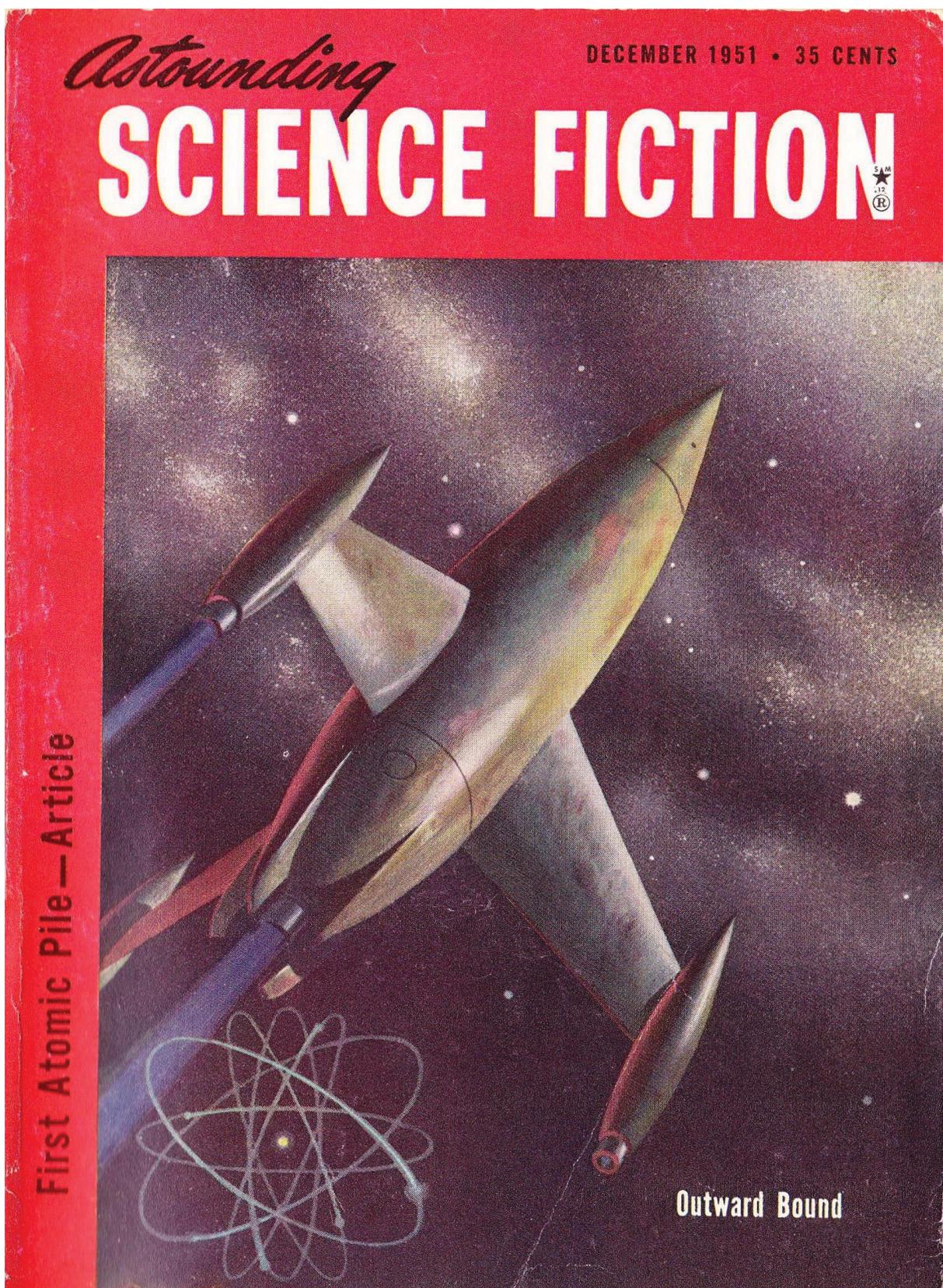
Fonte: ISFDB (2022).

FIGURA 7 – THE MAGAZINE OF FANTASY AND SCIENCE FICTION DE JULHO DE 1953



Fonte: ISFDB (2022).

FIGURA 8 – ASTOUNDING SCIENCE FICTION DE DEZEMBRO DE 1951



O aspecto mais relevante do argumento de Boaz explicita a capacidade da Ficção Científica em criticar essa recorrência. Um caso de 1953 é a história *First Strike* de James Blish, publicada em junho de 1953 na *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, na qual o foguete é descrito da seguinte maneira:

O foguete - o míssil orbital, para ser mais preciso - apareceu quando abandonei os carvalhos. Foi bonito; puro, desimpedido, assexuado e implícito com a liberdade final. Era como se o *Bird in Space* de Brancusi tivesse recebido uma função. Eu amei.¹⁶⁶

A narrativa de Blish oferece um diagnóstico do foguete como um símbolo na Ficção Científica que surge a partir da superação da natureza (as árvores). O foguete é belo, pois é puro, livre, sem gênero e permite ao homem, através da ciência, atingir a verdadeira liberdade. A reação narrada do personagem que ama o dispositivo reifica o direcionamento da libido. O narrador de Blish compara o foguete com *Bird in Space*, uma série de esculturas feitas por Constantin Brancusi, originalmente exibidas em 1923. A referência de Blish não é gratuita:

Isso ocorreu em 1926, quando ele [Brancusi] transportava esculturas para serem expostas na Brummer Gallery, em Nova York. A Alfândega impôs um imposto de US\$ 250 sobre uma versão em bronze dos Pássaros no Espaço, que as autoridades consideraram um implemento utilitário, não arte. Brancusi foi ao tribunal e posteriormente ganhou um julgamento bem divulgado que se tornou um símbolo da vitória do Modernismo sobre o mesquinho filistinismo.¹⁶⁷

Blish contrasta duas visões sobre arte a partir da noção de voar. De um lado, a visão modernista, na qual o valor artístico de um objeto não tem relação com a sua utilidade, representada por Brancusi. Do outro, o foguete como belo, pois realiza o ideal de liberdade, ao mesmo tempo que viabiliza a sua execução prática.

¹⁶⁶ No original: “The rocket – the orbital missile, to be precise – came into sight as I left the scrub oaks behind. It was beautiful; pure, unencumbered, sexless, and implicit with ultimate freedom. It was like Brancusi’s *Bird in Space* given function. I loved it.” Tradução nossa. BLISH, James, *First Strike*, **The Magazine of Fantasy and Science Fiction**, v. 4, n. 6, p. 84–97, 1953, p. 89–90.

¹⁶⁷ No original: “This occurred in 1926, when he [Brancusi] was transporting sculptures to be exhibited at the Brummer Gallery in New York. The Customs put a levy tax of \$250 on a bronze version of the *Birds in Space*, which the authorities deemed to be a ‘utilitarian implement’, not art. Brancusi went to court and subsequently won a well-publicized trial that became a symbol of Modernism’s victory over petty philistinism.” Tradução nossa. MILLER, Sandra, **Constantin Brancusi**, London: Reaktion Books, 2010, p. 67.

A literatura de Blish revela a capacidade crítica que a Ficção Científica detém em relação ao âmbito histórico e social em que se insere. Todavia, antes de transpor a interpretação do foguete, é necessário contextualizar a posição do autor na Ficção Científica.

Finalizada essa consideração sobre os foguetes e a Ficção Científica, retornamos para a discussão central deste Capítulo. Queremos pontuar que a possibilidade de Clareson executar a mediação entre grupos implica em uma posição de relevância na própria comunidade de Ficção Científica. Ao comparar isso com os peregrinos, nem mesmo Lovecraft teve tamanha inserção (mesmo que Clark Ashton Smith, um de seus principais interlocutores, tenha participado da *SFL* desde a sua criação).

4.2.2 Adentrando na *PSFS*

O objetivo da *PSFS* é a inclusão tanto dos profissionais quanto dos amadores, pois se pauta na noção de que os fãs também produzem literatura. O que discutimos aqui corrobora com a definição proposta por Camille Bacon-Smith acerca dessa comunidade. Embora a autora esteja discutindo uma situação contextual e temporal relativamente distinta, sua conceitualização se faz extremamente relevante:

Os participantes da comunidade de Ficção Científica mudam regularmente de posição em posição, agindo às vezes como consumidores, às vezes como produtores, às vezes como críticos e às vezes como construtores de comunidades no mundo literário que explodem os limites que os estudiosos colocaram nos papéis ou na tomada de posição. Ou seja, o organizador da convenção também pode escrever livros de Ficção Científica ou fantasia publicados comercialmente. O editor que compra o livro para a divisão de Ficção Científica de uma grande imprensa pode amanhã escrever para um fanzine, ou escrever seu próprio livro, ou participar de um animado debate online sobre a história da cultura dos fãs nos anos 50. Torna-se impossível dizer quem é imutavelmente poderoso, ou em que posição em um campo de produção cultural em constante mudança.¹⁶⁸

O anúncio de que a premiação vai ocorrer em 1953 está presente no *Progress Report #3*, de 1º de junho de 1953. Esses documentos circulam entre os membros da comunidade, funcionando como um noticiário do que está ocorrendo. No material mencionado consta:

Na Décima Primeira Convenção Mundial de Ficção Científica, na Filadélfia, no fim de semana do Dia do Trabalho, uma nova tradição nos anais da Ficção Científica será estabelecida, com a entrega formal do Primeiro Prêmio Anual de Realização de Ficção Científica aos escritores, editores, artistas e fãs que os membros da Convenção sentem que se distinguiram durante o ano passado. Esta é a primeira vez na história da Ficção Científica que tais prêmios foram feitos para incluir todos os campos de empreendimentos de Ficção Científica.¹⁶⁹

¹⁶⁸ BACON-SMITH, Camille, **Science Fiction Culture**, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000, p. 3.

¹⁶⁹ No original: "At the Eleventh World Science Fiction Convention in Philadelphia on Labor Day weekend, a new tradition in the annals of science fiction will be established, with the formal awarding of the First Annual Science Fiction Achievement Awards to those writers, editors, artists, and fans whom the members of the Convention feel have distinguished themselves during the past year. This is the first time in the history of Science Fiction that such Awards have been made to include all fields of science fiction endeavors." Tradução nossa. *Progress Report, 11th World Science Fiction Convention*, v. 3, p. 1–15, 1953, p. 3.

A década de 1950 é marcada por muitas mudanças na Ficção Científica, sobretudo na medida em que as revistas cedem espaço para os livros e coletâneas. Inclusive, a proposta original conta com uma designação que visa oferecer *Hugos* tanto para os profissionais quanto para os amadores:

Romance (Publicado em capa dura, brochura ou em uma revista. Independentemente do tamanho, se a página de conteúdo ou a editora o descrever como um romance, nós o consideraremos um.) A ser concedido ao autor.

Conto ou Noveleta (Qualquer escrita ficcional muito curta para se qualificar acima.) A ser concedido ao autor.

O Fã com Personalidade (Qual pessoa fez mais pelo fandom no ano passado?)

Revista Profissional (Com base na excelência geral no ano passado.) A ser concedida ao editor, para toda a equipe.

Pintura da capa. A ser concedido ao artista.

Ilustrações interiores ou ilustração. A ser concedido ao artista.

Fan Magazine. A ser concedida ao editor, para toda a equipe.

Artigo Factual ou Série de Artigos. A atribuir ao autor.

Nova Descoberta (Autor ou artista com pouco ou nenhum trabalho publicado antes de agosto de 1952, que contribuiu mais significativamente [...] no ano passado).¹⁷⁰

Propomos que a consolidação da posição de Claeson na comunidade de Ficção Científica se dá no interstício entre o trabalho na *PSFS* e na *Worldcon* de

¹⁷⁰ Novel (published with hardcover, brochure or in a magazine, no matter the length, if the contents page or the publisher describes it as a novel, we'll consider it one.) To be awarded to the author. Short Story or Novelette (Any fictional writing too short to qualify above.) To be awarded to the author. Fan Personality (What person has done most for fandom in the past year?) Professional Magazine (On the basis of overall excellence in the past year.) To be awarded to the editor, for the entire staff. Cover Painting. To be awarded to the artist. Interior Illustrations or Illustration. To be awarded to the artist. Fan Magazine To be awarded to the editor, for the entire staff. Fact Article or Article Series To be awarded to the author. New Discovery (Author or artist with little or no work published before August 1952, who has contributed most significantly to STF this past year." Tradução nossa. *Ibid.*

1953, bem como com o artigo *The Emergence of American Science Fiction: 1880-1915*.¹⁷¹ Como ponto de partida, convém apontar que a publicação desse material ocorre na *Science Fiction Quarterly*, que está sob o controle editorial de Robert W. Lowndes¹⁷², vinculado ao grupo dos *Futurians*¹⁷³, e conta com duas revistas irmãs, a *Dynamic Science Fiction* e a *Future SF*.

As revistas de Lowndes sempre foram pessoais e essa era sua força. Ele sabia que seu pequeno orçamento (um centavo por palavra, se você tivesse sorte) não lhe permitia competir por material de alta qualidade, e ele tinha que contar com rejeições, mas ele poderia infundir sua revista com uma atmosfera que nenhum outro editor poderia. Tendo em mente que nem a *Galaxy*, nem a F&SF tinham colunas de letras e que a *Astounding* era muito controlada, sobram apenas as colunas em *Planet Stories*, *Thrilling Wonder* e *Starling* como o coração do fandom. Lowndes foi capaz de desenvolver isso ao longo dos anos, trazendo um toque pessoal aos seus títulos, o que fez com que os leitores permanecessem fiéis. Essa lealdade também significava que Lowndes poderia contar até certo ponto com seus amigos escritores, como James Blish, Frederik Pohl, Damon Knight e Lester del Rey para trazer alguns nomes significativos para sua revista.¹⁷⁴

¹⁷¹ CLARESON, *The Emergence of American Science Fiction: 1880-1915. A Study on the Impact of Science Upon American Romanticism*.

¹⁷² Robert W. Lowndes (1916-1998) trabalhou tanto na edição quanto na escrita de Ficção Científica e fez parte do grupo dos Futurians. A sua primeira publicação foi na *Super Science Stories*, em 1940, em coautoria com Donal A. Wollheim. Atuou também noutras revistas, como *Magazine of Horror*, *Startling Mystery Stories*, *Famous Science Fiction*, *Weird Terror Tales* e *Bizarre Fantasy Tales*. Além disso, foi o editor da linha de Ficção Científica da Avalon entre 1955-1967. A sua carreira foi marcada por diversas obras produzidas em coautoria. Stableford, Nicholls e Clute argumentaram que as melhores produções de Lowndes foram aquelas que desenvolveram elementos de Lovecraft, como *The Abyss* (1941) e *The Leapers* (1942).

¹⁷³ Os Futurians se inserem dentro daquilo que comentamos no capítulo anterior acerca das dinâmicas de oposição dentro da comunidade de Ficção Científica. Dentro da SFL, Wollheim denunciou os calotes dados por Gernsback, o editor por sua vez o expulsou do grupo. Em resposta, vários amigos de Wollheim se desligaram e começaram a se mobilizar para criar uma associação que fosse independente. Conforme narrou Damon Knight: “Em agosto, cansados de destruir os clubes alheios, Wollheim e seus amigos decidiram criar um próprio. Eles a chamavam de Sociedade Literária da Ciência Futuriana. Sua primeira reunião aberta foi realizada em 18 de setembro de 1938.” No original: “In August, tired of destroying other people’s clubs, Wollheim and his friends decided to create one of their own. They called it Futurian Science Literary Society. Its first open meeting was held on September 18, 1938.” Tradução nossa. Ver: KNIGHT, Damon, *The Futurians*, New York: The John Day Company, 1977, p. 18.

¹⁷⁴ No original: “Lowndes’ magazines were always personal, and that was their strength. He knew that his small budget (one cent a word if you were lucky) did not allow him to compete for high-quality material, and he had to rely on rejects, but he could infuse his magazine with an atmosphere as no other editor could. Bearing in mind that neither *Galaxy* nor F&SF had letter columns, and that *Astounding* was very controlled, that left only the columns in *Planet Stories*, *Thrilling Wonder* and *Startling* as the heart of fandom. Lowndes was able to develop that over the years, bringing a personal touch to his titles, which made the readers remain loyal. This loyalty also meant that Lowndes could rely to some extent on his writer friends, such as James Blish, Frederik Pohl, Damon Knight and Lester del Rey, to bring some significant names to his magazine.” Tradução nossa. ASHLEY, Michael, *Transformations: the story of the science-fiction magazines from 1950 to 1970*, Liverpool: Liverpool Univ. Press, 2005, p. 41,42.

Empregando essa estratégia de operar a partir de favores e da rede de amizades, Lowndes constrói a *Science Fiction Quarterly* com textos de Asimov, de Camp, Clarke, del Rey, Jack Vance e William Tenn. Retomando novamente a análise de Ashley:

Um bom editor sempre prevalecerá, e Lowndes foi um dos editores de revistas mais consistentes e confiáveis. Lowndes provavelmente se beneficiou daqueles escritores que ficaram irritados com a intromissão de Gold em seus manuscritos. As revistas de Lowndes eram um porto seguro e, embora pagasse taxas mais baixas, geralmente comprava material sem exigir revisões extensas, de modo que a renda por palavra escrita provavelmente era a mesma.¹⁷⁵

É nesse espaço em que Clareson escapa tanto das forças gravitacionais de Campbell, de um lado, quanto de Gold, de outro, que sua translação se materializa, apesar de não estar isolada. Na conclusão do artigo de Clareson, há o anúncio de outro, que será lançado na *Dynamic* de outubro de 1953, escrito por James E. Gunn.

Destacamos, mais uma vez, que Clareson não é o único acadêmico fã de Ficção Científica. Gunn tem outra trajetória, mas ambos estão convergindo nesse momento. Ashley ressalta que:

¹⁷⁵ No original: "A good editor will always prevail, and Lowndes was one of the most consistent and reliable of magazine editors. Lowndes probably benefited from those writers who became irritated with Gold meddling with their manuscripts. The Lowndes magazines were a safer haven, and though he paid lower rates he usually bought material without demanding extensive revisions, so that the income per written wordage was probably the same." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 44.

Um aspecto notável da *Dynamic* é que foi a primeira (e única) revista *Pulp* a publicar uma tese de mestrado, quando publicou o estudo de James Gunn sobre a filosofia e as formas de enredo da Ficção Científica em quatro partes (março de 1953 a janeiro de 1954). Gunn foi um dos primeiros a explorar as questões decorrentes da Ficção Científica e posteriormente se tornaria um dos críticos mais respeitados do campo. Na verdade, Lowndes sempre se interessou pela análise e discussão sérias da Ficção Científica, algo normalmente guardado para o santuário interno das revistas de fãs. Além de Gunn, ele publicou a primeira peça do futuro professor de inglês Thomas D. Clareson, 'The Evolution of Science Fiction' (*Science Fiction Quarterly*, agosto de 1953), e dirigiu uma coluna regular, 'Inside Science Fiction' (*Dynamic SF*, junho de 1953 a janeiro de 1954), pelo fã e colecionador Robert A. Madle. Se a *Dynamic* fosse uma revista resumida, com melhor distribuição e mais apoio financeiro, quase certamente teria feito um nome maior para si mesma, mas quando, após as três primeiras edições, as vendas começaram a cair, a Silberkleit derrubou o machado. A revista acumulou seis edições no total, dobrando com a datada de janeiro de 1954. Para todos os efeitos, a *Dynamic SF* foi a última revista *Pulp* de Ficção Científica a aparecer nos Estados Unidos.¹⁷⁶

Se o artigo de Gunn é o material da sua dissertação de mestrado, o caso de Clareson tem uma lógica reversa, pois o texto de 1953 será a base para a construção do seu doutorado. No mais, entendemos que é necessário tecer um comentário a seu respeito, uma vez que esse material arrasta pistas de várias questões que virão a se desenvolver na *Extrapolation* futuramente.

¹⁷⁶ No original: "One remarkable aspect of *Dynamic* is that it was the first (and only) pulp magazine ever to publish a Master of Arts thesis when it ran James Gunn's study of the philosophy and plot-forms of science fiction in four installments (March 1953–January 1954). Gunn was himself one of the first to explore the issues arising from science fiction and would subsequently become one of the most respected critics of the field. In fact Lowndes had always been interested in the serious analysis and discussion of science fiction, something normally saved for the inner sancta of the fan magazines. In addition to Gunn he published the earliest piece by future professor of English Thomas D. Clareson, 'The Evolution of Science Fiction' (*Science Fiction Quarterly*, August 1953), and ran a regular column, 'Inside Science Fiction' (*Dynamic SF*, June 1953–January 1954), by fan and collector Robert A. Madle. Had *Dynamic* been a digest magazine with better distribution and more financial backing it would almost certainly have made a bigger name for itself, but when, after the first three issues, sales began to dip, Silberkleit brought down the axe. The magazine eked out six issues in total, folding with that dated January 1954. To all intents and purposes *Dynamic SF* was the last new s[cience] f[iction] pulp magazine to appear in the United States." *Ibid.*, p. 44,45.

4.3 A PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA DE CLARESON

O primeiro problema é de cunho histórico e, no caso de Clareson, identificamos um argumento que trata Poe, Verne, Wells, Haggard, Lucian, Filostrato, Swift, Voltaire, Gernsback e Campbell como pertencentes a uma mesma tradição literária. Quando somamos isso àquilo que discutimos sobre Nicolson, Gove e Bailey, percebemos que se estabelece a estrutura de um argumento que recusa e critica a postura de desvalorização das histórias de Ficção Científica. É, portanto, a partir do problema histórico que Clareson estabelece seu panorama conceitual:

A Ficção Científica, então, deve ser considerada como aquele tipo de fantasia que extrai materiais do impacto das ciências mecanicistas (e suas áreas relacionadas e derivadas) sobre a imaginação do homem. [...] é a tentativa de interpretar e especular sobre os efeitos da teoria e dos fatos científicos sobre o homem, como indivíduo e como espécie. Como tal, um de seus métodos primários é a extrapolação de fatos científicos conhecidos ao longo de uma linha de desenvolvimento possível/provável, a fim de fazer uso (para profetizar) condições e problemas futuros.¹⁷⁷

A afirmação de que a Ficção Científica está inserida na Fantasia define tanto o trabalho de Clareson quanto o viés editorial da *Extrapolation*. Debates a favor e contra esse argumento aparecem inclusive no periódico, o que nos permite afirmar que Clareson está interessado no diálogo. Veremos posteriormente que o encontro de 1958 consolida o grupo dos acadêmicos de Ficção Científica, mas ao mesmo tempo define quais são as linhas de tensão dentro do grupo acadêmico, tanto internamente quanto em relação ao grupo não acadêmico.

No sexto capítulo desta tese, discutimos como a criação da *Science-Fiction Studies*, em 1973, por Suvin e Mullen, é motivada e se define por uma proposta oposta, na qual a Ficção Científica não faz parte da tradição de literatura fantástica. Trata-se de um conflito que, por sua vez, demarca e estabelece as diferenças entre os dois periódicos (*Extrapolation* e *SFS*) ao longo dos anos.

¹⁷⁷ No original: “Science-fiction, then, must be regarded as that type of fantasy that draws materials from the impact of the mechanistic (and their related and derivative) sciences upon the imagination of man. [...] It is the attempt to interpret and speculate upon the effects of scientific theory and facts on man, as an individual and a species. As such, one of its primary methods is the *Extrapolation* of known scientific fact along a possible/probable line of development, in order to make use of (to prophesy) future conditions and problems.” Tradução nossa. CLARESON, **The Emergence of American Science Fiction: 1880-1915. A Study on the Impact of Science Upon American Romanticism**, p. 87.

Retornando ao texto de Clareson, convém perceber que essa conexão histórica entre as viagens imaginárias (Gove, Bailey, Nicolson), as utopias, bem como a literatura gótica (Scarborough, Birkhead, Lovecraft) é estabelecida por Clareson mediante a mobilização dos textos críticos de Ley e de Camp. A base argumentativa de Clareson se sustenta a partir dos trabalhos de Groff Conklin e James Gunn, na medida em que ambos pautam e defendem a importância em considerar os impactos que as ciências causam no indivíduo.

Isto é, a materialização da sua rede de relações se transforma e produz linhas de mediação. É significativo compreender que Clareson não lida com a comunidade de Ficção Científica naquele molde definido por Lerner. Ao contrário, com exceção de Lovecraft, todas as referências de Clareson têm algum tipo de formação acadêmica. Assim, Clareson ocupa posições de relevância que viabilizam o diálogo entre interlocutores amadores e profissionais, tanto num espaço quanto noutro.

Podemos afirmar que Clareson está dialogando com a comunidade de Ficção Científica e que esse é o seu público-alvo. Todavia, seu horizonte é mais amplo. Clareson conecta *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley com Nathaniel Hawthorne, a partir do argumento de que ambos recorreram aos dados científicos para tratar de temas tradicionais. A menção específica ao trabalho de Hawthorne é significativa, pois faz parte dum amplo debate acadêmico acerca da cisão entre a literatura americana e a literatura inglesa. Em 1944, F. O. Matthiessen tece e consolida a definição da literatura americana e quem são seus principais representantes:

Emerson, Hawthorne, Thoreau, Whitman e Melville escreveram literatura para a democracia em um duplo sentido. Eles sentiram que era incumbência de sua geração dar cumprimento às potencialidades liberadas pela Revolução e fornecer uma cultura compatível com a oportunidade política da América.¹⁷⁸

¹⁷⁸ No original: "Emerson, Hawthorne, Thoreau, Whitman, and Melville all wrote literature for democracy in a double sense. They felt that it was incumbent upon their generation to give fulfillment to the potentialities freed by the Revolution, to provide a culture commensurate with America's political opportunity." Tradução nossa. MATTHIESSEN, F. O, **American Renaissance: Art and Expression in the Age of Emerson and Whitman**, Oxford and New York: Oxford University Press, 1941, p. XV.

Hawthorne, portanto, é um dos referenciais da literatura americana. No mais, conforme contextualizado por Leland S. Person, esse debate é ampliado nas décadas de 1950 e 1960 por diversos acadêmicos e críticos.¹⁷⁹ Somando a relevância do autor como um nome estudado dentro da academia com as pautas de debates que são tecidas ao mesmo tempo que a *Extrapolation* é fundada, podemos afirmar que Claeson modula a Ficção Científica para o espaço acadêmico. Algo semelhante pode ser explorado com o caso de Mary Shelley, que abordaremos futuramente, quando discutiremos como seu nome e obra se tornaram uma das principais referências dentro do estudo da Ficção Científica.¹⁸⁰

Mediar é dialogar e Claeson indica que o modelo dos contos de terror oriundos das revistas do começo do século 19 atinge o ápice do seu desenvolvimento através do trabalho de Poe. Menção que, mais uma vez, tece um debate acadêmico, ao mesmo tempo em que é somada à indicação feita por Claeson acerca do papel de Fitz-James O'Brien como o escritor responsável por estabelecer os motivos (*motifs*) que viriam a dominar as revistas de Ficção Científica.

A questão dos motivos é significativa e já foi, de certa forma, apresentada quando mencionamos Scarborough e seu interesse pelo folclore. O modo pelo qual Claeson defende a ideia da relação entre literatura e ciência no imaginário popular corrobora para confirmar aquilo que Westfahl apontou: quando Claeson olha para Scarborough, está vendo a si.¹⁸¹

Estamos diante de um problema historiográfico que se transformou em metodológico. Não se trata mais de uma história da Ficção Científica, mas dos problemas analíticos para estabelecer uma crítica. Isso se torna evidente quando levamos em consideração o artigo de Samuel John Sackett, que é publicado já no segundo número da *Extrapolation*, em 1960.¹⁸²

Sackett, que inclusive é o diretor da terceira conferência da *Extrapolation* em 1960, toma como referência o trabalho dos folcloristas, como o *Motif-Index of Folk*

¹⁷⁹ PERSON, Leland S., **The Cambridge Introduction to Nathaniel Hawthorne**, Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 116.

¹⁸⁰ ALDISS, **Billion Year Spree - The True History of Science Fiction**.

¹⁸¹ WESTFAHL, On the Trail of a Pioneer: Dorothy Scarborough, the First Academic Critic of Science Fiction.

¹⁸² THOMPSON, **Motif-Index of Folk-Literature**.

Literature, de Stith Thompson, e sugere que um método similar pode ser aplicado para a Ficção Científica:

Assim, um estudioso que se interesse por um conto contendo um desses motivos pode, usando o Índice, comparar seu conto com talvez centenas de outros e ser levado a certas conclusões sobre a história e a difusão de seu conto, bem como sobre o processo de mudança e alteração que uma história sofre na tradição oral.¹⁸³

Thompson publicou originalmente seu trabalho em 1932; no entanto, uma segunda edição foi lançada entre 1955 e 1958, mostrando que Sackett também incorporava temas pertinentes ao âmbito acadêmico.

No artigo de Claeson, o recorte temporal abrange o período de 1850 a 1920, focando no imaginário sobre arqueologia e geologia, que se desenvolveu na literatura a partir dos temas das raças perdidas e dos mundos perdidos. Dessa forma, a viagem imaginária se combina com elementos utópicos, dotando a narrativa de uma estética modernizada. Ao dialogar tanto com Nicholson quanto com de Camp, um dos principais objetivos é formular e definir o que mais chama atenção dentro da Ficção Científica: a ópera espacial.

Quais são essas fórmulas? (1) o autor estava preocupado principalmente com a exploração física dos planetas, onde o herói encontrava obstáculos suficientes para compor um enredo do tamanho de um livro, e onde o herói encontrava, como em romances como *A Journey in Other Worlds* de Astor (1849), uma evolução geológica paralela à da Terra, como implicavam as teorias de Herbert Spencer. (2) O homem e/ou a Terra foram ameaçados pela destruição total nas mãos de algum invasor alienígena que precisava dos recursos da Terra ou gostava de seu clima. (3) Como em *Across The Zodiac* de Percy Greg (1880) ou no conto de Edward Bellamy, *The Blindman World* (1898), o homem encontrou uma civilização mais madura que a sua, e assim forneceu ao autor um ponto de partida a partir do qual ele poderia criticar o homem como espécie, e a civilização como existia no final do século. Assim, o autor deu continuidade à tradição estabelecida pelo romance utópico e pela Viagem Imaginária.¹⁸⁴

¹⁸³ No original: "Thus, a scholar who is interested in a tale containing one of these motifs can, by using the Index, compare his tale with perhaps hundreds of others and be led to certain conclusions about the history and diffusion of his tale as well as about the process of change and alteration that a story undergoes in the oral tradition." Tradução nossa. SACKETT, *A Motif Index for Science Fiction?*, p. 38.

¹⁸⁴ No original: "What are these formulas? (1) the author was primarily concerned with the physical exploration of the planets, where the hero found sufficient obstacles to make up a book-length plot, and where the hero found, as in such novels as Astor's "A Journey in Other Worlds" (1849), a

Em outras palavras, Clareson estabelece uma sólida filiação da Ficção Científica com a tradição literária geral, analisando suas estruturas e temas recorrentes. As divergências entre as obras literárias ocorrem devido aos diferentes contextos históricos e, principalmente, aos avanços científicos da época. A transformação das ciências está intimamente ligada às mudanças no imaginário coletivo, e a literatura de Ficção Científica surge como um reflexo dessas transformações. Dessa forma, Clareson justifica e oferece uma perspectiva de interpretação para a ópera espacial, sem se ater a aspectos puramente estilísticos ou de qualidade literária, uma vez que sua relevância já foi previamente reconhecida.

A mediação realizada por Clareson adquire novamente destaque ao trazer Bailey como uma referência. Ao destacar que autores como Bellamy, England, Wells e London possuíam preocupações políticas em suas obras, Clareson coloca a Ficção Científica no mesmo patamar de relevância que a literatura realista no âmbito das questões sociais e políticas.

Outro ponto discutido por Clareson é a temática da guerra final, conceito que se fundamenta no desenvolvimento da indústria bélica. Essa temática deu origem a uma nova categoria de herói, distante do modelo gótico tradicional:

Se o herói padrão do romance gótico era aquele homem que (por causa, em parte, do impacto do pensamento científico sobre a teodiceia do século 18) estava perdido e confuso em uma vida sem sentido, então o herói padrão no final do século foi o cientista que acreditou e se esforçou para alcançar a fórmula; ciência mais socialismo é igual a utopia.¹⁸⁵

Portanto tratava-se agora de um herói associado ao avanço tecnológico e científico, refletindo os dilemas e desafios enfrentados pela sociedade contemporânea.

parallel geological evolution to that of the Earth, as Herbert Spencer's theories implied. (2) Man and/or the Earth were threatened by total destruction at the hands of some alien invader who needed Earth's resources or took a fancy to her climate. (3) As in Percy Greg's "Across the Zodiac" (1880) or Edward Bellamy's short story, "The Blindman World" (1898), man encountered a civilization more mature than his own, and thus provided the author with a point of departure from which he might criticize man as a species, and civilization as it existed toward the end of the century. In this manner, the author continued the tradition established by the Utopian romance and the "Imaginary Voyage". Tradução nossa. CLARESON, **The Emergence of American Science Fiction: 1880-1915. A Study on the Impact of Science Upon American Romanticism**, p. 91.

¹⁸⁵ No original: "By the end of the century it made of man an isolated individual who could not be certain he knew himself, who could not be certain he communicated with others. In this sense it redefined and continued the hero of the Gothic novel." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 93,94.

A referência principal para discutir o gótico e as histórias de fantasmas ainda é o trabalho de Scarborough, que Clareson cita constantemente. Scarborough argumenta que existe uma relação de equivalência entre os âmbitos do paranormal e do científico, onde um contribui para o crescimento do outro e vice-versa. Essa discussão nos leva novamente ao problema metodológico da Ficção Científica, pois a interação entre elementos científicos e sobrenaturais é uma das características marcantes desse gênero literário.

Na etapa final de seu artigo, Clareson aborda o período contemporâneo da Ficção Científica, concentrando-se em duas áreas que mais impactaram a literatura: a teoria da relatividade e o conceito de tempo. Em relação ao segundo, ele destaca o pensamento do Pragmatismo Filosófico que se desenvolveu em histórias sobre universos alternativos, viagens no tempo e outras dimensões. No entanto, Clareson também enfatiza que o processo de incorporação desses elementos na Ficção Científica não foi imediato. Ele argumenta que o gênero precisou passar por uma fase de transição para absorver plenamente essas temáticas e torná-las características fundamentais de suas narrativas.

No entanto, mesmo quando esses temas provocativos foram usados, muitas das histórias continuaram a ser dominadas pelo enredo. Era como se os autores tivessem a crença de que a única maneira de obter um conflito dramático fosse contar com muita ação e a subsequente luta entre bonzinhos e malvados; era como se o autor não tivesse ouvido falar que grandes romancistas do final do século 19 e início do século 20 haviam mostrado que estudar o funcionamento da mente de um homem – mostrar os conflitos dentro de um personagem – produzia um efeito dramático mais intenso, mais interessante para o leitor e confiava apenas na complicada ação do enredo, que muitas vezes levava ao melodrama superficial.¹⁸⁶

O objetivo de Clareson é refutar a crítica de que as histórias de Ficção Científica carecem de um desenvolvimento adequado dos personagens e são voltadas apenas para a ação. Essa crítica afirma que as histórias focadas na ação têm mais apelo comercial e, portanto, são mais lucrativas para as revistas. Clareson

¹⁸⁶ No original: “Yet even when these provocative themes were used, many of the stories continued to be dominated by the plot. It was as though the authors believed that the only way to obtain a dramatic conflict was to rely on lots of action and the subsequent struggle between “goodies” and “baddies”; it was as though the author had not heard that major novelists of the late nineteenth and early twentieth century had shown that to study the workings of a man’s mind – to show the conflicts within a character – produced a dramatic effect more intense, more interesting to the reader than did a reliance solely upon complicated plot-action, which led so often to superficial melodrama.” Tradução nossa. *Ibid.*, p. 93.

concorda que a maioria das histórias de Ficção Científica publicadas nas revistas da época segue esse padrão.

Porém, Clareson argumenta que essas histórias de ação estão desconectadas do resto da tradição literária. Ele sugere que os autores podem, na verdade, ampliar seus lucros ao retomar a estratégia dos grandes escritores da virada do século, que exploravam conflitos psicológicos e desenvolvimento de personagens mais profundos. Ao fazer isso, a acusação de que a Ficção Científica é apenas uma literatura comercial sem valor cultural perde força.

Clareston utiliza Conklin como referência e destaca John W. Campbell, Jr. como o ponto de virada na escrita dos personagens. Campbell, como editor da *Astounding Science Fiction*, promove uma abordagem mais sofisticada e psicologicamente profunda para a Ficção Científica, incentivando os autores a explorarem os aspectos humanos de suas narrativas, além das tramas de ação e aventura. Com isso, Campbell contribuiu para elevar o nível da escrita de personagens na Ficção Científica da época:

[...] Campbell ouviu pacientemente o esboço de uma história – ainda não escrita – e sugeriu, quando terminada, que a situação-chave fosse abordada do ponto de vista psicológico ou sociológico. Ou seja; dada a situação, quais foram seus efeitos sobre os personagens e/ou sobre a sociedade como um todo?¹⁸⁷

Assim, Clareson desmistifica a ideia de que a Ficção Científica havia finalmente amadurecido. Em vez disso, ele estabelece uma nova conexão com a tradição literária realista, que já se dedicava a desenvolver profundamente os personagens. Na conclusão de seu artigo, Clareson defende que a ênfase da Ficção Científica não esteja somente na ciência, mas na ficção em si. Ele acredita que a Ficção Científica é um movimento literário que vai além dos elementos tecnológicos (gadgets) e, portanto, pode servir tanto para analisar o presente quanto para projetar o futuro.

Clareson encerra sua linha de raciocínio com uma citação de Robert E. Spiller, seu orientador de doutorado e professor de literatura americana. Spiller argumenta que, para a ciência se tornar arte, não deve se restringir apenas a um método para descobrir algo, mas sim ser entendida como um instrumento da

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 97.

imaginação. Clareson concorda plenamente com essa visão e enfatiza que a Ficção Científica é, de fato, uma forma literária que tem o potencial de florescer como arte original.¹⁸⁸ No entanto, para alcançar esse status, deve ser bem escrita e transmitir uma mensagem significativa.

Em 1956, Clareson conclui seu doutorado pela Universidade da Pensilvânia, consolidando sua posição na comunidade e obtendo um emprego estável. O próximo passo é conquistar o reconhecimento acadêmico, o que ele alcança com sua tese intitulada *The Emergence of American Science Fiction: 1880 - 1915 - A Study on The Impact Upon American Romanticism*, sob orientação de Robert E. Spiller.

A defesa do estudo da Ficção Científica apresentada por Clareson inicia-se com uma explicação acerca do contexto da Ficção Científica no período posterior à Segunda Guerra Mundial. O argumento é circunscrever que o livro responsável pelo lançamento do modelo de coletânea de antologias, modalidade de produção que ganha cada vez mais espaço, que viria a dominar o mercado é *The Best of Science Fiction*, de Groff Conklin, em 1946. Nesse mesmo período, a primeira compilação bibliográfica, *The Checklist of Fantastic Literature*, editada por Everett F. Bleiler e T. E. Dirky, é publicada.

Portanto, convém delimitar que Clareson toma contato com a Ficção Científica a partir da modalidade das revistas. É em função dessa mídia que os grupos e associações se organizam, como por exemplo a *PSFS*, ou mesmo a premiação do Hugo Awards. Todavia, o que Clareson diagnostica com a menção aos trabalhos de Conklin, Bleiler e Dirky, diz respeito a um movimento que vem ganhando força em um período posterior. As coletâneas, bem como os livros de Ficção Científica, viriam a criar uma dinâmica em relação às posições dos editores e dos fãs.

Tendo isto em mente, outra discussão necessária diz respeito à relação entre literatura e ciência. No entendimento de Clareson, o interesse pela ciência não se resume apenas às histórias de Ficção Científica. Trata-se de um momento de aumento da divulgação científica para o público geral, que conta com publicações

¹⁸⁸ No original: "There can be little doubt that "original art" is science fiction. But it must be well written and it must say something if it is to flourish." Tradução nossa. CLARESON, *The Evolution of Science Fiction*, p. 98.

como *Rockets, Missiles, and Space Travel*, de Willey Ley e *The Exploration of Space*, de Arthur C. Clarke.

Entretanto o processo de divulgação científica não está imune à emergência de propostas pseudocientíficas. Essa é uma questão que já havíamos detectado quando Clareson mobilizou Scarborough em seu artigo de 1953. Na tese, Clareson faz referência ao fenômeno extraterrestre, surgido com Donald Keyhoe em *The Flying Saucers Are Real* (1950) e sequenciado por Frank Scully em *Behind The Flying Saucers* (1950), Gerald Heard em *The Riddle of The Flying Saucers* (1950) e, mais próximo do período de Clareson, Desmond Leslie e George Adamski com *Flying Saucers Have Landed Here* (1953). O fenômeno dos UFOs faz parte de um imaginário mais amplo:

A controvérsia se espalhou por *Mundos em Colisão* (1950), de Immanuel Velikovsky, no qual tentou provar que a Terra havia sido atingida pela cauda de um cometa. Sua teoria era diretamente paralela à de Ignatius Donnelly, apresentada em seu *Ragnarok: The Age of Fire and Gravel* (1882). Menos notado foi *America's Ancient Civilization* (1953), de A. Hyatt Verrill, no qual ele sugeriu que o império inca era uma colônia da Suméria. Nisso, ele fez um paralelo com uma série de teorias populares no final do século 19.¹⁸⁹

Identificamos aqui uma nova aplicação da estratégia argumentativa presente no artigo de 1953. Clareson explora o tema de Atlântida, despertado pelo trabalho de Ignatius Donnelly em *Atlantis: The Antediluvian World* (1882). Como referencial, Clareson recoloca a análise feita por Sprague de Camp:

¹⁸⁹ No original: “Controversy raged over Immanuel Velikovsky’s *Worlds in Collision* (1950), in which he tried to prove that the Earth had once been struck by the tail of a comet. His theory directly paralleled that of Ignatius Donnelly as presented in his *Ragnarok: The Age of Fire and Gravel* (1882). Less noticed was A. Hyatt Verrill’s *America’s Ancient Civilization* (1953), in which he suggested that the Incan empire was a colony of Sumeria. In this he paralleled a number of theories popular at the end of the nineteenth century.” Tradução nossa. CLARESON, **The Emergence of American Science Fiction: 1880-1915. A Study on the Impact of Science Upon American Romanticism**, p. 5.

Assim, o livro de Donnelly, baseado em sua interpretação da teoria científica de seu tempo, influenciou a imaginação literária a fazer uso dessas teorias e especulações como base para a ficção. Por essa razão, o uso do tema atlante durante os últimos sessenta e tantos anos deve ser considerado Ficção Científica tão prontamente quanto qualquer ficção contemporânea baseada em alguma teoria ou especulação nos campos da química, astrofísica ou física nuclear.¹⁹⁰

A Ufologia revela que o imaginário popular e a Ficção Científica estão se propagando pela cultura dos Estados Unidos. Lidar com temas reconhecidos como científicos, bem como aqueles que têm um âmbito *fringe*, é uma característica da própria Ficção Científica e vemos isso aparecer em diferentes casos. Brenda Denzler, em seu estudo acerca desse fenômeno, argumenta que:

Se o mito UFO fez qualquer outra coisa no século 20, ele cristalizou dentro de si a linguagem e a práxis de uma modernidade científica junto com os mitos e símbolos de uma antiga e venerável busca humana que primeiro encontrou um lar na religião. [...] É um chamado dessa outra ciência e desse outro saber no limite da realidade do consenso que motiva muitos daqueles que se envolvem na comunidade ufológica. Nesse sentido, a ufologia é uma resposta moderna à atração do limite - tanto uma pesquisa científica popular oscilando na vanguarda da descoberta quanto uma manifestação de uma fronteira lunática vivendo em uma fronteira conceitual além da qual existem monstros.¹⁹¹

O tema das raças perdidas, civilizações ancestrais, bem como dos UFOs tece a malha da Ficção Científica na medida em que participa do imaginário popular. Retomando o ponto levantado por Denzler, essa relação entre religião e ciência não é algo único e podemos adicionar que um argumento similar pode ser feito quando consideramos a proposta da dianética e, posteriormente, da Cientologia. De um ponto de vista histórico, Clareson desenvolve uma conceitualização significativamente relevante sobre a Ficção Científica:

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 6,7.

¹⁹¹ No original: "If the UFO myth has done anything else in the twentieth century, it has crystallized within itself the language and praxis of a scientific modernity along with the myths and symbols of an ancient and venerable human quest that first found a home in religion. [...] It is a call of that other science and that other knowledge at the far edge of "consensus reality" that motivates many of those who become involved in the UFO community. In this sense ufology is a modern-day response to the lure of the edge - both a popular scientific inquiry teetering on the cutting edge of discovery and a manifestation of a "lunatic fringe" living at a conceptual boundary beyond which there be monsters." Tradução nossa. DENZLER, Brenda, **The Lure of the Edge: Scientific Passions, Religious Beliefs, and the Pursuit of UFOs**, Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 2001, p. 154.

Mais simplesmente, a Ficção Científica pode ser considerada um gênero contínuo e reconhecível dentro do amplo escopo da fantasia que tenta apresentar o impacto das ciências mecanicistas e afins sobre a imaginação do homem. No que diz respeito ao material, seus escritores usam como ponto de partida algum fato ou teoria científica; no que diz respeito à forma, eles frequentemente adotam estruturas e técnicas narrativas que há muito são empregadas por escritores de fantasia.¹⁹²

Isso permite a Clareson amarrar a Ficção Científica com a fantasia, na medida em que a trata como algo que reflete diretamente o pensamento e a imaginação do período. Nesse momento, o conceito de extrapolação é empregado por Clareson:

Como tal, sua técnica básica [de Ficção Científica] é a extrapolação de um fato ou teoria conhecida ao longo de uma linha de desenvolvimento possível/provável para antecipar e fazer uso de fatos e situações futuras possíveis/prováveis como ponto de partida. Se o autor quiser, poderá analisar e criticar sua sociedade contemporânea, mas essa crítica não é obrigatória.¹⁹³

Em outras palavras: à medida que cada campo da ciência desenvolve e fornece material instigante à imaginação, os escritores usam esse material em suas histórias.¹⁹⁴ Um elemento adicional, que não estava presente em 1953, surge quando Clareson define que não é possível pensar a Ficção Científica como um produto de um autor ou editor, mas sim como um processo cumulativo que envolve a relação entre a humanidade e o conhecimento científico. Em síntese:

Em primeiro lugar, o estudo deve incluir os contos e romances que tenham relação com a história da ciência por causa de suas datas de publicação. Em segundo lugar, aquelas histórias e romances que estabeleceram – e são representativos – os principais temas e formas desenvolvidas durante o período. Terceiro, aquelas histórias e romances que mostram grandes desvios dos temas e formas estabelecidos.¹⁹⁵

¹⁹² CLARESON, *The Emergence of American Science Fiction: 1880-1915. A Study on the Impact of Science Upon American Romanticism*, p. 11.

¹⁹³ *Ibid.*, p. 12.

¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 12,13.

¹⁹⁵ No original: “First, the study includes those short stories and novels imported in relation to the history of science because of their dates of publication. Second, those stories and novels which established – and are representative of – the major themes and forms developed during the period. Third, those stories and novels which show major deviations from the established themes and forms.” Tradução nossa. *Ibid.*, p. 17.

Uma vez estabelecido o conceito de extrapolação, Clareson passa a dialogar com um conjunto de autores americanos que produziram textos entre 1880 e 1915. Não causa nenhuma surpresa que as referências utilizadas sejam nomes que já conhecemos: Lovecraft, Bailey, Birkhead e Scarborough. Todavia, a superficialidade desses trabalhos e a carência geral de estudos dedicados ao âmbito fantástico nos Estados Unidos justificam tanto a tese quanto o futuro da *Extrapolation*: a falta de bibliografia e a carência de material nas bibliotecas. Dois pilares que já vimos como necessários para estabelecer tais estudos e que já tinham sido engatilhados por Gove, Nicolson e Bailey.

5 MLA, OSBORN E A EXTRAPOLATION: CONTEXTUALIZANDO A ORIGEM E O FUNCIONAMENTO DO PERIÓDICO ENTRE 1959 E 1969

Neste quinto capítulo, abordamos a questão do espaço acadêmico da Ficção Científica, situando sua relação com os Departamentos de Inglês nos Estados Unidos. Para isso, adentramos na história da disciplina de Inglês no país para contextualizar a criação da *Modern Language Association (MLA)*. Essa estratégia é fundamental para compreender o contexto em que Thomas D. Clareson estava em 1958, quando propôs a conferência sobre Ficção Científica no evento anual da *MLA*, resultando na fundação da revista *Extrapolation* em 1959.

A seguir, direcionamos nosso olhar para Scott C. Osborn, figura responsável por viabilizar a conferência de 1958 e mediar as relações entre a revista *Extrapolation* e a *MLA*, buscando estabelecer um espaço permanente nos encontros anuais. Ao traçar a biografia de Osborn, constatamos sua experiência militar no setor logístico e sua atuação como mediador na *MLA*, influenciando suas iniciativas acadêmicas.

Com base nos objetivos estabelecidos para a *Extrapolation* em 1959, exploramos os desdobramentos da revista até 1969. Embora a tese abranja um período mais extenso até 1979, optamos por focar neste primeiro momento, pois nele se estabeleceram relações e processos que geraram novas dinâmicas para a revista.

5.1 MODERN LANGUAGE ASSOCIATION

O objetivo desta parte é contextualizar a materialização do periódico *Extrapolation* em 1959. O que o diferenciou das outras revistas de Ficção Científica foi o seu público-alvo: acadêmicos envolvidos com os estudos de Inglês que participavam dos eventos anuais da *MLA*. Continuando com o papel de Clareson como mediador entre grupos, identificamos as bases materiais que o permitiram assumir essa posição. Sua capacidade intelectual e formação acadêmica, aliadas à sua inserção na comunidade de Ficção Científica, o tornaram uma figura de liderança e diálogo.

Para compreender a organização da *MLA* e o contexto que possibilitou a criação do periódico durante o *73º Encontro Anual* da associação, realizado em *Nova York* entre 27 e 29 de dezembro de 1958, analisamos o processo de origem do periódico.¹⁹⁶

A *MLA*, fundada em 1883, tem como objetivo o estudo de idiomas e produções literárias modernas. Em documentos de 1884, que relataram os eventos do ano anterior, identificamos um debate marcado pela tensão com os estudos clássicos dentro da instituição.¹⁹⁷ Esse conflito foi exemplificado pelo caso de Hjalmar Hjorth Boyesen, que defendeu a relevância do estudo dos idiomas modernos em relação ao grego, utilizando o seguinte argumento:

Mesmo como estudo disciplinar, como estímulo intelectual, uma língua moderna devidamente ensinada pode dar [...] resultados muito melhores que o grego e, se lhe fosse dado o mesmo tempo, e professores com a mesma formação que em línguas clássicas para lidar com isso, o efeito seria muito mais vantajoso para o aluno.¹⁹⁸

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, outros participantes do debate estão sugerindo a remoção do grego como uma disciplina obrigatória, propondo torná-la uma opção eletiva para o ingresso acadêmico. A. H. Palmer, também a favor dessa transição, contextualiza a importância dessa atualização para as

¹⁹⁶ Proceedings of the Modern Language Association of America, **PMLA**, v. 74, n. 2, p. 1–13, 1959.

¹⁹⁷ Proceedings at New York, December 29, 30, 1884, **Modern Language Association of America.**, v. 1, p. XV–XX, 1884.

¹⁹⁸ No original: “Even as a disciplinary study, as an intellectual stimulus, a modern language properly taught can give [...] much better results than Greek, and, if the same time were given to it, and teachers with the same training as in the classical tongues should handle it, the effect would be much more advantageous to the student.” Tradução nossa. *Ibid.*, p. XVII.

universidades dos Estados Unidos. O debate, em sua conclusão, resulta na decisão instanciada por Boyesen e corroborada por H. S. White: o grego deixará de ser uma disciplina obrigatória e se tornará uma matéria eletiva para os estudantes.

Que é o sentido desta Convenção que um conhecimento de leitura de francês e alemão seja aceito como equivalente ao grego como requisito para admissão em faculdades americanas.¹⁹⁹

O problema imediato enfrentado pela *MLA* diante dessa mudança gira em torno do currículo acadêmico, que demanda adequação e reorganização. Além disso, ainda não há uma noção clara de quais são os autores modernos que devem se tornar objeto de estudo. Discutiremos mais adiante como a busca conceitual e metodológica envolvendo o estabelecimento de um cânone marcou o campo acadêmico da Ficção Científica.

Salientamos que a *MLA* está inserida em um amplo processo de profissionalização que ocorre nos espaços acadêmicos, de modo que as associações servem para reunir membros de diferentes disciplinas que podem então discutir estudos em seus próprios setores, revisar o trabalho uns dos outros e avançar o conhecimento ao longo de linhas de investigação aceitas.²⁰⁰

Embora a *MLA* leve em consideração os problemas acerca do currículo e do processo de preparação de professores, tal função é desenvolvida pelo Conselho Nacional de Professores de Inglês, fundado em 1911. Naquele momento, os problemas enfrentados tangem tanto o âmbito literário, mas também o papel da oralidade e da escrita, e isso deve de algum modo se articular com o que se espera de cada um dos estágios educacionais americanos. A síntese disso aparece no discurso de Ernest R. Clark:

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. XVIII.

²⁰⁰ No original: “bring together members of the different disciplines who could then discuss scholarship in their own sectors, review each other’s work, and advance knowledge along accepted lines of inquiry.” Tradução nossa. COHEN, Arthur M.; KISKER, Carrie B., **The Shaping of American Higher Education: Emergence and Growth of the Contemporary System**, San Francisco: Jossey-Brass, 2010, p. 40.

[O] inglês nas escolas primárias é o maior problema na educação americana hoje. [...] O sujeito está na condição mais caótica concebível. Não há acordo entre os diretores das escolas primárias quanto ao assunto, forma ou tipo de trabalho, método ou qualquer outra coisa. Os melhores professores estão totalmente no mar. Eles fazem todo tipo de coisas em nome do inglês. O ensino de inglês em faculdades e escolas de ensino médio melhorou nos últimos vinte anos. O estudo do problema começou na faculdade e foi imposto ao ensino médio, e esses dois departamentos estão considerando cuidadosamente o assunto.²⁰¹

A situação que o inglês enfrenta reflete-se naquela da Ficção Científica. Todavia, a viabilidade destes, principalmente a partir da década de 1970, está na sua capacidade de atrair um amplo público de alunos e, portanto, uma fonte de verbas para as instituições.

Assim, quando Clareson apresenta o seminário *The Significance of Science Fiction*, sua proposta desenvolve todo aquele conjunto analítico que vimos no capítulo anterior. Originalmente concebida como uma *Newsletter*, a *Extrapolation* foi criada pelo editor para manter a continuidade das discussões dentro da *MLA*. Encontramos um paralelo em outra *Newsletter*, criada para um seminário que começou em 1957.²⁰²

²⁰¹ No original: “English in the elementary schools is the greatest problem in American education today. [...] The subject is in the most chaotic condition conceivable. There is no agreement among principals of elementary schools as to subject-matter, form or kind of work, method, or anything else. The best teachers are utterly at sea. They do all sorts of things in the name of English. The teaching of English in colleges and in high schools has improved in the last twenty years. The study of the problem began in the college and was forced upon the high school, and these two departments are giving the subject careful consideration.” Tradução nossa. The National Council of Teachers of English: Proceedings of the First Annual Meeting, Chicago, December 1 and 2, 1911, **The English Journal**, v. 1, n. 1, p. 30–45, 1912, p. 40.

²⁰² CLARESON, Alice S., Carry On, *Extrapolation!*, *Extrapolation*, v. 40, n. 4, p. 271–276, 1999.

5.2 ENGLISH FICTION IN TRANSITION: O PERIÓDICO ACADÊMICO QUE INSPIROU A *EXTRAPOLATION*

A *English Fiction in Transition* ainda possui uma política editorial que define e explicita quais autores serão objeto de estudo. O projeto de Helmut E. Gerber, editor do periódico, inclui alguns nomes que têm relação com a Ficção Científica. Por outro lado, a *Extrapolation* não possui uma listagem pré-definida de autores.

Gerber é atualmente professor do departamento de inglês da Universidade de Purdue, e sua *Newsletter* ainda é dedicada a discutir e apresentar o material produzido na *Conference on English Fiction from 1880 to 1920* da MLA. Portanto, quando o encontro de 1958 ocorreu, Gerber estava à frente da *Conference 17: English Fiction in Transition (1880-1920)*, realizada no Hotel Statler e sob a direção de Nicolson. O público total é de 5.390 participantes.

A reunião incluiu 26 documentos de seção, 171 documentos de grupo, 20 conferências e muitos relatórios especiais, reuniões de comitês e discussões. Vinte e sete artigos foram lidos em línguas estrangeiras.²⁰³

A discussão proposta por Gerber ocorre no domingo, entre 09h15min e 10h30min, enquanto a conferência de Clareson se dá logo em sequência, entre 11h30min e 12h45min. No editorial do primeiro dia da *Extrapolation*, é estabelecido que o objetivo visado é manter a continuidade dessa conferência, bem como servir de ponte para conectar aqueles que estão interessados no assunto. Em termos práticos, a *Extrapolation* serve para publicar material que será indexado pela MLA, bem como viabilizar o acesso para aqueles que não puderam participar dos encontros.

Um elemento importante na relação entre a *Extrapolation* e o seminário ou reuniões relacionadas no MLA foi o fato de que as apresentações dos seminários eram geralmente solicitadas para publicação na revista para que aqueles que não pudessem comparecer pudessem se beneficiar da leitura.²⁰⁴

²⁰³ No original: "The meeting included 26 Section papers, 171 Group papers, 20 conferences, and many special reports, committee meetings and discussions. Twenty-seven papers were read in foreign languages." Tradução nossa. *Proceedings of the Modern Language Association of America*, p. 1.

²⁰⁴ CLARESON, Carry On, *Extrapolation!*, p. 272,273.

Dessa forma, Clareson segue a estratégia de Gerber para posicionar a Ficção Científica entre seus pares. Uma semelhança adicional entre os dois periódicos é o recorte temporal compartilhado. Conforme mencionamos anteriormente, a estratégia de aproximar a Ficção Científica de uma tradição literária moderna está presente e é frequentemente empregada por ambos. No entanto, a característica que define e distingue a *Extrapolation*, tanto em relação ao periódico de 1957 quanto à futura *Science-Fiction Studies*, está na inclusão de autores americanos que publicaram nas revistas *Pulp* americanas. Clareson, auxiliado por Lauterbach, estabelece no primeiro editorial as quatro linhas que norteiam a proposta do periódico.

O aumento do número de estudos de Ficção Científica nos diversos periódicos, bem como a própria existência das Conferências, indica o crescente interesse pelo gênero. No entanto, a partir da discussão do ano passado [1958] e de uma pesquisa de artigos recentes, a falta de acordo até mesmo sobre a definição de Ficção Científica também se torna aparente. Quatro problemas principais enfrentam qualquer um que deseje empreender um estudo do gênero. Primeiro, a falta de bibliografias precisas e cumulativas tanto de obras de Ficção Científica quanto de artigos sobre f-c. Em segundo lugar, a falta de critérios geralmente aceitos para julgar a eficácia da obra individual (a visão de que se julga f-c pelos mesmos padrões que se julga qualquer ficção tem mérito até onde vai, mas também parece evitar a pergunta essencial, não é?). Terceiro, a necessidade de uma história abrangente do gênero – britânico, continental, americano – que estude fontes e influências. [...] Quarto, a necessidade de um amplo estudo da relação entre a Ficção Científica e a ciência de seu próprio período; isto é, a necessidade de estudo dos conceitos populares de ciência e do cientista de qualquer período como refletidos através da Ficção Científica.²⁰⁵

Embora as linhas de raciocínio e o que orientava a *Extrapolation* tenham sido designadas e, conforme vimos, isso se correlaciona com as demandas dos estudos de inglês, também é necessário levar em consideração e discutir o processo

²⁰⁵ No original: “The increase number of studies of science-fiction in the various journals, as well as the very existence of the Conferences, indicates the developing interest in the genre. Yet from last year’s discussion [1958] and from a survey of recent articles, the lack of agreement concerning even the definition of science-fiction also becomes apparent. Four principal problems face anyone wishing to undertake a study of the genre. First, the lack of accurate, cumulative bibliographies of both science-fiction works themselves and articles about s-f. Second, the lack of generally accepted criteria by which to judge the effectiveness of the individual work (the view that one judges s-f by the same standards as one judges any fiction has merit as far as it goes, but it also seems to dodge the essential question, doesn’t it?). Third, the need for a comprehensive history of the genre – British, Continental, American – which studies of sources and influences. [...] Fourth, the need for extensive study of the relationship between science-fiction and the science of its own period; that is, the need for study of the popular concepts of science and the scientist of any one period as reflect through science-fiction.” Tradução nossa. CLARESON, Thomas D.; LAUTERBACH, Edward S., From the Launching Pad, *Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter*, v. 1, n. 1, p. 1, 1959, p. 1.

burocrático que envolve a *Extrapolation* e que permite a criação de um espaço permanente para a conferência anual.

Neste contexto, a colaboração de Scott C. Osborn é fundamental para consolidar a posição da revista no meio acadêmico. O processo burocrático para a criação da *Extrapolation* passou por diversas etapas, desde a sua concepção inicial como uma *Newsletter* até a sua evolução para um periódico acadêmico de prestígio.

5.3 UM NOVO MEDIADOR: SCOTT C. OSBORN

Scott Compton Osborn nasce em Martin, Kentucky, em 22 de março de 1913. Atualmente, é reconhecido por suas contribuições no campo acadêmico e sua atuação na área de estudos de inglês. Ele conclui a sua graduação em 1935 na Faculdade de Professores Estaduais do Leste de Kentucky, atualmente Universidade do Leste de Kentucky, e obtém o mestrado na Universidade de Kentucky.²⁰⁶

Entre os anos de 1939 e 1948, Osborn ministra aulas em diferentes escolas e colégios na região de Floyd County e em Louisville, Kentucky. Em 1943, afasta-se das salas de aula para se alistar nas forças armadas durante a Segunda Guerra Mundial, atuando no *Porto de Embarcação de Nova York* (1943-1947). Durante esse período, alcança o posto de capitão e recebe a *Medalha de Louvor do Exército* por seu notável trabalho. Mesmo após o fim da guerra, Osborn permanece como um reservista ativo e atinge a patente de tenente-coronel.²⁰⁷

No raciocínio apresentado nesta tese, analisamos a experiência militar de Osborn como ponto de partida para o que aconteceria posteriormente. O *Porto de Embarcação de Nova York (NYPOE)* era o centro de comando para o envio de tropas e suprimentos durante a guerra, e o trabalho de Osborn nesse espaço envolvia o gerenciamento de equipamentos, segurança, controle e reposição de peças, entre outras responsabilidades.

No entanto, o principal desafio enfrentado na base era a falta de pessoas com habilidades técnicas para o gerenciamento necessário. Embora tenha havido algum progresso, um sistema completo para controlar o armazenamento de transportes não foi alcançado durante a guerra. Vários motivos podem ser citados para isso, como a priorização de outras tarefas relacionadas ao movimento rápido e seguro de tropas e suprimentos, a escassez de pessoal qualificado e a alta demanda por seus serviços em outros setores da atividade marinha.

A escassez em vários ramos do abastecimento do Exército continua a ser um desafio, levando os oficiais de portos e transportes a buscar recursos próprios

²⁰⁶ WILLIAMS, Peyton W. Jr., In Memoriam: Scott Compton Osborn', **The South Central Bulletin**, v. 30, n. 3, p. 133, 1970; Robert Belton Holland & Scott Compton Osborn, **The Mississippi Quarterly**, v. 23, n. 3, 1970.

²⁰⁷ WILLIAMS, In Memoriam: Scott Compton Osborn'; Robert Belton Holland & Scott Compton Osborn.

para completar o armazenamento de navios antes do tempo de navegação e limitando a eficácia dos esforços para impor a padronização. Em junho de 1945, os serviços técnicos do Porto de Embarque de *Nova York* estimaram que 8.050 itens fora do padrão estavam sendo fornecidos por navios do Exército, em comparação com 4.500 itens padrão. Esta situação ilustra a importância da capacidade técnica e da organização para enfrentar os desafios logísticos durante um período de guerra.

A partir disso, concluímos que Osborn desempenhou uma função técnica fundamental na *NYPOE*, sendo reconhecido pela instituição militar com a medalha anteriormente mencionada. Sua excelência em atuar no âmbito organizacional e logístico foi uma constante em sua vida. Portanto, é um elemento fundamental para entender que a mediação conduzida por Osborn entre a *MLA* e a criação do espaço permanente da *Extrapolation* já estava inserida em uma ampla experiência de trabalho que não estava contida ou restrita ao âmbito acadêmico.

Osborn concluiu seu doutorado na *Universidade de Kentucky* em 1953 e assume, na ocasião, a posição de professor assistente na *Universidade Estadual do Mississippi*. A possibilidade de realizar o doutorado se correlaciona com um contexto em que o ensino superior passa a receber amplo subsídio do governo e, em específico, a *Universidade de Kentucky* assume a posição de escola referencial daquela comunidade no período pós-guerra. Isso se deve ao fato de ser uma das poucas instituições aptas a oferecer um perfil de profissionais e professores com doutorado.²⁰⁸ Já a *Universidade Estadual do Mississippi*, sob o comando de Benjamin Franklin Hilbun²⁰⁹, visa naquela ocasião o crescimento institucional para transitar de uma posição de colégio para uma universidade.

No espaço acadêmico que visava a expansão, a carreira de Osborn se consolida, tornando-se professor associado em 1957, professor em 1960 e chefe interino do departamento de inglês em 1969. A transição de colégio para universidade ocorreu em 1958, de modo que Osborn está envolvido num momento significativo para a história da instituição. Desde 1954, várias iniciativas de Osborn no campo universitário são detectadas, incluindo a fundação do *American Studies*

²⁰⁸ BALLARD, Michael B., **Maroon and White: Mississippi State University 1878-2003**, Mississippi: University Press of Mississippi, 2008, p. 352.

²⁰⁹ Benjamin F. Hilbun (1890-1963) foi o último reitor da universidade que assumiu a posição sem contar com a titulação de doutor. A sua atuação, todavia, foi voltada para a consolidação e expansão dos programas de pós-graduação, bem como estreitou os laços institucionais com o treinamento militar.

Association of The Lower Mississippi e sua participação como membro do *Bibliography Committee of The American Literature Section* da *MLA*, em 1958. Portanto, quando a *Extrapolation* passa a reivindicar um espaço permanente, conta com um aliado importante na instituição.²¹⁰

²¹⁰ No mais, Osborn tomou frente na organização da Mississippi Conference of American Association of University Professors da *MLA* e também editor resenhista da *Mississippi Quarterly*, vindo a assumir como presidente entre 1963 e 1965, além de atuar também como secretário tesoureiro da Southern Humanities Conference, e posteriormente como presidente entre 1966 e 1967. Ainda em 1967, Osborn fez parte do grupo que fundou a *Society for the Study of Southern Literature*. Além de assumir a posição de editor da *Mississippi Quarterly*. Em março de 1969 foi indicado para compor o *New Study Commission* da *MLA*, um setor estabelecido para criar, desenvolver e gerir as atividades organizacionais da associação. Osborn não se manteve apenas numa função de gestor. Ao contrário, sua atividade intelectual foi desenvolvida e publicada em diversos periódicos, como *American Literature*, *PMLA* e o *American Quarterly*. Dentre os autores tratados por Osborn, estavam John Dryden, Stephen Crane, John Crowe Ransom, Richard Harding Davis e John Fox, Jr.

5.4 OSBORN E A *EXTRAPOLATION*

Osborn é eleito em 1962 pelos participantes do seminário de Ficção Científica como diretor para o encontro do ano seguinte. Nessa função, ele assume a responsabilidade de mediar a relação entre o secretariado executivo da *MLA* e o periódico *Extrapolation*.

O tema escolhido para o evento de 1963 é a diferença entre Ficção Científica e Ciência na Ficção. Enquanto Clareson aborda o impacto das ciências na imaginação e na literatura, John B. Hamilton publica um artigo na *Extrapolation* de 1962 que enfatiza a importância do conhecimento científico do autor e sua efetividade no texto. Embora ambos se inscrevam numa linha similar, o foco de Hamilton nos autores cria uma distinção.

Enquanto o debate entre Hamilton e Clareson ocorre, Osborn enfrenta um grande problema logístico. Algumas cartas são enviadas para ele e outras diretamente para John Fisher, secretário executivo da *MLA*. Para resolver a questão, Osborn decide centralizar todas as cartas e mediar a comunicação.

Clareson reconhece que tanto Scott C. Osborn quanto Bailey tiveram um papel fundamental na viabilização da apresentação de 1958. Enquanto Bailey já foi abordado em diversos estudos, nesta etapa nossa atenção se volta para Osborn. Em 1962, ele é designado pelos participantes do seminário para ocupar a função de diretor do evento do ano seguinte, assumindo também a responsabilidade de mediar a relação entre a *Extrapolation* e o secretariado executivo da *MLA*. Conforme explica Clareson no editorial de 1963:

Como alguns de vocês devem se lembrar, em dezembro passado, na reunião do *MLA*, a Conferência votou para tentar obter o status permanente como um Grupo de Discussão, elegendo Scott C. Osborn, da *Universidade Estadual do Mississippi*, como presidente do próximo ano. Scott me escreveu, descrevendo o procedimento a ser realizado. Ele diz que cada pessoa que apoia a mudança deve escrever uma carta individual endereçada ao Secretário Executivo do *MLA*, mas elas devem ser enviadas para Scott para que ele, como presidente, possa enviá-las juntas quando forem coletadas as 45.²¹¹

²¹¹ No original: "As some of you will remember, last December at the *MLA* meeting the Conference voted to attempt to gain permanent status as a Discussion Group, electing Scott C. Osborn of Mississippi State University as next year's chairman. Scott has written to me, outlining the procedure to be undertaken. He says that each person supporting the move should write an individual letter

Osborn explicita para Clareson, que por sua vez replica na *Extrapolation*, que nenhuma carta deve ser igual: Cada pessoa que escreve em apoio ao pedido deve escrever sua própria carta à sua maneira.²¹² Tendo isso em vista, Osborn sugere que as cartas mobilizem a seguinte linha de argumentação:

Estou escrevendo em apoio à solicitação daqueles que conduziram uma Conferência de Ficção Científica anualmente a partir de 1958 para elevação ao status permanente de Grupo de Discussão, com oficiais eleitos regularmente e um programa de artigos. Durante seus cinco anos contínuos, a Conferência de Ficção Científica demonstrou amplamente sua viabilidade e sua seriedade acadêmica. As discussões têm sido vivas e significativas e a Conferência patrocinou um periódico trimestral, *Extrapolation*, publicado no *Wooster College*, Ohio, no qual apareceram bibliografias valiosas e análises penetrantes da Ficção Científica moderna.²¹³

Na primeira parte da carta, identificamos que a transição para uma posição permanente implica na eleição de membros para cargos específicos, bem como em uma programação pré-definida contando com os artigos em pauta. Essa demanda não é um fardo para a *Extrapolation*, pois o modelo de seleção dos diretores anuais já ocorre desde o encontro de 1959 (naquele momento ocupado por Bailey). Por outro lado, no que tange à circulação dos textos, a revista já ocupa, ao menos parcialmente, essa função.

O ponto chave é a tática em apontar a existência de um público interessado no tema, bem como produções bibliográficas e analíticas. O que se visa é esclarecer que a *Extrapolation* não está isolada no estudo da Ficção Científica. Todavia, percebemos aqui uma aposta, dado que as demandas feitas pela *Extrapolation* em 1959, embora em andamento, não têm ganhado a amplitude que viriam a ter na década seguinte. Osborn, nesse sentido, extrapola a *Extrapolation*.

addressed to the Executive Secretary of MLA, but they should be mailed to Scott so that he, as chairman, can send them in together when he was collected 45.” Tradução nossa. CLARESON, Thomas D., From the Launching Pad, *Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter*, v. 4, n. 2, p. 15–16, 1963, p. 15.

²¹² OSBORN, Scott C., Letter to John Fisher, *Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter*, v. 4, n. 2, p. 15–16, 1963, p. 15.

²¹³ No original: “I am writing in support of the application of those who have conducted a Science-Fiction Conference annually beginning in 1958 for elevation to permanent status as a Discussion Group, with regularly elected officers and a program of papers. During its five continuous years, the Science-Fiction Conference has amply demonstrated its viability and its scholarly seriousness. Discussions have been lively and significant, and the Conference has sponsored a quarterly periodical, *Extrapolation*, published at Wooster College, Ohio, in which have appeared valuable bibliographies and penetrating analysis of modern science fiction.” Tradução nossa. *Ibid.*

Na segunda parte do modelo oferecido por Osborn, encontramos tanto uma justificativa, como uma distinção do seminário em relação a outras propostas, que podem ser vistas como próximas (ou mesmo equivalentes).

A criação deste novo Grupo de Discussão, provavelmente um Grupo de Tópicos Gerais, pode, à primeira vista, parecer sobrepor o domínio de um Grupo já estabelecido, Tópicos Gerais 7, Literatura e Ciência. A bem da verdade, porém, os interesses do GT 7 e do proposto Grupo de Ficção Científica não parecem tocar em nenhum ponto, se o programa dos últimos anos deve ser chamado a testemunhar. Duas grandes diferenças são imediatamente aparentes. Primeiro, o GT 7 trata dos efeitos da ciência moderna inicial sobre o pensamento e a escrita de grandes figuras literárias; a conferência de Ficção Científica está interessada na ficção dos séculos 19 e 20, que estuda o impacto de desenvolvimentos recentes nas ciências físicas e comportamentais sobre indivíduos e grupos em nosso tempo. Em segundo lugar, o GT 7 parece raramente ultrapassar o século 17 em seus estudos; a Conferência de Ficção Científica está interessada em trabalhos dos séculos 19 e 20. Parece-me que a criação de um Grupo para estudar seriamente a Ficção Científica moderna, tanto como gênero em si quanto como elemento cada vez mais importante na literatura geral de nosso tempo, é completamente justificada.²¹⁴

A primeira diferença em relação ao *GT 7 - Literature and Sciences* é uma delimitação acerca do objeto de estudo da Ficção Científica. O objeto reivindicado pela *Extrapolation* diz respeito à literatura produzida entre o século 19 e 20 que trata da relação entre a ciência e a humanidade. Isto é, basicamente a proposta que vimos Claeson construir no interstício entre a sua posição dentro do grupo da Ficção Científica e a sua trajetória acadêmica. Embora metodologicamente seja possível afirmar que o GT 7 trata do impacto da ciência em autores vistos como referência, Osborn aponta para a limitação temporal embutida, dado que o seminário se restringe ao século 17.

²¹⁴ No original: "The creation of this new Discussion Group, probably a General Topics Group, might at first glance seem to overlap the domain of an already established Group, General Topics 7, Literature, and Science. As a matter of truth, however, the interests of GT 7 and of the proposed Science Fiction Group do not seem to touch at any point, if the program of the past several years should be called to witness. Two great differences are at once apparent. First, GT 7 deals with the effects of early modern science upon the thinking and writing of major literary figures; the Science-Fiction Conference is interested in nineteenth- and twentieth-century fiction which studies the impact of recent developments in the physical and behavioral sciences upon individuals and groups in our time. Second, GT 7 seems seldom to come past the seventeenth century in its studies; the Science-Fiction Conference is interested in work of the nineteenth and twentieth centuries. It seems to me that the establishment of a Group to give serious study to modern science fiction both as a genre in itself and as an increasingly important element in the general literature of our time is completely justified." *Ibid.*, p. 15,16.

Tomar distância em relação ao GT 7 significa deslocar e diferenciar a Ficção Científica do âmbito da tradição utópica. Todavia, isso não significa uma ruptura. Vimos que Gove, Nicolson e Bailey trataram desse tema, e veremos que ao longo dos anos essa linha de discussão será uma das principais, tanto na *Extrapolation* quanto na *Science-Fiction Studies*.

5.5 O FUNCIONAMENTO DA *EXTRAPOLATION* ENTRE 1959 E 1969

No primeiro editorial da *Extrapolation*, em 1959, são diagnosticados os problemas principais para a realização do estudo da Ficção Científica na academia. O primeiro é a ausência de bibliografias cumulativas, bem como de artigos sobre o tema. Somam-se a isso a carência de um critério para julgar uma obra e a necessidade de uma produção historiográfica robusta que leve em consideração tanto o cenário dos Estados Unidos quanto o europeu.

O ponto de partida para suprir tais demandas é tomar como foco a relação da Ficção Científica com o conhecimento científico de um determinado período, correlacionando a visão popular sobre as ciências e que tipo de reflexo isso se desdobrou na literatura. Essa é a proposta de Clareson que foi construída num interstício entre grupos.

TABELA 1 - ENTRADAS PUBLICADAS NA *EXTRAPOLATION* ENTRE 1959 E 1969

TÍTULO	AUTOR	VOLUME	NÚMERO	ANO
From <i>The Launching Pad</i> .	Clareson; Lauterbach	1	1	1959
Major Trends in American Science-Fiction: 1880-1915	Clareson	1	1	1959
An Annotated Checklist of American Science-Fiction: 1880-1915	Clareson; Lauterbach	1	1	1959
From <i>The Launching Pad</i> .	Clareson; Lauterbach	1	2	1960
<i>Science Fiction</i> and <i>The Idea of Progress</i>	Hillegas	1	2	1960
A Check-list of Articles Dealing with <i>Science Fiction</i>	Clareson; Lauterbach	1	2	1960
Lovecraft as a Mythmaker	Emmons	1	2	1960
<i>The Countdown</i>	Clareson; Lauterbach	1	2	1960
<i>A Motif Index for Science Fiction?</i>	Sackett	1	2	1960
From <i>The Launching Pad</i> .	Clareson	2	1	1960
Some Recurrent Symbols in Science-Fiction	Wilson	2	1	1960
A Bibliography of Secondary Materials on Jules Verne	Hillegas	2	1	1960
Is Science-Fiction Art? A Look at H.G. Wells	Bailey	2	1	1960
<i>New Maps of Hell: A Review</i>	Lewis	2	1	1960
From <i>The Launching Pad</i> .	Clareson	2	2	1961
Attitudes Toward Science in <i>The Modern Inverted Utopia</i>	Walsh	2	2	1961
<i>The Anti-Utopian Novel: Preliminary Notes and Checklist</i>	Lewis	2	2	1961
<i>The Classic: Aldous Huxley's Brave New World</i> .	Clareson	2	2	1961
<i>The Child Buyer: A Review</i>	Plank	2	2	1961
From <i>The Launching Pad</i>	Clareson	3	1	1961
A Bibliography of H. P. Lovecraft	Emmons	3	1	1961
A Draft of <i>The Science-Fiction Canon</i> to be proposed at <i>The 1961 MLA Conference on Science Fiction</i>	Hillegas	3	1	1961
From <i>The Launching Pad</i>	Clareson	3	2	1962
An Annotated Biography of Jules Verne's Voyage Extraordinaires.	Hillegas	3	2	1962
A German Study of <i>Science Fiction: A Review</i>	Plank	3	2	1962
Space Travel	Braun	3	2	1962
From <i>The Launching Pad</i>	Clareson	4	1	1962
Notes Toward a Definition of <i>Science Fiction</i>	Hamilton	4	1	1962
Index to <i>Extrapolation</i> , Vol. I-III	Clareson	4	1	1962

From <i>The Launching Pad</i>	Clareson	4	2	1963
Letter to John Fisher	Osborn	4	2	1963
<i>The Artistic Problem: Science Fiction as Romance</i>	Stevenson	4	2	1963
Current Books, Notes and Reviews: <i>The Passing Utopia</i>	Clareson	4	2	1963
<i>Science Fiction as Cultural Phenomenon: A Re-Evaluation</i>	Hillegas	4	2	1963
From <i>The Launching Pad</i>	Clareson	5	1	1963
<i>The Clarkson Collection of Science Fiction at Harvard</i>	Hillegas	5	1	1963
Sam Moskowitz. Explorers of <i>The Infinite: Shapers of Science Fiction</i>	Clareson	5	1	1963
Brave New Improbable Worlds: Critical Notes on <i>Extrapolation</i> as a Mimetic Technique in Science Fiction	Kaufmann	5	1	1963
From <i>The Launching Pad</i>	Clareson	5	2	1964
George Eliot, <i>Science Fiction</i> , and Fantasy	Paris	5	2	1964
A Poetic Precursor of Bellamy's Looking Backward	Fuson	5	2	1964
<i>The Interplay of Science and Fiction: The Canals of Mars</i>	Johnson; Clareson	5	2	1964
A Checklist to Articles on <i>The Martian Canal Controversy</i>	Johnson	5	2	1964
From <i>The Launching Pad</i>	Clareson	6	1	1964
Aldous Huxley: A Bibliography 1960–1964	Clareson; Andrews	6	1	1964
<i>The Launching Pad</i>	Clareson	6	2	1965
<i>Science Fiction as an Index to Popular Attitude toward Science: A Danger, Some Problems, and Two Possible Paths</i>	Franklin	6	2	1965
H. G. Wells: Ironic Romance	Hughes	6	2	1965
<i>The Geography of Utopia: Psychological Factors Shaping The Ideal Location</i>	Plank	6	2	1965
A Request for Information	Meyers	6	2	1965
<i>The Launching Pad</i>	Clareson	7	1	1965
Extrapolators and <i>The Exegetes of Evolution</i>	Armytage	7	1	1965
<i>The Scientist as Hero in American Science-Fiction: 1820-1920</i>	Clareson	7	1	1965
<i>The Launching Pad</i>	Clareson	7	2	1966
What do you mean – <i>Science Fiction?</i>	Merril	7	2	1966
New Books: Brief Notice	Clareson	7	2	1966
<i>The Launching Pad</i>	Bowman	8	1	1966
What do you mean – <i>Science Fiction?</i> (Part 2)	Merril	8	1	1966
Inside Utopia	Patrick	8	1	1966
<i>The Launching Pad</i>	Bowman	8	2	1967
H. G. Wells and Victor Rousseau Emanuel: When <i>The</i>	Mullen	8	2	1967

Sleeper Wakes and <i>The Messiah of The Cylinder</i>				
<i>Science Fiction</i> as Mirror and Model of World Events: A Review	Plank	8	2	1967
<i>The Launching Pad</i>	Clareson	9	1	1967
Utopia in Jorge's Luis Borges' Fiction and A Selected Bibliography: Articles (in English) about Borges	Zaniello	9	1	1967
<i>The Course in Science Fiction: A Hope Deferred</i>	Hillegas	9	1	1967
Persistence vs Distortion of <i>The Wellsian Vision</i> (A Review)	Clareson	9	1	1967
<i>The Launching Pad</i>	Clareson	9	2	1968
<i>The Secondary Universe: A National Conference</i>	-	9	2	1968
Voices Prophesying War: Problems in Research	Clarke	9	2	1968
<i>The Disenchanted Mechanophobes in Twentieth Century England</i>	Armytage	9	2	1968
Review	Galbreath	9	2	1968
Brief Notice: Current Books	Clareson	9	2	1968
<i>The Launching Pad</i>	Clareson	10	1	1968
Special Report: <i>The Clarion Science Fiction Workshop</i>	Wilson	10	1	1968
<i>The Time Plays of J. B. Priestley</i>	Rogers	10	1	1968
An Annotated bibliography of Tolkien Criticism	West	10	1	1968
Brief Notice: Some Recent Books and Magazines	Clareson	10	1	1968
<i>The Launching Pad</i>	Clareson	10	2	1969
About Five Thousand One Hundred and Seventy Five Words	Delany	10	2	1969
2001: Odyssey to Byzantium	Beja	10	2	1969
M.L.A Forum – <i>Science Fiction: The New Mythology</i>	Clareson	10	2	1969
<i>The Launching Pad</i>	Clareson	11	1	1969
First Conference – Bibliography of <i>Science Fiction</i>	Lerner	11	1	1969
Dream Literature and <i>Science Fiction</i>	Russ	11	1	1969
Edenic <i>Motifs</i> in Utopian Fiction	Weinkauf	11	1	1969
1001 Interpretations of 2001	Plank	11	1	1969
<i>Science Fiction</i> and <i>The Rate of Social Change</i>	Michaelson	11	1	1969
Current Books: Review and Brief Mentions	Clareson	11	1	1969

FONTE: O autor (2023)

TABELA 2 - DEMANDAS BIBLIOGRÁFICAS DA *EXTRAPOLATION* ENTRE 1959 E 1969

TÍTULO	AUTOR	VOLUME	NÚMERO	ANO
An Annotated Checklist of American Science-Fiction: 1880-1915	Clareson; Lauterbach	1	1	1959
A Check-list of Articles Dealing with <i>Science Fiction</i>	Clareson; Lauterbach	1	2	1960
A Bibliography of Secondary Materials on Jules Verne	Hillegas	2	1	1960
<i>The Anti-Utopian Novel: Preliminary Notes and Checklist</i>	Lewis	2	2	1961
A Bibliography of H. P. Lovecraft.	Emmons	3	1	1961
An Annotated Biography of Jules Verne 's Voyage Extraordinaires.	Hillegas	3	2	1962
Index to <i>Extrapolation</i> , Vol. I-III	Clareson	4	1	1962
A Checklist to Articles on <i>The Martian Canal Controversy</i>	Johnson	5	2	1964
Aldous Huxley: A Bibliography 1960-1964	Clareson; Andrews	6	1	1964
Outopia in Jorges Luis Borges' Fiction and A Selected Bibliography: Articles (in English) about Borges.	Zaniello	9	1	1967
An Annotated Bibliography of Tolkien Criticism.	West	10	1	1968

FONTE: O autor (2022).

Nessa ocasião, a *Extrapolation* visa ser um espaço de contato entre indivíduos interessados em desenvolver estudos sobre Ficção Científica, promovendo o diálogo e a troca de ideias dentro da comunidade. O periódico conta com quatro linhas estruturais identificadas: conceitual, material, organizacional e pedagógica.

A linha conceitual foca na relação da Ficção Científica com o conhecimento científico em determinados períodos, refletindo a visão popular sobre as ciências na literatura. A linha material abrange as produções bibliográficas necessárias para a realização de estudos acadêmicos sobre Ficção Científica, e as bibliotecas desempenham um papel crucial nesse aspecto, assinando o periódico e contribuindo para sua manutenção.

No âmbito organizacional, a mediação conduzida Osborn desempenha um papel fundamental na viabilização da *Extrapolation* e na conexão com a *MLA*. A revista conta com diretores anuais selecionados desde 1959, proporcionando uma estrutura organizacional sólida.

Quanto à linha pedagógica, é necessário considerar as experiências em sala de aula ocorridas entre 1959 e 1969, contrastando-as com as de 1970-1979. O interesse crescente pela Ficção Científica também se estende a profissionais bibliotecários, como exemplificado pela criação da *SFRA* em 1970.

Podemos afirmar que essas linhas conceituais, materiais e pedagógicas operam em função do viés organizacional, evidenciado pelas discussões sobre Scott C. Osborn e sua contribuição na mediação e consolidação da *Extrapolation*.

TABELA 3 - PERIODIZAÇÃO DA *EXTRAPOLATION* ENTRE 1959 E 1969

TÍTULO	ANO	VOLUME	NÚMERO
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1959	1	1
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1960	1	2
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1960	2	1
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1961	2	2
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1961	3	1
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1962	3	2
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1962	4	1
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1963	4	2
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1963	5	1
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1964	5	2
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1964	6	1
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1965	6	2
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1965	7	1
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1966	7	2
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1966	8	1
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1967	8	2
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1967	9	1
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1968	9	2
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1968	10	1
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1969	10	2
<i>Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter</i>	1969	11	1

Fonte: O autor (2022)

Observa-se que durante o período de 1959 a 1969, a *Extrapolation* mantém seu título inalterado e sua periodicidade com dois números publicados por ano, com exceção do V1N1, que é lançado isoladamente em 1959. Embora não tenhamos acesso a um banco de dados detalhado sobre o preço e a quantidade de cópias impressas, informações acerca disso são encontradas em alguns editoriais.

No editorial do V1N2 de 1960, os editores mencionam que o primeiro número totalizou 90 cópias. A partir do V2N1, a revista passa a ser enviada apenas para assinantes ao custo de U\$1,00 por ano. A quantidade de assinantes cresce ao longo dos anos, e em 1960, o V2N1 conta com 50 assinantes, incluindo três bibliotecas universitárias: Universidade do Mississippi, Universidade da Pensilvânia e Universidade de Yale.

No entanto, a revista enfrenta problemas financeiros entre 1962 e 1963, com um caixa insuficiente para manter as impressões. Alguns professores de inglês solicitam assinaturas, mas não efetuam o pagamento, o que agrava a situação. Para contornar essa dificuldade, Claeson mobiliza o departamento de inglês do *Faculdade de Wooster* para cobrir os custos de impressão temporariamente. A partir do volume 4, a revista opta por uma assinatura válida por três anos, no valor de U\$2,50, o que garante o fluxo de novas verbas.

A estratégia dá resultado, e em 1967, todos os números da *Extrapolation* estão disponíveis em versão impressa. A revista consegue se manter ativa e alcançar maior estabilidade financeira, vendendo pacotes com nove volumes a U\$12,00. A partir de 1968, a impressão das edições anteriores da *Extrapolation* passa a ser realizada pela *Johnson Reprint Corporation Publishers*, de Nova York.

6 ROMPENDO COM A *EXTRAPOLATION*: A ASCENSÃO DA *SCIENCE-FICTION STUDIES*

Neste capítulo, abordamos a criação da *Science-Fiction Studies* em 1973 por Richard Dale Mullen e Darko Suvin, tendo como ponto de partida o fórum de 1968 da Modern Language Association. Suvin apresenta um ponto de vista teórico que difere do viés da *Extrapolation* em duas modalidades. Primeiro, critica a Ficção Científica dos Estados Unidos, representada por Isaac Asimov, rejeitando o que é padronizado nas revistas. Segundo, propõe uma nova historiografia que recupere a tradição literária utópica, conferindo sentido ao material soviético.

O debate entre Thomas D. Clareson e Darko Suvin intensifica-se após a transcrição feita por Clareson da fala de Suvin, publicada na *Extrapolation* em 1969. Suvin ataca o processo editorial da *Extrapolation*, argumentando que carece de rigor na forma e no conteúdo, não se diferenciando das revistas de Ficção Científica que ele critica.

Com a inserção de Mullen na história, a *Science-Fiction Studies* ganha materialidade. Exploramos a trajetória de Mullen, sua proximidade com a literatura, práticas de impressão, trabalho jornalístico, experiências acadêmicas e os efeitos da Segunda Guerra Mundial em sua formação. Sua atuação na *MLA* e na *Extrapolation* é fundamental para viabilizar a importância da *SFS*.

Em seguida, discutimos a proposta conceitual da *Science-Fiction Studies* em 1973, que rompe com a ideia do mito e da fantasia. Suvin busca novos aliados em figuras como Ursula K. Le Guin, Philip K. Dick e Stanislaw Lem. A partir disso, podemos compreender os conceitos de novum e estranhamento cognitivo desenvolvidos por Suvin. Esses conceitos são fundamentais para a delimitação da abordagem teórica da *Science-Fiction Studies* e consolidam sua relevância no campo dos estudos de Ficção Científica.

6.1 A PARTICIPAÇÃO DE SUVIN NO FÓRUM DA MLA EM 1968

O Fórum de 1968 da *MLA*, intitulado *Ficção Científica: Uma Nova Mitologia*, é coordenado por Bruce Franklin, que media as apresentações de Darko Suvin, Isaac Asimov e Frederik Pohl. Além deles, outros indivíduos, como Robert Silverberg e Lester Del Rey, fazem comentários em reação às falas. Nesse contexto, concentraremos nossa atenção em um comentário sobre os participantes para, em seguida, analisar a argumentação de Suvin.

Para fins didáticos, os quatro nomes principais representam linhas distintas de disputas na área da Ficção Científica. Franklin, embora tivesse divergências conceituais em relação a Clareson, atuou tanto dentro como fora da *Extrapolation*, buscando o diálogo e o reconhecimento desses estudos perante a *MLA*. Asimov, por sua vez, representa o universo das revistas e a proposta de John W. Campbell, Jr. A primeira ruptura histórica surge com Pohl, que, embora vinculado às revistas, desempenha, ao lado de Judith Merrill, um papel fundamental na disseminação da *Nova Onda*.

Consideramos que é inegável o sucesso obtido pela *Nova Onda*, algo que vimos no primeiro capítulo. No entanto, em 1968, esse sucesso não parecia tão óbvio como parece ser em 2023. Judith Merrill, que desempenhou um papel importante na disseminação da *Nova Onda*, estava escalada para participar desse debate no Fórum de 1968 da *MLA*, mas acabou não comparecendo devido a um imprevisto. Diante dos outros representantes, destacou-se a figura de Suvin.

Darko Suvin nasce em 1930, na Iugoslávia, em um espaço que atualmente está sob controle da Croácia, e faz parte de uma família de judeus que foi perseguida pelo regime nazista em ascensão. Seus estudos acadêmicos se focam em literatura e após atuar como professor na Zagreb University, ele opta por se mudar para os Estados Unidos em 1967.

Posteriormente, muda-se mais uma vez, para o Canadá, onde passa a lecionar na *Universidade McGill* partir de 1968. Atua como editor da *Science-Fiction Studies* entre 1973 e 1981, bem como lidera as sessões especiais da *MLA* sobre Ficção Científica em 1975 e 1976. Em 1979, publica *Metamorphoses of Science Fiction: On The Poetics and History of a Literary Genre*, pela editora da Universidade de Yale. O livro é composto por uma coleção de artigos de sua autoria, que haviam sido publicados na *SFS*, organizados como capítulos. Nesse mesmo ano, ele recebe

o *Pilgrim Award*. Portanto, em 1968, quando participou do Fórum da *MLA*, tratava-se de alguém que tinha ingressado no espaço acadêmico americano recentemente.

Suvin tem interesse pela política desde a sua juventude e se vincula a grupos de esquerda. Em termos teóricos, sua formação é influenciada, evidentemente, pelas propostas marxistas e, principalmente, por Karl Marx e Bertold Brecht. Seu interesse pela Ficção Científica começa na sua juventude, mas não se trata daquela literatura que discutimos anteriormente. Desse modo, sua inserção no debate é marcada por introduzir ao público dos Estados Unidos a literatura especulativa soviética. Uma similaridade entre essas duas literaturas é o alcance global, de forma a, inclusive, fazer parte de uma comunidade:

Reuniu um núcleo com cerca de 50 frequentadores assíduos, semelhante ao que ocorreu nos Estados Unidos, que não eram escritores em tempo integral, mas sim um público de leitores vorazes (em sua maioria jovens, bem como aqueles engajados nas profissões relacionadas com as ciências naturais). Além disso, o círculo externo de leitores que ocasionalmente liam uma história de Ficção Científica, juntamente com algum texto técnico não-ficcional, ou mesmo uma ficção de aventura, estima-se entre 3 a 15 milhões.²¹⁵

Argumentamos que a afirmação de Suvin já representa uma crítica, pois implica romper, ou ao menos abrir uma brecha, na concepção de que a Ficção Científica é exclusivamente um fenômeno dos Estados Unidos. Notamos nesse enunciado de Suvin que o perfil dos leitores abrange tanto um público interessado em conhecimento científico quanto um alcance popular mais amplo. A denúncia feita por Suvin enfatiza que a Ficção Científica soviética não é conhecida pelo público devido à existência da cortina de ferro. Portanto, qualquer análise ou interpretação que não leve em consideração essa trajetória é equivocada.

Asimov lança o livro *Soviet Science Fiction* em 1962, uma coletânea de textos que organiza e para a qual escreve a introdução, traçando uma historiografia para essa literatura. Não há dúvidas de que Asimov é o autor de Ficção Científica mais famoso, tanto dentro da comunidade como fora dela. Isso se deve, pelo menos,

²¹⁵ No original: "It has assembled a nucleus of about 50 habitual - thought, just as in U.S., not full-time writers, a voracious reading public whose nucleus of all-devouring fans is to be estimated at several hundreds of thousands (mainly young people, and those engaged in natural science professions). Furthermore, the outer circle of readers who occasionally read an sf story alongside with other technical non-fiction or adventurous fiction can be estimated at anywhere between 3 and 15 millions". Tradução nossa. SUVIN, Darko, M.L.A Forum - Science Fiction: The New Mythology, *Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter*, v. 10, n. 2, p. 69-115, 1969, p. 71.

a dois motivos: 1) a organização em formato de livro das histórias que publicou ao longo dos anos em revistas; e 2) a extensa série de artigos, livros, manuais e entrevistas que visam divulgar o conhecimento científico.

Ao optar por atacar Asimov, Suvin se posiciona contra a principal personalidade do campo. Para tal, Suvin demonstra que tanto a organização dos textos feita por Asimov quanto o conteúdo da introdução do livro são equivocados. Asimov concebe a Ficção Científica dos Estados Unidos como dividida em três fases: aventura, tecnologia e sociologia. No entanto, Suvin argumenta que tentar enquadrar as produções soviéticas nessas categorias foi um equívoco, uma vez que essas produções foram criadas em um contexto completamente diferente.

Suvin demarca que a prática de projetar categorias sem considerar o contexto ainda é recorrente em Asimov, atravessando tanto aquela introdução quanto suas produções literárias. Um exemplo disso é a série *Fundação*, escrita por Asimov com base na teoria historiográfica de Edward Gibbons sobre a queda do Império Romano. Essa abordagem do século 18 não tem mais espaço no debate historiográfico contemporâneo, mas Asimov opta por ignorar esse detalhe.

Expandindo o ponto levantado por Suvin, encontramos essa mesma ideia em diversas obras de Asimov que se voltam à divulgação do conhecimento científico. Ao analisar textos produzidos por Asimov, como *The Greeks (1965)*, *The Roman Republic (1966)*, *The Roman Empire (1967)* e *The Dark Ages (1968)*, percebemos a constante repetição da ideia de que a história é cíclica.²¹⁶ Para Asimov, o progresso cultural e científico entra em declínio devido a dois fatores: o fator interno, relacionado às organizações religiosas, e o fator externo, associado ao conceito de bárbaros como responsáveis pelo fim da civilização. Com isso, Asimov acredita que ocorre o ingresso em períodos de trevas ao longo de toda a história, de forma cíclica.

Suvin demarca que Asimov desconsidera o aspecto mais importante que abrange tanto o campo estético quanto ético da Ficção Científica: a utopia. Suvin desdobra o seu argumento a partir desse conceito, visando separar e diferenciar o viés soviético. Para ele, a utopia é central na Ficção Científica, pois representa a possibilidade de imaginar e projetar futuros alternativos, questionando as estruturas

²¹⁶ ASIMOV, Isaac, **The Greeks: A Great Adventure**, Boston: Houghton Mifflin, 1965; ASIMOV, Isaac, **The Roman Republic**, Boston: Houghton Mifflin, 1966; ASIMOV, Isaac, **The Roman Empire**, Boston: Houghton Mifflin, 1967; ASIMOV, Isaac, **The Dark Ages**, Boston: Houghton Mifflin, 1968.

sociais e políticas do presente. Enquanto Asimov se prende a uma visão cíclica da história, Suvin ressalta a importância de enxergar a Ficção Científica como uma ferramenta de crítica social e de construção de ideais utópicos para um mundo melhor.

Atualmente é o utopismo que marca, de forma precisa, a diferença principal entre os russos (ou o leste europeu em geral), bem como a tradição socialista, em relação às tradições Anglo-Americanas empiristas. Diferença que é, sem dúvidas, particularmente evidente na Ficção Científica, cujo objetivo deve ser subversivo, de modo que demonstre novos enquadramentos para possibilidades desconhecidas, oriundas da *extrapolação cognitiva* e o novo comportamento humano correlacionado.²¹⁷

Suvin demarca que Asimov desconsidera um aspecto crucial abrangendo tanto o campo estético quanto ético da Ficção Científica: a utopia. Suvin desdobra seu argumento a partir desse conceito, visando separar e diferenciar o viés soviético. Ele postula o conceito de extrapolamento cognitivo, uma visão de possibilidades cognitivas que aplica a razão crítica por meio de sátira indireta ou direção utópica. Com isso, Suvin recusa a ideia de que a Ficção Científica seja uma invenção moderna e lhe confere uma ampla abrangência, perpassando a história da literatura. Dessa forma, o autor busca conferir legitimidade à Ficção Científica ao destacar seu papel crítico em relação à sociedade e ao reconhecer seu potencial para explorar e imaginar novas realidades e possibilidades.

A Ficção Científica explora o significado disso mediante a proposição de novas relações cosmológicas e normas sociais para os personagens envolvidos. Tendo uma preocupação central com as parábolas, mediante paralelismos às relações humanas, tendo no seu horizonte preocupações com a ética, técnica e um utopismo não dogmático.²¹⁸

O cerne dessa definição da Ficção Científica a partir do extrapolamento cognitivo é explorar as possibilidades que essa literatura oferece. Além de sua

²¹⁷ No original: "Now this utopianism is precisely the major difference between Russians (or East European generally) as well as the socialist traditions from the traditions of Anglo-American empiricism. Such a difference is particularly obvious in sf, whose business it is to be subversive, to show further new frameworks for as yet unknown possibilities stemming from cognitive *Extrapolation*, and new human behavior correlative to such frameworks." Tradução nossa. SUVIN, M.L.A Forum - Science Fiction: The New Mythology, p. 72.

²¹⁸ No original: "SF explores what this could mean in terms of new cosmological relations and social norms for the characters involved. Being centrally concerned with parables of, and parallel to, human relations, it is at least as much concerned with the ethics as with technics, and a non-dogmatic utopianism [...] in its constant horizon and measure." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 71.

função crítica, ela também proporciona alternativas para pensar em novos horizontes. Ou seja, permite imaginar formas de organização social e relações que não se atêm apenas aos padrões estabelecidos e vigentes.

Conforme mencionado anteriormente, o grupo associado à *Extrapolation* tem uma abordagem diferente, recusando a inserção da Ficção Científica na utopia. Essa divergência possui fundamentos tanto teóricos quanto funcionais, pois é utilizada como argumento para a criação de um espaço permanente no evento anual da *MLA*, conforme vimos na carta de Osborn. A linha de raciocínio de Suvin, no entanto, segue um caminho teórico completamente distinto, que não foi construído com o intuito específico de legitimação perante a *MLA*.

O conceito de extrapolação cognitiva se transforma em estranhamento cognitivo, mantendo sua relevância. Com essa abordagem, a estrutura proposta por Clareson para defender o valor da Ficção Científica como uma representação moderna dos impactos na imaginação popular perde o sentido. Suvin argumenta que essa capacidade de extrapolação já era explorada pela literatura desde a Antiguidade. O cerne da questão continua sendo a capacidade crítica da Ficção Científica em questionar e analisar os aspectos da sociedade de forma inovadora.²¹⁹

²¹⁹ No âmbito soviético Suvin postulou a diferença entre uma corrente de cunho autoritário e vinculada ao Estado e outra corrente materialista e democrática. Todavia não entraremos nos detalhes de cada uma pois trata-se de uma questão distinta do que visamos nesse capítulo.

6.2 UM DEBATE EXTRAPOLADO

A transcrição do material supracitado está na última edição da *Extrapolation* de 1969. No ano seguinte, no segundo número do décimo primeiro volume, é publicado um artigo de Suvin com o título: *Significant Themes in The Criticism of Soviet Science Fiction to 1965*. Em nota de rodapé, Suvin explica que esse material foi originalmente apresentado na *First Annual Conference on The Bibliography of Science Fiction*, na *Universidade de Columbia*, em 01 de março de 1969.²²⁰

O título da transcrição escolhido por Clareson faz referência ao nome do evento: *M.L.A Forum – Science Fiction: The New Mythology*. Considerando a proposta conceitual desenvolvida ao longo dos anos na *Extrapolation*, essa nomenclatura não apresentava problemas. Conforme observamos anteriormente, Clareson via a Ficção Científica como parte da Fantasia, ou seja, uma nova mitologia. No entanto, Suvin trouxe uma mudança significativa nessa perspectiva.

A crítica feita por Suvin ao processo editorial de Clareson ganha sentido posteriormente. Na construção teórica de Suvin, não há relação entre Fantasia e Ficção Científica. O vínculo com sátiras e utopias propõe uma crítica social, algo que não é um mecanismo mobilizado pela Fantasia. Conforme mencionamos anteriormente, esse período está marcado pelo sucesso de Tolkien e pelas novas edições de Howard, feitas por de Camp

Tanto Conan quanto O Senhor dos Anéis não operam através de sátira ou utopia. Ao contrário, esses textos fantásticos reificam categorias sociais presentes no imaginário popular. O conceito do bárbaro como um inimigo da civilização atravessa a Fantasia. Como mencionamos anteriormente, Asimov, um dos representantes mais expressivos da Ficção Científica americana, também reificava esse conceito tanto em sua literatura quanto na divulgação científica. Portanto, pelo viés de Suvin, essas obras não se enquadram como Ficção Científica.

Após a publicação de *Significant Themes in The Criticism of Soviet Science Fiction to 1965* na *Extrapolation*, Suvin parte mais uma vez para o ataque. Sua estratégia é tecer um comentário radioativo em relação ao trabalho editorial feito na

²²⁰ SUVIN, Darko, Significant Themes in the Criticism of Soviet Science Fiction to 1965, *Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter*, v. 11, n. 2, p. 44–52, 1970. No mais, quem redigiu o relato sobre os eventos para a *Extrapolation* foi Lerner, que inclusive também fazia parte do núcleo organizacional.

Extrapolation. A atitude de Clareson em relação à postura tóxica de Suvin é a seguinte:

A sorte de um editor não dura para sempre. Em 30 de outubro, a seguinte carta foi enviada para nós. Eu a reproduzi fotograficamente para que não ocorra nenhum erro no texto.²²¹

Na sequência, o editor da *Extrapolation* insere integralmente a carta de Suvin, que optamos (tal como Clareson) por transcrever no seu formato integral abaixo:

Caro senhor,

Gostaria de chamar a sua atenção para a principal mudança entre várias que ocorreram em meu artigo na *Extrapolation* No. 2, vol. 11 (maio de 1970), entre o momento em que saiu de minhas mãos e foi publicado. Seu título era, e é, *Significant Themes in Soviet Criticism of SF to 1965* - e não *...Criticism of Soviet SF...*; e o título da bibliografia anexada era, e é, *A Select Bibliography of Criticism on Postwar Soviet SF*, e não *...of Soviet Criticism*. Como você já eliminou o título do meu artigo lido no Fórum da MLA (em seu nº 2, vol. 10, maio de 1969, p. 71), que era *An Approach to Russian S[cience] F[iction]*, acredito que desta vez você publicará esta correção em sua próxima edição (dezembro de 1970). Espero que no futuro a *Extrapolation* siga estritamente as práticas editoriais acadêmicas - e não das revistas de F[icção] C[ientífica], que não permitem alterações no texto e no título sem consultar o autor.²²²

Atenciosamente, Darko R. Suvin. Professor Associado.

Temos a impressão de que Clareson, diante dessa situação, opta pelo humor. Assim, apresentar a carta em sua totalidade serviria para evitar que Suvin viesse a reclamar novamente acerca da ação editorial.

²²¹ CLARESON, Thomas D., The Launching Pad, *Extrapolation*, v. 12, n. 1, p. 3–4, 1970, p. 4.

²²² No original: “Dear Sir, may I draw your attention to the main change among a number of those which occurred in my article in *Extrapolation* No. 2, vol. 11 (May 1970) between the time of its leaving my hands and its being published. Its title was, and is, *Significant Themes in Soviet Criticism of SF to 1965* - and not “...Criticism of Soviet SF...”; and the tile of the bibliography attached was, and is, *A Select Bibliography of Criticism on Postwar Soviet SF*, and not “...of Soviet Criticism”. Since you already expunged the title of my paper read at the MLA SF Forum (in your No. 2 vol. 10, May 1969, p. 71), which was *An Approach to Russian S[cience] F[iction]*, I trust you will this time publish this correction in your next (Dec. 1970) issue. I hope *Extrapolation* will in the future strictly follow academic - and not SF magazines’ - editorial practices, which do not allow for changes in the text and title without consulting the author. Yours truly, Darko R. Suvin. Associate Professor.” Tradução nossa. SUVIN, Darko, Letter to the Editor, *Extrapolation*, v. 12, n. 1, p. 5–6, 1970, p. 5.

Embora seja uma proposta de intervenção artística contemporânea ao século 21, a trollagem exercida por Clareson consegue expor, de forma humorística, as situações enfrentadas na rotina de um editor. Mediante isso, viabiliza um contexto específico e bem desenhado para tecer uma resposta.

Convém adentrar no conteúdo da comunicação. A disputa entre um título e outro gira em torno do recorte temporal. Suvin apresenta, na sua carta, uma postura de ressentimento, algo perceptível pela sua atitude de rememorar equívocos editoriais, destacando que já é a segunda vez que Clareson edita os títulos dos artigos sem a autorização prévia.

O que mais nos chama a atenção é a passagem final, na qual Suvin equipara o trabalho editorial da *Extrapolation* com aquele executado nas revistas de Ficção Científica. Lembrando mais uma vez que Suvin desconsidera tais revistas, tanto em sua forma quanto conteúdo, tratando-as como desprovidas de qualquer valor. Quando reconfiguramos isso para os padrões de análise da nossa tese vemos que para o autor não se trata da oposição entre pesquisadores profissionais e amadores. Não existe uma pesquisa profissional, pois não existe um periódico com rigor acadêmico para tal.

A resposta de Clareson aborda tanto a situação de edição e transcrição do fórum, quanto o segundo artigo de Suvin. Em relação ao primeiro:

A *Extrapolation* publicou uma transcrição da fita do Fórum da *MLA*, de forma que nenhum dos três artigos tinha título. Apenas duas deduções foram feitas, em um esforço para obter uma transcrição exata. Primeiro, cortei arbitrariamente as breves apresentações dos palestrantes feitas pelo professor Franklin, porque eram bem conhecidos. Em segundo lugar, por sugestão dele, fiz uso do artigo do professor Suvin, que ele havia me enviado, a fim de obter precisão no manuseio de um campo relativamente desconhecido, a Ficção Científica soviética. Onde ele alterou ou acrescentou ao material fornecido no Fórum, eu fiz uso da revisão, indicando quando era o caso. Eu reconheci essas mudanças no momento da publicação (11. 69-70). Apesar disso, no entanto, talvez porque eu usei o seu texto como roteiro para autenticar a transcrição da fita, o professor Suvin pensou que eu estava reproduzindo os papéis. Se fosse o caso, todas as apresentações teriam títulos.²²³

²²³ No original: “*Extrapolation* published a transcription of the tape of the *MLA* Forum so that none of the three papers was entitled. Only two departures were made from an effort to obtain an exact transcription. First, I arbitrarily cut Professor Franklin’s brief introductions of the speakers because they were well known. Secondly, at his suggestion, I made use of Professor Suvin’s paper, which he sent me, in order to gain accuracy in handling a relatively unknown field, Soviet sf. Where he changed or added to the material given at the Forum, I made use of the revision, indicating that I

Para Clareson, não faz sentido estabelecer um título para cada uma das comunicações apresentadas. O uso do manuscrito enviado por Suvin para o editor foi feito para enquadrar a oratória com o texto. Tendo em vista que, para Clareson, a Ficção Científica fazia parte da Fantasia, a questão da diferenciação entre os conceitos não foi considerada.

No trecho seguinte, Clareson explica os motivos para a edição do título no segundo artigo.

No que diz respeito à questão mais recente dos títulos, pedi a ele que me permitisse incluir a bibliografia de materiais russos na bibliografia anotada em uma seção separada, como as dadas à Alemanha, Polônia e Suécia. Não o fiz, quando ele insistiu que permanecesse com o artigo. No calor de um prazo, aparentemente ainda estava pensando em um paralelo com os outros países europeus. Seis itens, do 65-70 - por Yershov, Asimov, Miller, Townsend, Isaac e Heiman, obviamente não são de críticos soviéticos; então não deveria ter sido intitulado ...*Soviet criticism*. Quanto ao artigo em si, é citada a reação soviética a alguns escritores ocidentais; posso ter lido essas citações como exemplificações de assuntos da Ficção Científica soviética, em vez de discussões de escritores ocidentais. Então, novamente cometi um erro ao intitular ...*Soviet Science Fiction*. As correções apropriadas serão feitas quando o volume 11 for reimpresso. Peço desculpas ao professor Suvin por qualquer estresse mental que minha leitura incorreta de seus materiais possa ter causado a ele e asseguro-lhe que não tive a intenção de distorcer sua apresentação.²²⁴

Após discutirmos a importância das checklists anteriormente, fica compreensível a mudança sugerida pelo editor, mesmo que tenha sido rejeitada pelo autor. Além disso, Clareson interpreta o material como uma crítica à Ficção Científica soviética, utilizando a literatura americana para estabelecer comparações

had done so. I acknowledged these changes at the time of publication (11. 69-70). Despite this, however, perhaps because I did use his script to authenticate the tape, Professor Suvin thought I was reproducing the papers. Had I done so, all of the presentations would have been entitled." Tradução nossa. CLARESON, *The Launching Pad*, p. 6.

²²⁴ No original: "So far as the more recent matter of the titles is concerned, I asked him to allow me to include the bibliography of Russian materials in the annotated bibliography in a separate section such as those given to Germany, Poland, and Sweden. I did not do so when he insisted it remain with the article. In the heat of a deadline, I was apparently still thinking of a parallel to the other European countries. six items of the 65-70 - by Yershov, Asimov, Miller, Townsend, Isaac, and Heiman are obviously not by Soviet critics; so it should not have been entitled "...Soviet criticism." As for the article itself, Soviet reaction to some western writers is cited; I may have read those citations as exemplifications of matters in Soviet sf rather than discussions of western writers. So I was again in error in entitling it "...Soviet Science Fiction." Appropriate corrections will be made when volume 11 is reprinted. I apologize to Professor Suvin for any mental stress my mis-reading of his materials may have caused him and assure him I did not intend to distort his presentation." *Ibid.*, p. 4.

e diferenças. No entanto, a alteração no título revela que, na verdade, trata-se de uma crítica soviética àquilo que Suvin considera como literatura de Ficção Científica.

Durante nossa pesquisa, descobrimos que o conflito entre Suvin e Clareson não ficou restrito apenas à *Extrapolation*. Conforme exploramos desde o capítulo 1, a construção do campo da Ficção Científica não estava limitada a uma única revista ou instituição. As disputas ocorriam em diversos espaços e envolviam um público heterogêneo. De fato, as revistas de Ficção Científica desempenharam um papel central em todo esse movimento.

Embora Suvin tenha rejeitado qualquer valor para o cenário dos Estados Unidos, vinculado às revistas, profissionais ou amadoras, durante nossa pesquisa encontramos a continuidade do debate que começou na *Extrapolation* em uma revista – a *Magazine of Fantasy and Science Fiction* de maio de 1972. A revista dedica uma seção para essa temática, com o título de *Science Fiction and The University: A Special Report*. Além das contribuições de Suvin e Clareson, que discutiremos, textos de William Tenn, Philip Klass e Isaac Asimov também aparecem.²²⁵

O artigo de Clareson fornece uma justificativa para a seção, designando o quanto o campo de estudos acadêmicos de Ficção Científica vem crescendo. Um indicativo é a expansão das ofertas de disciplinas catalogadas por Jack Williamson, bem como James Gunn, comentando que a proporção de alunos interessados no assunto vem aumentando significativamente. Clareson oferece uma visão mais clara sobre sua prática de ensino e pesquisa:

²²⁵ Vimos que Asimov participou do evento de 1968. Quando o debate foi aberto ao público, um dos participantes foi Klass. Portanto podemos considerar que a revista materializava um novo encontro entre os debates. Entretanto não adentraremos nesses casos específicos pois escapam do escopo da nossa discussão.

Minha justificativa ao fazer isso é a seguinte: pelo menos desde o século 18, uma tradição na ficção se concentrou nas minúcias da vida cotidiana; a outra – a tradição da fantasia – criou mundos irrealis, imaginários. Ambos se preocupam com a crítica social e a afirmação metafórica; ambos empregam os chamados detalhes realistas para ganhar credibilidade; e ambos nos divertem com histórias (enredos). [...] Tentei sugerir que, durante o último terço do século 19, o realismo-naturalismo e a Ficção Científica eram respostas literárias gêmeas ao temperamento intelectual do período. Ou seja, o realismo-naturalismo foi a manifestação da primeira tradição; Ficção Científica, a manifestação da segunda. Isso não é chamar fantasia de f[icção] c[ientífica]; no entanto, ao aliá-la à tradição continuada que cria mundos irrealis, imaginários, estabelece-se um contexto no qual a Ficção Científica pode ser colocada e avaliada como uma importante expressão literária do século passado. Acaba com qualquer isolamento que lhe foi imposto por qualquer motivo.²²⁶

Diante do raciocínio estabelecido por Clareson, e posteriormente criticado por Suvín, percebemos que em 1972 essa nova formulação adentra na dinâmica entre a Ficção Científica e a fantasia. Clareson pauta um argumento que insere a Ficção Científica numa tradição literária ampla e, para tal, a porta de entrada é a fantasia. Isso é possível na medida em que se aceita a existência de duas linhas narrativas organizadas em torno da oposição entre realismo e imaginário.

Dito isso, Clareson, por um lado, justifica a pertinência da Ficção Científica em relação à tradição literária e, por outro, rompe com aquilo que chama de isolamento. Ora, vimos no capítulo 1 que a identidade do gênero literário foi constituída em oposição ao mainstream. Isso criou critérios de validade internos para a comunidade. Quando Clareson estabelece o diálogo entre os grupos, contribui para romper tais fronteiras.

Clareston aborda a questão da utopia visando construir uma resposta direta a Suvín:

²²⁶ CLARESON, Thomas D., SF: The Academic Dimensions, **Fantasy and Science Fiction**, v. 42, n. 5, p. 116–123, 1972, p. 118,119.

No entanto, como a Utopia sempre foi um tópico legítimo nos círculos acadêmicos, e porque a literatura está ligada à história das ideias, os recém-chegados – particularmente – discutirão a f[icção] c[ientífica] nesse contexto; além disso, muitos entusiastas e críticos da f[icção] c[ientífica] pediram literalmente por essa abordagem, enfatizando o papel da Ficção Científica como literatura de ideias e crítica da sociedade. E, claro, se alguém se concentrar em mudar as atitudes em relação à ciência (e à tecnologia), a preocupação com o conteúdo leva diretamente à disputa ideológica no fandom que se concentrou na chamada *Nova Onda*.²²⁷

No entendimento de Clareson, a prática de análise proposta por Suvin acaba servindo para fomentar o conflito que vinha ocorrendo entre os escritores vinculados às revistas e a *Nova Onda*. Todavia, Clareson pontua que o estudo acadêmico da Ficção Científica não dependeu disso para surgir. Ao contrário, como vimos, foi em reação à utopia que a *Extrapolation* justificou seu espaço na *MLA*.

Retraçando a trajetória da *Extrapolation*, Clareson valida um novo processo que está em curso. O periódico passou a utilizar o título de *Extrapolation: A Journal of Science Fiction and Fantasy*, pois visa dialogar tanto com os seminários da *MLA* quanto com a *Science Fiction Research Association*.

Suvin contribuiu para a revista com o artigo *Against Common Sense: Levels of SF Criticism*. As premissas analíticas propostas pelo autor operam a partir da ideia de que o criticismo, visto como uma postura de análise, deve ser consciente do seu método, de modo que seja capaz de demonstrar como a Ficção Científica funciona, bem como seus modelos e qual a função sociológica disso. Para Suvin, a carência de uma definição robusta sobre o que efetivamente é esse objeto resultava em análises superficiais.²²⁸

A superficialidade mencionada pela carência na definição é apontada por Suvin em diversas obras. Com exceção do caso de Amis, todos os textos citados pelo autor dizem respeito a pesquisas feitas por fãs que se tornaram pesquisadores. O único nome que não apareceu nesse artigo foi o de Clareson, de modo que o ataque direto de Suvin contra Clareson ocorreu em outro espaço. Na ocasião do

²²⁷ No original: “Yet because Utopia has always been a legitimate topic within academic circles and because literature is tied to the history of ideas, newcomers – particularly – will discuss s[ciencia] f[icção] in this context; moreover, many s[ciencia] f[icção] enthusiasts and critics have literally asked for this approach by stressing the role of science fiction as a literature of ideas and a critic of society. And, of course, if one focuses upon changing attitudes toward science (and technology), the concern for content leads directly to the ideological quarrel within fandom which has centered around the so-called “New Wave”.” Tradução nossa *Ibid.*, p. 119.

²²⁸ SUVIN, Darko, *Against Common Sense: Levels of SF Criticism*, **Fantasy and Science Fiction**, v. 42, n. 5, p. 124–132, 1972.

texto publicado na F&SF, Suvin mobilizou e criticou trabalhos produzidos pela comunidade. Tratava-se de nomes que circulavam, seja como escritores, editores ou fãs.

Suvin escolheu um dos periódicos mais prestigiados nos estudos de Inglês para criticar Clareson. Isto é, o debate saiu do espaço de um grupo e passou para outro. Em 1973, Suvin publicou uma resenha do livro *SF: The Other Side of Realism*, de Clareson.

A proposta de Clareson para organizar essa obra é apresentar uma série de artigos vistos como relevantes para o estudo da Ficção Científica. Suvin, por sua vez, fornece o seguinte retrato:

Os escritores se dividem naqueles cujos horizontes são ou não delimitados pelo contra-ataque crítico do século 19. O primeiro grupo foi bem representado pelo editor, Professor Thomas D. Clareson. O seu artigo não traçou as diferenças entre [os conceitos de] *motif*, convenção, gênero e forma (a viagem imaginária é *motif* na página 4, uma convenção na página 9, mas não um gênero ou forma literária; utopia também é uma convenção) – talvez o motivo disso seja, em si, uma prática de divagação sem forma baseada na opinião de outras pessoas e dos *motifs* convencionais do realismo, fantasia, e Ficção Científica.²²⁹

Suvin ataca a falta de revisão textual, bem como a própria constituição bibliográfica, na medida em que obras fundamentais são omitidas. A carência de um index para facilitar o uso do livro também é vista como problemática. Dado que:

Tendo visto que se trata da primeira antologia de cunho crítico e erudito voltado para a Ficção Científica, tinha-se a oportunidade única de percorrer aquilo que havia de melhor no campo e fornecer um *Companion* obrigatório para viabilizar o ensino de forma balanceada. Essa oportunidade foi desperdiçada.²³⁰

Em termos conceituais e metodológicos, percebemos que Suvin e Clareson, embora divergentes, mantêm no horizonte a disputa pela Ficção Científica. Isso é evidente na forma de apresentações, artigos em periódicos e revistas, cartas etc.

²²⁹ No original: “As the first anthology of S[cience] F[iction] criticism and scholarship, it had a unique opportunity to skim the cream of the field and give us a much-needed companion to teaching a balanced course. This opportunity has been blown.” Tradução nossa. SUVIN, Darko, *SF: The Other Side of Realism* by Thomas D. Clareson, **College English**, v. 34, n. 8, p. 1148–1150, 1973, p. 1148.

²³⁰ No original: “As the first anthology of S[cience] F[iction] criticism and scholarship, it had a unique opportunity to skim the cream of the field and give us a much-needed companion to teaching a balanced course. This opportunity has been blown.” Tradução nossa. *Ibid.*, p. 1150.

Entretanto, há, pelo menos até 1972, uma esfera sob o controle de Clareson: o trabalho como editor.

Vimos anteriormente como o trabalho editorial de Clareson foi construído no interstício entre a comunidade de Ficção Científica e o âmbito acadêmico. A inserção de Suvin no debate implicou uma ruptura com essa comunidade, de modo que era necessário construir um novo espaço que fosse distinto da *Extrapolation*, bem como encontrar aliados para essa empreitada. Assim, entra em cena Richard Dale Mullen.

6.3 MULLEN E A CONSTRUÇÃO EDITORIAL DA *SCIENCE-FICTION STUDIES*

A partir da biografia de Richard Dale Mullen e seu percurso intelectual até 1973, podemos destacar características particulares de sua experiência acadêmica, dividida em duas partes por conta da Segunda Guerra Mundial. Seu perfil se assemelha ao de Osborn e Gunn em muitos aspectos. É importante notar que Mullen retornou aos Estados Unidos como veterano condecorado e, portanto, beneficiado com a G.I Bill, que financiava a formação universitária.

A partir da biografia de Richard Dale Mullen e seu percurso intelectual até 1973, podemos destacar características particulares de sua experiência acadêmica, dividida em duas partes por conta da Segunda Guerra Mundial. Seu perfil se assemelha ao de Osborn e Gunn em muitos aspectos. É importante notar que Mullen retornou aos Estados Unidos como veterano condecorado e, portanto, beneficiado com a G.I Bill, que financiava a formação universitária.

Richard Dale Mullen nasce em 30 de setembro de 1915 em Mountain View, Howell County, Missouri, sendo filho de Curtis Hollis Mullen e Vernice Leota Brassfield. Infelizmente, seu irmão mais velho, Gilbert Maxwell Mullen, falece um ano antes de Richard nascer. Em 1917, a sua irmã *Thelma* Mullen também veio a óbito. A família se muda para Topeka, Shawnee County, no Kansas em 1927. Em 1930, a família é composta pelos pais de Richard, um irmão mais velho chamado Philip, outro irmão mais novo chamado Donald e uma irmã também mais nova chamada Betty.

Em 1933, a família faz mais uma mudança e passa a residir em Oxford, Lafayette County, Mississippi. Curtis assume a posição de destaque no jornal local, *The Oxford Eagle*, que fora fundado em 1877. O tabloide foi criado por Samuel Moore Thompson, veterano da Guerra Civil, que definiu a política editorial sob um viés racista, defendendo que o governo e os cargos políticos só deveriam ser ocupados por homens brancos.

Embora Thompson permaneça no controle editorial por muitos anos, em 1915, George W. Price adquire tanto o *Oxford Eagle* quanto o seu concorrente, Lafayette County Press, e os funde. O novo jornal passa a circular em um ambiente em que as tensões raciais ainda persistem, e isso também se mantém quando Curtis, e depois Philip, começam a trabalhar no jornal.

Philip desenvolve uma amizade com um jovem escritor que está no início de sua carreira: William Faulkner. Devido a essa proximidade, os textos escritos por Faulkner recebem comentários e análises no jornal. A relação entre os dois se torna bastante próxima, como relatado no *Critical Companion to William Faulkner: A Literary Reference to His Life and Work*, editado por A. Nicholas Fagnoli, Michael Golay e Robert W. Hamblin:

Philip E. Mullen, filho do proprietário do Eagle, abordou [textualmente] Faulkner com simpatia por muitos anos, apresentando esse autor estranho, exótico e às vezes irritante para a população local que o conhecia apenas por sua reputação, e não por suas obras. Poucas pessoas de Oxford percebem essa distinção de ter como filho nativo William Faulkner, escreveu [Philip] Mullen. Mullen também defendeu o cidadão mais famoso de Oxford de críticas externas hostis. A caracterização de *Doctor Martino and Other Stories* pela revista Time em 1934 como meramente topa-tudo levou Mullen a comentar: Como os filósofos gregos tão apropriadamente colocaram, um cara tem que comer. Foi para Phil Mullen que Faulkner conferiu a sua única entrevista após ter sido premiado com o Nobel.²³¹

O trabalho editorial dos pais de Mullen no jornal, bem como de seu irmão mais velho, contribui para que Richard tenha contato com *The Gods of Mars*, de Edgar Rice Burroughs. Trata-se de um texto famoso, pois é a continuação da história de *The Princess of Mars*, que foi serializada pela *The All-Story* em 1913. O contato pode ter sido tanto através das revistas, quanto do livro que continha o texto integral e foi publicado em 1918 pela A. C. McClurg.

A inserção acadêmica de Mullen ocorre em 1933-1934, através da Universidade do Mississippi. Durante esse período acadêmico inicial, Mullen faz parte da irmandade Phi Kappa Psi, fundada em 1852 no Colégio Jefferson, Canonsburg, Pensilvânia, e com sua filial na Universidade do Mississippi, criada em 1857. Nas fileiras desta irmandade, é possível encontrar diversos nomes de

²³¹ No original: "Philip E. Mullen, a son of the Eagle's proprietor, covered Faulkner sympathetically for many years, presenting this strange, exotic, and sometimes infuriating author to local people who knew him only by reputation rather than through his works. "Few Oxford people realize this distinction of having as a native son, William Faulkner," Mullen wrote. Mullen also defended Oxford's most famous citizen from unfriendly outside criticism. Time magazine's 1934 characterization of Doctor Martino and Other Stories as "merely potboilers" moved Mullen to remark, "As the Greek philosophers have so aptly put it, a guy's gotta eat." Faulkner gave his only extended interview after winning the Nobel Prize to Phil Mullen." Tradução nossa. FARGNOLI, A. Nicholas; GOLAY, Michael; HAMBLIN, Robert W. (Orgs.), **Critical Companion to William Faulkner**, New York: Facts On File, 2008, p. 426.

indivíduos que ocuparam posições de destaque dentro da sociedade, seja na política, ciências, artes e literatura.²³²

Richard demonstra interesse pela defesa e divulgação da literatura local. Isso se materializa em 1934, quando Mullen lança o primeiro número de *The Oxford Magazine*.

A primeira edição, datada de 1º de abril de 1934, incluía um conto da Sra. Stone e uma xilogravura de duas páginas intitulada *Nicodemus-Mystery* e Greene ofereceu quatro poemas. Um segundo conto foi *The Old Barn*, escrito pelo editor Mullen. PL Rainwater, chefe do departamento de história de Ole Miss, contribuiu com dois esboços históricos curtos do Mississippi. A senhorita Ella Somerville, da equipe da Universidade, forneceu um artigo sobre seu velho amigo Stark Young, formado em 1901 e ex-membro do corpo docente. Infelizmente, Miss Ella, uma amiga próxima de Young, limitou seu breve artigo às habilidades de redação e faculdade crítica de Young, em vez de lembranças pessoais do nativo de Como, que estava prestes a alcançar fama nacional com a publicação de *So Red The Rose*. Havia também dois esboços brilhantes a bico de pena de Young e William Faulkner, além de uma obra de Sykes Kennon, de dezesseis anos, filho do chefe do departamento de física e astronomia de Ole Miss. O destaque da primeira edição da *Oxford Magazine*, no entanto, foi a reportagem de Phil Stone sobre *William Faulkner, The Man and his Work*.²³³

Nos dois números posteriores, Mullen confere espaço para Hubert Creekmore, George Marion O'Donnell e Shelby Foote. Os cinco poemas de Foote antecedem o seu romance *Shiloh* e *The Civil War: A Narrative*. Todavia, um dos eventos mais importantes dessa etapa é a amizade com Frank E. Smith, que futuramente se tornará uma das principais referências políticas que pauta pela ideia da reconciliação racial entre brancos e negros.

Por conta das demandas do *Oxford Eagle*, bem como da falta de uma perspectiva clara para seguir a carreira acadêmica, Mullen opta por sair da universidade em 1936. No entanto, isso não implica no fim de seu interesse pela

²³² **The Ole Miss 1934 - A Year Book**, Mississippi: University of Mississippi, 1934, p. 69,78.

²³³ No original: "The first issue, dated April 1, 1934, included a short story by Mrs. Stone and a two-page woodcut entitled "Nicodemus-Mystery," and Greene offered four poems. A second short story was "The Old Barn," written by editor Mullen. P. L. Rainwater, head of the Ole Miss history department, contributed two short Mississippi historical sketches. Miss Ella Somerville of the University staff provided an article about her old friend Stark Young, a 1901 graduate and former faculty member. Unfortunately, "Miss Ella," a close friend to Young, confined her brief article to Young's writing skills and critical faculty, rather than personal recollections of the Como native, who was about to achieve national fame with the publication of *So Red the Rose*. There were also two brilliant pen-and-ink sketches of Young and William Faulkner, the work of sixteen-year-old Sykes Kennon, son of the head of the Ole Miss physics and astronomy department. The star feature of the first issue of the *Oxford Magazine*, however, was Phil Stone's report on "William Faulkner, the Man and his Work."." Tradução nossa. SMITH, Frank E., Dale Mullen and Modern Mississippi Literature, **The Journal of Mississippi History**, v. XLVIII, n. 4, p. 257-270, 1986, p. 258.

literatura. Em 1937, ele cria uma revista chamada *River*, que conta com a contribuição de nomes como Peter Taylor, Eudora Welty, Nash Burger e Lawrence Hutton. Além desses escritores ainda não muito conhecidos pelo público em geral, George Marion O'Donnell já havia alcançado uma popularidade significativa.

Frank E. Smith, um amigo de Mullen, se tornaria uma das principais referências políticas que defendia a ideia da reconciliação racial entre brancos e negros. Smith inclusive escreveu *Dale Mullen and Modern Mississippi*, que foi publicado no *Journal of Mississippi History*, em 1986. Nesse artigo, o autor retraça a história das publicações de Mullen, bem como seu esforço em divulgar a cena literária local. No entanto, o que mais nos chama a atenção é um nome que apareceu na revista *River*:

Um colaborador que não desapareceu foi um jovem de Wisconsin chamado August Derleth, apenas começando uma carreira de produção literária, que incluiria centenas de histórias e artigos, além de dezenas de livros. O conto de Derleth no segundo rio intitulava-se *Atmosfera das casas*. Durante sua vida, Derleth nunca alcançou aceitação geral como um escritor de qualidade, mas uma medida de reconhecimento veio após sua morte. Muitas de suas histórias de mistério e Ficção Científica são itens de colecionador muito procurados em seu status esgotado.²³⁴

August Derleth é editado e lançado por Mullen. É interessante notar que Derleth viria a exercer controle sobre a tradição vinculada a H. P. Lovecraft. A citação acima revela a aproximação entre os campos literários, e chama a atenção a maneira pela qual Smith adjetivou Derleth. É possível que tenha ocorrido uma confusão entre o nome de Derleth e o de Lovecraft, mas a intensidade das relações levou a uma confluência dos dois nomes.

Após sair da universidade, Mullen segue para Memphis e ingressa em uma escola de negócios, onde conhece Laoma Burmeett, sua futura esposa. Ao concluir o curso, ele retorna ao *The Oxford Eagle* e trabalha ali até 1942, quando se alista nas Forças Armadas dos Estados Unidos. Na Terceira Divisão de Infantaria, atua como observador avançado de artilharia, participando de operações na França e

²³⁴ No original: "A contributor who did not fade was a young man from Wisconsin named August Derleth, just beginning a career of literary production that was to include hundreds of stories and articles and dozens of books. Derleth's short story in the second *River* was entitled "Atmosphere of Houses." During his lifetime Derleth never achieved general acceptance as a quality writer, but a measure of recognition has come after his death. Many of his mystery and science fiction stories are heavily sought-after collector's items in their out-of-print status." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 263.

Alemanha, e é condecorado com a Medalha de Bronze e com a Medalha de Prata por seu trabalho.

O afastamento de Mullen da universidade para se dedicar aos negócios da família não implica em uma ruptura com o cenário dos literatos, como atesta a revista *River*. Para entender melhor os motivos desse caminho, é relevante analisar os trabalhos de Roger L. Geiger, que podem lançar luz sobre essa questão.²³⁵

Geiger argumenta que a Crise de 1929 e a Depressão Econômica só começaram a afetar as universidades a partir de 1932, já que o planejamento de investimentos do Estado nos espaços de educação era realizado de dois em dois anos e, portanto, antecedeu a quebra da bolsa. No fim de 1932, começou a crescer o número de alunos que desistiram do estudo universitário, o que levou as instituições a aumentarem o valor das mensalidades como resposta. Além disso, para enfrentar a situação, as universidades optaram por reduzir, geralmente pela metade, o salário dos professores. Essas medidas foram adotadas em resposta aos desafios econômicos e financeiros impostos pela Grande Depressão.

Na última metade da década de 1930, então, os pesquisadores universitários tiveram que se contentar com uma renda pouco adequada, com pouca capacidade de expansão e com perspectivas muito sombrias de capital universitário adicional.²³⁶

Mediante às considerações de Geiger, podemos supor que o motivo central do afastamento de Mullen da *Universidade do Mississippi* foi econômico. Manter-se como um graduando, bem como almejar uma carreira como professor, apesar de possível, não era monetariamente viável. Todavia, o que distanciou Mullen de dar segmento aos negócios da família foi a guerra. Com o ingresso dos Estados Unidos no conflito, as universidades começaram a receber uma *Nova Onda* de verbas do governo.²³⁷

²³⁵ GEIGER, Roger L., **The History of American Higher Education: Learning and Culture from the Founding to World War II**, Princeton: Princeton University Press, 2015; GEIGER, Roger L., **To Advance Knowledge - The Growth of American Research Universities, 1900-1940**, New York: Oxford University Press, 1986; GEIGER, Roger L., **Research and Relevant Knowledge - American Research Universities Since World War II**, New York: Oxford University Press, 1993.

²³⁶ No original: "By the last half of the 1930s, then, university researchers had to content themselves with a barely adequate income that had little capacity for expansion and with very dim prospects for additional university capital." Tradução nossa. GEIGER, **To Advance Knowledge - The Growth of American Research Universities, 1900-1940**, p. 255.

²³⁷ *Ibid.*, p. 264.

Retornando aos Estados Unidos, o veterano Mullen retoma sua carreira no ensino superior por conta do financiamento fornecido pela *G.I. Bill*. Esse suporte financeiro permitiu que muitos veteranos tivessem a oportunidade de ingressar na universidade e continuar seus estudos após o serviço militar. Mullen, assim como muitos outros, pôde beneficiar-se desse programa e retomar seus planos acadêmicos.

A mobilização de guerra acabou com a Depressão e levou a um *boom* econômico do pós-guerra, quando as fábricas se voltaram para a produção em tempos de paz, iniciando uma era de abundância de consumo – pelo menos para a classe média branca. Habitações produzidas em massa para trabalhadores de guerra forneceram um modelo para os empreendimentos habitacionais suburbanos do pós-guerra. A Lei de Reajustamento dos Militares de 1944, apelidada de *G.I. Bill*, concedeu assistência escolar aos veteranos, aumentando as matrículas em faculdades, universidades e escolas técnicas.²³⁸

O retorno de Mullen, assim como seu ingresso na universidade, ganha uma nova camada de significados quando pensado no contexto do *Servicemen's Readjustment Act*, de 1944. Este programa do governo ofereceu a cerca de quinze milhões de veteranos a possibilidade de continuar seus estudos de forma gratuita, e aproximadamente dois milhões de ex-combatentes aderiram a ele.²³⁹ Um ano antes de Mullen concluir sua graduação, o *Veteran's Administration*, órgão responsável pela organização e controle do *G.I. Bill*, pagava 56% das mensalidades das universidades privadas e 67% das públicas. Isso tornou possível para Mullen retomar sua carreira acadêmica com um maior apoio financeiro.²⁴⁰

Em 1956, Mullen inicia seu trabalho na *Universidade Estadual de Indiana*, onde permanece até 1980. Sua atuação vai além das salas de aula, engajando-se no *Graduate Committee*, contribuindo na reorganização do currículo e participando do processo de seleção de novos professores. Em 1979, assume a posição de coordenador do Departamento de Inglês da universidade, que o capacita para liderar

²³⁸ No original: "War mobilization ended the Depression and led to a postwar economic boom as factories turned to peacetime production, launching an era of consumer abundance – at least for the white middle class. Mass-produced housing for war workers provided a template for postwar suburban housing developments. The 1944 Servicemen's Readjustment Act, dubbed the "G.I. Bill," granted veterans tuition assistance, boosting enrollments in colleges, universities, and technical schools." Tradução nossa. BOYER, Paul S., **American History - A Very Short Introduction**, Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 104.

²³⁹ GEIGER, **Research and Relevant Knowledge - American Research Universities Since World War II**, p. 40.

²⁴⁰ *Ibid.*, p. 41.

internamente no *College of Arts and Sciences*, e ainda participa dos comitês *Curriculum and Academic Affairs*.

6.4 MULLEN NA *EXTRAPOLATION*, MLA E A CRIAÇÃO DA SCIENCE-FICTION RESEARCH ASSOCIATION

Em 1967, Mullen contribui com um artigo para a *Extrapolation*. Em *H.G. Wells and Victor Rousseau Emanuel: When The Sleeper Wakes and The Messiah of The Cylinder*, ele utiliza uma metodologia de análise que atribui importância tanto ao contexto histórico quanto à qualidade do texto.²⁴¹ O que mais chama atenção nessa abordagem é a comparação feita por Mullen entre a recepção de Wells na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Segundo seu argumento, o ponto de transição é quando Gernsback introduz Wells ao público americano. Além disso, Robert Heinlein se inspira em Wells como referência para sua própria escrita. Por fim, o trabalho de Bailey tem sido fundamental para finalizar essa transição. Essa análise de Mullen evidencia a relevância de Wells no cenário da Ficção Científica tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos.

Mullen faz contribuições para a *Riverside Quarterly*. Em uma delas, apresenta a resenha intitulada *A Valuable New Book on Wells*, na qual concentra-se em comentar a publicação de *The Future as Nightmare: H. G. Wells and The Anti-Utopians*, lançado naquele ano. O ponto mais relevante é a conexão que Mullen estabelece entre o seu trabalho e o de Hillegas. Ambos os autores compartilham uma abordagem crítica sobre H. G. Wells e sua influência no gênero da anti-utopia.

Dizer que um livro o forçou a mudar de ideia é prestar-lhe o maior elogio possível. O livro do Sr. Hillegas é de interesse mais do que comum para mim apenas porque eu recentemente cobri muito do mesmo terreno em um ensaio na *Extrapolation* (VIII, 31-65) sobre Wells e Victor Rousseau Emanuel - um ensaio que eu fui imprudente o suficiente para dizer que *When The Sleeper Wakes* é um precursor de 1984 apenas no sentido bastante geral de que também é uma distopia. Se alguma vez eu tiver a oportunidade de reescrever esse ensaio, terei que qualificar essa frase de forma bastante elaborada, com total reconhecimento ao Sr. Hillegas.²⁴²

²⁴¹ MULLEN, Richard Dale, H. G. Wells and Victor Rousseau Emanuel: When the Sleeper Wakes and The Messiah of the Cylinder, *Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter*, v. 8, n. 2, p. 31–63, 1967.

²⁴² To say that a book has forced you to change your mind is to pay it the highest praise you can. Mr. Hillegas's book is of more than ordinary interest to me if only because I have recently covered much of the same ground in an essay in *Extrapolation* (VIII, 31-65) on Wells and Victor Rousseau Emanuel – an essay which I was rash enough to say that *When the Sleeper Wakes* is a forerunner to 1984 “only in the quite general sense that it is also a dystopia”. If ever I have occasion to rewrite

Mullen continua sua contribuição para o *Riverside Quarterly* com o artigo *Blish, van Vogt, and The Uses of Spengler*. Sua abordagem da teoria de Oswald Spengler não é feita de maneira gratuita. Assim como Lovecraft e outros, Mullen utiliza a teoria de Spengler para refletir sobre o desenvolvimento histórico. É evidente que suas análises mantêm o mesmo rigor acadêmico. Além disso, convém ressaltar que o tom crítico de Mullen é muito mais diplomático do que aquele utilizado por Suvin contra Claerson.²⁴³

Mullen adentra detalhadamente no modo pelo qual Blish e van Vogt refletem a teoria de Spengler, apresentando uma tabela comparativa de duas páginas. É notável que esse método de análise, que busca examinar a influência de uma teoria sobre uma proposta literária, assemelha-se ao utilizado por Suvin em sua abordagem contra Asimov em 1968.

No entanto, é com *Edgar Rice Burroughs and The Fate Worse than Death* que Mullen revela sua capacidade em tratar de um amplo conjunto de dados e números numa mesma pesquisa literária. O que Mullen explicita é uma prática recorrente na sua abordagem acadêmica: a capacidade de analisar minuciosamente os elementos que constituem as obras estudadas.

As histórias de Edgar Rice Burroughs contêm muitas lições de grande valor para o leitor atento, mas nenhuma mais valiosa do que a advertência de que uma garota desprotegida está sempre em perigo [...] de algum tipo, ou por um homem branco perverso, ou às vezes até mesmo por um homem branco bom. Não querendo se contentar com meros avisos, Burroughs também forneceu muitas dicas úteis sobre como uma jovem ameaçada pode se defender - ou, se seus próprios recursos falharem, sobre os tipos de resgate que podem ser esperados de uma providência sempre vigilante.²⁴⁴

that essay, I will have to qualify that sentence rather elaborately, with full acknowledgement to Mr. Hillegas. MULLEN, Richard Dale, A Valuable New Book on Wells, *The Riverside Quarterly*, v. 3, n. 2, p. 129–130, 1968.

²⁴³ MULLEN, Richard Dale, Blish, van Vogt & the Uses of Spengler, *The Riverside Quarterly*, v. 3, n. 3, p. 172–186, 1968.

²⁴⁴ No original: “The stories of Edgar Rice Burroughs contain many lessons of great value for the attentive reader, but none more valuable than the warning that an unprotected girl is always in danger [...] by an Arab, Negro, great ape, Green Martian, or monster of some kind, or by a wicked white man, or sometimes even by a good white man. Unwilling to rest contents with a mere warning, Burroughs also provides many useful pointers on how endangered young lady may defend [herself] – or, if her own resources fail, on the kinds of rescue that may be expected from an ever-watchful Providence.” Tradução nossa. MULLEN, Richard Dale, E. B. Burroughs & the Fate Worse than Death, *The Riverside Quarterly*, v. 4, n. 3, p. 186–191, 1970, p. 186.

O método de análise que privilegia a interpretação baseada em dados quantitativos ainda tem pouco espaço nos estudos de Ficção Científica. No entanto, o manejo habilidoso desses dados por Mullen é algo que chama nossa atenção, especialmente diante das limitações enfrentadas pelos pesquisadores ao longo da tese.

Clare reconhece a capacidade de Mullen e o convida para coordenar o encontro de 1969 na *MLA* (Modern Language Association), além de incluir em *SF: The Other Side of Realism* uma contribuição de Mullen intitulada *The Undisciplined Imagination: Edgar Rice Burroughs and Lowellian Mars*. Nessa proposta, Mullen segue os mesmos elementos normativos que identificaram as influências de Spengler em autores de Ficção Científica. No caso específico, o foco está na influência da teoria de Percival Lowell sobre Burroughs, que postulava a existência de canais em Marte.

6.5 O SURGIMENTO DA SCIENCE-FICTION STUDIES

Em 1973, a *Science-Fiction Studies* surge como resultado da convergência entre a experiência prática editorial de Mullen e a ambiciosa proposta teórica de Suvin. A proposta de enquadramento editorial do novo periódico fica definida já em seu primeiro número. Ao contrário da *Extrapolation*, que segue a temática do lançamento de foguetes em seu editorial intitulado *Launching Pad*, a *Science-Fiction Studies* inicia com um sumário seguido pela apresentação do corpo editorial, o objetivo do periódico e o estilo de formatação e apresentação de textos para futuras contribuições.

Observamos anteriormente como se desdobra o processo de construção da *Extrapolation* e a reivindicação pelo espaço permanente na *MLA*. A relação se dá de maneira dialógica, tanto no âmbito dos profissionais quanto dos amadores. Na *Extrapolation*, circulam textos com formas variadas e são produzidos (em sua grande maioria) a partir (ou em referência) às discussões que ocorrem nos eventos anuais. Já na *SFS*, a relação com a *MLA* tem uma nova configuração.

A mudança na compreensão do objeto de disputa demanda estabelecer novas justificativas acerca de sua pertinência e relevância. Ao mesmo tempo, visa se enquadrar nos modelos de produção de replicação que estruturam os padrões acadêmicos indicados pela *MLA*. Convém lembrar que a confluência entre a formação e atuação dos editores da *SFS* e a demanda pela normatização da *MLA* resulta na hegemonia dos departamentos de Inglês em relação aos demais.

O processo de padronização, conhecido como *Style Sheet*, da *MLA* é publicado originalmente em 1951, tendo uma nova edição e revisão em 1970. Foi em referência à segunda edição que a *SFS* buscou as suas normas.

Nesse sentido, a *SFS* acaba adentrando em outro debate. Ao se situar no espaço dos departamentos de Inglês, passa a fazer parte daquela oposição descrita por C. P. Snow:

Os intelectuais literários em um polo - no outro os cientistas e, como os mais representativos, os cientistas físicos. Entre os dois um abismo de incompreensão mútua - às vezes [...] hostilidade e antipatia, mas acima de tudo falta de compreensão.²⁴⁵

É significativo que, na realidade, aspectos desse conflito se ensaiem anteriormente. Por exemplo, a formação de Ley como cientista se coloca em um polo, enquanto Bailey está no outro. Entretanto, não é possível afirmar que isso de fato se efetive. Ley trata Nicolson, que também poderia ser inscrita no polo dos intelectuais da literatura, com uma postura receptiva e elogiosa. Isto é, nas revistas amadoras é possível travar um diálogo que não é mais possível dentro da academia.

Argumentamos que a situação da *SFS* é distinta da *Extrapolation* por conta da situação criada por Suvin. Embora Clareson e a *Extrapolation* se situem na *MLA*, a atitude em relação à ciência é de diálogo. A comunidade de Ficção Científica tem como referência a confluência entre herói e cientista. Isso já aparece em Gernsback e ganha ainda mais força em Campbell. Trata-se, portanto, de uma postura de validação que vai de Wells, tratado de maneira positiva conforme exposto por Mullen, até Asimov.

Ora, vimos que Suvin rompe com todo esse conjunto de autores. Resultando em um novo rearranjo para conceituar qual é a Ficção Científica que, de fato, aparece na *SFS*. O próximo passo é uma definição dos editores sobre o objeto:

Science-Fiction Studies publica artigos resultantes do estudo da Ficção Científica – incluindo ficção utópica, mas não, exceto para fins de comparação e contraste, fantasia sobrenatural ou mitológica.²⁴⁶

Argumentamos que essa concepção sobre o que é a Ficção Científica ganha forma um ano antes, no artigo *On The Poetics of The Science Fiction*, publicado por Suvin na *College of English* (aquele mesmo periódico no qual ele tinha contribuído com uma resenha sobre *SF: The Other Side of Realism*, de Clareson).

²⁴⁵ "Literary intellectuals at one pole - at the other scientists, and as the most representative, the physical scientists. Between the two a gulf of mutual incomprehension - sometimes [...] hostility and dislike, but most of all lack of understanding." Tradução nossa. SNOW, C. P., **The Two Cultures and a Second Look**, Cambridge: Cambridge University Press, 1965, p. 4.

²⁴⁶ "*Science-Fiction Studies* publishes articles resulting from the study of science fiction – including utopian fiction, but not, except for purposes for comparison and contrast, supernatural or mythological fantasy." Tradução nossa. SUVIN, Darko; MULLEN, Richard Dale, *Front Matter*, **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 1–3, 1973, p. 3.

Anteriormente discutimos como Clareson visa justificar que a Ficção Científica, parte da Fantasia, fornece um olhar sobre o imaginário popular de uma época em relação ao conhecimento científico. Assim, embora distinta da literatura realista, tem relevância para compreender o pensamento moderno. Entendemos que o conceito de imaginário científico não implica, necessariamente, em uma restrição sobre o que é ciência. Desde Scarborough vimos que essa imaginação se aproxima do horror, algo expressado em Lovecraft. Vimos como uma disputa em torno das práticas de interpretação sobre Lovecraft, que oscilam entre os polos do racionalismo e do irracionalismo, têm no horizonte esse aspecto poroso do imaginário.

Quando abordamos o caso de Bailey, por exemplo, indicamos como a discussão sobre a teoria da Terra Oca é a linha de partida para a formulação do seu livro. Clareson, ao escrever o seu doutorado, situa-se em um contexto no qual a Ufologia emerge como um campo de estudos. As linhas entre uma área e a outra são tão maleáveis ao ponto de que Lovecraft influencia parte da Ufologia, como demonstra Jason Colavito em *The Cult of Alien Gods: H. P. Lovecraft and The Extraterrestrial Pop Culture*, de 2005.²⁴⁷

Na contramão, estamos adentrando na ruptura que Suvin estabelece com a Ficção Científica, que serve de base para Clareson e seus pares. Propomos que a crítica feita por Suvin contra Asimov se enquadra nesse contexto do imaginário. No caso, devido à desconexão entre o conhecimento científico e a recepção popular, cria-se espaço tanto para as teorias enquadradas como pseudociência (os Canais de Marte, por exemplo), quanto para uma literatura que faz uso de um conhecimento científico datado para a sua produção literária.

Suvin lida com a demanda por uma nova narrativa historiográfica sobre a tradição da Ficção Científica. Para isso, o autor mantém a oposição entre dois grupos: a literatura realista e a Ficção Científica, Fantasia, Mitos e Contos de Fada. Dessa forma, é necessário estabelecer uma divisão externa (Ficção Científica x Realismo) e outra interna. Assim, a Ficção Científica não se confunde com o sobrenatural (sinônimo de fantástico para Suvin), nem com a literatura estritamente naturalista (ou, como chamamos anteriormente, realista).

²⁴⁷ COLAVITO, Jason, **The Cult of Alien Gods: H. P. Lovecraft and Extraterrestrial Pop Culture**, New York: Prometheus Books, 2005.

Noutras palavras: Como gênero literário, a Ficção Científica se opõe tanto ao estranhamento sobrenatural quanto ao empirismo (naturalismo).²⁴⁸ Assim, Suvin estabelece uma delimitação clara para o escopo da Ficção Científica, distinguindo-a tanto do fantástico quanto do realismo empírico:

A F[icção] C[ientífica] é, então, um gênero literário cujas condições necessárias e suficientes são a presença e interação de estranhamento e cognição, e cujo principal dispositivo formal é um quadro imaginativo alternativo ao ambiente empírico do autor.²⁴⁹

O estranhamento diferencia a Ficção Científica em relação ao Realismo. Por sua vez, a cognição separa essa literatura dos Mitos, Contos de Fada e Fantasia. A diferenciação entre esses tipos literários também ocorre a partir de suas relações com o tempo.

A Ficção Científica, para Suvin, é caracterizada como um ato de cognição que reage de forma diferenciada em relação às normas sociais e científicas de uma época. As normas providas pelo conhecimento científico ou pela organização moral e ética da sociedade são postas em questão na medida em que o autor as problematiza. É por isso que a Ficção Científica também se diferencia do Conto de Fadas e da Fantasia.

No Conto de Fadas, o autor se fecha em um mundo paralelo que foge tanto do conhecimento científico quanto do social. Um exemplo ilustrativo é a ideia do tapete voador e do herói que sai de sua condição miserável inicial para se tornar rei. Por outro lado, a Fantasia, incluindo histórias de Fantasma, Horror, Gótico e aquelas comuns na *Weird Tales*, estipula leis que não têm relação com o ambiente em que elas aparecem.

Assim, o mito visa explicar os fenômenos naturais, mas, ao mesmo tempo, está deslocado do tempo. Já o conto de fadas, embora possa contar com tapetes voadores, não estabelece uma crítica, mas válida (mediante a ocupação de uma posição externa ao próprio tempo) as estruturas sociais vigentes. A fantasia, por sua

²⁴⁸ No original: “As a literary genre, S[cience] F[iction] is just as opposed to supernatural estrangement as to empiricism (naturalism).” Tradução nossa. SUVIN, Darko, *On the Poetics of the Science Fiction Genre*, **College English**, v. 34, n. 3, p. 372–382, 1972, p. 375.

²⁴⁹ No original: “SF is, then literary genre whose necessary and sufficient conditions are the presence and interaction of estrangement and cognition, and whose main formal device is an imaginative framework alternative to the author’s empirical environment.”. Tradução nossa. *Ibid.*

vez, retrata um herói experimentando um presente constante condenado à repetição.

Tendo esclarecido essas diferenças, Suvin postula uma nova narrativa historiográfica para a Ficção Científica:

Como uma questão de registro histórico, a F[icção] C[ientífica] partiu de uma abordagem pré-científica ou protocientífica de desmascarar a sátira e a crítica social ingênua e aproximou-se das ciências naturais e humanas cada vez mais sofisticadas. As ciências naturais alcançaram e superaram a imaginação literária no século 19, pode-se argumentar que as ciências que lidam com as relações humanas a alcançaram em suas mais altas realizações teóricas, mas certamente não o fizeram em sua prática social alienada. No século 20, a FC passou para a esfera do pensamento antropológico e cosmológico, tornando-se um diagnóstico, um alerta, um apelo à compreensão e ação e – o mais importante – um mapeamento de alternativas possíveis. Esse movimento histórico da FC pode ser encarado como um enriquecimento e mudança de um modelo básico direto ou extrapolativo para um modelo indireto ou analógico.²⁵⁰

O exemplo dado por Suvin para uma história extrapolativa é *Nós* (1924) de Yevgeny Zamiatin (1884-1937), enquanto *Solaris* (1961) de Stanislaw Lem serve como referência analógica. Ora, vimos que as propostas analíticas que argumentam que a Ficção Científica serve para pensar o futuro são recorrentes, tanto entre os pesquisadores amadores quanto entre os profissionais. Gernsback, em grande medida, representou essa ideia. Para Clareson:

Como tal, sua técnica básica é a extrapolação de um fato ou teoria conhecida ao longo de uma linha de desenvolvimento possível/provável, a fim de antecipar e fazer uso de fatos e situações futuros possíveis/prováveis como ponto de partida.²⁵¹

²⁵⁰ No original: “As a matter of historical record, SF has started from a pre-scientific or proto-scientific approach of debunking satire and naïve social critique and moved closer to the increasingly sophisticated natural and human sciences. The natural sciences caught up and surpassed the literary imagination in the 19th century, the sciences dealing with human relationships might be argued to have caught up with it in their highest theoretical achievements but have certainly not done so in their alienated social practice. In the 20th century, SF has moved into the sphere of anthropological and cosmological thought, becoming a diagnosis, a warning, a call to understanding and action, and – most important – a mapping of possible alternatives. This historical movement of SF can be envisaged as an enrichment of and shift from a basic direct or extrapolative model to an indirect or analogic model.”. Tradução nossa. *Ibid.*, p. 378.

²⁵¹ No original: “As such, its basic technique is the *Extrapolation* of a known fact or theory along a possible/probable line of development in order to anticipate and make use of possible/probable future facts and situations as point of departure.” Tradução nossa. CLARESON, **The Emergence of American Science Fiction: 1880-1915. A Study on the Impact of Science Upon American Romanticism**, p. 12.

A extrapolação, no entendimento de Clareson, não se restringe ao tratamento da Ficção Científica como um manual para o futuro. Ao contrário, trata-se de um diagnóstico sobre o imaginário. O que não é necessário, nessa concepção, diz respeito à crítica social. Suvin se aproxima dessa conceitualização na medida em que uma obra como *Nós* é capaz de levar até as últimas consequências os modelos de funcionamento sociais e políticos inscritos no contexto russo. Entretanto, o aspecto de previsão do futuro é secundário. No entendimento de Suvin, o isolamento da crítica social pela literatura resulta na produção de um conjunto narrativo insensível ao seu contexto.

O modelo analógico para Suvin designa aquilo que não é considerado como Ficção Científica:

A ópera espacial de Burroughs para Asimov, presente em quase todos os escritores americanos até Samuel Delany, pertence aqui [...] à incômoda fronteira entre FC inferior e não FC (formas de imitar o cenário de FC, mas modelado nas estruturas de o ocidental e outro avatar de conto de fadas e fantasia).²⁵²

Na formulação de 1972, o autor designa que esse modelo faz uso de conceitos filosóficos para produzir um sistema de pensamento crítico. Embora mencione Lem e Borges, esse posto é ocupado na *SFS* por autores como Ursula K. Le Guin e Philip K. Dick – tema que já abordamos anteriormente em nossa dissertação.²⁵³

²⁵² No original: “The Burroughs-to-Asimov space-opera, corpping up in almost all U.S. writers right down to Samuel Delany belongs here [...] into the uneasy borderline between inferior SF and non-SF (forms of mimicking SF scenery but modelled on the structures of the Western and other avatar of fairy-tale and fantasy).”. Tradução nossa. SUVIN, *On the Poetics of the Science Fiction Genre*, p. 380.

²⁵³ BUSCH, **História da Ficção Científica nos Estados Unidos: do herói cientista de John W. Campbell ao herói antropólogo de Ursula Kroeber Le Guin.**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese perpassou por uma série de processos e debates que operaram em função da Ficção Científica. Conforme vimos no primeiro capítulo, a ideia que embasou a categorização e separação entre pesquisadores profissionais e amadores surgiu dentro da historiografia acadêmica para se diferenciar da crítica que existia dentro da comunidade. Tendo em vista que essa mesma comunidade foi construída a partir da separação em relação ao mainstream, tal processo acabou sendo naturalizado e dado como fato. Assim, a primeira contribuição que visamos oferecer foi identificar e mapear a mutabilidade e artificialidade de tais categorias.

No segundo capítulo, tivemos a oportunidade de adentrar nos casos de Scarborough, Birkhead e Lovecraft. Ali, demonstramos a proximidade embrionária que existiu entre a Ficção Científica, gótico e o *Weird*, bem como evidenciamos como Lovecraft, um sujeito que, de acordo com a historiografia, deveria permanecer externo ao espaço acadêmico, acabou se transformando tanto em referência quanto em objeto de estudo.

Aprofundamos nosso debate no terceiro capítulo, na medida em que correlacionamos e contextualizamos as posições e trajetórias de Gove, Nicolson e Bailey, e a relação destes com as revistas de Ficção Científica. Vimos, mais uma vez, que a diferenciação entre acadêmicos e amadores não era um dado fixo. Ao contrário, vimos tanto recepções negativas quanto positivas.

O quarto capítulo apresentou a trajetória de Clareson para pensar em sua atuação como alguém que fazia parte da comunidade de Ficção Científica e, ao mesmo tempo, construiu uma carreira dentro da academia. Neutralizamos, com isso, o discurso tradicional que reificava a distinção entre profissionais e amadores. Ao contrário, Clareson desenvolveu a sua perspectiva sobre Ficção Científica em ambos os espaços e foi com esse background que lançou a *Extrapolation* em 1959.

No entanto, Clareson não estava sozinho. No quinto capítulo, investigamos tanto o contexto da *MLA* que circundou a criação da *Extrapolation* quanto a reivindicação do grupo acadêmico por um espaço permanente. Apontamos Osborn como o principal aliado de Clareson para viabilizar e materializar tal demanda. Focamos na *Extrapolation* entre 1959 e 1969, visando entender quais foram as linhas argumentativas e que tipo de demandas eram feitas para estabelecer e expandir os estudos de Ficção Científica.

Desconstruir a narrativa historiográfica tradicional demandava um passo final. A reificação de tal discurso não ocorreu acidentalmente, mas foi reflexo de uma nova disputa. No sexto capítulo, direcionamos o nosso olhar para Mullen e Suvin. Em 1968, no momento em que a *Extrapolation* tinha consolidado a sua posição dentro da *MLA*, uma ruptura ocorreu. Suvin se inseriu no debate rompendo e divergindo radicalmente da proposta de Clareson e, com isso, recusando uma postura de diálogo entre a academia e a comunidade de Ficção Científica. Adentramos no desenvolvimento de sua teoria que, embora originalmente fosse conceituada a partir do extrapolaramento cognitivo, viria a se transformar no estranhamento cognitivo. A peça-chave para viabilizar a proposta de Suvin foi Mullen. Além de contar com uma trajetória similar àquela de Clareson e ter, desde cedo, experiências com o setor literário e editorial, Mullen detinha amplo conhecimento acerca da Ficção Científica. A confluência de Suvin e Mullen resultou na criação da *Science-Fiction Studies* em 1973 e deu origem ao discurso historiográfico que visamos questionar ao longo de nossa tese.

REFERÊNCIAS

- ALDISS, Brian W. **Billion Year Spree - The True History of Science Fiction**. New York: Doubleday & Company, 1973.
- AMIS, Kingsley. **New Maps of Hell: A Survey of Science Fiction**. New York: Harcourt Brace & Company, 1960.
- ANDERSON, Douglas A. **Edith Birkhead**. Lesser-Known Writers. Disponível em: <<https://desturmobed.blogspot.com/2019/02/edith-birkhead.html>>.
- ASHLEY, Michael. **Transformations: the story of the science-fiction magazines from 1950 to 1970**. Liverpool: Liverpool Univ. Press, 2005. (The history of the science-fiction magazine, Mike Ashley ; Vol. 2).
- ASHLEY, Mike. **Gateways to Forever: The Story of Science-Fiction Magazines from 1970 to 1980**. Cambridge: Liverpool University Press, 2007.
- ASHLEY, Mike. **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950**. Cambridge: Liverpool University Press, 2000.
- ASIMOV, Isaac. **The Dark Ages**. Boston: Houghton Mifflin, 1968.
- ASIMOV, Isaac. **The Greeks: A Great Adventure**. Boston: Houghton Mifflin, 1965.
- ASIMOV, Isaac. **The Roman Empire**. Boston: Houghton Mifflin, 1967.
- ASIMOV, Isaac. **The Roman Republic**. Boston: Houghton Mifflin, 1966.
- ATTEBERY, Brian. The Magazine Era: 1926-1960. *In*: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 32–47.
- BACON-SMITH, Camille. **Science Fiction Culture**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.
- BAILEY, James Osler. **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**. New York: Argus Books, 1947.
- BAILEY, James Osler. **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction (Reprint Edition)**. Westport: Greenwood Press, 1972.
- BALLARD, Michael B. **Maroon and White: Mississippi State University 1878-2003**. Mississippi: University Press of Mississippi, 2008.
- BIRKHEAD, Edith. **The Tales of Terror: A Study of the Gothic Romance**. New York: E. P. Dutton, 1920.
- BLEILER, Everett F. **The Guide to Supernatural Fiction**. Ohio: Kent State University Press, 1983.
- BLISH, James. First Strike. **The Magazine of Fantasy and Science Fiction**, v. 4, n. 6, p. 84–97, 1953.
- BLUM, John Morton. **V was for Victory: Politics and American Culture During World War II**. New York & London: Harvest Book, 1976.
- BOAZ, Joaquim. **Adventures in Science Fiction Cover Art: Rocket, Field, Figure Part I**. Science Fiction and Other Suspect Ruminations. Disponível em: <<https://sciencefictionruminations.com/2012/02/08/adventures-in-science-fiction-cover-art-rocket-field-figure/>>.
- BOULD, Mark; BUTLER, Andrew M.; ROBERTS, Adam; *et al* (Orgs.). **The Routledge Companion to Science Fiction**. London & New York: Routledge, 2009.
- BOYER, Paul S. **American History - A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

- BRODERICK, Damien. New Wave and backwash: 1960-1980. *In*: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BUSCH, Willian Perpetuo. Breve retrato do processo de legitimação dos estudos de Ficção Científica nos Estados Unidos. *In*: CUNHA, André; MORAES, Anne Caroline; ZLATIC, Carlos; *et al* (Orgs.). **O fazer historiográfico na contemporaneidade**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019, p. 193–209.
- BUSCH, Willian Perpetuo. **História da Ficção Científica nos Estados Unidos: do herói cientista de John W. Campbell ao herói antropólogo de Ursula Kroeber Le Guin**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- CHAUVIN, Cy. Book Review. **Amazing Stories**, v. 47, n. 12, p. 118–119, 1973.
- CLARESON, Alice S. Carry On, *Extrapolation!* **Extrapolation**, v. 40, n. 4, p. 271–276, 1999.
- CLARESON, Thomas D. Foreword. *In*: **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction (Reprint Edition)**. Westport: Greenwood Press, 1972, p. VII–IX.
- CLARESON, Thomas D. From the Launching Pad. **Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter**, v. 4, n. 2, p. 15–16, 1963.
- CLARESON, Thomas D. Scholarship. *In*: GUNN, James (Org.). **The New Encyclopedia of Science Fiction**. New York: Penguin Books, 1988, p. 396–399.
- CLARESON, Thomas D. SF: The Academic Dimensions. **Fantasy and Science Fiction**, v. 42, n. 5, p. 116–123, 1972.
- CLARESON, Thomas D. Studies of Lovecraft and Asimov. **Extrapolation**, v. 16, n. 2, p. 125–129, 1975.
- CLARESON, Thomas D. The Evolution of Science Fiction. **Science Fiction Quarterly**, v. 2, n. 4, p. 85–108, 1953.
- CLARESON, Thomas D. The Launching Pad. **Extrapolation**, v. 22, n. 4, p. 307–308, 1981.
- CLARESON, Thomas D. The Launching Pad. **Extrapolation**, v. 12, n. 1, p. 3–4, 1970.
- CLARESON, Thomas D.; LAUTERBACH, Edward S. From the Launching Pad. **Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter**, v. 1, n. 1, p. 1, 1959.
- CLARESON, Thomas Dean. **The Emergence of American Science Fiction: 1880-1915. A Study on the Impact of Science Upon American Romanticism**. University of Pennsylvania, Philadelphia, 1956.
- CLUTE, John. Science Fiction from 1980 to the present. *In*: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 64–78.
- CLUTE, John; EDWARDS, Malcolm. de Camp, L Sprague. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/de_camp_l_sprague>.
- COFFEY, Walter C. Cap and Gow Day Convocation. Disponível em: <https://conservancy.umn.edu/bitstream/handle/11299/123900/Cap_and_Gown_Day_Convocation_1945.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- COHEN, Arthur M.; KISKER, Carrie B. **The Shaping of American Higher Education: Emergence and Growth of the Contemporary System**. San Francisco: Jossey-Brass, 2010.
- COLAVITO, Jason. **The Cult of Alien Gods: H. P. Lovecraft and Extraterrestrial Pop Culture**. New York: Prometheus Books, 2005.

- COLIE, Rosalie. Portrait: O quam te memorem, Marjorie Hope Nicolson! **The American Scholar**, v. 34, n. 3, p. 463–470, 1965.
- DE CAMP, L. Sprague; DE CAMP, Catherine Croock; GRIFFIN, Jane Whittington. **Dark Valley Destiny: the Life of Robert E. Howard**. New York: Bluejay Books Inc., 1983.
- DENZLER, Brenda. **The Lure of the Edge: Scientific Passions, Religious Beliefs, and the Pursuit of UFOs**. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 2001.
- DERIE, Bobby. **The Supernatural in Modern English Fiction (1917) by Dorothy Scarborough & The Tale of Terror (1921) by Edith Birkhead**. Deep Cuts. Disponível em: <<https://deepcuts.blog/2021/05/26/the-supernatural-in-modern-english-fiction-1917-by-dorothy-scarborough-the-tale-of-terror-1921-by-edith-birkhead/>>.
- EMMONS, Winfred S. A Bibliography of H. P. Lovecraft. **Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter**, v. 3, n. 1, p. 2–25, 1961.
- EMMONS, Winfred S. Lovecraft as a Mythmaker. **Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter**, v. 1, n. 2, p. 35–37, 1960.
- EMMONS, Winfred S. **The Materials and Methods of American Horror Fiction in the Nineteenth Century**. Dissertation, Louisiana State University and Agricultural & Mechanical College, Louisiana, 1952.
- EVANS, Arthur B. Nineteenth-century sf. In: BOULD, Mark; BUTLER, Andrew M.; ROBERTS, Adam; *et al* (Orgs.). **The Routledge Companion to Science Fiction**. London & New York: Routledge, 2009, p. 13–22.
- EVANS, Arthur B. The Origins of Science Fiction Criticism: From Kepler to Wells. **Science Fiction Studies**, v. 26, n. 2, p. 163–186, 1999.
- FARGNOLI, A. Nicholas; GOLAY, Michael; HAMBLIN, Robert W. (Orgs.). **Critical Companion to William Faulkner**. New York: Facts On File, 2008.
- FREEDMAN, Morris. Teaching II: Marjorie Hope Nicolson. **The American Scholar**, v. 50, n. 1, p. 81–90, 1981.
- GEIGER, Roger L. **Research and Relevant Knowledge - American Research Universities Since World War II**. New York: Oxford University Press, 1993.
- GEIGER, Roger L. **The History of American Higher Education: Learning and Culture from the Founding to World War II**. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- GEIGER, Roger L. **To Advance Knowledge - The Growth of American Research Universities, 1900-1940**. New York: Oxford University Press, 1986.
- GORAK, Jan. **The Making of the Modern Canon: Genesis and Crisis of a Literary Idea**. London: Athlone, 1991.
- GOVE, Philip Babcock. **The Imaginary Voyage in Prose Fiction**. Columbia: Columbia University Press, 1941.
- GREER, John Michael. **The Weird of Hali: Dreamlands**. Danville: Founders House Publishing, 2019.
- GUNN, James. Editor's Foreword. In: GUNN, James (Org.). **The New Encyclopedia of Science Fiction**. New York: Penguin Books, 1988, p. V–VII.
- HAMMOND, Dave (Org.). News. **PSFS News**, n. 5, p. 1–2, 1951.
- HASSLER, Donald M. The Academic Pioneers of Science Fiction Criticism, 1940-1980. **Science Fiction Studies**, v. 26, n. 2, p. 213–231, 1999.
- HROTIC, Steven. **Religion in Science Fiction: The Evolution of an Idea and the Extinction of a Genre**. London: Bloomsbury, 2014.

- HUGHES, William. **Historical Dictionary of Gothic Literature**. Plymouth: Scarecrow Press, 2013.
- JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- JOHNSON, Charles. Gophers Cop 13-7 Victory. **Star Tribune**, 1946. Disponível em: <<https://www.newspapers.com/clip/100688632/gophers-win-13-7-end-victory-famine/>>.
- JOSHI, S. T. **H. P. Lovecraft and Lovecraft Criticism - An Annotated Bibliography**. Kent: The Kent State University Press, 1981.
- JOSHI, S. T. In Defense of Lovecraft. **Science-Fiction Studies**, v. 7, n. 1, p. 111–112, 1980.
- KNIGHT, Damon. **The Futurians**. New York: The John Day Company, 1977.
- KOLBAS, E. Dean. **Critical Theory and the Literary Canon**. Boulder: Westview Press, 2001.
- LATHAM, Rob. Fiction, 1950-1963. In: BOULD, Mark; BUTLER, Andrew M.; ROBERTS, Adam; *et al* (Orgs.). **The Routledge Companion to Science Fiction**. London & New York: Routledge, 2009, p. 80–89.
- LEIBER, Fritz. Through Hyperspace with Brown Jenkin. **Shangri-L’Affaires**, n. 66, p. 8–12, 1963.
- LERNER, Frederick Andrew. **Modern Science Fiction and the American Literary Community**. Metuchen & London: The Scarecrow Press, 1985.
- LETSON, Russell F. The Future of Science Fiction. In: GUNN, James (Org.). **The New Encyclopedia of Science Fiction**. New York: Penguin Books, 1988, p. 189–191.
- LEY, Willy. Book Review. **Astounding Science Fiction**, v. 41, n. 1, p. 153–156, 1948.
- LEY, Willy. Book Review. **Astounding Science Fiction**, v. 43, n. 6, p. 154–156, 1949.
- LEY, Willy. **Rockets, Missiles, and Space Travel**. New York: The Viking Press, 1954.
- LOVECRAFT, H. P. **Letters to J. Vernon Shea, Carl F. Strauch, and Lee McBride White**. New York: Hippocampus Press, 2016.
- LOVECRAFT, H. P. **Letters with Donald and Howard Wandrei and to Emil Petaja**. New York: Hippocampus Press, 2019.
- LOVECRAFT, H. P. **Selected Letters: 1925-1929**. Wisconsin: Arkham House, 1968. 5v.
- LOVECRAFT, H. P. **Selected Letters: 1932-1934**. Wisconsin: Arkham House, 1976.
- LOVECRAFT, H. P. The Colour Out of Space. **Amazing Stories**, p. 556–567, 1927.
- LUCKHURST, Roger. Interrelations: Science Fiction and the Gothic. In: CANAVAN, Gerry; LINK, Eric Carl (Orgs.). **The Cambridge History of Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 35–49.
- LYNCH, Andrew. **Quality Telefantasy: How US Quality TV Brought Zombies, Dragons and Androids into the Mainstream**. London and New York: Routledge, 2022.
- MADLE, Robert A. The Fantasy Fan (Special Fan Feature): The Philadelphia Science Fiction Society. **Science Fiction**, v. 1, n. 6, p. 88, 1940.
- MATTHIESSEN, F. O. **American Renaissance: Art and Expression in the Age of Emerson and Whitman**. Oxford and New York: Oxford University Press, 1941.
- MEDHURST, R. George. Review: The Imaginary Voyage in Prose Fiction by Philip Babcock Gove. **Futurian War Digest**, v. VI, n. 3, p. 5, 1944.

- MENDLESOHN, Farah. Fiction, 1926-1949. *In*: BOULD, Mark; BUTLER, Andrew M.; ROBERTS, Adam; *et al* (Orgs.). **The Routledge Companion to Science Fiction**. London & New York: Routledge, 2009, p. 52–61.
- MERRICK, Helen. Gender in Science Fiction. *In*: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 241–252.
- MILLER, Sandra. **Constantin Brancusi**. London: Reaktion Books, 2010.
- MORTON, Herbert C. **The Story of Webster's Third: Philip Gove's Controversial Dictionary and Its Critics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- MULLEN, Richard Dale. A Valuable New Book on Wells. **The Riverside Quarterly**, v. 3, n. 2, p. 129–130, 1968.
- MULLEN, Richard Dale. Blish, van Vogt & the Uses of Spengler. **The Riverside Quarterly**, v. 3, n. 3, p. 172–186, 1968.
- MULLEN, Richard Dale. E. B. Burroughs & the Fate Worse than Death. **The Riverside Quarterly**, v. 4, n. 3, p. 186–191, 1970.
- MULLEN, Richard Dale. H. G. Wells and Victor Rousseau Emanuel: When the Sleeper Wakes and The Messiah of the Cylinder. **Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter**, v. 8, n. 2, p. 31–63, 1967.
- NEVALA-LEE, Alec. **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**. New York: Harper Collins, 2018.
- NICHOLLS, Peter. Mainstream Writers of SF. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, David (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2021. Disponível em: <https://sf-encyclopedia.com/entry/mainstream_writers_of_sf>.
- NICOLSON, Marjorie Hope. **Voyages to the Moon**. New York: Macmillan Publishing, 1948.
- OSBORN, Scott C. Letter to John Fisher. **Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter**, v. 4, n. 2, p. 15–16, 1963.
- PALMER, Pamela Lynn. Dorothy Scarborough and Karle Wilson Baker: A Literary Friendship. **The Southwestern Historical Quarterly**, v. 91, n. 1, p. 19–32, 1987.
- PERSON, Leland S. **The Cambridge Introduction to Nathaniel Hawthorne**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- ROTHMAN, Milton A. A Special Message to Members and Friends of the 11th World Science Fiction Convention. **PSFS**, 1953. Disponível em: <shorturl.at/nwzIW>.
- RYDHOLM, Robert; BRANDON, Charles; COLE, Sherman; *et al* (Orgs.). **The Gopher 1946**. Minneapolis: The Study Body of the University of Minnesota, 1946.
- SACKETT, S. J. A Motif Index for Science Fiction? **Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter**, v. 1, n. 2, p. 38, 1960.
- SAMUELSON, David N. **Visions of Tomorrow: Six Journeys from Outer to Inner Space**. New York: Arno Press, 1975.
- SCARBOROUGH, Dorothy. **The Supernatural in Modern English Fiction**. New York: G. P. Putnam's Sons, 1917.
- SCHWEITZER, Darrell. Lovecraft, Howard P. *In*: GUNN, James (Org.). **The New Encyclopedia of Science Fiction**. New York: Penguin Books, 1988, p. 286.
- SMITH, Frank E. Dale Mullen and Modern Mississippi Literature. **The Journal of Mississippi History**, v. XLVIII, n. 4, p. 257–270, 1986.
- SNOW, C. P. **The Two Cultures and a Second Look**. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.
- SPRAGUE DE CAMP, Lyon. Lest Darkness Fall. **Unknown**, p. 16–87, 1939.

- SPRAGUE DE CAMP, Lyon. **Lovecraft: A Biography**. New York: Doubleday & Company, 1975.
- SPRAGUE DE CAMP, Lyon; DE CAMP, Catherine Crook. **Science Fiction Handbook, Revised**. Philadelphia: Owlswick Press, 1975.
- STABLEFORD, Brian. Science Fiction before the genre. *In*: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 15–31.
- STUART, Don A. Who Goes There? **Astounding Science-Fiction**, v. 21, n. 6, p. 60–98, 1938.
- SUVIN, Darko. Against Common Sense: Levels of SF Criticism. **Fantasy and Science Fiction**, v. 42, n. 5, p. 124–132, 1972.
- SUVIN, Darko. Letter to the Editor. **Extrapolation**, v. 12, n. 1, p. 5–6, 1970.
- SUVIN, Darko. M.L.A Forum - Science Fiction: The New Mythology. **Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter**, v. 10, n. 2, p. 69–115, 1969.
- SUVIN, Darko. On the Poetics of the Science Fiction Genre. **College English**, v. 34, n. 3, p. 372–382, 1972.
- SUVIN, Darko. SF: The Other Side of Realism by Thomas D. Clareson. **College English**, v. 34, n. 8, p. 1148–1150, 1973.
- SUVIN, Darko. Significant Themes in the Criticism of Soviet Science Fiction to 1965. **Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter**, v. 11, n. 2, p. 44–52, 1970.
- SUVIN, Darko; MULLEN, Richard Dale. Front Matter. **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 1–3, 1973.
- SWIGART, Leslie Kay. **Fantastic Extrapolations: An Exploratory Bibliometric Investigation into the Historic Development of English Language Fantasy and Science Fiction Scholarship Through Fifty Years of Extrapolation**. Los Angeles: University of California, 2020.
- TAYLER, Edward W. In Memoriam: Marjorie Hope Nicolson (1894-1981). **Journal of the History of Ideas**, v. 42, n. 4, p. 665–667, 1981.
- THOMPSON, Stith. **Motif-Index of Folk-Literature**. Bloomington: Indiana University Press, 1955.
- VICK, Todd B. **Renegades and Rogues: the life and legacy of Robert E. Howard**. Austin: University of Texas Press, 2021.
- WALTON, Andrea. “Scholar,” “Lady,” “Best Man in the English Department”? Recalling the Career of Marjorie Hope Nicolson. **History of Education Quarterly**, v. 40, n. 2, p. 169–200, 2000.
- WESTFAHL, Gary. Masters of the Literary Universe. *In*: WESTFAHL, Gary; SLUSSER, George (Orgs.). **Sci. Fict. Canonization, Marginalization Acad.** Westport: Greenwood Press, 2002, p. 01–06.
- WESTFAHL, Gary. On the Trail of a Pioneer: Dorothy Scarborough, the First Academic Critic of Science Fiction. **Extrapolation**, v. 40, n. 4, p. 292–303, 1999.
- WESTFAHL, Gary. The Mightiest Machine: The Development of American Science Fiction from the 1920 to the 1960s. *In*: LINK, Eric Carl; CANAVAN, Gerry (Orgs.). **The Cambridge Companion to American Science Fiction**. New York: Cambridge University Press, 2015, p. 17–30.
- WETZEL, George T. On the Cthulhu Mythos. **The Arkham Sample**, v. 1, n. 2, p. 48–49, 1948.
- WETZEL, George T. The Cthulhu Mythos: A Study. *In*: WETZEL, George T. (Org.). **Howard Phillips Lovecraft: Volume VI**. New York: SSN Publications, 1955, p. 18–27.

- WILLIAMS, Peyton W. Jr. In Memoriam: Scott Compton Osborn'. **The South Central Bulletin**, v. 30, n. 3, p. 133, 1970.
- WILSON. **The Strength to Dream: Literature and the Imagination**. London: Gollancz, 1962.
- WOLFE, Gary K. **Critical Terms for Science Fiction and Fantasy. A Glossary and Guide to Scholarship**. Westport: Greenwood Press, 1986.
- WOLFE, Gary K. **Evaporating Genres - Essays on Fantastic Literature**. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 2011.
- WOOLF, Henry Bosley. Philip Babcock Gove: 27 June 1902-16 November 1972. **American Speech**, v. 45, n. 3-4, p. 163-164, 1970.
- Directory of Student Organizations 1955-1956.
- Membership. **Bulletin of the American Association of University Professors (1915-1955)**, v. 35, n. 4, p. 772-793, 1949.
- Minutes: Board of Regents Meeting and Committee Meetings: December 13, 1946. University of Minnesota. **University of Minnesota**, p. 807-835, 1946.
- Proceedings at New York, December 29, 30, 1884. **Modern Language Association of America**, v. 1, p. XV-XX, 1884.
- Proceedings of the Modern Language Association of America. **PMLA**, v. 74, n. 2, p. 1-13, 1959.
- Progress Report. **11th World Science Fiction Convention**, v. 1, p. 1-15, 1952.
- Progress Report. **11th World Science Fiction Convention**, v. 3, p. 1-15, 1953.
- Robert Belton Holland & Scott Compton Osborn. **The Mississippi Quarterly**, v. 23, n. 3, 1970.
- The Acolyte**. Fancyclopedia 3. Disponível em: <<https://fancyclopedia.org/PSFS>>.
- The National Council of Teachers of English: Proceedings of the First Annual Meeting, Chicago, December 1 and 2, 1911. **The English Journal**, v. 1, n. 1, p. 30-45, 1912.
- The Ole Miss 1934 - A Year Book**. Mississippi: University of Mississippi, 1934.

